
Until
Trevor
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
Aurora Rose Reynolds

Trevor Mayson tinha sua vida planejada – tornar o negócio da família algo bem-sucedido e estar em campo por mais alguns anos antes de finalmente se aposentar. E, então, ele a vê. Liz Hayes era bonita, tímida e tudo o que ele poderia querer... mas ela não se encaixava em seus planos. Depois de rejeitá-la dolorosamente, Liz finalmente começa a tocar sua vida, mas Trevor está encontrando dificuldades para realmente deixá-la ir. Parece que quanto mais ele tenta ficar longe, mais intenso os seus sentimentos por ela se tornam. Como um elástico esticado ele só pode aguentar até certo limite antes de arrebentar.

Liz Hayes está cansada de esperar por Trevor e não está interessada em ter seu coração partido por ele novamente, mas ele torna difícil para ela esquecê-lo quando força seu caminho de volta em sua vida.

Trevor poderá provar que vale a pena se apaixonar por ele outra vez? E ele está pronto para mudar seu plano de vida e deixá-la entrar em seu coração?

PRÓLOGO



Você é realmente muito apertada! Eu digo, deslizando através de sua umidade, sentindo-a apertada em torno de um dedo.

Quanto tempo faz? Eu pergunto enquanto mordo sua orelha; caramba, eu adoro o som que ela faz.

Nunca, ela choraminga, levantando seus quadris para cima de encontro a minha mão.

Sacudindo acordado, eu olho para o relógio, vendo que é logo depois das duas da manhã.

— Esta merda está ficando ridícula, — eu digo, esfregando as mãos no meu rosto. Desde aquela noite em que tive a minha mão nas calças de Liz, esta merda me atormenta. O segundo que a palavra *nunca* saiu de sua linda boca, tudo parou. Eu não podia foder uma virgem, especialmente uma tão doce quanto Liz.

— Você está acordado? — Anna... ou Amber – talvez seja Angie – diz do outro lado da cama.

— Sim, e é hora de você ir, querida, — eu digo, me sentando e me perguntando por que diabos eu continuo fazendo isso para mim mesmo. Foder essas outras mulheres é como andar com uma garrafa de água salgada em um deserto. Você sabe que pode ter a mesma aparência, mas ainda assim não atenderá a necessidade que você tem.

— Não posso ficar? — Ela choraminga, correndo os dedos pelas minhas costas.

— Não, — eu digo, me levantando, puxando um par de meus moletons cinza AE[1].

— Então você apenas me expulsará?

— Não, eu estou dizendo que é hora de você ir. Expulsar seria má educação.

— Quando podemos nos encontrar de novo? — Pergunta ela, colocando de volta seu vestido azul apertado, me pergunto como diabos ela saiu disso tão rápido na noite passada.

— Eu ligo para você; basta deixar o seu número, — digo, entrando no banheiro, sabendo que no momento em que eu sair, ela não será nada além de uma lembrança.

~~*

— Yo, T! — Diz Cash, deslizando para dentro da cabine do restaurante, em frente a mim. Eu sorrio; ele usa essa palavra, pelo menos, uma centena de vezes por dia. — O que você faz aqui?

Levanto uma sobrancelha, empurrando outro pedaço de French Toast em minha boca, e respondendo sem falar.

— Você verá mamãe e papai neste fim de semana? Asher está finalmente tirando a proibição de acesso a July, então mamãe fará uma grande festa, — ele diz, parecendo animado.

— Ele sabe que a mãe dará uma festa? — Pergunto, pensando que se ele não souber nada sobre isso vai enlouquecer. Sim. Eu só vi

1 American Eagle – marca de roupa

minha sobrinha duas vezes, e segurei-a apenas uma vez após November forçar Asher a entregá-la.

Cash encolhe os ombros, olhando por cima do meu ombro. — Yo! — Ele grita, acenando com a mão. Olho para trás e vejo Liz de pé perto da porta da frente. Seus longos cabelos loiros estão sobre um ombro em algum tipo de trança bagunçada; seu vestido de verão sem alças delineia seus seios perfeitos e atinge o chão. Ela acena; as bochechas virando um belo rosa; então eu vejo vermelho quando um cara a puxa para um abraço.

— E quem diabos é esse? — Rosno, sabendo que meus irmãos estão acostumados com meus problemas com Liz.

Cash dá de ombros novamente.

— Não sei, — ele murmura, observando-os. — Yo, Liz. Vem aqui por um segundo, — ele a chama. O cara com quem ela está caminha para uma cabine diferente e fica de frente para nós.

— Oi, gente, — diz ela, com a voz tão suave quanto as curvas de seu corpo; e saber como é estar com ela e como é seu cheiro ainda fode com minha cabeça.

— Você vai à casa de minha mãe e meu pai para a festa no fim de semana, certo? — Cash pergunta.

Ela olha para mim, seu rosto fechando antes de responder, — Eu, hum, não tenho certeza.

— Quem é o cara? — Pergunto. Ela parece surpresa com a pergunta por um segundo.

— Apenas um amigo, — diz ela, torcendo as mãos.

— Qual é o nome dele? — Pergunto, olhando para o cara, que tem os olhos apontados diretamente para a bunda dela. Ele é mais jovem do que eu por alguns anos. Seu cabelo loiro escuro é uma

bagunça, e ele se parece com um caixa de banco do caralho em seu terno barato.

— Bill, — diz ela, olhando para Cash. — Eu já vou agora; devo ver vocês neste fim de semana. Eu vou, hum, informar sua mãe se eu for. — Ela se vira, caminhando em direção a Bill de terno barato, que observa cada passo que ela dá. Preciso me segurar para não ir até eles e quebrar o rosto dele na mesa de madeira.

— Quando você parará com essa merda? — Cash pergunta.

— Ela é muito inocente, cara, — murmuro, empurrando meu prato.

— Então, o que, T? Porque ela não é uma puta de merda como as cadelas que você normalmente fode, você não está interessado? — Ele pergunta, e no fundo eu sei que ele está certo. Ela foi minha desde a primeira vez que coloquei os olhos nela na casa dos meus pais. Ela estava sentada do lado de fora, rindo com a minha mãe e, ali mesmo, eu soube que ela era minha. Em seguida nos tornamos meio que amigos; e uma coisa levou a noite após o nascimento da minha sobrinha. Finalmente a tinha sob mim, e ela balançou meu mundo com a notícia de que era virgem. Desde aquele dia eu tento evitá-la.

— Tenho que ir, — eu digo levantando e jogando um pouco de dinheiro sobre a mesa, e olhando para Liz uma última vez. Ótimo! O cara se estende até o outro lado da mesa, colocando o cabelo dela atrás de sua orelha. Meu sangue ferve. Sei que preciso superar isso, ou assumir; mas, de qualquer forma, eu preciso fazer uma jogada. O cara olha na minha direção; o queixo levanta em sinal de advertência. — O jogo começou, filho da puta, — digo baixinho, indo em direção à porta.

CAPÍTULO 01



Eu chego à porta da frente do clube e a empurro para abrir. Meu estômago está cheio de borboletas. Em todo o tempo que vivi aqui eu nunca estive dentro deste clube. E nunca pensei que iria até mesmo visitá-lo, muito menos vir aqui à procura de emprego. O interior era escuro, com a única luz vinda do bar.

— Posso ajudar? — Uma senhora mais velha, muito bonita, pergunta. Ela estava em pé atrás do bar, enxugando um copo.

— Eu, hum, preciso ver Mike, — digo, dando mais um pequeno passo dentro.

— Claro, querida, venha comigo, — diz ela me levando por um longo corredor onde abre a última porta.

— Shannon, me dê um minuto, — diz Mike sem tirar os olhos do computador. — November adicionou algum novo programa nesta maldita coisa e agora não consigo encontrar o meu e-mail, — ele resmunga e eu sorrio. Contorno a mesa, pego o mouse dele, e clico no ícone e-mail. Ele ri.

— Ei, querida, como você está? — Ele pergunta no tom paternal que aprendi a amar. Mike e meu pai eram melhores amigos até que meu pai faleceu há dez anos. Após seu falecimento, Mike ajudou minha mãe comigo e com meu irmão sempre que ela precisava de uma mão.

Eu costumava rezar para que Mike e minha mãe se casassem, mas eles nunca foram nada mais do que amigos.

— Poderia estar melhor, — digo sentindo as lágrimas começarem a subir na minha garganta novamente.

— O que está errado? — Mike pergunta se afastando da mesa e me puxando para o sofá.

— Bem, eu preciso de um emprego.

— Ok, — ele diz e posso dizer que ele não sabe o que pensar. — O que está acontecendo com a loja?

Já não posso controlar as lágrimas.

— Tim roubou todo o nosso dinheiro e não posso dizer a minha mãe, — eu choro, empurrando meu rosto em seu peito. Não sei o que aconteceu com o irmão que eu conhecia, aquele que chegava em casa à noite para me verificar depois que o nosso pai faleceu. Costumávamos ser próximos, mas então ele se mudou para faculdade e tudo mudou. Quando me formei no colegial eu trabalhei em uma fábrica local por oito anos antes de fechar devido à economia.

Todo pagamento semanal que recebia eu colocava o dinheiro numa poupança. Sempre amei fazer compras e nunca houve quaisquer lojas na cidade que possuíssem qualquer coisa que eu iria comprar, assim, eu fiz um plano, guardei meu dinheiro e, finalmente, os meus sonhos se realizaram e *Temptations* foi aberta.

Sentei-me e olhei por cima do ombro de Mike. — Três meses atrás, quando Tim veio me visitar, ele pediu para me ajudar na loja. Eu trabalhava tantas horas e estava exausta, então concordei. Eu não sabia que a verdadeira razão de ajudar foi para que ele pudesse me roubar. Agora ele se foi, assim como todo o meu dinheiro e o da loja. Não posso dizer à minha mãe o que aconteceu, ela se casará em

algumas semanas e não precisa do estresse dessa situação. Eu tenho um investigador particular procurando por Tim e os vinte e três mil dólares que ele roubou, mas quem sabe quanto tempo isso pode levar. Já perdi meu apartamento e tive que colocar tudo o que possuo no depósito, enquanto fico no quarto de trás da loja. Pensei que ia bem até que recebi um aviso dois dias atrás, dizendo que o aluguel da loja estava atrasado. Não posso me dar ao luxo de perder o meu sonho, — sussurro, minha voz rouca de tanto chorar.

— Shhhhh, querida, está tudo bem. Tudo ficará bem. November não está usando seu apartamento mais, então você pode ficar lá, e eu posso dar-lhe o dinheiro.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro.

— Não posso pegar o seu dinheiro. Não me sentiria bem.

— Não posso ter você trabalhando para mim, Liz, — ele diz, colocando a mão direita na minha bochecha. Eu me sinto mal puxando as grandes armas, mas sei que eu preciso de dinheiro e não posso pegá-lo sem ganhá-lo.

— Pode me recomendar outro clube? — Pergunto, tirando meu telefone celular e o olhando como se fosse salvar qualquer que seja o número de telefone que ele me dê.

— Você não trabalhará em outro clube, — diz ele, passando as mãos pelo seu rosto. — Jesus, eu não sei por que diabos eu estou pensando em fazer esta merda. — Quando seus olhos voltam para mim, posso dizer que ele está realmente agitado. — Olha, você pode servir bebidas, mas não pode trabalhar no palco.

— Ok, — concordo imediatamente. Eu nunca quis trabalhar no palco. Eu iria se eu precisasse ir, mas a ideia de tirar a roupa e tentar parecer sexy daria um monte de trabalho.

— O que Trevor dirá sobre isso? — Mike pergunta e eu me afasto. Trevor gosta de assustar qualquer homem que já mostrou o menor interesse em mim. Eu tinha certeza de que estava meio apaixonada por ele, mas já sabia, de fato, que esses sentimentos não eram mútuos. Por um tempo eu pensei nele como um dos meus melhores amigos, até o dia que July nasceu. Acabamos em sua casa, celebrando com uma garrafa de vodca. As coisas acabaram ficando quentes e pesadas. Ele tinha a mão dentro das minhas calças e eu estava tão presa no momento que quando ele me perguntou quanto tempo fazia, eu disse a palavra *nunca*. Eu não quis dizer que nunca tive relações sexuais. Quis dizer que eu nunca havia sentido esse tipo de fogo, como se o meu corpo inteiro estivesse iluminado de dentro para fora. Assim que eu disse a palavra *nunca* ele parou imediatamente. Tentei dizer a ele que não quis dizer isso, mas ele me ignorou completamente. Entregou-me a minha camisa do chão, e saiu do quarto. Ele tem me evitado desde então. Isso foi uma coisa boa, porque nunca fui tão humilhada na minha vida.

— Trevor não tem nada a dizer sobre o que eu faço. Nem sequer nos falamos mais, — eu digo, ouvindo a tristeza em minha própria voz.

— Sim, tudo bem, — Mike diz, passando a mão pelo cabelo. — Você pode começar amanhã. Basta pedir a Shannon para conseguir um uniforme para você.

— Muito obrigada, — digo baixinho, olhando para as mãos em meu colo.

— Não me agradeça ainda, querida.

— Isso significa muito para mim. Sei que isso não é fácil para você.

— Tudo bem, querida. — Ele suspira, me puxando para outro abraço. — Vejo você amanhã. Seu turno começa as nove, mas venha em torno das oito. Eu terei uma das meninas mostrando onde tudo está e o que você precisa fazer. — Ele se levanta, pegando um molho de chaves do bolso. — Estas são para o apartamento. Você pode entrar pela porta do porão, que é na parte de trás da casa. Apenas entre. Amanhã eu vou ajudá-la com suas coisas no depósito e fazer sua mudança. — Engoli em seco, tentando controlar as emoções correndo soltas dentro de mim. — Tudo ficará bem, Liz, — diz Mike novamente, me puxando para outro abraço. — Agora vá buscar o seu uniforme e eu a verei amanhã.

— Ok, — sussurro, dando um passo para longe. — Obrigada novamente, Mike. Vejo você amanhã. — Eu saio do escritório para encontrar Shannon atrás do bar. Ela me dá o que é suposto ser um uniforme, mas que parece ser algumas peças de seda e sigo o meu caminho.

~~*

— Ei, menina, — Beth – mais conhecida como Bambi – diz, caminhando para o vestiário. Quando a conheci estava um pouco intimidada. Ela tem cerca de 1,75m, toda pernas, cabelo marrom longo e perfeito, pele beijada pelo sol com olhos dourados. Ela veio para o Tennessee de Montana em torno de um ano atrás e tem trabalhado no Teasers desde então.

Ela me ensinou a servir as mesas, arrumar bebidas, e sorrir para uma gorjeta decente, se houver. Eu perguntei por que ela não trabalhava no palco. Quer dizer, eu sabia com certeza de que ela faria

um monte de dinheiro lá em cima. Mas ela disse que era muito desajeitada e que o nome Bambi não lhe foi dado quando começou a trabalhar aqui, mas quando era pequena. Seus pais disseram que ela nunca podia controlar suas pernas. Era como se elas não estivessem ligadas ao seu corpo, então eles começaram a chamá-la de Bambi.

— Está lotado lá fora? — Pergunto, colocando gloss rosa claro.

— Não realmente. Há uma despedida de solteiro começando às onze. Eles reservaram a sala privada. Rex disse que você poderia me ajudar com eles. As gorjetas devem ser boas, — diz ela, caminhando para os armários que estavam em toda a sala. Olho meu reflexo no espelho e esqueço quem eu sou por um segundo.

Meus olhos verdes parecem mais brilhantes com a sombra esfumaçada que uso. Meus longos cabelos louros em cascatas sobre meus ombros, logo abaixo dos meus seios que pressionam a parte superior do espartilho preto que aperta minha cintura, fazendo meus quadris ficar maiores; a meia arrastão e a calcinha de seda preta fazia com que parecesse que eu ia para a mansão Playboy. Levei alguns dias caminhando de salto alto até me acostumar o suficiente com eles para não sentir como se eu fosse cair de cara no chão toda vez que dava um passo.

Já se passaram três semanas desde que comecei a trabalhar aqui. As gorjetas são incríveis, os horários são bons, e ter uma cama para dormir à noite é ótimo. O único problema é que tenho estado muito cansada. Trabalhar em dois empregos não é fácil, especialmente quando um dos trabalhos é um segredo.

Eu me encontrei com Bill dois dias atrás e ele me deu uma atualização sobre o meu irmão. Descobriu que Tim estivera no Alabama, mas se mudou desde então. Bill ainda tem que localizá-lo

novamente. Eu começava a sentir que devia entrar em contato com a polícia, mas pensar no meu irmão na prisão não era nada bom.

— Tudo bem, garota, eu vou apenas trocar meus sapatos e nós podemos ir. Agora lembre-se de que as despedidas de solteiro tendem a ficar um pouco loucas, — diz ela, dando um passo em um par de sapatos de salto plataforma.

— O que quer dizer com *loucas*? — Pergunto, me sentindo nervosa. Houve algumas vezes em que algum cara ficava atrevido demais, mas os seguranças sempre fizeram questão de cortar antes que pudesse sair do controle.

— Bem, eles tendem a beber muito mais e muitas vezes isso os torna mais idiotas do que o normal. — Eu ri, não podia evitar. Bambi era cem por cento lésbica e pensava que todos os homens eram estúpidos. No início, saber que ela era atraída por mulheres me deixou um pouco desconfortável. Então, eu percebi que ela tinha um tipo e eu não era esse tipo.

Ela sorriu e balançou a cabeça. — Se você tiver um problema, é só me dizer e eu entro.

— Tenho certeza que não será tão ruim assim, — eu digo, imaginando quantas pessoas disseram isso como suas últimas palavras.



— Sim, — atendo o telefone, olhando para o relógio e vendo que era apenas depois das doze.

— Yo, T, você precisa vir para Teasers, — Cash diz e eu sento na cama.

— É depois da porra da meia-noite. Não sairei da cama para me sentar com você em um clube de strip do caralho.

— Confie em mim, T. Vejo você em breve, — diz ele, desligando antes que eu possa dizer para ele se foder.

— É melhor que seja bom, — resmungo para a parede. Levantando-me puxo um par de jeans e uma camiseta e vou para a minha caminhonete. Quando paro na frente do clube percebo que, mesmo para uma noite de quarta-feira, o estacionamento está cheio de carros. Vejo Cash parado na porta e falando com um dos seguranças.

— Yo, — ele me cumprimenta em seu tom normal. Olha em volta e, em seguida, me puxa para a lateral do edifício.

— Que porra é essa? — Pergunto, olhando em volta, imaginando se ele está em algum tipo de problema.

— Quando entrar lá você precisa ficar calmo, ok? — Diz e eu noto que ele parece em pânico.

— O que está acontecendo? — Pergunto, ficando preocupado.

— Quando a vi, eu encontrei Mike e perguntei o que diabos estava acontecendo. Ele me disse que ela precisava do dinheiro, mas não pegaria dele e ameaçou ir para um clube diferente se ele não desse um emprego para ela.

— A qualquer momento você me dirá de quem diabos você está falando, mano? — Pergunto, cruzando os braços sobre o peito e tentando não estender a mão e sacudi-lo.

— Liz, — diz ele abrindo seus braços. — Sobre qual outra mulher eu falaria?

— Você está me dizendo que Liz está lá fazendo strip? — Pergunto com os dentes cerrados, pensando nela ali, no palco, seminua, com homens a olhando. Agora eu vejo vermelho.

— Essa porra é culpa sua, T! — Cash grita me cutucando no peito.

— Você me diz, como isso é culpa minha?

— Quando ela veio procurar Mike atrás de trabalho, ele perguntou o que você pensaria disso e ela disse que você não tem uma palavra a dizer sobre o que ela faz.

Bem, essa merda dói. Tecnicamente ela estava certa, eu não tinha uma palavra a dizer sobre o que ela faz, mas ela era minha e eu não a compartilharia com ninguém.

— Olha, tudo o que eu peço é que fique calmo quando entrar lá. Ed está na porta esta noite e disse que Liz trabalha numa despedida de solteiro.

— Jesus, esta merda fica cada vez melhor e melhor, — murmuro, passando minhas mãos sobre minha cabeça.

— Tudo bem, eu falarei com Ed. Você vai lá e a puxa de lado, mas não cause uma cena.



Oh, senhor, eu penso comigo mesmo. *Nenhum dinheiro do mundo vale a pena para lidar com homens como estes*. Durante as últimas três

horas eu estive bloqueando as mãos à direita e esquerda. Não importa quantas vezes eu diga aos caras da despedida de solteiro *sem tocar*, eles não entendem. Eu juro, a próxima vez que um deles agarrar minha bunda eu vou chutá-lo.

— Posso pegar mais duas garrafas, Rex? — Suspiro, olhando ao redor do bar. Vejo Ed, o novo segurança, perto da porta. Aperto meus olhos um pouco tentando ver com quem ele fala. Droga! Parece Cash, mas isso seria uma loucura. Por que ele estaria aqui? Lentes estúpidas. Pisco algumas vezes e ainda não posso ver claramente.

— Cash, — ouço o choramingo atrás de mim e meu coração sobe até minha garganta. Olho por cima do meu ombro para ver Skittles correndo na direção da porta.

— Oh meu Deus! — Sussurro, abaixando minha cabeça. Penso que estou prestes a me safar, e é quando minha sorte se desintegra conforme Skittles esbarra em mim e caímos, seus gigantes peitos falsos na minha cara.

— Desculpe, — diz ela com sua voz de gemido falso. E se levanta antes que eu possa morrer por asfixia. Quando fico livre, rolo sobre meu estômago e começo a rastejar em minhas mãos e joelhos em direção às portas das salas privadas, esperando que Cash não esteja em qualquer lugar perto de mim. Eu chego ao meio do caminho quando vejo um par de botas de trabalho marrons na minha frente.

— Desculpe-me, — digo sem olhar para cima. Começo a engatinhar ao redor do proprietário das botas quando elas bloqueiam meu caminho novamente. Tiro meu cabelo do meu rosto, frustrada com a pessoa na minha frente. Ela não pode ver que estou tentando fugir? A pessoa se agacha e vejo joelhos coberto por jeans e, em seguida, os dedos estão sob meu queixo, levantando o meu rosto.

— Merda, — sussurro ao ver os olhos castanhos de Trevor olhando nos meus.

— Nós precisamos conversar, — diz ele em voz baixa. Posso ver pelo seu olhar que ele está chateado.

— Não, nós não precisamos conversar, — eu digo, tentando ficar de pé. Quem diria que levantar do chão quando está em saltos altos fosse tão difícil? Caio para frente, minhas mãos aterrando em seu peito e as suas vão para a minha cintura, para me firmar.

— Obrigada, — murmuro. Não era a primeira vez que desejei saber mágica, assim seria capaz de lançar um feitiço para parar qualquer poder que ele tivesse sobre mim. Odiava o quanto meu corpo ansiava por seu toque. Odiava ainda mais que eu o desejasse, mesmo sabendo que ele é um grande idiota. Conforme me equilibro eu não olho para seu rosto novamente enquanto tento passar por ele.

— Nós precisamos conversar, — ele repete. Finjo não ouvir e continuo caminhando em direção à sala privada onde eu sei que a fodástica Bambi, odiadora de homem, está. — Não pedirei novamente, baby, — diz ele, vindo atrás de mim e pressionando minhas costas contra seu peito.

— Deixe-me ir, Trevor, — digo baixinho, tentando não causar uma cena. Ele não diz nada, apenas envolve seus braços em minha cintura, me guiando pelo corredor em direção ao escritório de Mike. Começo a lutar para fugir quando vejo a porta se aproximando. Não quero falar com ele. Quando eu queria falar ele não quis ouvir. Eu me contorço e quase fico livre, mas ele logo abre a porta do escritório, me empurra para dentro, e bate à porta atrás de si.

— Ótimo. Apenas...ótimo. — Reclamo para mim mesma. Coloco minhas mãos em meus quadris, pronta para dar um grande sermão, e então ele tira o meu fôlego.

— Jesus, você está linda! — diz, andando em minha direção com um olhar faminto em seus olhos. Começo a recuar, pega desprevenida.

— Hum... obrigada, — digo, olhando por cima do meu ombro e percebendo que vou em direção ao sofá. Sei que não quero estar perto de qualquer superfície horizontal e de Trevor ao mesmo tempo, então começo a caminhar para a mesa, esperando poder colocá-la entre nós.

— Pare, — digo, levantando a mão quando vejo o quão perto ele está de mim. Ele para e coloco a cadeira entre nós, bloqueando seu caminho. — OK. — Eu respiro fundo; ele ergue as sobrancelhas e cruza os braços sobre o peito. Eu gostaria que ele não fosse tão lindo. Seu cabelo castanho escuro é cortado curtinho, rente ao couro cabeludo, e seus olhos castanhos são ainda mais bonitos com os longos cílios que os enquadram. Sua mandíbula é quadrada e, como sempre, parece que ele precisa fazer a barba, e o crescimento escuro ao redor de sua boca faz com que seus lábios carnudos se destaquem ainda mais.

Ele é muito mais alto do que os meus 1,67m. Mesmo com os saltos de dez centímetros que uso agora ele ainda paira sobre mim.

Seus olhos passam em cima de mim e sua boca franze. — O que você está fazendo, Liz?

Olho em volta do escritório de Mike, evitando a pergunta. Noto que não estou muito longe da porta e poderia ser capaz de chegar lá antes dele se tirasse meus sapatos.

— Experimente e vou bater em sua bunda. — Ok, realmente? Ignoro o comentário enquanto tiro o pé de um salto, mas não coloco

meu pé no chão. Não quero que ele perceba o que estou fazendo até o último segundo possível.

— Fale comigo. — Ele rosna e olho para ele. — Você está trabalhando na porra de um clube de strip, pelo amor de Deus. O que diabos está acontecendo? — Ele ruge, inclinando-se sobre mim.

— Não é da sua conta, — digo, cruzando os braços sobre o peito.

— O quê? Não é da minha conta? — Ele pergunta.

— Deixe-me esclarecer isso, — digo, fazendo uma pausa para colocar minhas mãos sobre meus quadris, tentando me equilibrar em um sapato. — Não é da sua *maldita* conta.

— Tive minhas mãos dentro de suas calças. Eu sei como você soa quando está prestes a gozar.

— Bem, senhor, você não sabe. — Olho para a porta novamente.

— Não sei o quê? — Ele pergunta, sorrindo um pouco.

— Não sabe como eu soo quando gozo, — digo, ficando cansada deste jogo que ele está jogando.

— Nós podemos cuidar disso agora, — diz e olho para ele como se ele fosse um louco e balanço a cabeça.

— Hum, não, obrigada, — digo olhando para a porta e perguntando onde diabos alguém, qualquer um, está. Eles não percebem que estou ausente? Não deveriam me procurar?

— Olha, me desculpe, mas eu simplesmente não podia fazer aquilo. Você é muito doce. É por isso que não deveria trabalhar aqui.

— Bem, que pena. Preciso deste trabalho e estou mantendo-o.

— Você é inocente, Liz. Uma virgem, porra, e quer trabalhar em um clube de strip? — Ele rosna.

— Primeiro de tudo, não é da sua conta, mas eu realmente não sou virgem. Em segundo lugar, na minha candidatura para esse

emprego não havia nenhuma pergunta sobre a minha vida sexual. — Digo, irritada.

— Com quem diabos você esteve desde que estivemos juntos? — Ele pergunta. Posso ver seu rosto ficando vermelho.

— Ninguém. Geez, Louise. — Aceno minha mão na minha frente.

— Como exatamente você vai de nunca ter feito, para agora sim? — Ele pergunta, parecendo tão confuso quanto soa a sua pergunta.

— Eu nunca disse que era virgem, — eu estalo. — Você escolheu ouvir isso e então foi embora, me ignorando completamente quando tentei explicar isso para você. O que, por sinal, foi extremamente embaraçoso. — Cruzo meus braços sobre o peito, me sentindo quase tão envergonhada quanto estava na noite em que estivemos juntos.

— Foda-me, — ele sussurra, passando as mãos pelo seu rosto.

— Olha, eu realmente preciso ir. Estou certa que Bambi está pirando. Deixei-a com uma despedida de solteiro. — Olho para a porta novamente pronta para correr.

— Nós vamos embora, — diz ele, dando um passo em minha direção.

Eu paro e olho para ele. — Não, eu estou trabalhando. Nós não vamos a lugar nenhum.

— Você acabou de se demitir. É hora de ir para casa.

— Uau, você tem todo este ato homem das cavernas em você, não é? — Digo, deslizando em meus sapatos novamente. De maneira nenhuma eu deixarei você me intimidar.

— Ou você vem comigo ou direi a sua mãe o que você faz durante seu tempo livre, — diz e sinto todo sangue ser drenado do meu rosto. Minha mãe pode ser muito legal, mas se ele disser a ela que trabalho

aqui, eu teria que explicar porque preciso de um segundo emprego. E não consigo vê-la ser muito compreensiva sobre isso.

— Nunca pensei que pudesse odiar você, mas você acaba de me provar o contrário, — eu digo em voz baixa, enquanto as lágrimas começam a encher meus olhos. Meus ombros caem e começo a andar em direção à porta.

— Aonde você vai? — Ele pergunta quando abro a porta. Eu nem mesmo me viro para responder a ele.

— Pegar as minhas coisas e ir para casa, Trevor. Assim como você queria.

Vejo Bambi no camarim quando chego lá. Ela está na frente do espelho adicionando mais brilho labial.

— Hey! Ed disse que você conversava com alguém quando fui te procurar. Está tudo bem?

— Hum, não realmente. Vou embora, — digo, pegando minha bolsa de ginástica rosa e empurrando para dentro tudo o que é meu enquanto tentava evitar olhar para Bambi.

— Você vai embora? — Ela pergunta e posso senti-la quando vem ficar do meu lado.

— Aconteceu uma coisa e preciso ir. Eu sinto muito por deixar você com esses caras. Vou falar com Mike no caminho para ele enviar alguém para te ajudar, — digo, puxando meu agasalho sobre o meu top, saindo dos meus saltos e entrando em um tênis converse preto.

— Não me importo com isso. Estou preocupada com você e por que vai embora, — diz ela, me abraçando.

— Pronta? — Trevor pergunta, enfiando a cabeça no quarto. Nós duas viramos a cabeça em sua direção ao som de sua voz.

— Que porra é essa, imbecil? — Bambi grita. — Dá o fora daqui. Você não pode ler? Esta é uma área apenas para mulheres e, a menos que você queira que eu lhe dê uma vagina, você precisa fechar a porra da porta. — Ela caminha, batendo a porta no rosto de um Trevor atordoado. Eu rio. Não importa o quão ruim as coisas estejam agora, ela fez tudo valer a pena. — Você vai embora com aquele idiota? — Ela pergunta, voltando para mim.

— Não. Ele veio apenas me dizer uma coisa, — eu digo, andando em direção à porta.

— Me liga e deixe-me saber se você está bem, — diz e isso me faz querer chorar. Ela fez com que trabalhar aqui fosse divertido e se tornou uma boa amiga.

— Ligo para você amanhã, — digo, abrindo a porta e caminhando diretamente para Trevor, Cash e Mike.

— Você está bem, querida? — Mike pergunta, colocando o braço sobre meu ombro.

— Sim. Só vou para casa. Vejo você amanhã no café da manhã e obrigada pelo estágio.

— Vejo você então, e poderemos conversar, — diz ele em voz baixa, apertando-me ao seu lado.

— Ótimo, — murmuro, saindo no estacionamento para o meu Charger. Abro a porta e jogo minha bolsa no banco do passageiro.

— Ei, nós precisamos conversar, — diz Trevor, me virando para ele com as mãos na minha cintura.

— Não, Trevor, nós não precisamos conversar.

— Nós somos amigos, Liz. Esta não é você. Eu só quero o que é melhor para você, — diz ele, tentando me puxar para ele. Dou um passo para trás, entro em meu carro, e bato a porta, travando-a antes que ele

pudesse me parar ou abri-la. Ligando o carro, eu acelero o motor e, em seguida, abro minha janela um pouco.

— Só para você aprender uma lição a partir de hoje, eu vou te dar uma pista; já que somos amigos e tudo, — digo sarcasticamente. — Primeiro, amigos perguntam uns aos outros sobre suas vidas. Em segundo lugar, um *amigo* me perguntaria quais circunstâncias levariam alguém a trabalhar em algum lugar que eles nunca cogitaram trabalhar antes. E por último, mas não fodidamente menos importante, um *amigo* nunca ameaça outro *amigo*. — Com essas palavras de despedida eu acelero e faço cascalho voar atrás de mim. Eu coloco *Animals* de Nickelback no som do carro, coloco uma mão para fora da janela e mostro o dedo a Trevor. Assim que fecho minha janela as lágrimas começam a deslizar pelo meu rosto, por causa da tristeza e raiva que sinto. Eu confiei em Trevor em um ponto e, assim como meu irmão, essa confiança não era merecida, e agora estou mais presa do que estava antes. Preciso encontrar uma maneira de ganhar o dinheiro para salvar meu negócio sem envolver a minha mãe na situação ou meu irmão ir para a prisão.

Trevor

— Bem, eu tenho que dizer que tudo deu certo, você não acha, *amigo*? — Cash pergunta antes de bater no meu peito e se afastar. Estou completamente atordoado, preso no lugar, me perguntando o que diabos aconteceu. — Yo! T, você vem ou o que? — Cash grita do

outro lado do estacionamento, tirando-me de meu estupor. Inclino a cabeça para trás e olho para o céu escuro. Vendo uma estrela cadente, eu faço um desejo. Fecho meus olhos, solto um suspiro, e caminho para minha caminhonete, sabendo que amanhã é um novo dia.

CAPÍTULO 02



Acordo com o piso rangendo acima de mim; viro e olho para o relógio, vendo que é logo depois das nove e meia. Eu sei que Mike está tomando café da manhã e em seguida vai dormir. Parte de mim quer evitar ir lá em cima; quero me esconder debaixo das cobertas da minha cama, como fazia quando era pequena, e fingir que minha vida é perfeita e normal. Quero fingir que Trevor não ameaçou contar para minha mãe, que meu irmão não roubou o meu dinheiro, e que eu não estava em risco de perder um sonho pelo qual trabalhei tão duro. Atiro as cobertas para trás, salto da cama, pego um moletom rosa do chão, coloco-o e subo as escadas.

— Ei, querida, — diz Mike quando chego à porta do porão.

— Oi, — eu murmuro, indo para o pote de café.

— Nós precisamos falar sobre ontem à noite, querida.

— Eu sei, — digo, pegando uma caneca e servindo café, creme, e dois Splendas[2] nele. Pulo em cima do balcão e tomo um gole. — Sinto muito sobre a noite passada. Trevor me pegou desprevenida, e eu estava chateada. Não tive a intenção de descontar em você.

2 Marca de adoçante

— Sei que você está brava com ele, mas ele realmente está apenas tentando cuidar de você. — Eu quase digo que ele está, na verdade, cuidando apenas de si mesmo. Assim como tudo é com Trevor, é tudo sobre ele. Em vez disso, eu mordo minha língua e aceno com a cabeça. Quem sabe? Talvez no universo alternativo em que Trevor vive, ele realmente esteja me ajudando. Muito ruim para mim, já que o meu empréstimo para o negócio, empréstimo do carro e aluguel da loja não existem no universo dele.

— Seu pai era meu melhor amigo, — diz Mike, seu rosto suavizando. — No dia em que você nasceu ele ficou muito feliz. Eu estava deprimido; realmente nunca pensara em ser pai. Mas quando descobri que Susan estava grávida, sabia que seria o melhor pai que pudesse ser. Então Susan foi embora, e eu não tinha como conseguir November de volta. Não fazia ideia de para onde a mãe dela foi com ela. Então, quando seu pai me disse que ele e sua mãe esperavam uma menina, eu fiquei com ciúmes. Eu queria isso para mim. Então você nasceu, e seu pai entregou você para mim e me disse que eu seria seu padrinho. Ele disse que sabia que deveria ser assim apenas por olhar para você, e que não poderia imaginar o que seria se alguém tirasse você dele, então ele compartilharia você comigo. — Ele riu, esfregando o queixo. — Seu pai era um bom homem e um grande amigo. — Aceno com a cabeça em concordância. Posso sentir as lágrimas picando meu nariz novamente. — Eu darei o dinheiro para você, Liz. O dinheiro que Tim roubou de você e de sua mãe. Sem mais besteira sobre trabalhar para consegui-lo. Você trabalhou por ele, e então ele foi tirado de você. Assim, agora, eu farei o que seu pai teria feito. Devolverei para você. — Começo a balançar a cabeça. — Se Tim aparecer, ele deve a mim, Liz; você não fará mais essa merda. Estou ajudando você. Você

pode ficar lá embaixo no apartamento por tanto tempo quanto você quiser. Agora, vou para a cama. Deixei o cheque em um envelope sobre a mesa perto da porta. Certifique-se de pegá-lo. — Ele beija minha testa, deixando-me sem palavras sentada no balcão.

— Ei, mãe, — eu digo, entrando na Temptations. Após Mike me deixar sozinha nesta manhã, eu me recompus, terminei o meu café, e peguei o cheque do lado da porta. Escrevi para Mike uma nota de agradecimento, não só pelo dinheiro, mas por sempre estar lá para mim, depois que meu pai faleceu. Então fui lá embaixo, tomei banho e vesti uns jeans largos nas pernas, uma camisa com nervuras pretas e minhas botas pretas de cowboy. Ao redor dos meus quadris coloquei um amplo cinto preto com uma enorme fivela turquesa que eu também vendia em minha loja. Parei no banco no caminho para a loja e depositei o cheque. Paguei o empréstimo do meu negócio e adiantei três meses, o mesmo com o pagamento do meu carro. Então liguei para o proprietário do edifício que alugamos para nossa loja e paguei o aluguel atrasado e alguns meses de antecedência.

— Ei, querida. Estas vieram para você. — Ela aponta para um grande vaso de lírios sortidos. Notei o cheiro quando entrei na loja, mas pensei que eram do noivo dela. Eu ando em direção ao balcão e encontro um cartão. Meu coração está em minha garganta enquanto o abro, perguntando-me se elas são de Trevor. Meu nome está escrito do lado de fora do cartão com a caligrafia de uma mulher. Deslizo o dedo sob a borda do pequeno envelope, puxo o cartão e viro-o.

— Merda! — Murmuro. As flores são de Bill; não que Bill não seja um cara legal, mas a coisa é, ele simplesmente não faz nada comigo. Quando o contratei para encontrar meu irmão tentei deixar claro que isto seria um relacionamento completamente

profissional; mas constantemente ele me chama para sair, ou flerta de uma forma que deixa claro que está interessado.

Bill foi o meu primeiro. Li romances a minha vida toda. Esses livros estúpidos me arruinaram. Sempre quis aquele fogo que todos os livros que já li falavam. Não havia fogo com Bill; e depois pensei que o fogo descrito em livros era um monte de besteira inventada, até estar com Trevor. Então descobri que não é apenas real, mas é consumidor. Infelizmente, só ele poderia me dar esse sentimento, mas não sou a única a dar esse sentimento para ele. As mulheres da cidade falam constantemente sobre ele ou seus irmãos, e sobre a quantidade de mulheres que já passaram por eles. Bem, sobre todos eles, exceto Asher. Ele era tão ruim quanto seus irmãos, até que conheceu November; ela virou a vida dele de cabeça para baixo. Agora eles são um daqueles casais que se tocam constantemente ou sussurram um com o outro, completamente apaixonados; e agora que têm uma filha estão ainda mais apaixonados. Eu não poderia estar mais feliz por eles. Mas, naturalmente, estou com ciúmes. Quem não estaria? Realmente, que mulher não gostaria que um dos homens mais quentes deste lado do Mississippi batesse em sua porta, confessando o seu amor eterno, implorando para cuidar de você, e, em seguida, dando-lhe uma família perfeita?

— Bem, de quem são? — Minha mãe pergunta, e olho para o rosto esperançoso dela. Sei que ela acha que preciso encontrar um homem. Ela me teve aos vinte anos e esteve com meu pai por dois anos antes disso.

— Bill, — respondo, me perguntando se eu deveria dar uma chance para ele. Tenho certeza de que milhares, não *milhões,* de

mulheres estão em relacionamentos com pessoas que não as levam a pegar fogo com apenas um olhar.

— Oh, — diz ela, seu semblante caindo. — Pensei que fossem de Trevor; ele é um menino tão bom. — Balanço minha cabeça; minha mãe não tem ideia do tipo de cara que Trevor realmente é.

— Vou desencaixotar a nova remessa e colocar nas prateleiras. Deixe-me saber quando você for almoçar e venho ficar aqui na frente no seu lugar, — digo, beijando seu rosto.

— Tudo bem, querida, — diz ela, deslizando meu cabelo atrás da minha orelha e beijando minha testa.

Estou na sala dos fundos mexendo na nova remessa quando minha mãe vem dizer que vai almoçar. Estou voltando para frente da loja carregando algumas coisas para colocar em exposição quando o sino sobre a porta toca. Viro minha cabeça para ver Trevor em pé perto da caixa registradora. Levanto uma sobrancelha para ele, perguntando o que diabos ele faz aqui.

— Você tem tempo para conversar? — Ele pergunta, olhando ao redor. Puxo uma respiração profunda, deixo-a sair lentamente e encolho os ombros. — Conversei com Mike esta manhã e ele me contou o que aconteceu com seu irmão. — Sinto meu peito apertar. Eu não queria que ninguém soubesse o que meu irmão fez. — Por que você não me falou?

— Sério? — Pergunto, encarando-o.

— Merda, eu sei que fodi com tudo. Eu só... — ele para de falar e passa as mãos na cabeça. Quando seus olhos voltam para mim eles parecem confusos. — Você é você; eu me importo com você.

— Você, Trevor Mayson, é tão cheio disso.

— O quê?

— Você não se importa comigo, Trevor, — digo virando as costas para ele, voltando a colocar o novo estoque.

— Ficamos bem juntos, — diz ele a meu lado. Olho para ele, minhas sobrancelhas se juntando.

— Do que você está falando? Nunca estivemos juntos. — Balanço minha cabeça. — Nós saímos. Eu considerava você um amigo; e então ficamos bêbados, nos agarramos, e você me mostrou que eu não era nada, a não ser apenas mais uma mulher, assim como todas as outras. — Sopro uma mecha de cabelo do meu rosto, me sentindo ficar vermelha de vergonha. — Agora, se você simplesmente for embora e não falar mais comigo como fez antes, isso seria ótimo, — digo, virando-me para terminar o que estava fazendo.

— Por que Bill está mandando flores para você? — Olho e vejo-o em pé na frente das flores, olhando para o cartão.

— O que há com você? — Vou até ele e arrebato o cartão de sua mão.

— Você vem comigo ver July no sábado quando sair do trabalho. — Olho para ele como se ele tivesse enlouquecido. Ele dá de ombros. — Eu já disse a Asher que você estaria lá.

— Bem, então eu acho que você terá que ligar para ele e dizer que você se confundiu, — retruco, logo quando a porta da loja se abre e minha mãe entra.

— Oh! Trevor, querido, é tão bom ver você, — ela cumprimenta e ele se inclina para beijar sua bochecha.

— Você também, Sra. Hayes. Vim apenas para lembrar Liz sobre nossos planos para o fim de semana.

— Planos? — Minha mãe pergunta.

— Vamos ver July e, depois, jantar, — diz Trevor a minha mãe. Seu rosto se ilumina como uma árvore de Natal, e ela olha para mim sorrindo.

— Oh, isso é maravilhoso, — ela bate palmas – sim, bate palmas – e desejo agarrar a orelha de Trevor e arrastá-lo para fora da loja.

— Obrigada pela lembrança. Mandarei uma mensagem se alguma coisa acontecer e eu não puder ir. — Digo, caminhando para a porta e abrindo-a.

— Se não puder ir, eu a buscarei mais tarde, — diz ele, correndo os dedos pelo meu cabelo. — Só não se esqueça da sua bolsa para dormir, — diz ele, inclinando-se mais perto.

Eu sei que meu queixo caiu no chão. Olho para minha mãe e ela está radiante. Posso ver o sol brilhando dentro dela. Olho novamente para Trevor, pronta para chutar a bunda dele por fazer minha mãe acreditar que há algo entre nós. E então sinto sua boca na minha. Tento me afastar, mas a mão dele está no meu cabelo, na parte de trás do meu pescoço, me segurando no lugar. Ele lambe meu lábio inferior e depois morde-o suavemente. Minhas mãos vão para o peito dele para empurrá-lo, e quando sinto a outra mão abaixo do meu peito minha boca se abre; sua língua toca a minha e seu gosto enche minha boca. Meu cérebro não está mais no controle. Eu correspondo ao beijo, uma mão agarrando sua camisa e a outra na parte de trás de sua cabeça, seu cabelo raspando contra a minha palma. Sua boca deixa a minha; pressionando-me ainda mais perto dele, sinto seus lábios perto do meu ouvido.

— Esqueci o quanto amo sua boca baby, — ele geme, e sinto o calor atingir meu rosto. Eu não somente fiz isso na frente da minha mãe, mas ele tem o poder; tudo o que tem a fazer é me tocar e sou

dele. — Vejo você no sábado, — diz ele, afastando-se. Meu cérebro é uma gosma total; tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. Ele diz adeus para minha mãe e sai da loja, e fico parada de pé exatamente onde ele me deixou.

— Estou surpresa por este lugar não ter pegado fogo quando ele beijou você, — minha mãe diz, sorrindo para mim. Mordo meu lábio, perguntando a mim mesma, não pela primeira vez, o que aconteceu.

— Hum...

— Quero dizer, eu sou a sua mãe, mas aparentemente o menino sabe beijar.

— Eu ugh...

— Eu sei que ele tem uma reputação com as mulheres, mas vê-lo atuando, bem, agora eu sei que não são apenas rumores, — diz ela, abanando-se.

Respiro fundo, fechando os olhos.

— Mãe, por favor, não fique toda animada, está bem? Confie em mim quando digo que nada sairá disso.

— Se você diz, querida, — ela murmura, indo para trás do balcão. Vou para a sala dos fundos da loja, fecho a porta e grito com toda a força dos meus pulmões, tentando fazer sair toda a frustração que sentia naquele momento. Quando termino, volto para organizar as prateleiras, tentando me manter ocupada o suficiente para esquecer Trevor e seu beijo. Mas isso não funciona, então ligo para Bambi, na esperança de que ela possa me fazer esquecer de Trevor. Infelizmente, ela quer falar sobre ele, por que ele estava comigo, e o que aconteceu quando deixei o clube. Eu explico o melhor que posso sem dizer muito. Então ligo para November, e ela também quer falar sobre Trevor, e sobre ele ter ligado para Asher e dito que estaríamos lá sábado para

passar algum tempo com July. Era como se o mundo estivesse contra mim. Nada me ajudou a esquecer dele; mesmo depois de chegar em casa eu ainda podia sentir a sua boca e as suas mãos em mim.

~~*

— Você quer uma cerveja? — Bill pergunta, se aproximando para ficar ao meu lado. Ele me ligou esta manhã e perguntou se eu queria ir a uma festa na fogueira com ele. Normalmente eu evitaria coisas como esta, porque as mulheres com quem eu fui para a escola agem como se ainda estivessem no ensino médio. Tendo vinte e cinco anos acho que é um pouco louco sussurrar e falar merda sobre as pessoas por trás de suas costas e, em seguida, fingir serem melhores amigas quando elas estão na sua frente. Na escola eu era uma nerd... uma grande nerd. Usava aparelho, meu cabelo era curto, e me vestia como um menino. Quando meu pai faleceu minha mãe se afastou; sei que ela tentou, mas sair da cama, na maioria dos dias, era difícil demais para ela. Acho que ela pensou que nós não precisávamos mais dela e que tínhamos idade suficiente para nos levantarmos e irmos para a escola, e não vamos esquecer: cozinhar para nós mesmos, lavar a nossa roupa, ou cuidar de nossa higiene. As coisas não foram fáceis, mas nunca quis ser a pessoa a sacudir a nossa frágil existência, assim, em vez de dizer a minha mãe que eu precisava de roupas novas eu pedia emprestado as do meu irmão; em vez de dizer que eu precisava de um corte de cabelo, apenas pegava a tesoura e cortava meu cabelo curto o suficiente para que não precisasse pensar sobre isso.

Toda a minha vida escolar as pessoas me chamavam de Liz, a Lez, Lezzy Liz[3], ou algum outro estúpido apelido que rimava com Liz. Na escola eu tinha uma amiga, seu nome era Cassy, e quando ela se mudou no último ano eu fiquei sozinha. Tim foi estudar em Seattle e minha mãe trabalhava em tempo parcial em um bar. Quando não estava trabalhando ela estava dormindo. Acho que foi um dos piores anos da minha vida. Então, no dia da formatura, quando eu andava pelo palco olhei para baixo e vi minha mãe. Ela olhava para mim, seus olhos vermelhos sangue, e podia ver o arrependimento escrito por todo o seu rosto. Após a formatura fomos para casa e ela pediu pizza e fez um bolo para mim. Nós nos estufamos e ela me disse que estava triste por não ter cuidado de mim, mas que me recompensaria todos os dias a partir de então. E manteve sua promessa, e eu realmente não poderia desejar uma mãe melhor. Ela ajudou a me encontrar enquanto descobria quem ela era sem meu pai.

— Então, você quer uma? — Bill pergunta novamente; olho para ele e balanço a cabeça. Eu já estava bêbada, e queria ir para casa. Não ajudava o fato de nem mesmo querer estar aqui. Mas estando fora, no ar frio da noite, vestindo uma regata e ouvindo a conversa da menina sobre como ela tentará prender um dos meninos Mayson ficando grávida, e que não se importa com qual deles seja, contanto que um deles seja o pai de seu bebê, sei que preciso ir para casa.

— Aqui, pegue o meu casaco, — Bill diz, tirando o casaco vermelho com capuz da universidade e o colocando sobre a minha cabeça. — Você é tão linda, — diz ele, inclinando-se como se fosse tentar me beijar, logo eu me inclino para longe dele.

3 Mulher que gosta de mulher

— Já volto, — murmuro, desviando o olhar para onde estacionei meu carro.

— Você quer que eu vá com você?

— Não, está tudo bem. Já volto, — digo, deixando o calor da fogueira para trás e indo na direção do meu carro. Não tenho ideia do que estou fazendo, mas me esconder parece algo inteligente neste momento.

— Eu e meu estúpido, estúpido cérebro, pensando que poderia sair com Bill e esquecer Trevor. Ha! Isso é uma piada. Oh não, e se for como algum estranho vírus e estou, tipo, viciada nele? Quero dizer, aquela menina queria prendê-lo, ou qualquer um dos Maysons, engravidando. E se eu ficar louca e tentar fazer isso também?

— Com quem você está falando?

Grito, saltando para trás, e acabo caindo de bunda. Quando olho para cima vejo a causa de todos os meus problemas de pé, bem em cima de mim.

—Você me assustou para caramba. — Olho para ele; ele me ignora e me puxa para cima.

— Como está sua bunda? — Pergunta, me puxando para mais perto.

— Pare! — Eu grito quando ele começa a bater na minha bunda, onde sujeira e galhos ficaram presos.

— Você está suja, baby; apenas tentando ajudar, — diz ele, levantando as mãos.

— Tudo bem. Eu limpo, — resmungo, limpando-me. Trevor se inclina para frente com os olhos semicerrados.

— De quem é esse moletom? — Pergunta com um olhar de desgosto em seu rosto.

— De Bill, — digo, começando a contornar Trevor; mas antes que eu possa dar dois passos, acabo de cabeça para baixo sobre seu ombro.

— Que merda você está fazendo? Coloque-me no chão agora. — Eu chuto tentando convencê-lo a me colocar no chão, mas nada funciona. Logo estou do lado certo, mas sentada na traseira de sua caminhonete.

— Sério, que diabos está errado com você? — Pergunto e então o moletom de Bill some. — Ei, eu estava vestindo isso! — De repente estou vestindo um moletom que cheira a Trevor; meus sentidos se sobrecarregam. — O que você está fazendo? — Repito, enquanto ele enfia minhas mãos nas mangas de seu moletom cinza do trabalho. Oh, ótimo, o logotipo Mayson escrito no moletom, juntamente com o seu nome.

— Você cheira como aquele imbecil, — diz ele, parecendo irritado enquanto enrola as mangas de seu suéter. — Você está bêbada? — Pergunta, inclinando-se para frente e olhando nos meus olhos.

— Não estou bêbada, — sussurro; tê-lo tão perto e sentindo seu cheiro ao meu redor faz estragos em meu estado de embriaguez.

— Vou levá-la para casa, — ele me puxa da parte traseira de sua caminhonete e me leva para o lado do passageiro.

— Eu ficarei aqui, — digo, tentando me libertar. Não quero ficar, mas realmente não quero ir com ele.

— Você está bêbada. Está tarde e te levarei para casa.

— Eu não estou bêbada. E não posso deixar o meu carro aqui, e também fui eu quem trouxe Bill.

Ele começa a rir, olhando ao redor. — Então você está aqui com esse cara? Ele deixou você dirigir até aqui, e a deixou vagar bêbada? — Vejo sua mandíbula apertar.

— Da última vez que verifiquei não havia uma lei sobre mulheres dirigindo; e mais, eu não vagava. Não sou um cão que precisa estar numa coleira, — digo, ficando irritada.

— Eu nunca disse que você era; só estou dizendo que, se ele estava com você, então deveria se certificar que você está bem.

— Eu ia até meu carro e não indo passear na floresta, Trevor.

— Deixe-me levá-la para casa, ok?

Deixo escapar um longo suspiro. — Bill me leva, — digo, tentando fazer um acordo.

— Não, eu levarei você.

— Eu o trouxe até aqui. Não posso deixá-lo aqui.

— Tenho certeza que Tammy dará uma carona para ele. — Torço o nariz, imaginando quem Tammy é e por que ela daria uma carona a Bill. Então eu olho na direção da fogueira e vejo Bill sentado em uma pedra grande com uma menina de cabelos vermelhos em uma saia muito, *muito* curta, que suponho que seja Tammy, montando sua cintura.

— Ok! Então ela dará uma carona para ele, mas ainda preciso levar meu carro para casa. — Trevor olha para mim como se eu devesse estar chorando sobre Bill e Tammy, mas, honestamente, não poderia me importar menos.

— Farei Cash vir e levar o seu carro para casa.

— Tudo bem, mas você não acabará perdendo a festa? — Digo, olhando ao redor.

— Não. Mike me disse que você estava aqui, então quando não atendeu minhas ligações vim me certificar que você estava bem.

— Você veio até aqui para ver se eu estava bem?

Ele dá de ombros, parecendo um pouco desconfortável.

— É o que os amigos fazem; eu serei seu melhor amigo.

— Não quero que você seja o meu melhor amigo. Eu nem mesmo quero que você seja meu amigo, — digo, me perguntando se fui sugada para o universo de Trevor por uma força invisível.

Ele murmura algo que não posso ouvir e levanto uma sobrancelha, sinalizando para ele falar.

— Podemos falar sobre isso amanhã? — Ele esfrega as mãos em seu rosto. Posso ver o cansaço ao redor de seus olhos quando eles se voltam para mim. — Estou cansado. Tive um longo dia e só quero ir dormir.

— Tudo bem, — suspiro e subo em sua caminhonete, me sentindo mal por ele vir até aqui para me verificar quando está tão obviamente exausto.

— Agora, o que você está fazendo? — Pergunto, batendo nas mãos dele.

— Colocando seu cinto de segurança.

— Posso colocar meu próprio cinto de segurança, — digo a ele, puxando o cinto de suas mãos e prendendo-o no lugar. Ele finalmente sobe atrás do volante, puxa seu telefone, liga para Cash e pede para ele levar o meu carro para casa. Cash e Nico prometem deixá-lo de manhã na casa de Mike, e que deixarão as chaves no porta-copo. Não estou preocupada; no campo ninguém rouba carros, e todos que eu conheço deixam suas chaves em seu carro durante a noite. No meio do caminho para casa meu telefone toca e vejo que é Bill. Atendo no segundo toque.

— Hey, — digo, colocando o telefone no meu ouvido.

— Você me abandonou, e alguém viu você saindo com Trevor Mayson.

— Trevor me levará para casa. Estou cansada, — digo a ele, o que não é uma mentira. — Vi você com Tammy e não quero que você saia só porque eu queria ir para casa.

— Ela veio para cima de mim, eu juro; tentei empurrá-la. — Rolo meus olhos, imaginando quão estúpida ele pensa que sou.

— Tudo bem. Eu te disse: somos apenas amigos; você pode fazer o que, ou com quem, quiser, — respondo, olhando para cima quando ouço Trevor rir.

— Você está com meu casaco, — diz Bill. Posso ouvir a agitação em sua voz.

— Você disse que tinha uma nova informação sobre o meu irmão, certo? Pode me dizer amanhã quando eu entregar o seu moletom.

— Sim, tudo bem. Olha, apenas me ligue quando chegar em casa, ok? Eu quero saber que você está segura.

— Eu ficarei bem; apenas se divirta, — digo, desligando.

— Qual é o negócio entre você e esse cara? — Trevor pergunta.

— Nós trabalhamos juntos na fábrica Tollie quando abriu. Namoramos por cerca de um ano. Quando a fábrica fechou, ele se mudou e começou a trabalhar para o tio, que é um investigador particular. Nós concordamos em ver outras pessoas, mas sempre fomos bem amigáveis. Então, quando descobri o que Tim fez, liguei para ele e pedi ajuda, e ele concordou, — digo, colocando minha cabeça contra a janela e olhando para a lua que nos seguia a distância.

— Então, ele é seu amigo?

— Eu acho.

— Eu devia ter conversado com você, — diz ele, e eu não poderia concordar mais. Pensei que nós éramos amigos. Passávamos tempo juntos, ríamos, eu podia ligar para ele e conversar sobre qualquer coisa,

e ele estava sempre presente. E então foi como se eu não valesse nada para ele quando pensou que eu era virgem. Ele não quis falar comigo; me ignorava quando estávamos no mesmo lugar. E pior, se saíssemos, sempre tinha uma garota em cima dele. E qualquer homem que viesse se apresentar, ele enviava alguém para fazê-lo me deixar em paz. Era como se tentasse dizer que eu não era boa o suficiente para ter um relacionamento com ninguém.

— Sim, você devia ter conversado comigo, — sussurro, olhando de novo para a janela, ignorando-o pelo resto da carona para casa. — Obrigada, — digo quando paramos na frente da casa de Mike. Pego o moletom de Bill do chão do banco de trás, onde Trevor jogou-o, e então saio da caminhonete e começo a caminhar até os fundos da casa, para minha entrada. Deslizo a chave na fechadura e observo que Trevor está atrás de mim. — Você não precisa me acompanhar até a porta, — digo sem me virar. Empurro a porta e entro, planejando virar e impedir os passos de Trevor, mas ele empurra a porta e entra. — Agora, o que você está fazendo? — Parece que perguntei isso um milhão de vezes esta noite, mas eu nunca podia descobrir o que passava na cabeça dele. Cruzo meus braços sobre o peito.

— Que horas você se encontrará com Bill amanhã? — Pergunta, ignorando a minha pergunta mais uma vez.

— Eu não sei; provavelmente às onze.

— Estarei aqui ás 10:30; vamos falar com ele antes de irmos ver July.

— Que tal se eu te encontrar na casa de November às doze?

— Vejo você ás 10:30, — diz agarrando a frente de seu moletom, o qual eu ainda estou usando, em seu punho. Minhas mãos vão para seus bíceps; segurando, e fico na ponta dos pés. Sua boca paira sobre

a minha. Posso sentir sua respiração contra meus lábios. — Você estará pronta para ir? — Ele pergunta, e estou no universo de Trevor, então tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. — Bom. Vejo você em breve, baby. — Ele diz suavemente, bem antes de seus lábios tocarem os meus em um suave e doce beijo. Ele solta o moletom e põe a mão na minha barriga, me empurrando para longe da porta e, em seguida, vai embora, deixando-me ali de pé, chocada e confusa.

Passo pela minha rotina noturna no piloto automático. Meu cérebro é uma gosma da montanha-russa emocional na qual Trevor me colocou. Balanço minha cabeça, atiro o suéter de Bill no sofá da sala de estar, caminho pelo corredor em direção ao meu quarto, tiro a roupa, vou ao banheiro, tiro a minha maquiagem e penteio meu cabelo. Volto para o quarto e olho em volta para me certificar de que ainda estava sozinha. Após colocar o moletom de Trevor novamente, subo na cama e vou dormir sorrindo, porque ele nunca terá seu moletom de volta.

Um zumbido alto me faz saltar da cama. Olho em volta, tentando descobrir de onde ele vem. Tropeço e quase caio com meu rosto no chão quando vejo a hora.

— Merda, — gemo tropeçando até a porta, batendo meu dedo do pé no caminho. Quando chego lá, abro a porta, pulando em um pé, enquanto o meu outro pé está na minha mão, e vejo seu lindo rosto sorrindo para mim. Quero bater nele, mas em vez disso digo, — Eu dormi demais, — e começo a pular pelo corredor em direção ao quarto. Fecho a porta atrás de mim, vou ao banheiro, e retiro o moletom dele, esperando que ele não tenha notado. Saltando para o chuveiro, tomo banho e rapidamente saio. Enrolo-me numa toalha e, em seguida, abro a porta e paro completamente ao ver Trevor sentado na minha cama. Suas costas estão contra a cabeceira, e ele está olhando para

uma revista de moda que fica no meu criado-mudo. Suas pernas estão cobertas por um folgado moletom preto; sua camisa branca lisa é apertada, e posso ver o contorno de seus músculos peitorais. Ele tem uma tribal tatuada em um braço que se desloca por cima do ombro e desce pelo lado de seu corpo. Nunca vi para onde ela vai após entrar em suas calças, mas sei o gosto que tem no seu peito e no braço.

— Você pode esperar na sala de estar? — Pergunto. Sua cabeça levanta; seus olhos me atingem e fazem uma varredura de corpo inteiro, fazendo eu me sentir nua – ou mais do que já estou.

— Se você me beijar.

— Não vou beijar você. Acho que seria melhor se nós nunca nos beijássemos de novo, — digo a ele, andando até meu armário para encontrar calcinhas boy shorts de renda. Coloco-as sob a toalha em que estou envolvida. Eu me viro, levantando as sobrancelhas. — Você pode esperar na sala de estar? — Pergunto novamente, desta vez um pouco mais irritada, mas ele não se moveu de forma alguma.

— Venha me beijar e esperarei na sala de estar.

Meus olhos se estreitam.

— Este é o seu mais novo jogo? — Pergunto inclinando a cabeça. — Eu tenho que te dizer, não estou interessada em jogar com você, Trevor.

— Sem jogos, — diz ele, dando de ombros. — Como eu disse antes, nós vamos ser melhores amigos.

Cruzo meus braços sobre o peito.

— Não beijo meus amigos, então se você pudesse gentilmente sair e deixar eu me vestir, isso seria ótimo.

— Nós faremos muito mais do que beijar, baby, — diz ele, sorrindo.

Eu quero estrangulá-lo; em vez disso, pego um sutiã de renda, uma blusa branca, e um par de moletons. Se ele vai casual, eu também vou. Quando tenho tudo o que preciso, vou até o banheiro, deixando um Trevor parecendo presunçoso na minha cama. Bato a porta do banheiro para enfatizar.

— Você é sempre tão mal-humorada pela manhã? — Ele grita. Eu o ignoro e me visto.

De pé em frente ao espelho me pergunto por que ele está agindo de modo estranho. Olho para o teto, esperando a resposta. Quando éramos amigos antes ele nunca me beijou; ele nunca me abraçou até a noite em que July nasceu. E o nosso amasso – e meu quase orgasmo – naquela noite foi mais vodca do que qualquer coisa, de modo que nem sequer conta realmente. — Por que ele está interessado agora? — Sussurro, olhando para mim mesma no espelho. Eu não mudei. Puxo meu cabelo para cima em um coque bagunçado e passo um pouco de rímel e um pouco de blush, em seguida, eu abro a porta do banheiro. Olho para a cama e vejo que Trevor está deitado, com um braço sobre seus olhos, e outro contra o seu abdômen.

— Trevor, vamos, — digo, caminhando até o meu armário para pegar um par de tênis. Sento-me na cadeira ao lado da cama, me curvando e os colocando, e ele ainda não se moveu. — Trevor, — suspiro, me aproximando dele. Toco o seu braço apoiado em seu estômago, traçando a tatuagem que viaja para baixo do seu pulso. Todo o ar é empurrado para fora dos meus pulmões quando sou, subitamente, agarrada e jogada em cima da cama com metade de Trevor em cima de mim. — O que você está fazendo? — Eu inspiro, tentando empurrá-lo.

— Você não me beijou desde que cheguei aqui, — diz ele, sua mão indo para o cabelo ao lado da minha cabeça, soltando-o.

— Não vou beijar você. — Eu o empurro novamente e ele não se move.

— Você dormiu usando meu moletom? — Ele pergunta. Eu congelo completamente, tentando pensar em uma desculpa para ter vestido seu moletom. Seu rosto se inclina em direção ao meu, seu nariz correndo ao longo da minha mandíbula. Posso senti-lo inalar, e em algum lugar no fundo da minha mente eu me pergunto se ele simplesmente acabou de me cheirar. — Você dormiu com ele? — Pergunta novamente, desta vez em voz baixa. Posso sentir arrepios sobre toda a minha pele. Sua mão viaja do meu quadril para baixo, e na minha coxa, até a parte atrás do meu joelho. Meu cérebro está em curto circuito, e as palavras que eu quero dizer parecem ficar presas na minha garganta. — Você usou algo debaixo dele? — Pergunta, correndo o nariz pelo meu pescoço. — Ou queria me sentir envolvido em torno de você a noite toda?

— Nós precisamos ir. — Digo baixinho, finalmente conseguindo fazer meu cérebro funcionar. Eu o empurro novamente, e ele me pressiona mais ainda contra a cama.

— Que cheiro é esse? — Ele corre o nariz ao longo da minha mandíbula, atrás da minha orelha, e no meu pescoço.

— Céu, — eu trago, quando a mão atrás do meu joelho viaja novamente para o meu quadril.

Suavemente, ele sussurra em meu ouvido, — Sim. — Ele respira contra a minha pele, fazendo o meu coração pular e minha barriga apertar. — Esse cheiro me faz querer comer você, — diz, mordiscando meu pescoço. *Oh Deus!* Minhas coxas espremem juntas

automaticamente. *Oh meu Deus!* Meu cérebro grita para eu parar com isso, mas minhas mãos agarram sua cabeça e arrastam sua boca para a minha.

— N-nós t-temos que ir, — gaguejo numa respiração instável.

— Em um minuto, — ele murmura logo antes de sua língua tocar a base do meu pescoço e, em seguida, viajar até o queixo. Quando sua boca se choca contra a minha todos os pensamentos saem da minha cabeça. Uma das minhas mãos vai para o seu bíceps, a outra para a cabeça, correndo os dedos pelo seu couro cabeludo, puxando-o para mais perto. Sua boca viaja no meu pescoço; a aspereza da barba esfregando contra a minha pele e tudo o que posso sentir é o fogo, o mesmo fogo que senti da última vez que estivemos juntos. Esse pensamento é tudo o que precisava para sair desse momento louco.

— Trevor, — sussurro, desejando que minha voz saísse mais forte. Seus olhos encontram os meus; eles estão mais escuros do que o normal. Ele esfrega o queixo contra o meu; mordo meu lábio contra a vontade de gemer ou me pressionar mais nele. Quero gritar. Quando éramos amigos, eu disse coisas para ele que nunca contei a ninguém. Confiei nele. Estive apaixonada pela pessoa que ele é, e não pelo cara que toda mulher na cidade quer um pedaço, mas o verdadeiro ele. A pessoa que me ouviu quando compartilhei a dor do meu passado e aquele que ajuda velhinhas a levar mantimentos para o outro lado da rua. Aquele que parou no meio da estrada quando viu um pássaro com uma asa quebrada, e que ama tanto a sua mãe que não importa quem está ao redor ou onde estão, ele a abraça e diz a ela que a ama. Aquele cara; *aquele* era o Trevor por quem eu estava me apaixonando. E então ele me mostrou um lado dele que era feio e doloroso, um lado que não posso esquecer, não importa o quanto queira.

— Você está bem? — Ele pergunta, e aceno com a cabeça, empurrando-o.

— Precisamos ir, — repito no que parece ser a milionésima vez.

— O que há de errado? — Ele pergunta, e eu quase desejo rir.

— Nem sei por onde começar, — balanço minha cabeça. Ele se empurra para fora da cama, me puxando para cima até que eu esteja de pé na frente dele. — Eu serei apenas honesta para que as coisas não acabem mais loucas do que já estão. — Digo a ele, dando um passo para trás. — Em primeiro lugar, obrigada pela carona para casa na noite passada. — Olho para cima, em seus incríveis olhos castanhos, e me perco por um segundo. Ele é tão bonito que parte de mim quer apenas dizer: *Dane-se; o que será, será*, jogar a precaução ao vento, e me perder na cama com ele por um dia. Mas não posso fazer isso; essa não sou eu. Eu acabaria chorando ou confessando os meus sentimentos por ele, e ele se afastaria com outra conquista, deixando-me sozinha e me sentindo vazia.

— Vou com você ver July hoje, mas depois disso acho que seria melhor se voltássemos para a maneira como as coisas eram. Não farei sexo com você. Apenas por que não sou virgem não significa que vou dormir com você. — Digo na minha voz mais grave.

— Você ia dormir comigo.

— Sim, — sussurro, sentindo lágrimas subindo pela minha garganta. — Felizmente isso não aconteceu. Quero dizer, quão humilhante seria dormir com você para então você se afastar sem nunca falar comigo novamente, — eu ri, mas foi um riso sem graça e cheio de mágoa.

— Escute, eu fui um fodido, ok? Você é tão inocente; pensei que fazia a coisa certa.

— Portanto, agora que você sabe que eu já fiz sexo você acha que não há problema em dormir comigo? — Estou tão confusa com sua lógica.

— Pare de fodidamente dizer que você fez sexo, porra, — rosna, suas mãos deslizando pelo seu rosto. — Jesus, não quero falar ou ouvir sobre essa porra.

— Ok, — sussurro, assustada com o olhar chateado em seu rosto.

— Eu disse que sentia muito por essa merda. — Tento pensar no passado, mas tenho certeza que ele nunca se desculpou. — É passado; nós estamos seguindo em frente e seremos melhores amigos.

Balanço minha cabeça, imaginando como deve ser viver em seu universo. E por que diabos ele continua dizendo que nós seremos melhores amigos? Eu começava a me sentir como se estivesse em um episódio ruim de Barney.

— Precisamos ir, — diz ele, saindo do quarto. Eu o sigo para fora e vejo como se inclina para colocar seus sapatos. Ele pega as chaves no balcão, pego minha bolsa, mas quando chegamos à porta ele para e se vira para mim. — Isso vai acontecer.

— O quê? — Pergunto; minhas sobrancelhas franzidas em confusão. Seu dedo se aproxima e se arrasta do centro do meu rosto e da testa ao queixo.

— Você e eu, nós aconteceremos. — Ele me beija e, em seguida, abre a porta, colocando a mão na parte inferior das minhas costas para me levar para fora. — Podemos pegar sua bolsa mais tarde.

— Já peguei minha bolsa. — Levanto minha mão, mostrando minha bolsa que não é difícil de perceber, já que é rosa choque e coberta de glitter.

— Sua bolsa para passar a noite, baby. — Ele coloca o braço em volta dos meus ombros, me puxando para ele.

— Não passarei a noite com você, então não preciso de uma bolsa para a noite, — digo enquanto ele me ajuda com sua caminhonete. Ele tem que me levantar porque é muito alta e não há aparadores para pisar como suporte.

— Você irá, — é tudo o que diz, batendo a porta e caminhando ao redor da parte de trás da caminhonete. Ele desliza atrás do volante e olha para mim. — Então, onde o imbecil vive? — Eu dou as instruções, e então estamos a caminho.

CAPÍTULO 03

Trevor

Acordo sentindo o corpo de Liz pressionado contra o meu. Sua pequena mão está dobrada sob sua bochecha e contra meu peito; sua coxa está sobre o meu quadril, e minha mão está cheia de sua bunda coberta de renda rosa. Ontem, após me dar as instruções para chegar à casa de Bill, e me fazer prometer não chamar Bill de idiota na cara dele, nós dirigimos trinta minutos pela cidade até a casa dele. Ele morava em um bairro mais novo; as casas pareciam todas iguais. Eles chamam isso de *pré-fabricadas*; eu chamo de idiotice.

— Esta casa pêssego é a dele? — Pergunto olhando para Liz. — O que diabos há de errado com esse cara?

— Trevor, por favor, seja bom, certo? Ele está me ajudando a encontrar o meu irmão.

— Você quer que eu seja bom? Há uma porra de Mini Cooper na garagem, uma Mini Cooper *amarela*, Liz. Que homem dirige esse tipo merda de carro? Jesus, — digo, balançando a cabeça e olhando para a casa dele.

— Por favor, — ela sussurra, sua voz suave e doce que aperta meu coração. Olhando em seus belos olhos vi o medo da rejeição; ela ainda estava se guardando. Eu fodi tudo com ela. Não queria fazer isso

novamente; precisava que ela confiasse em mim para que pudéssemos avançar. Eu fui um covarde, não queria admitir para ela o que sentia e, por isso, tomei o caminho mais fácil, encontrei algo que pensei que não gostava e segurei isso com as duas mãos. Agora, toda vez que ela diz que não é virgem eu quero arrancar a cabeça de alguém. Ninguém deve tocá-la, além de mim, e de agora em diante ninguém o fará.

— Não o chamarei de babaca na cara dele, — disse a ela suavemente.

— Obrigada, — diz calmamente, inclinando-se sobre o assento para beijar minha bochecha. Algo sobre esse pequeno ato me deu esperança. Quando saímos do carro, a porta da frente se abre e Bill sai vestindo uma polo rosa e bermuda xadrez. Olho para Liz para vê-la olhando para mim, seus olhos me dizendo para lembrar da minha promessa.

— Você não ligou na noite passada, — disse Bill, caminhando em direção Liz, com o rosto vermelho.

— Desculpa. Cheguei em casa e fui dormir. — Ela estendeu o moletom dele em sua direção.

— Você foi dormir? — Sua voz era sarcástica quando olhou para ela e depois para mim. — Então você está me dizendo que *Trevor Mayson* levou você para casa e você foi dormir?

— Isso é o que eu disse, Bill. — Com as mãos nos quadris, ela olhou para mim quando dei um passo para frente. — Quero apenas saber o que você descobriu sobre o meu irmão, — ela suspirou em frustração. Eu sabia que ela estava chateada, então pisei em direção a ela, puxando-a para meu lado. Seu corpo ficou tenso até que acariciei a pele suave de seu braço, ouvi quando soltou um suspiro profundo, e

seu corpo derreteu no meu. Eu não podia evitar, mas beijei o topo de sua cabeça em aprovação.

— Então você está com ele agora? — O Babaca perguntou, e eu dei um olhar complacente; minha forma de dizer-lhe, *engula essa, ela é minha*.

— Sim! — Rosnei, ao mesmo tempo em que ela respondeu, — Nós somos amigos, Bill.

— Melhores amigos, — eu disse. Ela olhou para mim e dei de ombros.

— Isso é uma porra de piada? Nem sequer vivo em sua cidade e sei sobre os irmãos Mayson. Se você acha que ele será fiel, v... — ele não teve a chance de terminar, porque dei um passo em direção a ele. Ele começava a me irritar, e precisou de tudo de mim para não derrubá-lo em sua própria garagem.

— Vim aqui para trazer isto. — Ela empurrou seu moletom para ele enquanto ficava na minha frente. — Eu quero simplesmente saber o que você descobriu sobre Tim. — Eu podia ouvir o tremor em sua voz e sabia que ela estava no limite. Esta merda com seu irmão era completamente fodida.

— Não tenho nenhuma informação nova, — disse Bill.

— Você me disse ontem à noite que tinha uma nova pista.

— Eu não tenho.

— Se isto é sobre Trevor... — ela começou, mas ele a interrompeu.

— Não é sobre ele; é sobre você ser uma provocadora.

— Eu não sou uma provocadora, — ela sibilou, dando um passo em direção a ele. Puxei-a para trás pelo seu moletom antes que pudesse ir muito longe. Ela olhou para mim com um olhar assassino. Eu tinha

o desejo de beijá-la até tirar esse olhar dela, mas não acho que ela gostaria muito disso naquele momento.

— Eu disse que ele era um babaca, — falei com um encolher de ombros.

— Foda-se! — Bill respondeu e eu ri; esse cara era uma piada.

— Vamos, baby, — puxei Liz, fazendo-a recuar.

— Maricas, — disse Bill em tom baixo. Puxei Liz para atrás de mim; eu era cerca de doze centímetros mais alto do que ele. Abaixei-me assim meu rosto estava bem acima do seu.

— Escuta aqui, seu filho da puta! Eu estou sendo bom, mas você continua a me pressionar e eu serei forçado a ensinar algumas boas maneiras de merda para você. Não brinque comigo; garanto que você vai perder — Eu me inclinei mais perto para que só ele pudesse me ouvir, — Fique longe de Liz; sem telefonemas, sem mensagens, sem visitas. Se eu ouvir dizer que fez contato, você não gostará do que vai acontecer. — Endireito-me e dou um tapinha no peito de Bill. — Boa conversa, — digo.

Virando, puxo Liz comigo e abro a porta da minha caminhonete, levanto-a e coloco lá dentro. Dou um beijo suave na testa. Andando para o lado do motorista, deslizo atrás do volante, deixando o babaca do Bill atordoado e de pé, segurando o moletom contra seu peito.

— Desculpe, — Liz sussurrou. Olhei para ela; sua testa descansava contra a janela. Estendi a mão, correndo os dedos por seu braço. Ela não tinha ideia de como era doce; isso me fez querer trancá-la para que o fodido mundo não tivesse a chance de contaminá-la. Era difícil acreditar que ela não se cansara pela forma como as pessoas a tratavam quando era mais jovem, ou a forma como alguns ainda a tratavam. Ela é, honestamente, uma das pessoas mais fortes que

conheço. Nico me mostrou uma foto de seu anuário no ensino médio, e mesmo com o cabelo curto e roupas feias, ela ainda era bonita. Ela apenas parecia desgastada, como se lutasse contra o mundo. Mas olhando para ela na caminhonete eu não podia deixar de apreciar sua beleza, não só do lado de fora, mas por dentro também.

— Que tal pararmos para tomar um café antes de irmos ver July?

— Claro, — ela encolheu os ombros, mantendo a cabeça contra o vidro.

— Que tal um pão de canela com esse café?

— Claro. — Ela ainda não fez nenhum movimento para levantar a cabeça.

— Que tal uma rapidinha no banheiro enquanto esperamos o nosso café e o pão de canela? — Sua cabeça finalmente se virou e ela olhou para mim.

— Não vou dormir com você. — Ela cruzou os braços sobre o peito com um beicinho, mas não antes de eu ver um pequeno sorriso.

— Ainda, — eu disse e ela riu. Acho que nunca ouvi essa sua risadinha antes; os músculos do meu estômago se apertaram com o som. Ficando perto dela, eu acabava com uma semipermanente ereção, mas seu riso, e saber que ela usou meu moletom para dormir, e então vê-la em nada além de uma toalha com água ainda escorrendo de sua pele, me fez querer lamber cada polegada dela. Ela me deixava com o pior caso de bolas azuis de sempre; mesmo quando eu era mais jovem isso não era tão ruim assim.

— Você é implacável, — disse ela em voz baixa, mas não fez isso soar como algo ruim.

— Hey, — Asher disse, abrindo a porta. Ele estava sem camisa, então olhei para Liz para ver se ela o checava, mas ela só tinha olhos para July, que também estava sem camisa contra seu peito.

— Posso? — Ela perguntou, finalmente olhando para o meu irmão. Eu podia dizer que ele não queria entregá-la, mas cedeu. Tenho certeza que November disse que chutaria a bunda dele se ele não compartilhasse.

— Ei, linda. Você se parece cada vez mais com a sua mãe, — Liz sussurrou, beijando o rosto gordinho de July enquanto caminhava para a sala. Ela se sentou no sofá; meu coração apertou ao vê-la segurando a minha sobrinha, seu longo cabelo loiro sobre o ombro oposto ao que a cabeça de July estava deitada. Ver o conforto e a facilidade com que segurava um bebê foi surpreendente.

Asher limpou a garganta; olhei para ele, sobrancelha levantada. Seus olhos foram para Liz, e depois voltaram para mim numa pergunta silenciosa. Balancei minha cabeça.

— Onde está November? — Perguntou Liz, olhando ao redor.

— Tirando uma soneca. July tem nos dado bastante trabalho; ela não quer a mamadeira, então os seios de November estão como uma torneira, e isso a desgasta.

— Deixe-me ver a mamadeira, — eu disse, caminhando até Liz e sentando ao lado dela.

— Você quer tentar alimentá-la? — Perguntou Asher, entrando na cozinha para pegar uma mamadeira da geladeira.

— Deixe-me vê-la, baby, — eu disse em voz baixa, junto ao ouvido de Liz. Podia sentir seu aroma sutil e minha boca se encheu de água, fazendo-me querer colocar meus lábios em cima dela. Eu podia dizer que ela não queria entregar July. Quando finalmente cedeu, eu corri

meus dedos pelo seu rosto até o queixo, puxando-a para frente, tentando não assustá-la. Beijei-a suavemente na borda de sua boca. Eu estava feliz por não ser o único afetado. O pequeno suspiro que ela deu me deixou saber muito mais que ela provavelmente gostaria.

— Você precisa parar de me beijar, — ela sussurrou, desviando o olhar.

— Nunca, — disse a ela, colocando July na dobra do meu braço. Asher voltou para a sala segurando uma mamadeira.

— Ela não vai tomar. Nem eu consigo fazê-la beber e sou sua pessoa favorita no mundo. — Disse Asher de forma presunçosa. Balancei a cabeça e ri. Peguei a mamadeira da mão dele, esfregando o bico da garrafa nos lábios dela enquanto apertava de modo que um pouco de leite saiu e, depois de um segundo, ela se agarrou ao bico. Ela se remexeu um pouco, mas eu podia dizer que ela não estava satisfeita com o fluxo de leite, então a afastei quando ela começou a remexer. A entreguei para Liz e fui até a cozinha para furar outro buraco no bico. Quando terminei, peguei July novamente e passei pelas mesmas etapas. Quando ela se agarrou ao bico eu pude ver que estava contente; olhei para o meu irmão que já não parecia mais tão presunçoso.

— Merda, mano. Por que não pensei nisso antes? Minha pobre esposa está esgotada e não fui capaz de fazer qualquer coisa para ajudar, porque ela não pegava a mamadeira.

— O que posso dizer? Conheço as mulheres, — dou de ombros. Asher olhou para Liz, que observava July; ele olhou para mim e sorriu. Se eu não estivesse segurando a minha sobrinha teria lhe dado um soco na cara. Ele achava que essa merda era engraçada. *Ahh, foda-se, todos os meus irmãos achavam isso engraçado.*

— Claro que você conhece, — ele riu, caminhando até a cozinha para pegar da geladeira ingredientes para um sanduíche. — Vocês querem comer?

— Não, obrigada, — disse Liz, seus olhos nunca deixando July.

— Você quer ter filhos? — Perguntei, seus olhos encontrando os meus.

— Não, — ela balançou a cabeça.

Meu coração gelou. Olhando para ela eu podia ver o desejo em seu rosto pelo jeito que ela olhou para July. — Por que você não quer ter filhos? — Eu sabia que a pergunta soou quase raivosa, mas me pegou desprevenido.

— Simplesmente não quero, — ela sussurrou. Levantando-se caminhou em direção à porta dos fundos, onde Beast estava sentado do lado de fora, olhando através do vidro. Ela abriu a porta e saiu. Vi quando desceu os degraus até o quintal, pegou uma bola e jogou para ele.

— O que você disse? — Perguntou Asher, voltando para a sala de estar com um sanduíche e batatas fritas. July terminou de comer e então a coloquei no meu ombro para arrotar. Olhei para a porta e vi Beast correr até Liz com a bola na boca, sua cauda em um milhão de milhas por hora quando ela pegou a bola dele e jogou-a novamente.

— Perguntei se queria ter filhos. Quando disse que não, perguntei por que não. Ela disse que só não queria, e se levantou e saiu andando.

— Cara, que porra é essa?

— O quê? É apenas uma pergunta; porra, ela me chocou dizendo não querer ter filhos.

— Vamos dizer que ela tenha uma razão para não querer uma criança. Você acha que ela diria a razão para você? E por que diria, já

que você não é alguém em quem confia? — Ele perguntou, dando uma enorme mordida no sanduíche de presunto.

Balancei a cabeça olhando para a porta novamente; ela agora estava sentada na grama, com Beast sentado em cima dela. — Eu sei que isso tudo é bem fodido, mas ela é a certa. — Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Eu sabia desde o primeiro minuto em que a vi.

— Ela é seu boom. — Balançou a cabeça em compreensão.

— Sim, mas alguma merda aconteceu e usei isso como uma desculpa para evitar o que sentia e a empurrei para longe. Eu ainda tentava me segurar, mas não deu certo e tudo explodiu na minha cara. Agora estou tentando descobrir como diabos voltar para onde estávamos.

— O único conselho que posso dar é ficar com ela, e pressioná-la um pouco pode ajudar; parece que ela não será muito aberta a um relacionamento com você. Mas não lhe dê uma escolha; jogue todas as suas cartas, mesmo as que a empurram para um canto.

— É isso o que você fez, Don Juan? — Perguntei, olhando para July que adormecera. Para conseguir, no final, o que quero, eu faria o que fosse necessário.

— Foda-se, sim! — Ele disse, me fazendo rir. Balançou a cabeça enquanto empurrava as batatas fritas em sua boca. — Ria o quanto quiser, filho da puta, mas olha para a minha vida. Tenho uma mulher bonita usando meu anel em minha cama todas as noites, uma menina que não poderia ser mais perfeita, e, se Deus se sentir generoso, terei minha esposa grávida antes do ano terminar.

— Vocês já estão tentando outra? — Perguntei um pouco surpreso. July tinha apenas dois meses de idade, e imaginei que esperariam um ano.

— Preciso de um filho, cara. Porra, a minha mulher é linda, minha filha será um nocaute... Estou fodido, a menos que receba outro par de olhos masculinos por aqui para me ajudar.

— Você sabe que esta merda é como meio a meio de chances, certo? Você pode acabar com outra garota.

— Não, — ele deu de ombros, — sei que será um menino desta vez. — Balançando a cabeça, olho de novo para a porta, onde Liz e Beast deitaram na grama, a mão dela acariciando a cabeça dele que repousava em seu estômago.

Levanto-me e levo July comigo enquanto ando até a porta, abro-a, e a vejo inclinar cabeça para trás. — Vem para dentro, baby; precisamos ir logo. — Ela não disse nada, mas se levantou, limpou o moletom e mão enquanto voltava para casa com Beast seguindo atrás dela. Ela se virou de lado para passar por mim e foi até a cozinha. Pegou sua bolsa do balcão e vasculhou-a até tirar uma caixa, e depois sentou no balcão olhando para Asher.

— Você pode dar isso a November por mim? — Asher acenou com a cabeça, a boca cheia de sanduíche.

— O que é isso? — Perguntei, caminhando até onde ela estava.

— Um par de brincos que sei que ela vai adorar, — disse, correndo o dedo pela bochecha de July. Seu rosto mudou tão drasticamente que eu não conseguia respirar; ela queria isso. Eu podia sentir que ela queria uma família, ou, pelo menos, um bebê; o desejo em seus olhos não podia ser mal interpretado.

— Você está bem? — Perguntei. Ela se assustou, dando um passo para trás.

— Sim, apenas cansada.

— Você quer tirar uma soneca? — Perguntei, entregando July a ela. Ela não respondeu, mas seus braços envolveram July, sua cabeça inclinando. — Você quer? — Perguntei de novo, os meus lábios indo para a linha dos seus cabelos, respirando o cheiro dela. Era incomum, algo almiscarado de baunilha; eu não mentia quando disse que o cheiro dela me fazia querer comê-la. Aquele cheiro é totalmente dela, me dava água na boca. Algo sobre isso me deixou com fome. Nunca fui o tipo de cara obcecado por mulher, mas podia me ver passando muito tempo devorando-*a*.

— Sim, acho que vou logo para casa depois daqui.

— Isso não foi o que eu quis dizer.

— Trevor, — balançou a cabeça; o conselho de Asher voltou para mim.

— Nós ainda vamos jantar hoje à noite. Se você quiser podemos ir para sua casa, pegar algumas roupas, ir para a minha casa e tirar um cochilo por um par de horas antes de nos prepararmos para o jantar.

— Não acho que deveríamos jantar, — sussurrou, olhando para Asher que estava sentado no sofá fingindo não ouvir.

— Que pena. Agora, você quer tirar um cochilo antes ou não?

— Nossa, tá bom! — Ela me lançou um olhar e eu não podia evitar, mas sorri. Ela era fofa pra caralho quando ficava chateada.

— Bom. Beije July e a devolva para o meu irmão, — eu disse. Seus lábios estreitaram, mas ela ouviu; levando July a Asher, beijou a testa dela antes de entregá-la para o meu irmão. Em seguida voltou para a

cozinha, pegou sua bolsa no balcão, de modo que ela bateu na minha barriga, e demos adeus a Asher enquanto saíamos da casa.

— Jesus, você tem um trabalho enorme a fazer, mano, — disse Asher rindo. Tive que concordar. Mas sabia que, no fim, se conseguisse o que queria, valeria a pena.

~~*

Quando Liz saiu do meu quarto no vestido que ela usaria para o jantar senti meu zíper apertar contra meu pau. O vestido floral de verão abraçava seu corpo, mostrando cada curva, e me fazia querer levantar o vestido e deslizar dentro dela. O decote era fundo, mostrando uma boa quantidade de pele; a parte inferior do vestido parava logo acima do joelho. Em seus pés estavam um par de saltos altos creme que amarravam em seu tornozelo, fazendo-me pensar em nada além de senti-los em minhas costas enquanto me empurrava dentro nela. Seu cabelo estava solto e ondulado por cima dos seus seios. Não parecia usar muita maquiagem, exceto nos lábios; eles brilhavam com o gloss rosa.

— Que porra é essa?

— O quê? — Ela se assustou, olhando para si mesma. Nem sequer a notei olhando para mim enquanto a checava. Eu usava um jeans preto, uma camisa cinza escuro de botão e um colete preto. Isso era eu arrumado; só usava um terno se forçado a isso, e não houve muitas ocasiões em que fora necessário.

— Você está bonita.

— Oh, obrigada. — Sorriu; o rosto corando. — Você está muito bom mesmo, Sr. Mayson.

Balancei minha cabeça. — A única razão para eu parecer muito bom esta noite é ter você ao meu braço.

Ela sorriu, sacudindo a cabeça, — Você é realmente bom nisso, não é? — Ela tirou algumas coisas de sua bolsa e colocou em uma bolsa menor.

— Bom no que?

— Em fazer uma mulher se sentir como se fosse tudo o que você vê.

— Você *é* tudo que eu vejo. — Disse sinceramente a ela.

— Seja como for, podemos apenas ir? — Seus olhos ficaram molhados e meu peito apertou. Pensei que fazíamos progresso, mas parecia que estávamos presos no limbo. Coloquei minhas mãos na cintura dela e a ergui sobre o balcão, estava então entre suas pernas e lutei contra o impulso de olhar para onde seu vestido subiu até as coxas.

— Agora, o que você está fazendo? — Ela retrucou, empurrando-me. Prendendo seus pulsos, segurei-os atrás das suas costas.

— Baby, me escute. — Sua respiração mudou.

— Não tenho uma escolha; você é um valentão e maior do que eu, — murmurou. Ela parecia tão bonita que me inclinei e beijei-a suavemente, antes de colocar a minha testa contra a dela.

— Eu sei que fodi tudo, mas quero que você me dê uma chance. Se isso não funcionar, você não terá que me ver nunca novamente. Mas tente, por mim.

Assisti uma lágrima deslizar pelo seu rosto. Soltei seus pulsos e segurando seu rosto limpei a lágrima com meu polegar.

— Como eu sei que você fala sério sobre isso?

— Alguma vez você já ouviu falar sobre eu estar em um relacionamento? — Ela balançou a cabeça em resposta. — Nunca estive em nenhum. Nunca pensei nisso até te ver sentada na varanda dos meus pais com as pernas próximas ao seu peito, uma xícara de café na mão, seu cabelo uma confusão louca em torno de você. Você estava linda; e então você riu e soube que você era para mim. Eu me perguntava quem era e quando descobri que você vivia na cidade e eu nunca a vi antes, fiquei chocado. Então comecei a sair com você e descobri que você não era apenas linda, mas também era doce. Eu não sabia o que fazer com os sentimentos que sentia por você, então eu usei a única coisa que podia te afastar. O problema foi que eu não gostei muito quando você me deu o que eu queria. — Escovei seu cabelo para trás; ela ainda parecia incerta. Então caminhei até uma gaveta cheia de ferramentas e vasculhei-a até encontrar uma caneta e um pedaço de papel. Escrevi nele e entreguei a ela. Ela sentou ali, olhando para ele e mordendo o lábio. Entreguei a caneta; ela pegou, fez um círculo, e então, devolveu a nota e caneta para mim.

Quer sair comigo?

Sim ou não

Ela circulou sim. Sorri e ela riu, sacudindo a cabeça.

— Você sabe que é louco, certo?

— Acho que isso passou despercebido quando eu era mais jovem, eu deveria começar a perceber agora. — Ela riu, sacudindo a cabeça novamente. Voltei para ela e fiquei entre suas pernas, coloquei minhas mãos em suas panturrilhas, percorrendo sua pele suave como seda até a parte de trás de seus joelhos. Puxei-a mais profundamente perto de

mim; podia sentir o calor dela contra mim. Passei minhas mãos pelas suas coxas, observando elas viajarem para cima, então até a cintura, olhei para cima para vê-la observando minhas mãos também, enquanto mordia o lábio.

— Você terá que ser paciente comigo e me dizer se eu fizer algo fora da linha. — Passei meus dedos pela parte inferior de sua mandíbula. — Você pode fazer isso?

Ela engoliu em seco.

— Contanto que você não me machuque de novo. — Eu sabia que até consertar a confiança que foi dilacerada, ela estaria sempre insegura. Mas enquanto houvesse tempo, isso seria solucionável.

— Não posso prometer que as coisas serão perfeitas, mas posso prometer fazer o meu melhor para deixá-la feliz. — Me afastei, beijando-a na testa. — Precisamos pegar a estrada para que eu possa levá-la a um encontro, — disse a ela, tirando-a do balcão.

— Tudo bem, mas preciso estar em casa meio que cedo. É a minha vez de abrir a loja amanhã.

— Eu disse a você, você passará a noite.

Ela riu, dando tapinhas no meu rosto. — Awww, Trevor. Você tem muito a aprender sobre namoro; você terá sorte se chegar à primeira base esta noite. — Andou em torno de mim, pegando sua bolsa do balcão. — Você está pronto? — Perguntou, inclinando a cabeça para o lado. Eu estava preso no lugar.

— Você está brincando, certo? Quero dizer, você aparece *assim* e espera que eu vá apenas beijá-la? — Ela assentiu com a cabeça. Sei que não conheço muito sobre namoro, mas sério, que porra é essa? Balançando a cabeça, caminhei para a porta de trás e abri-a para ela sair primeiro.

— Pensei que estávamos saindo? — Perguntou; provavelmente confusa por não sairmos pela frente.

— Nós estamos, mas não deixarei você subir na minha caminhonete vestindo esse vestido. Vamos no meu carro.

— Você tem um carro?

— Baby, há muito sobre mim que você não sabe, — eu disse a ela, abrindo minha garagem. Meu Chevy Nova 1969 preto olhava para nós. Dirijo a minha garota algumas vezes por ano; a maioria das pessoas nem sequer sabe que ela existe.

— Wow! — Liz sussurrou, colocando a mão na parte inferior das costas. A levei para o lado do passageiro, ajudando-a a entrar. Após entrar fui para o lado do motorista, deslizando atrás do volante.

— Você está pronta? — Olhei para onde estava sentada; os dedos percorrendo o couro do assento.

— Hmm? — Murmurou; seus dedos correndo ao longo do painel. Eu ri olhando para ela.

— Você está pronta para ir? — Perguntei novamente. Desta vez, ela se assustou e sua mão foi para o colo.

— Oh sim, com certeza, — murmurou.

— Você gosta do meu carro?

— Quando eu estava no colégio queria comprar um carro velho e consertá-lo. Minha amiga Cassy e eu costumávamos falar sobre fazer isso o tempo todo.

— Você conhece carros? — Perguntei; surpreso. Meus irmãos e eu estamos sempre fazendo alguma coisa com nossos carros.

Ela começou a rir, inclinando a cabeça para trás contra o assento. A linha de sua garganta foi exposta e meu pau endureceu

enquanto a imaginava com a mesma paixão debaixo de mim, a cabeça jogada para trás, as faces coradas e os olhos nublados com luxúria.

— Nunca disse isso, — ela riu mais forte, balançando a cabeça, me afastando de meus pensamentos. — Eu só queria fazer isso. Ainda bem que não podia me dar ao luxo de comprar um carro para consertar. Deus sabe que o carro teria acabado coberto de tinta caseira e estofado de tecidos velhos cheios de desenhos de cães ou gatos.

Rindo, estendi a mão e agarrei a mão dela, puxando-a para minha coxa. Sua pele é tão macia. — Eu te direi uma coisa. — Tiro os olhos da estrada por um segundo para olhar para ela. — Você passa a noite comigo e eu deixarei você me ajudar a consertar um carro.

— Você me deixará escolher qualquer tecido que eu queira? — Ela perguntou. Posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Porra, não! — Balancei minha cabeça. Eu não precisava ter um carro estofado em tecido de gatinho.

— Desculpe, então terei que deixar essa chance passar. — Ela sorriu, e notei que ela tem duas pequenas covinhas nos cantos de sua boca. — Então... você deve ligar para Nico e Cash e dizer que uma menina na fogueira está tentando engravidar deles.

— O quê? — Perguntei rindo.

— Esta menina na fogueira dizia que queria engravidar de um Mayson. Ela não se importava com qual, contanto que acabasse com um de vocês.

— Que porra é essa? — Gritei, fazendo Liz pular.

— Desculpe, — sussurrou. — Eu ia ligar para Cash esta manhã e dizer para ele, mas esqueci até agora. — Ela disse baixinho, tentando retirar a mão, mas me recusei a soltá-la.

— Jesus, algumas das mulheres nesta cidade são doidas pra caralho. — Olhei e vi Liz mordendo o lábio. Solto sua mão e toco em seu queixo. — Pare de fazer isso, baby. Seus lábios ficarão muito feridos para eu te beijar se você continuar.

Ela respirou fundo. — Desculpe por dizer assim; só saiu.

Balancei minha cabeça. — Desde que Asher sossegou, as coisas foram de mal a pior. — Me chateou pensar em uma dessas cadelas ficando grávida e um de meus irmãos ficando preso com ela. — Quem era? — Perguntei, pegando sua mão e a colocando na minha coxa novamente.

— Hum... eu não sei o nome dela. Ela é muito magra e tem longos cabelos castanhos; é bonita. Ela vestia calça jeans e um top branco.

Balancei a cabeça. Eu sabia de quem falava. — Jules. Ela tem uma coisa por Cash, mas ele não está interessado, — disse, balançando a cabeça. Parei no estacionamento do restaurante; que era uma pequena Churrascaria fora de Nashville.

— Oh! Ouvi sobre esse lugar. O velho Sr. Deen disse que eles têm bifes realmente grandes aqui.

Ela começou a sair, mas segurei sua mão, murmurando um suave *espera por mim. Ei, posso não ter tido um encontro antes, mas sei o que diabos fazer quando está namorando. Minha mãe chutaria a minha bunda se eu tratasse qualquer mulher de forma errada.*

— Obrigada, — ela disse suavemente, puxando seu vestido para baixo. Peguei a mão dela quando chegamos ao interior do restaurante. Eles nos guiaram para uma pequena mesa na parte de trás, perto de uma grande janela com vista para a floresta. — Isso é muito bom, — disse ela, seus olhos voltando para mim. O garçom veio pegar o nosso pedido; nós conversamos sobre a cidade enquanto

comemos, falamos sobre sua loja Temptations, e eu disse a ela sobre o negócio da construção e do novo contrato que temos. Tudo com ela era fácil. Nunca conheci uma mulher com quem eu pudesse rir e falar sobre qualquer coisa. Eu sabia que com ela o seu interesse não tinha nada a ver com dinheiro ou o meu nome de família. Olhei por cima da mesa, observando seu rosto ficar vermelho.

— Você não parece muito bem, baby.

— Não acho que você deveria dizer isso em voz alta, — disse Liz do outro lado da mesa, um pequeno sorriso em seus lábios.

— Não, querida. Quero dizer, você parece vermelha e inchada; você é alérgica a alguma coisa?

— Nunca fui antes. — Ela abriu sua bolsa, puxando um pequeno compacto e segurou-o na frente de seu rosto. — Que diabos? — Ela murmurou, virando o rosto para direita e, em seguida, para esquerda.

— Vamos lá. Podemos passar em algum lugar e você pode conseguir algum Benadryl[4]; você respira bem? — Olhei em volta pelo o garçom, tentando chamá-lo de novo.

— Sim, mas minha boca está começando a coçar um pouco. — Ela riu. — Não diga nada,

— Eu não vou, — eu ri, finalmente capturando a atenção do garçom. Ele caminhou para nós e pego o meu cartão de volta. Deslizando-o no bolso, fico em pé, e puxo a cadeira para Liz. Em seu rosto apareciam erupções e minha preocupação começava a crescer, por isso a peguei, levando-a estilo noiva para fora do restaurante. Quando chegamos à porta da frente, corri para meu carro. Liz colocou o rosto no meu pescoço; eu tinha certeza que ela podia sentir que ele estava inchado. Beijei seu cabelo e coloquei-a no

4 Antialérgico

banco do passageiro, me certificando de colocar o cinto. — Vou levá-la para o hospital.

— Não, por favor, eu só preciso de algum Benadryl e estarei bem, — disse ela em um chiado, e eu sabia que ela não estava bem. Apertei o acelerador, e quando chegamos à entrada da sala de emergência eu parei o carro no estacionamento, corri para o lado do passageiro, e ignorei o cara gritando para não estacionar ali. Puxei Liz em meus braços. Ela desmaiou depois de dois minutos no carro. Comecei a correr para o hospital; uma enfermeira nos viu e abriu a porta imediatamente. Coloquei Liz na maca, e então houve uma tonelada de comoção em torno de nós.

Disse a eles o que ela comeu no jantar, e que ela disse que nunca foi alérgica. O médico aplicou uma injeção nela e me disse que não deveria demorar muito para começar a funcionar e para vermos alguns resultados. Olhando para seu pequeno corpo na cama meu coração começou a bater querendo sair do meu peito. Não conseguia pensar em um momento em que tenha sentido tanto medo. Corri minhas mãos sobre o meu cabelo e rosto. Beijei a testa dela, segurando a sua mão. Liguei para a mãe dela para dizer o que estava acontecendo; ela disse que George e ela voltariam do Alabama hoje à noite, mas que levaria algumas horas para chegarem à cidade. Liguei para Mike para que ele soubesse que ela não estaria em casa, no caso dele ficar preocupado. Não esperava um sermão, ou a segurança das minhas bolas sendo ameaçada. Enviei a minha mãe e irmãos uma mensagem, informando-os sobre o que acontecia. Todos eles adoravam Liz e se preocupavam; disse a eles que eu tinha tudo sob controle e que não havia nada que alguém pudesse fazer. Até o momento que desliguei o telefone, alguma da vermelhidão reduziu, e o inchaço diminuíra. Falei

com o médico sobre o que aconteceu; ele disse que poderia ser qualquer coisa, mas que precisava fazer um teste. Ele prescreveu um Epipen[5], juntamente com medicação.

— Sua respiração agora voltou ao normal, — disse o médico. — Todos os seus sinais vitais estão ótimos. Agora só precisamos que ela acorde para que possa assinar alguns papéis. — Balancei a cabeça, observando-o sair. Fui até sua cabeceira; correndo a mão pelo seu rosto, empurrando seu cabelo para trás, seus olhos começaram a se agitar e prendi a respiração. Quando finalmente vi seus belos olhos verdes, eu soltei a respiração que segurava.

— Hey, baby. — Disse suavemente, me inclinando e tocando minha boca em sua testa. — Você me assustou.

— O que aconteceu? — Perguntou ela, e posso ouvir a tensão em sua voz. Endireitei-me e peguei o jarro de água ao lado da cama. Enchi um copo, peguei o canudo, e segurei-o enquanto ela tomava um gole.

— Você teve uma reação alérgica a algo que comeu no jantar. O médico disse que você precisa fazer um teste para ver o que causou a reação. Ele também prescreveu um Epipen para se acontecer de novo, você poder injetar imediatamente.

— Nunca tive alergia a coisa alguma antes. — Sua voz era calma, lágrimas começaram a encher seus olhos.

— Ei, agora, nada de choro. Está tudo bem, eu... — Jesus, eu ia dizer eu te amo, mas não posso, posso? Merda, eu a amo. Porra eu a amo. Engoli em seco, olhando para ela; era cedo demais. Eu sabia que isso aconteceria, mas era cedo demais; meu estômago estava em nós, e queria vomitar.

---

5 Epinefrina - está indicado para o tratamento de emergência de reações alérgicas agudas (anafilaxia), para auto administração pelo doente.

— Você está bem? — Parecendo preocupada, ela levantou a mão até minha bochecha. Eu não estava bem, mas gostaria de estar. Balancei a cabeça, peguei a mão dela no meu rosto, trouxe-a até minha boca, e beijei a palma da mão.

— Apenas preocupado, baby. Vou informar ao médico que você está acordada.

— Tudo bem, — ela disse calmamente, recolocando a cabeça no travesseiro. Depois que achei o médico, ele falou com Liz sobre ver um especialista, e, em seguida, passou a explicar como usar o Epipen, e o que ela deve fazer se algo assim acontecer novamente. Quando saímos do hospital, já era depois da meia-noite. Liz estava nocauteada no minuto em que se sentou no carro. Estacionando na frente da minha casa, eu a carreguei para dentro. Ela não se mexeu quando tirei o seu vestido e coloquei uma das minhas camisas nela. Eu a cobri, e depois fui verificar a casa para garantir que todas as portas e janelas estavam trancadas. Tirei minhas roupas, deixando a boxers que normalmente não usaria, e em seguida subi na cama, puxando Liz para mim.

~~*

Trazendo-me de volta para o presente, meus dedos agarraram a bunda de Liz em minha mão. Olho para ela que ainda está dormindo, e não quero me mover, mas preciso levantar e ligar para informar aos meus irmãos que me atrasarei. Meu celular está no jeans que usei ontem, e eles estão do outro lado do quarto, em uma cadeira. Como se meus pensamentos fizessem isso acontecer o meu telefone começa a tocar. Liz dá um solavanco, e, em seguida, murmura algo, aconchegando-se mais profundamente no meu lado. Eu sorrio, deslizo

para sair de debaixo dela, atravesso a sala e pego meu telefone no meu bolso.

— Merda, — sussurro, olhando para a tela. Mamãe está no visor. — Um segundo, mãe, — sussurro no telefone. Puxo um par de moletons, segurando o telefone entre a orelha e o ombro. Olho para a cama; Liz ainda está dormindo, mas agora ela arrastou meu travesseiro para frente dela e está envolvida em torno dele. Eu me curvo, beijo seu cabelo e saio do quarto, caminhando pelo corredor para a cozinha. Comprei a minha casa há dois anos. Foi a única propriedade que encontrei com a área que queria. Eu gosto da casa; ela ainda precisa de reparos, tem quatro quartos e 232 metros, estilo fazenda. A cozinha é pequena, a sala é enorme, os quartos são de bom tamanho, e tem um porão assassino. Eventualmente, vou derrubar a parede da cozinha e torná-la um pavimento aberto. Mas estou levando meu tempo, fazendo tudo pouco-a-pouco.

— Ei, mãe, — digo ao telefone, retirando coisas para fazer o café.

— Oi, querido. Como Liz está? Ela chegou em casa bem ontem?

— Ela ainda está comigo, mãe.

— Ela ainda está com você? São sete e meia da manhã. — Se não fosse pela preocupação na voz dela, eu teria rido. — O que está acontecendo, Trevor Mayson? Me ajude – se você machucar aquela garota...

— Jesus, mamãe, estamos namorando. A levei para o hospital na noite passada. Eu não a queria fora da minha vista, então a trouxe aqui em vez de vasculhar por seus pertences para encontrar as chaves e levá-la para a casa dela.

— Oh... bem, — ela faz uma pausa, provavelmente surpresa por Liz e eu estarmos juntos.

— Obrigado por me deixar saber onde sua lealdade se encontra, mãe.

— Oh, pare. Ela é uma boa menina. — Sei que minha mãe está revirando os olhos; sempre fomos próximos. Vejo um movimento com o canto do meu olho. Viro minha cabeça para ver Liz em pé na porta. Seu cabelo está espalhado para todo lado; minha camisa é grande demais para ela, quase o mesmo comprimento de seu vestido de ontem à noite e ela parece adorável.

— Olá baby. Como se sente? — Ela encolhe os ombros, olhando para o pote de café. Posso dizer que ainda está meio adormecida. — Venha aqui. — Digo baixinho, estendendo meu braço. Ela tropeça em mim, esfregando o rosto no meu peito, e beijo seu cabelo. — Você dormiu bem? — Pergunto silenciosamente, e ela balança a cabeça. Então ouço a minha mãe soluçar no telefone. — Mãe, você está bem?

— Perfeita. — Ela faz uma pausa de um segundo. — Ótimo, eu deixarei você ir e ligarei para seus irmãos para dizer que você se atrasará para o trabalho.

— Sim, tudo bem.

— Estou feliz por você, querido. — Ela diz rapidamente antes de desligar. Suspiro, jogando o meu telefone em cima do balcão. Mamãe deve estar pirando. Levanto o rosto de Liz, verificando-a. Não há inchaço ou vermelhidão; ela parece muito melhor, mas não saber a causa de sua reação ainda me preocupa.

— Você parece muito melhor.

— Por que estou aqui? — Ela pergunta, então morde o lábio como se não quisesse perguntar.

Eu quero dizer, *Porque este é o lugar onde você estará a partir de agora*. Mas sou mais esperto que isso. Além disso, agora ela está com seu corpo pressionado contra o meu e eu nem sequer tenho que obrigá-la. — Você estava realmente doente ontem à noite. Não queria que você ficasse sozinha.

— Oh, — ela murmura. Sorrio, inclinando a cabeça para tocar a minha boca na dela. Quando me afasto, seus olhos lentamente abrem. Eu amo esse olhar.

A puxo para mais perto; minhas mãos vão para a parte inferior das suas costas, acima de sua bunda. Puxo a minha camisa. Ela treme enquanto meus dedos correm pela sua pele lisa.

— Você precisa chamar o especialista e marcar uma consulta o mais rápido possível, enquanto faço algo para nós comermos, — digo. Seus olhos se estreitam, então torce o nariz para cima, balançando a cabeça.

— É muito cedo para que você possa começar a ser mandão. — Sorrio, puxando-a para mais perto e sinto sua respiração cheirando a hortelã.

— Você escovou os dentes?

— Encontrei uma escova de dente sobressalente em seu gabinete e usei-a. Espero que isso esteja ok. Quero dizer, você tinha quase uma centena delas, então não pensei que você notaria. — Ela sorri, e meu estômago aperta.

— Meu amigo Frank é um dentista.

— Uh-huh. — Ela encolhe os ombros, os olhos passando por cima do meu ombro para o pote de café. Ela pensa que sou cheio de merda e que, quando uma garota fica, eu ofereço uma escova de dente na

parte da manhã, mas não é por isso que as tenho. Posso ser um idiota, mas não minto.

— Olhe para mim, — digo baixinho, tirando a atenção dela da jarra de café. — Você conhece a minha história, baby; não é um grande segredo. — Usando a calcinha, a puxo mais profundamente em mim, então ela é forçada a ficar na ponta dos pés. — Mas, assim como quando fui honesto com você sobre o que queria, fui honesto com elas. — Respiro fundo, beijando-a suavemente. — Preciso saber agora se você pode lidar com essa parte de mim. — Preciso que ela entenda que falo sério; isto não funcionará se duvidar de mim. — Não ficarei com você se sinto que preciso ir com cuidado só porque tenho um passado.

Ela apenas olha para mim, sem dizer nada. Isto se prolonga por um tempo. Finalmente, ela diz o que preciso ouvir. — Você está certo. Sinto muito; eu me dou conta disso. Apenas prometa que sempre será honesto comigo.

— Prometo, — digo contra sua boca, deslizando minhas mãos para dentro de sua calcinha. Puxando-a para cima, com as pernas ao redor da minha cintura. Sua respiração prende quando a coloco sobre o balcão; minha boca está na dela, provando, lambendo, e mordendo. Quando ela geme, começo a me afastar, beijando-a de forma mais suave, não querendo que isso acontecesse quando não tenho tempo para apreciá-la completamente. — Vá buscar seu telefone enquanto arrumo alguma coisa para comer, — digo a ela, passando minhas mãos ao longo da pele suave de suas coxas. Estou me torturando; preciso ir cuidar de mim mesmo, ou tomar uma ducha fria.

— Tudo bem, — ela faz beicinho, pulando do balcão. Eu a agarro e dou um beijo rápido e, em seguida, vou fazer o café.

CAPÍTULO 04



— Oh querida! Estou tão feliz que você está bem, — minha mãe diz assim que entro na loja. Não tenho certeza se estou bem; sinto que estou vivendo em um universo alternativo. Agora sou namorada do notório jogador Trevor Mayson; então, esta manhã, antes de deixar a casa dele, ele me disse que me buscaria e iríamos, cito, *Sair para escolher um filhote de cachorro*. Eu nem sequer tenho minha própria casa. Ainda preciso procurar um apartamento, e inclusive, em um apartamento, não preciso de um cão; então disse isso, e ele disse: — Nós teremos um cão; é o que os casais fazem. — Balancei a cabeça, tentando lembrar que ele nunca teve um relacionamento antes, então não sabia que as pessoas que acabam de começar a namorar não compram coisas vivas juntas. Elas nem sequer compram juntas um objeto inanimado. Meu caso foi perdido quando sua boca se chocou contra a minha e esqueci o que estávamos discutindo.

— Estou bem, mãe. Agendei uma consulta esta manhã com um especialista para fazer o teste. — Ouço risos e me viro para ver Britney e Lisa que estão perto da prateleira de lenços. Tenho certeza que haverá rumores de mim com alguma doença louca correndo solta ao redor da

cidade até amanhã. Olho para a minha mãe para vê-la observando as meninas através dos olhos estreitados. Não estou nem mais incomodada por elas; elas são valentonas e não têm nada melhor para fazer com seu tempo. Começo a andar para a parte de trás da loja, quando o sino sobre a porta toca. Eu me viro para ver Trevor, Cash e Nico entrando.

— Hey, baby, — diz Trevor.

— Yo, — diz Cash, dando-me o seu sorriso despreocupado.

Nico entra, dando-me uma elevação do queixo.

Cash e Nico caminham em direção a Britney e Lisa; Trevor vem direto para mim, sua mão na minha cintura, me puxando um passo mais perto. Ele se inclina, tocando sua boca na minha. Automaticamente o beijo de volta, e quando abro meus olhos ele está sorrindo para mim como sempre.

— O que você faz aqui?

— Queríamos comprar algo para mamãe, para o aniversário dela, por isso vim aqui ver se você poderia nos ajudar.

— Oh sim. Claro, só me dê um minuto. Preciso guardar umas coisas, — digo, tentando me afastar. Mas seus dedos prendem-se no interior do meu jeans, me segurando no lugar.

— Como se sente? — Pergunta ele, e meu coração se derrete em uma poça gigante ali mesmo no meio da Temptations.

— Perfeita. — digo calmamente, observando seu rosto suavizar. Eu amo que ele se importa o suficiente para se preocupar comigo. Viro minha cabeça; minha mãe nos observa, sorrindo como um gato que pegou o rato. Eu rolo meus olhos para ela.

— Então, Trevor, — minha mãe diz, abrindo caminho entre nós. — Eu sei que é um prazo curto para reservar um voo, mas se puder

conseguir uma folga, você quer ir para a Jamaica para o meu casamento? Tenho certeza que você poderia ter um quarto com Liz. — Ela sorri, olhando entre nós como se acabasse de resolver o problema da fome no mundo com a sua sugestão.

— Mãe, eu tenho certeza que ele tem coisas melhores para fazer. — Ainda estou tentando me acostumar com o fato dele ser meu namorado. Ir para um país estrangeiro com o cara que você namora está bem no topo, junto com escolher um filhote de cachorro; você deve estar junto por um tempo para ambas as coisas acontecerem. Embora o pensamento de ver Trevor em uma praia usando nada além de um par de calções durante um longo fim de semana soa como uma boa ideia.

— Claro, posso fazer isso, — diz ele. Olho para a minha mãe; ela está olhando para Trevor. Pisco algumas vezes, tentando limpar a minha cabeça.

— Você não precisa ir. Tenho certeza que você tem muita coisa acontecendo com o contrato que acabou de conseguir, — digo a ele.

— Tenho três irmãos. É apenas três dias; eles podem lidar com isso.

— Oh, — digo, imaginando como diabos esta é a minha vida e quando fui sugada pelo universo de Trevor.

— Hoje à noite, depois que pegarmos o nosso cachorro, podemos tentar conseguir o mesmo voo que você. Se não tiverem quaisquer lugares sobrando, você pode alterar o seu voo para qualquer um em que eu estiver.

— Vocês vão adotar um filhote de cachorro? — Minha mãe choraminga, batendo palmas.

— Alguém me mate, — murmuro, olhando para o teto.

— O que querida?

— Nada... Eu vou arrumar minhas coisas e depois ajudar os caras a escolherem algo para a Sra. Mayson.

— Vou ajudá-los enquanto você se instala, — minha mãe diz, colocando seus dedos ao redor do bíceps de Trevor. A vejo dar-lhe um aperto e então ela olha para ele sorrindo. — Oh meu, tão forte. Você malha? — Oh meu Deus, alguém? Qualquer um? Salve-me! Trevor sorri para minha mãe e responde afirmativamente. Entro na sala dos fundos e guardo minhas coisas. Tomo um minuto para bater a cabeça contra a parede algumas vezes antes de voltar para a loucura que minha vida se tornou. Após os caras saírem da loja, e depois que minha mãe voltou de sua onda de Trevor, recebo uma mensagem do meu irmão.

Tim: Ligue para mim neste número: 521-649-4579

Olho para garantir que minha mãe ainda está na frente da loja. — Mãe, eu vou para a parte de trás.

— Claro, querida. — Ela me faz um gesto, me dispensando com um aceno de mão. Ando para a parte de trás da loja, sento em uma grande caixa e respiro fundo antes de discar o número que me mandou uma mensagem.

— Liz, eu preciso de sua ajuda, — ouço Tim dizer através da ligação distorcida.

— Você quer a minha ajuda, depois de roubar a mim e a mamãe? Você está bêbado? — Pergunto; minha voz se tornando mais alta. Levanto e olho para a porta a fim de garantir que minha mãe não ouviu nada. Felizmente, ela ainda está de pé atrás da caixa registradora.

— Eu não queria fazer isso.

— Onde está o dinheiro, Tim?

— Ouça-me, — ele grita. Nunca ouvi meu irmão gritar antes; minha boca se fecha e os meus olhos se fecham, sabendo que tudo o que está acontecendo é ruim. Muito ruim.

— Sei que eu fodi tudo, mana. — Ele não disse mais nada, então tiro o telefone da minha orelha para conferir se a ligação não caiu.

— Tim?

Depois de mais alguns segundos, ele finalmente fala, parecendo completamente derrotado. — Eu tenho um problema, e pensei que se eu pagasse as pessoas que devia, eu poderia recomeçar de forma limpa.

— Não, — sussurro, minha cabeça caindo para frente.

— Eu nunca quis que isso acontecesse, mana. Você tem que acreditar em mim. Eu estava tão deprimido, e era a única coisa que podia me fazer esquecer. Toda vez que fiz uma aposta, eu pensei, *É isso. Essa é a última vez...*

— Então, você não tem um problema com drogas? Você é viciado em jogos? — Quero ter certeza que ouço corretamente.

— Sim, — diz ele em voz baixa.

— Por que você não falou comigo ou com a mamãe?

— O que eu deveria dizer? Eu tenho um problema de jogo, e preciso de dinheiro para pagar um agiota que roubei?

— Você poderia ter começado com isso.

— Ouviu tudo o que eu disse?

— Sim! — Grito para o telefone. — Ouvi. Eu quase perdi o meu negócio; você me *fez* perder meu apartamento. Tive que conseguir um emprego em um clube de strip para tentar conseguir o dinheiro do empréstimo do meu negócio.

— Você trabalha em um clube de strip? — Posso ouvir a raiva em sua voz.

— Eu trabalhei, até que Trevor me fez parar, e Mike me deu o dinheiro para pagar minhas contas.

— Mike a deixou trabalhar para ele?

— Você ouve a si mesmo agora, Tim? Você não tem o direito de estar com raiva. Precisei trabalhar lá por sua causa.

— Eu sei. Mas Jesus, Liz, que porra é essa?

— Não se preocupe com isso. Não trabalho mais lá, Tim. Mike me deu esse dinheiro, então você terá que encontrar uma maneira de pagá-lo de volta. Você precisa voltar para casa.

— Não posso voltar para casa agora.

— Por que não?

— Eu lhe disse que pagaria o cara com quem peguei dinheiro emprestado. Bem, eu fiz, mas ele quer os juros do empréstimo. Não posso voltar para casa até encontrar uma maneira de conseguir para ele.

— Tim, pare de ser estúpido e volte para casa. Arrume um emprego; talvez você possa trabalhar para Mike.

— Não quero levar esta merda que me segue para a cidade, mana.

— Quanto dinheiro você deve? — Pergunto, fazendo cálculos na minha cabeça, tentando pensar no que eu poderia ter para dar.

— Dez mil.

— Que porra é essa, Tim? — Eu grito, e depois cobri minha boca. — Você roubou mais de vinte de mim. Você deu tudo a ele, ou você cheirou ou injetou? Quero dizer, isso é um monte de dinheiro.

— Eu sei. É por isso que estou ligando. Queria ver se você poderia me emprestar o dinheiro. Eu pagaria a ele e, em seguida, voltaria para casa.

— Tim, eu não enviarei essa quantia. Nem sequer tenho essa quantia de dinheiro. Basta vir para casa e podemos encontrar algo. Podemos, eu apenas não sei o que vai funcionar. Falarei com Trevor, — eu digo, me perguntando se realmente falaria com Trevor. Ele já está chateado com o meu irmão; isso só adicionaria à sua lista de razões para não gostar dele.

— Que porra Trevor Mayson tem a ver com esta merda?

— Estamos namorando, e ele tem uma empresa de construção. Talvez você pudesse trabalhar para ele.

— Você está namorando Trevor Mayson? Você é estúpida?

— Você deve um monte de empréstimo de dinheiro; *você é* estúpido? — Merda. Não quis dizer isso. Fecho meus olhos, respirando. — Olha, eu gosto dele, e estamos saindo.

— Vou ver se posso voltar para a cidade. Falarei com Mike e verei se posso trabalhar em algo com ele.

— Você precisa corrigir isso, — sussurro, lágrimas nublando meus olhos.

— Não jogo há alguns dias, ok? — É isso que todos os viciados dizem a fim de evitarem falar sobre os seus problemas?

— Onde você está agora?

— Estou com um amigo. Sinto muito, mana. Eu nunca quis que isso acontecesse.

— Apenas volte para casa, Tim. A mamãe se casará em algumas semanas; ela esperará você para acompanhá-la até o altar.

— Verei o que posso fazer.

— Por favor, volte para casa, — sussurro para o ar morto. Tiro o telefone da minha orelha, sabendo que ele desligou. Envio uma oração

silenciosa a quem estiver ouvindo, enxugo as lágrimas dos meus olhos e começo a limpar a sala de estoque.

~~*

— Que tal esse? — Trevor pergunta, apontando para um pequeno e fofo cãozinho branco. Eu sei que a maioria das garotas se empolgaria com a pequena bola de pelo, para mim, ele parece poder se perder facilmente no meu quarto bagunçado.

— Não sei, — digo, olhando para Trevor. A mão dele vem para a parte de trás da minha cabeça, se enlaçando em meu cabelo; meus lábios abrem antes dele me beijar. — O que foi isso? — Respiro fundo quando sua boca deixa a minha.

— Você parece adorável agora, — ele sorri, me puxando para debaixo do seu braço, nos guiando pela longa fila de jaula. Nós dirigimos até o ASPCA[6] mais próximo após ele me dizer que eu não tinha escolha, e que nós escolheríamos um cão, gostando ou não. Então eu disse que a única maneira de termos um cão seria se adotássemos um que precisava de uma casa.

— Que tal ele? — Pergunta, parando na frente de uma jaula com um cão que poderia caber no meu bolso e deveria estar num comercial da Taco Bell.

— Hum... — eu mordo meu lábio e olhando-o novamente. — Você gosta de cães de pequeno porte ou algo assim? — Todo cão que ele parou para olhar era pequeno.

6 American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA) - Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade a Animais - é uma organização não-governamental dos Estados Unidos que combate os crimes contra animais.

Ele dá de ombros, olhando ao redor. — Não, apenas pensei que as garotas gostassem de cães de pequeno porte.

— Trevor, eu não preciso de um cão agora. Preciso encontrar outro apartamento e, mesmo assim, não sei se serei autorizada a ter um cão.

— Primeiro de tudo, ele será o nosso cão; em segundo lugar, não precisa encontrar um apartamento; você está hospedada com Mike até que esteja pronta para morar comigo. — Todo o ar sai de meus pulmões. Olho para Trevor e ele está olhando em volta como se não tivesse acabado de me dizer que nós viveríamos juntos. Em vez disso, parece que acabou de me dizer qual o tipo de café que prefere. — Que tal ele? — Pergunta, me arrastando atrás de si. Minhas pernas são como geleia; ainda não respirei. Sinto-me tonta. Quando essa relação começou a se mover na velocidade da luz? Tropeço atrás dele, minhas pernas levando um segundo para me acompanhar. Quando paramos, estou olhando na direção oposta a ele. Meus olhos pousam em um cão preto gigante, e quando nossos olhos se encontram, sua cabeça se inclina para o lado. Eu sigo adiante e faço a mesma inclinação da cabeça. Olhamos um para o outro por alguns segundos antes dele colocar uma pata gigante na porta de sua jaula. Levanto minha mão, caminhando em direção ao cão. Quando ele choraminga, sei que é o certo. Eu sequer queria um cachorro, mas sei que esse macho ou fêmea é meu.

— Oi, — digo, caminhando até a jaula. Na porta estão algumas informações sobre o animal. Vejo que é fêmea, e eles não sabem quantos anos ela tem, só que alguém a encontrou à margem da estrada e trouxe. O pouco de informações explica que ela é muito simpática e parece ser treinada. Agacho-me na frente dela, apertando minha palma contra a jaula. Sua pata vem até a minha mão, e depois o nariz molhado

pressiona contra a minha pele. Enfio meus dedos na grade da jaula para acariciá-la. — Você é doce, não é? — Olho para Trevor, que se agachou ao meu lado. Ele não parece muito certo sobre ela, mas eu estou; se ele não a quiser vou ligar para Mike e vir se ele me permitirá ter um cão. Pego a mão de Trevor e a coloco contra a grade; ela cheira-o e, em seguida, lambe sua palma. — Ela gosta de você.

— Então é ela, hein? — Ele pergunta, olhando para todas as outras jaulas. Começo a fazer a mesma coisa, quando ela chora, arranhando a porta da jaula. Eu rio, empurrando os meus dedos até ela novamente.

— Ela é perfeita, você não acha? — Seus olhos encontram os meus, e há tanto calor lá que prendo a respiração.

— Sim, ela é perfeita. — Ele se inclina para me beijar, e, em seguida, puxa-me para levantar com ele. — Como você quer chamá-la? — Ele olha para o cartão, e depois para mim.

— Lolly? — Digo, e ela late, me fazendo rir novamente.

— Bem, vamos assinar a papelada para que possamos levar Lolly para casa. — Nós andamos para frente do canil, pelas as portas de metal até a recepção.

— Vocês acharam um que gostaram? — A senhora atrás do balcão pergunta, sorrindo. Ela usava um jaleco azul brilhante com desenhos de filhotes de cachorro jogando futebol. Seu crachá diz que seu nome é Mabel, e com seu cabelo branco puxado para trás em um coque frouxo ela se parece com uma típica avó do sul.

— O Rottweiler na jaula dezessete, — Trevor diz.

— Ah, ela é tão doce. Eu a levei para casa comigo na semana passada e ela foi tão boa com os meus netos! Vocês dois têm filhos? — Ela pergunta, olhando para nós dois. Comecei a dizer não.

— Ainda não, — diz Trevor, colocando o braço em volta da minha cintura, enganchando seu polegar no interior do meu jeans. Sei que estou completamente rígida; não quero filhos. Eu disse a Trevor no outro dia, quando ele me perguntou se eu queria filhos. Aparentemente ele só ouve o que quer.

— Vocês dois com certeza farão alguns bebês bonitos. — Posso sentir minhas mãos começarem a suar com o seu comentário. Eu amo crianças, mas toda vez que ao menos penso em ter o meu me sinto em pânico. Não sou tão delirante a ponto de não saber exatamente de onde vem minha ansiedade. Meu pai morreu quando eu era jovem. Fiquei abandonada, e não quero ter um filho e fazer a mesma coisa com eles. Será que vou superar isso um dia? Não sei; mas agora, o pensamento de ter filhos me deixa enjoada.

Pego a papelada dela e vou sentar em uma das cadeiras, tentando acalmar meus pensamentos. Quando Trevor vem se sentar, ele me olha por cima e depois se inclina como se fosse me beijar. Eu me inclino para trás; talvez seja mesquinho, mas ele precisa me ouvir e o que eu falo, não o que ele decide em sua cabeça.

— Eu te disse no outro dia que não quero filhos. Isso não é algo que vai mudar.

— Assim, nunca? Você nunca quer ter filhos? — Meu coração dói um pouco nesse momento; o pensamento de nunca ter um filho me faz querer me enrolar e chorar, mas o pensamento de ter um me deixa doente.

— Não sei, para ser honesta com você. — Olho para as minhas mãos, vendo meus dedos ficarem brancos de apertar a caneta na minha mão com tanta força. — E me desculpe, se isso atrapalha nossa relação, então devemos parar agora, antes que haja sentimentos envolvidos, —

olho nos olhos dele; eles olham com carinho para os meus, mas também estão preocupados. Ele se inclina, pega a minha mão e remove a caneta.

— Sentimentos já não estão envolvidos? — Pergunta ele, correndo o polegar sobre a palma da minha mão. Sei que os meus estão; procuro seus olhos, vendo os mesmos sentimentos refletidos para mim. Ele acena com a cabeça, em seguida, coloca a testa na minha. — Nós vamos falar sobre isso. Não agora, não amanhã, mas logo, e quando fizermos você será honesta comigo. E então eu vou colocar você na direção certa dizendo que não dar o dom de seu amor, bondade e força para uma criança propriamente sua seria uma tragédia. — Wow. Meus pulmões prendem a respiração, e posso sentir o meu nariz começar a picar de lágrimas. Não posso acreditar que Trevor Mayson pudesse ser tão doce. Ele beija a minha testa, seus lábios ficam lá. — Agora, vamos terminar isso para que possamos levar o nosso cão para casa.

— Ok, — sussurro, enxugando uma lágrima perdida. Terminamos de preencher a papelada, o que parece levar muito mais tempo do que eu esperava; você poderia pensar que tentávamos uma vaga para trabalhar para o Serviço Secreto com o tipo de perguntas que fazem.

— Então, vocês querem comprar comida de cachorro? Pelo menos o suficiente para esta noite? — Olho para Trevor, percebendo que não sei nada sobre ter um cão. Espero que ele tenha mais experiência do que eu com isso.

— A loja de animais na cidade ainda estará aberta; por isso vamos parar lá no caminho e obter todos os suprimentos que precisamos para ela.

— Ah, está vendo? Vocês serão ótimos pais. — Ela sorri, e minhas mãos começam a ficar suadas novamente. — Deixe-me apenas colocar

vocês no sistema, então vou entregá-la para vocês. — Ela leva a nossa papelada e começa a digitar no computador; uma vez que termina, puxa uma coleira nova de um saco plástico, levanta, e caminha até o quarto dos fundos. Meu batimento cardíaco aumenta. Estou animada com isso; no início, quando Trevor disse que teríamos um cachorro, eu não sabia o que pensar. Agora, sabendo que Lolly ia para casa com a gente, eu estava animada. Quando a porta se abre, Lolly nos vê e começa a latir.

— Bem, você está pronta para ir para casa? — Pergunto a ela, batendo em minhas coxas e deixando-a mais animada.

— Aqui vamos nós, querida, — disse Mabel, entregando a coleira. Sinto como se meu rosto fosse partir, estou tão feliz. Trevor se abaixa, segurando ambos os lados do rosto de Lolly.

— Tudo bem, garota, você está pronta para ir? — Suas patas dianteiras deixam o chão, aterrissando em suas coxas, sua língua tentando alcançar seu rosto. — Eu tomo isso como um sim, — diz ele com um sorriso, levantando.

— Se tiverem alguma dúvida, não tenha medo de nos ligar, — diz Mabel, acenando para nós quando saímos. Uma vez fora, Trevor abre porta da caçamba da caminhonete.

— Isso é seguro? — Pergunto; não me sentindo realmente confortável com Lolly indo na parte de trás aberta da caminhonete, onde ela poderia saltar.

Lolly salta para cima como se tivesse feito isso todos os dias de sua vida. E, quem sabe? Pode ser que sim. Trevor bate a porta, caminha para o lado do passageiro, e abre a porta para mim. Antes que eu perceba o que está acontecendo, ele me pega pela cintura e me levanta para a cabine como se eu não pesasse absolutamente nada. Uma vez

que estou sentada, ele agarra a parte de trás do meu pescoço, puxando a parte superior do meu corpo para frente para que sua boca possa chegar a minha. Eu adoro beijá-lo. Ele sempre tem esse gosto, quase como canela, mas não tão picante. Ele cheira dessa forma também, juntamente com algo um pouco mais sombrio.

— Yum, — sussurro, quando sua boca deixa a minha. Ele sorri, beijando-me novamente; desta vez é apenas um beijo.

— Tudo bem, baby, vamos chegar à loja para que eu possa levar as meninas para casa e encontrar algo para cozinhar para o jantar.

— Tudo bem, — murmuro, prendendo meu cinto de segurança no lugar. Quando Trevor está atrás do volante, ele liga a caminhonete e começa a sair do estacionamento. Ele, depois, para e solta meu cinto de segurança, agarra a cintura do meu jeans e me puxa para o meio da cabine, puxa o cinto de segurança em volta de mim, dar ré, e termina de sair do estacionamento. — Se te incomodava muito, você poderia ter me pedido para sentar no meio, em vez de me agarrar.

— Eu não sabia que você sentada lá me incomodava, até que você estava sentada lá, — ele diz com um encolher de ombros. Balanço minha cabeça, sabendo que não há nenhum ponto em discutir. — O que você quer para jantar? — Esta é uma pergunta tão normal entre as pessoas que saem juntas que eu não sabia como respondê-lo. — Podemos comprar alguma coisa no caminho, ou quando eu chegar em casa posso jogar alguns bifes na grelha.

— Vamos comprar alguma coisa.

— Claro, — ele responde, me puxando para o seu lado. E assim é quando eu sei que estamos realmente começando algo bonito.

~~*

— Por favor, — murmuro. Fizemos a mesma coisa todos os dias nas últimas duas semanas. Eu estou pronta para matar Trevor; não tenho certeza se há uma coisa como bolas azuis para as mulheres, mas se for possível, eu tenho um caso horrível delas.

— Nós precisamos parar, baby, — ele resmunga, rolando em suas costas, colocando braço sobre os olhos. Não aguento mais. Estou com dor de verdade; embora ele explicasse mais de uma vez, não entendo por um segundo por que ele continua adiando para que nós venhamos a dormir juntos. Eu saio da cama, correndo para o banheiro, e bato a porta. Sinto-me mal; sei que toda vez que ele me rejeita, ele prejudica a si mesmo também. Foi agradável para na primeira semana; agora começo a pensar que ele não me quer como eu o quero. Como qualquer mulher se sentiria se o cara que é conhecido na cidade por ser um prostituto masculino diz não toda vez que suas mãos começam a se mover em direção as partes do corpo permitidas para maiores de 18? Eu ligo o chuveiro e salto embaixo mesmo antes da água ficar quente; a água gelada me ajuda a restabelecer o controle no meu corpo.

— Quanto tempo mais eu posso fazer isso? — Sussurro, inclinando a cabeça contra o azulejo atrás de mim.

CAPÍTULO 05



— Jesus, — eu gemo, mudando meu pau para o lado. Três semanas tendo Liz na minha cama e todas as noites sem tomá-la está me matando. Eu quero construir um relacionamento antes de adicionar o sexo na mistura. Toda mulher com quem já estive era por uma razão e uma única razão, e não quero isso com ela. Mas posso ler os sinais; ela está se cansando da minha regra não-passar-da-segunda-base e não-foder-a-boceta, que tenho mantido. Todos os dias se torna cada vez mais difícil não deslizar dentro dela, ou colocar minha boca nela. Rolando para fora da cama, coloco uma camisa. Posso ouvir o chuveiro ligado; e saber que ela está lá dentro, úmida e ensaboada, torna mais difícil sair do quarto. Ando pelo corredor até a cozinha, ligo a cafeteira, e Lolly entra pela porta do cão que coloquei na noite passada. Ela abana o rabo e me curvo para dar-lhe uma esfregada.

— Você quer café da manhã? — Pergunto a ela, me inclinando para abrir o armário e pegar uma lata de comida. Misturo com um pouco de comida seca e coloco no chão na frente dela. Ouço o meu celular tocar no quarto. Ando pelo corredor e para o que era agora o meu lado da cama. Liz gosta de dormir no lado direito, não que isso importe; nós sempre acabamos no meio.

— Sim?

— Yo, T. Temos de ir ao Alabama hoje para pegar uma ordem.

— Não, leve Nico com você.

— Ele está com Kenton em Nashville. É apenas uma noite, T. Jesus, você já é pau mandado?

Se algum dos meus irmãos descobrisse que tenho adiado dormir com Liz, eles teriam um maldito apogeu com essa merda. — É durante a noite? — Nós não tivemos uma pernoite em um longo tempo e a ideia de dormir sem Liz não cai bem.

— Saímos esta tarde da obra e devemos estar de volta amanhã à noite. — Nesse momento, a porta do banheiro abre. Liz sai em nada além de uma pequena toalha que não cobre muito.

— Sim, tudo bem. Faça as reservas, — murmuro para o telefone, sem tirar os olhos dela.

— Certo. Te encontro lá. Diga oi para Liz. — Ele desliga. Lanço o meu telefone na cama e começo a andar até Liz, que agora parece estar presa no lugar. Sinto o sorriso alargar no meu rosto, e seus olhos estreitam.

— Não me toque, Trevor Mayson. — Ela dá um passo para trás quando vou para ela.

— Eu gosto de tocar em você, e você gosta que eu te toque.

— Não. Sem mais toques, — ela geme, seu corpo se curvando para trás contra o meu braço, tentando colocar espaço entre nós.

— Vou viajar hoje à noite, — murmuro, deslizando o meu queixo ao longo de seu pescoço. Ela geme, seu corpo fundindo-se em mim. Eu amo que ela responda tão facilmente ao meu toque. Tomo o lóbulo da orelha em minha boca e mordo suavemente. Estou tão duro que a sensação dos meus boxers contra a minha ereção está me matando. —

Você dormirá aqui esta noite e manterá o meu lado da cama quente. Certo, baby? — Pergunto; minha mão deslizando até a parte inferior da toalha, correndo os dedos ao longo da borda. Não sei por que continuo fazendo isso comigo mesmo. Escuto como sua respiração se altera; indo mais e mais rápido enquanto os meus dedos correm por sua coxa. — Você me ouviu? — Sussurro, mordendo levemente seu pescoço.

— O quê? — Ela geme, suas unhas arranhando o meu couro cabeludo. Ela adora meu cabelo. Se não fosse uma droga cuidar dele, eu deixaria crescer para que ela pudesse agarrá-lo enquanto estiver comendo-a. — Ficarei na minha casa com Lolly.

— Não, você ficará aqui com Lolly. Todas as coisas dela estão aqui; ela está acostumada a estar aqui. — Eu estou me torturando, mas gosto dela aqui no meu espaço, sabendo que quando chegar em casa estará esperando por mim. Lambo sua boca, seu queixo, seu pescoço, sua clavícula; suas unhas apertam o meu couro cabeludo. Tudo o que quero fazer é atirá-la na cama, abrir suas pernas e festejar; ou levantá-la, pressioná-la contra a parede e deslizar dentro dela, mas não há tempo para qualquer uma dessas vontades. Nós dois temos que começar a trabalhar. Minhas mãos vão para o rosto dela, segurando-a delicadamente. — Apenas me dê paz de espírito e fique aqui.

— Tudo bem! — Ela grita, tentando se afastar, mas ela é tão pequena que posso pegá-la com uma mão se eu quiser.

— Basta acalmar a minha mente e ficar aqui. — Digo baixinho, distraído pela sensação da pele na parte interna suas coxas.

— Eu disse que ficarei aqui; então me deixe ir para que eu possa me arrumar para o trabalho. — Eu aperto sua bunda; ela geme, ainda tentando se afastar.

— Você tem que saber, estou me matando para não escorregar dentro de você. — Pressiono minha ereção em sua barriga; ela morde o lábio, balançando a cabeça. — É, — digo a ela, pressionando-a contra a parede, determinado a, pelo menos, fazê-la gozar antes que precisasse estar longe durante a noite. Aumento a pressão em seus quadris para acalmar seus movimentos. Deslizo minha mão de sua bunda para sua barriga, e olho em seu belo rosto. Suas bochechas estão coradas, seus lábios estão inchados, e seus incomuns olhos verdes estão escuros com luxúria. — Eu farei você gozar, baby. — Mordendo o seu pescoço, meus dedos deslizam através de sua umidade, fazendo seus quadris pular. Ela choraminga, segurando meu bíceps, suas unhas afiadas cavando minha pele. Minha boca na dela, fazendo na sua boca o que eu quero fazer em sua boceta. Deslizo um dedo, depois outro, curvando-os. Sua cabeça cai para trás contra a parede. — Abra os olhos. — Posso senti-la se aproximando do orgasmo; esforço-me para não cair de joelhos, colocar a perna dela por cima do meu ombro, e tomá-la com a minha boca. Quando olha para mim, eu uso o meu polegar e circulo seu clitóris duas vezes. Ela se aperta em meus dedos, gritando meu nome, a cabeça caindo para trás, fechando os olhos. Quando seus olhos abrem, ela me dá um sorriso que eu nunca vi nela assim antes. Quero pegar os meus dedos e chupá-los em minha boca, mas o meu controle já está escorregando e saber qual o gosto dela seria a gota d'água. Eu a pego, levando-a para a cama. Sento-me com ela no meu colo, o seu rosto vai para a curva do meu pescoço. Começo a rir de quão relaxada ela está.

— Você está rindo? — Suas palavras resmungadas em minha pele me fazem rir mais. Seu rosto deixa o meu pescoço e ela me olha. — O que é tão engraçado?

— Agora eu sei que se você entrar em um acesso de raiva, tudo o que tenho a fazer é dar-lhe um orgasmo e você se acalma.

— Você não acabou de dizer isso. — Ela balança a cabeça, mas não se move do seu lugar no meu colo. — Então, você vai viajar durante a noite?

— Sim, nós precisamos pegar um pedido. — Puxo seu rosto do meu peito para olhar em seus olhos. — O casamento está chegando, — lembro-a; estou animado para passar o fim de semana na praia com ela quase nua.

— Eu sei. — Sua voz racha e lembro-me de seu irmão idiota. Ela está preocupada dele não ser capaz de conseguir o dinheiro para pagar os caras a quem ele deve.

— Eu ligarei para Kenton e verei se ele pode localizá-lo. — A abraço mais apertado, esfregando círculos em suas costas. Sentamo-nos assim por um tempo, seu corpo tão relaxado que acho que ela está dormindo. É louco o quanto a minha vida mudou e como estou feliz agora que aceitei o que sentia por esta bela mulher que parecia tão tímida na primeira vez que a conheci. Mal sabia eu, ela não é nem um pouco tímida, apenas tranquila; é quase como se ela estudasse as pessoas antes de aproveitar a chance e falar com eles.

— Será ruim dormir sem você, mesmo você sendo uma devoradora de cama, — digo, sentindo o sorriso dela contra o meu peito.

— Como posso ser uma devoradora de cama quando você, basicamente, dorme em cima de mim? — É verdade, eu nunca fui muito de dormir junto; mas com ela gosto de saber onde está, e que ela não

pode fugir sem eu perceber. — Acho que eu deveria levantar e me vestir. É a minha vez de abrir a loja.

— Sim, preciso fazer as malas e encontrar Cash. — Seu lábio faz beicinho, então o mordo, dando um puxão suave. — Só pense que, em poucos dias, será você, eu, mar, sol e areia.

— Eu sei. Só estou preocupada com Tim. Ele ligou outro dia dizendo que não sabia se conseguiria. — Ela revira os olhos.

— Eu disse a você como me sinto; acho que você precisa deixar sua mãe saber o que está acontecendo.

— Eu não posso! — Ela salta para cima tão rápido que quase cai. — Mamãe está estressada com o casamento; se eu disser a ela o que está acontecendo com Tim ela adiará o casamento para lidar com seus problemas. Ela merece ter o seu felizes para sempre.

Ergo minhas mãos, como se me rendesse. Nós já passamos por isso algumas vezes, e cada vez volta para a mesma coisa. — Se ele aparecer para o casamento, eu chutarei a bunda dele.

— Não, se ele aparecer para o casamento, *eu* chutarei a bunda dele. — Me inclino, agarrando-a em suas coxas pela parte de trás, e a arrasto para frente para ficar entre as minhas pernas.

— Por que não liga para November e vê se ela quer jantar hoje? Tenho certeza que ela não se importaria de sair de casa por um tempo.

— Duvido que Asher a deixará sair de casa, — ela resmunga, parecendo mais adorável.

Eu rio, puxando-a para mais perto. Meu irmão ama suas meninas, mas disse outro dia que November precisava de uma pausa. E me sentiria melhor sabendo que Liz tinha algo para fazer enquanto eu estivesse fora da cidade.

— Basta ligar para ela.

— Tudo bem, — ela suspira. Eu sei que sente falta de sua amiga.

— Você precisa de outro orgasmo? — Minhas mãos deslizam para cima, na parte de trás das coxas.

— O quê? Não! — Ela ri, suas bochechas ficando rosa enquanto tenta dar um passo para trás. Então a seguro por trás dos joelhos com mais força, puxando-a ainda mais perto.

— Tem certeza? Você parece um pouco mal-humorada, baby.

Seus olhos se estreitam, fazendo-a parecer bonita para caralho. — Eu preciso ficar pronta para trabalhar. E você precisa fazer as malas.

Passando minhas mãos pela parte de trás de suas coxas de novo, meu dedos apertam-na.

— Beije-me e deixarei você ir. — Ver o efeito que meu toque tem sobre ela faz meu sangue ferver. É o seu próprio afrodisíaco; eu amo saber que era o único que deixava seus lábios inchados, escurecia seus olhos, e corava suas bochechas. Quero bater no meu peito como uma porra de um homem das cavernas. — Vamos lá, me beije, — digo, apertando suas coxas com mais força.

— Tudo bem, — suspira, inclinando o rosto para o meu. Aperto o cabelo na parte de trás de sua cabeça, fazendo-a gemer.

— Você realmente quer outro orgasmo, não é? — Eu vejo os olhos dela brilharem bem antes de puxar a sua boca contra a minha, sentindo tanto do seu gosto dentro de mim quanto eu puder.

~~*

— Puta merda! — Diz Cash.

— O quê? — Olho para ele, esperando que algum tipo de desastre tivesse acontecido na minha caminhonete. Ele está olhando além do para-brisa. Sigo seu olhar e vejo uma menina com os cabelos na altura dos ombros, vermelho brilhante, pele cremosa, e um curto vestido de verão segurando a porta aberta para uma mulher com um carrinho de criança.

— Você a conhece? — Pergunto, olhando para ele, notando que ele parece um pouco golpeado.

Ele olha para mim com seu grande sorriso. — Nah, mas eu irei.

Eu rio e termino de estacionar a caminhonete. Quando saímos, a menina olha para trás; seu rosto fica vermelho quando percebe que Cash está olhando para ela. Cash olha para mim confuso; sorrio e dou um encolher de ombros. Ela é definitivamente bonita, mas completamente o oposto das mulheres que normalmente dão ao meu irmão a chance de dar em cima deles.

Bato nas costelas dele com o cotovelo, inclinando-me perto para que só ele possa me ouvir,

— Você mesmo sabe como dar em cima de uma mulher?

Seus olhos se estreitam antes dele sorrir, dando um passo na minha frente na fila para ficar do lado dela no balcão. — Isso deve ser bom, — murmuro para mim mesmo, ouvindo Cash dizer ao caixa que ele e a garota estão juntos para que ele possa pagar o café dela.

— Nós não estamos juntos, — a menina diz ao caixa que está olhando para Cash.

— Estamos; eu pago, — Cash diz, deslizando o dinheiro para o caixa. Quando olho para a menina, posso dizer que ela está ficando irritada conforme sopra o cabelo do seu rosto. Ambos pegam seus cafés; ela gira para Cash.

— Aqui. — Ela empurra o dinheiro para ele, atingindo-o no peito e pegando-o desprevenido, fazendo-o tropeçar em mim; o café derrama todo na frente de sua camisa.

— Merda, eu sinto muito! Não queria que isso acontecesse! — Ela pega guardanapos e limpa Cash. — Por que você não pode apenas me deixar pagar o meu próprio café? — Ela resmunga, nem mesmo olhando para cima. Cash começa a rir e a cabeça dela voa para cima, batendo no queixo dele. Posso realmente ouvir seus dentes baterem fechados e o crack de seu queixo em sua cabeça. — Isto é tão humilhante, — ela sussurra; olhando para cima, suas mãos vão para a sua cabeça, e lágrimas se formam em seus olhos.

— Deixe-me ver a sua cabeça, querida, — diz ele em voz baixa, puxando-a para frente, tomando o café da mão dela e entregando a mim. Vejo-o arrastá-la para o lado e falar calmamente com ela; quando ouço sua suave risada sei que ambos ficarão bem. Sinto o meu telefone vibrar, e quando retiro, vejo que é Jen ligando. Não sei quantas vezes terei que dizer a essa garota que não estou interessado até ela perceber.

— O quê, Jen?

— Eu quero ver você.

— Eu te disse antes; terminamos.

— Eu... eu sinto sua falta. — Essa garota é totalmente doida; meu rosto se inclina em direção ao teto, e rezo por paciência.

— Só direi isto mais uma vez: nós nunca fomos nada, então pare de me ligar, porra. — Desligo e vejo uma mensagem de texto de Liz.

Liz: Senti sua falta na noite passada.

Meu coração se aperta; me sinto como uma garota de pé aqui, sorrindo para o meu telefone.

Eu: Senti sua falta também, baby.

Olho em volta e vejo Cash me observando.

— Que sorriso é esse? — Pergunta ele, pegando o café da menina da minha mão e devolvendo para ela. Olho para ele, e seu sorriso corresponde o meu. Olho para a garota e a vejo corar quando ele entrega o café para ela.

— Nada. Liz me enviou mensagens, — digo a ele, andando até o caixa para pedir o meu café.

— Esta é Lilly. Lilly, este é um dos meus irmãos, Trevor, — apresenta Cash.

— Bom te conhecer.

— Oi, — diz ela timidamente. — Hum, eu preciso ir; foi bom conhecê-lo. Mais uma vez, eu realmente sinto muito sobre o café... e a cabeçada.

Eu rio, e Cash também. — Está tudo bem, querida. Eu vou te acompanhar, — ele diz a ela. Recebo o meu pedido, e peço outro café para o Cash, antes de sair da cafeteria. Quando saio, Cash e Lilly conversam calmamente ao lado da porta. Começo a ir para a caminhonete a fim de esperar por ele. Quando ele está de volta na caminhonete, olho para vê-lo observando Lilly andar pela calçada. Ele pega o telefone e digita alguma coisa. Ela para, pega seu telefone, olha para ele, se vira e olha por cima do ombro, e dá-lhe um sorriso que poderia deixar o sol com ciúmes, antes de virar e começar a andar novamente.

— Então, você tem o número dela?

— Sim, ela estuda aqui. — Ele diz, puxando uma camisa limpa de sua bolsa.

— Ela parece tímida, — digo, virando para a estrada.

— Liz é tímida.

— Não, Liz é observadora.

— Tanto faz. Então, como estão as coisas com você e Liz? — Eu olho para o meu irmão menor, debatendo o que devo dizer. — Você ainda está na dela, certo? Se não, Johnny estava perguntando sobre ela. — Olho, pronto para deixá-lo saber que eu vou foder a cara de Johnny se ele ainda *pensa* em falar com Liz, quando vejo o sorriso no rosto. — Bem, a julgar pelo tom de vermelho que você acabou de ficar eu direi que você ainda está com ela.

— Sim, e eu ficarei com ela; assim mande se foder quem quer que pergunte.

— Acalme-se! Droga! Pensei que, como ela vive basicamente com você e vocês compraram um maldito cão juntos, que isso acalmaria sua bunda possessiva. Acho que estava errado. — Olho para ele e vejo-o balançando a cabeça. — Não me interprete mal, eu adoro November e Liz, mas nunca deixarei uma mulher me transformar em algum tipo de louco, possessivo, pau mandado. — Quase rio e o aviso de que acontecerá quando ele conhecer a pessoa certa, mas foda-se; ele pode descobrir essa merda por conta própria, e eu estarei rindo sobre isso do lado de fora.

— Alguma notícia do irmão de Liz? — Ele pergunta, mudando de assunto.

— Nah, nada. Liguei para Kenton e pedi para ele procurá-lo, — respondo.

— Você sabe por que Nico passa tanto tempo com ele?

— Ele gosta da cidade grande. — Dou de ombros.

— Pensei nisso também, mas ele mencionou no outro dia que ele poderia trabalhar para Kenton.

— Sério? — Pensar no trabalho que meu primo faz me deixa nervoso sobre meu irmão. A vida do meu primo é como algo saído de um filme. Ele está constantemente na estrada, procurando pessoas foragidas. — Quando ele nos dirá? — Pergunto.

Todos nós possuímos ações em nosso negócio de construção. Asher começou o negócio quando saiu dos Marines, e cada um de nós comprou uma parte após a faculdade. Desde então, a empresa tem crescido e agora temos contratos em toda Tennessee.

— Ele me disse que Kenton pediu para ele ajudar em um trabalho no outro dia. Ele disse que nunca pensou em fazer esse tipo de coisa, mas quando terminou não conseguia parar de pensar nisso. Acho que Kenton disse que ele tinha um talento especial e estaria disposto a treiná-lo se estivesse interessado em fazer isso em longo prazo, — diz.

— Então ele está realmente considerando isso?

— Pelo o que ele disse, sim. Acho que está apenas preocupado com o que todos nós vamos dizer.

— Eu não gosto; sei que o que Kenton faz é perigoso. Mas se ele está feliz, então como posso dizer não?

— Isso é o que eu disse. — O telefone de Cash começa a tocar. — Falando no diabo, — ele murmura. — Yo, — ele responde. — Você está falando sério? — Pausa, e posso dizer que ele está se concentrando em tudo o que é dito; em seguida começa a rir tanto que as lágrimas começam a escorrer pelo rosto.

— O quê? — Pergunto.

— Merda homem, espera. Deixe-me dizer a ele. — Ele balança a cabeça, tentando se controlar. — Ontem à noite, Nico foi para o restaurante na 5th Street. Bem, quando ele saiu era depois das onze, e Liz estava em pé ao lado do carro dela, coberta de terra, parecendo

ter sido pega com a mão no pote de biscoitos. Nico perguntou o que estava acontecendo e ela disse que apenas se preparava para ir para casa. — Meu coração cai, pensando que algo aconteceu.

— Falei com ela antes de ir para a cama. Ela estava em casa e não me disse que alguma coisa aconteceu.

— Não, cara, ela está bem. Ela saiu do estacionamento enquanto Nico assistia. Bem, ele entrou para pegar seu pedido e Jen estava lá com suas amigas. — Merda. Isto é o que eu não precisava, porra Jen.

— O que Jen fez com ela? — Exijo.

Cash começa a rir de novo, e estou pronto para parar a caminhonete e chutar a bunda dele.

— Jen não fez nada se o que Nico acha que ocorreu realmente aconteceu. Sua menina roubou o pneu do carro de Jen, e deixou aquela merda em três rodas.

— O quê? — Sussurro. Não posso imaginar minha doce Liz fazendo qualquer coisa assim... nunca.

— Quando Nico conseguiu seu pedido, ele voltou para a caminhonete logo quando Jen e seu bando se preparavam para sair. Jen começou a gritar do outro lado do estacionamento, então ele foi até lá para ver o que acontecia. Foi quando viu que faltava um pneu do lado do condutor de Jen, e não tinha nem um macaco ou um tijolo segurando aquela merda em pé. Então Nico lembrou-se da expressão no rosto de Liz e quão suja ela parecia quando ele entrou no estacionamento, e tudo fez sentido.

— Você está brincando, certo?

— Parece que a doce Liz tem uma pitada de má afinal de contas. — Cash ri, me fazendo rir.

— Algo deve ter acontecido. Não posso ver Liz fazendo isso sem nenhum motivo. — Tento não deixar minha imaginação correr para longe de mim. Eu nunca bateria em uma garota, mas se Jen ou qualquer uma de suas amigas fodeu com a minha menina, teriam de responder a mim.

— Não sei, mas queria ser uma mosca na parede quando você perguntar a ela sobre isso, — diz Cash, voltando o telefone para seu ouvido. Um pensamento ocorreu-me, e não pude deixar de perguntar.

— Ele disse a Jen que pensa que foi Liz? — Pergunto, segurando o volante mais apertado quando Cash não diz nada. Olho para ele.

— Você acha que qualquer um de nós diria isso para qualquer uma dessas cadelas de merda? Porra nenhuma! Não o faríamos; você deveria saber disso.

— Olha, — eu suspiro, passando minhas mãos pelo meu rosto, tentando encontrar as palavras certas. — Se Jen tiver a mesma sugestão de que foi Liz, ela vai atrás dela. Não posso arriscar que alguma coisa aconteça com ela; ela tem merda o suficiente em sua vida sem acrescentar mais.

— Você a ama.

— O quê? — Olho para ele, e meus olhos se estreitam.

— Você a ama, porra. Puta merda!

Eu quero dizer, *foda não; o inferno que não*, e que era impossível amar alguém depois de apenas algumas semanas juntos; então me lembro de que nós passamos nove meses juntos antes de July nascer. Podemos não ter estado juntos todos os dias, mas a maioria do meu tempo livre foi preenchido com ela. Não sabia disso na época, mas estivera lentamente me apaixonando por ela. Saio de meus

pensamentos pelo viva voz, com Nico cantando, — *Da da da da, outro morde a poeira. E outro cai, e outro cai, e outro morde a poeira*[7].

— Muito engraçado, — suspiro, esfregando a parte de trás da minha cabeça.

— Apenas dizendo. Não quero essa merda acontecendo comigo, — diz Nico, sua voz vinda através do telefone celular nas mãos de Cash.

— Suas bundas cantarão uma música diferente quando acontecer.

— Foda-se. Vou conseguir o máximo de boceta que eu puder antes de ter que me contentar com uma.

— Nem sequer liguei para falar sobre essa merda, — Nico corta Cash. — Eu queria ter certeza de que todos estarão na obra amanhã, — diz Nico, parecendo nervoso.

Olho para Cash, e posso ver a mesma dor que estou sentindo, escrita em seu rosto. — Claro, nós estaremos lá.

— Bom, vejo vocês depois, — diz ele, antes da linha cair.

— Então, eu acho que ele falará sobre trabalhar para Kenton.

— Acho que sim, — concordo. Não quero pensar sobre essa merda agora. Meus irmãos e eu sempre fomos inseparáveis, e não quero pensar sobre Nico não ser mais uma parte de nossa empresa.

— Então... você ligará para Liz e perguntará a ela sobre o pneu?

— Eu pareço estúpido para você?

— Sim, — ele ri, e olho para ele.

— Eu falarei com ela sobre isso quando eu chegar em casa.

— Você soa muito domesticado nestes dias.

— Foda-se, — digo, sorrindo.

---

7 Música: Another one bites the Dust - Queen

Cash balança a cabeça, rindo. — Eu ficarei longe de garotas de agora em diante. Deve ter alguma coisa na água.

— Então você ligará para Lilly?

— Foda-se! Sim, eu ligarei para ela! Você viu os peitos dela? — Eu olho para ele; ele segura as mãos na frente dele como se tivesse enormes melões balançando neles.

— Você está cheio de merda, — eu ri. Diferente de todos nós, Cash é o único que deixa seu coração em sua manga[8].

— Não faz mal não olhar para os peitos dela. — Ele diz. Olho para encontrar um olhar de confusão em seu rosto antes dele perguntar — Então, você e Liz estão morando juntos?

— Sim, mas não diga a ela que eu disse isso.

— Então vocês moram juntos, mas ela não sabe disso?

— Praticamente. — Dou de ombros.

Ele ri. — Deixe-me saber como isso funciona para você.

~~*

É depois das sete quando finalmente paro em casa. O carro de Liz está na entrada, então decido verificar seu porta-malas. Assim que a luz se acende, posso ver que ela puxou o tapete para chegar até o estepe, mas não há estepe, e nenhum pneu extra que poderia ter sido de Jen. Olho em volta, imaginando onde ela teria colocado um pneu extra.

8 Alguém que se torna dedicado a algo muito facilmente ou dá seu coração rapidamente. Podem ser facilmente perturbado por coisas acontecendo ao seu redor.

— O que você está fazendo? — Ouço Liz perguntando da varanda da frente. Olho para cima para ver seus braços cruzados sobre o peito; Lolly está sentado calmamente ao seu lado.

— Olá baby. Nico disse que tinha um pneu furado, — minto, e vejo seu rosto empalidecer.

— Uh, sim. Encontrei November para jantar, e quando cheguei ao meu carro tinha um furado. — Sua voz oscila um pouco no final, tenho que impedir o sorriso de se espalhar pelo meu rosto.

— Onde está o seu estepe? — Pergunto, batendo o porta-malas. Contorno minha caminhonete e puxo minha mochila da parte de trás. Lolly finalmente decide sair da varanda, mas Liz está presa no lugar.

— O estepe? — Ela olha em volta como se ele fosse aparecer no ar. Fofa. Balanço minha cabeça, em seguida, me inclino para acariciar Lolly.

— É triste que você venha a mim antes da minha garota, — digo para Lolly. Endireito-me e ando lentamente para a Liz. — Sim, querida. O pneu sobressalente do seu carro.

— Oh aquilo! Um... Eu precisei deixá-lo. — Posso dizer que ela está mentindo quando não faz contato visual.

— Bem, preciso pegar um pneu novo para a minha caminhonete amanhã, então eu pego o seu quando for.

— Isso não é realmente necessário, — ela murmura, quase não fala alto o suficiente para eu ouvir.

— Não é nenhum problema. — Me inclino e agarro seu pulso, puxando-a para mim. — Você não me beijou, — digo, colocando meu rosto em seu pescoço e respirando-a. Eu senti falta dela e quando levanto a cabeça, nossos olhos se encontram.

— Você sabe, não é? — Ela sussurra, lágrimas enchendo seus bonitos olhos.

— Vamos dizer que Nico colocou dois mais dois juntos. — Observo seu lábio começar a tremer. — Ei, o que é isso? — Usando meu polegar, limpo as lágrimas de suas bochechas.

— Não é culpa minha! — Ela grita e aperta seu rosto no meu peito. Largo minha mochila, a seguro e a levo para dentro. Ando para o sofá e sento com ela no meu colo.

— Fale comigo. — Digo baixinho, esfregando suas costas. Respira lentamente antes de responder. Então me conta toda a história sobre Jen e seus amigos rindo, dizendo seu nome, e ela deixando o restaurante, e então como encontrou seu pneu cortado.

— Você sabe que meu carro está sempre destravado? — Aceno de cabeça; sei que ela nunca tranca o carro dela. Odeio essa merda. — Bem, quando abri meu porta-malas para pegar o pneu sobressalente não havia nada lá. Então olhei para o meu telefone para ligar para alguém, e não tinha nenhum serviço. Então olhei em volta e notei o carro de Jen, e pela primeira vez eu percebi que tínhamos exatamente o mesmo carro. — Ela se senta e olha para mim. — Eu estava tão irritada. Ela sempre foi má, mas desde que ficamos juntos ela ficou um milhão de vezes pior. Então levei o meu macaco de roda até o carro dela, tirei o pneu, e percebi que precisaria do meu macaco para trocar o pneu, então o tirei de debaixo do carro dela, corri para o meu carro, troquei o pneu o mais rápido que pude – que por sinal foi muito muito rápido. — Sorri porque ela diz tudo isso em um só fôlego; ela é tão adorável. Seus olhos caem para minha boca, e seu dedo vem para traçar meus lábios. — Eu amo o seu sorriso, — ela sussurra, e beijo seu dedo, fazendo-a sorrir. — Bem, quando troquei o pneu e coloquei

o cortado no porta-malas, Nico parou e perguntou se eu estava bem. Comecei a me sentir culpada pelo que havia feito, por isso, esta manhã, quando me levantei, fui e peguei meu estepe e coloquei no meu carro. Então levei o pneu de Jen para a casa dela, tive certeza de que ninguém estava por perto e deixei-o ao lado de sua garagem.

— Jesus. — Balanço minha cabeça, fechando os olhos e inclinando a cabeça no sofá.

— Eu já me sinto mal o suficiente, — ela resmunga, me fazendo rir.— Isso não é engraçado! — Ela grita.

Abro os olhos e acabo rindo mais. — Você está errada; isso é hilário! Não posso acreditar que minha doce Liz poderia fazer algo tão mal. — Levanto uma sobrancelha. Ela empurra o rosto entre as mãos.

— Eu sou uma pessoa horrível, — ela murmura.

— De jeito nenhum! Você fez o que precisava fazer, e aquela cadela mereceu.

— Eu poderia ter voltado para o restaurante e chamado alguém, — diz ela com um beicinho.

Eu me inclino para frente, tomando seu rosto em minhas mãos. — Ela não deveria ter cortado seu pneu.

— E se não foi nem mesmo ela quem fez isso? — Pergunta, e balanço minha cabeça. Jen é manipuladora; eu não daria nada por ela.

— Bem, considere o karma por ela ser uma vadia.

— Pare de chamá-la assim; você costumava sair com ela.

— Baby, — digo baixinho, puxando-a para mais perto. — Nós dormimos juntos; nós nunca tivemos um relacionamento.

— Eu sei disso, mas você ainda dormiu com ela. — Posso ouvir a raiva em sua voz e não tenho certeza se ela está chateada porque

chamei Jen de cadela, ou se está chateada porque dormi com Jen. Tudo o que sei é que pisarei levemente e mudarei de assunto.

— Você sentiu minha falta? — Começo a puxá-la para frente, mas ela resiste, afastando-se e saindo do meu colo.

— A maneira como você trata as mulheres é tão nojento.

— O quê? — Eu sufoco.

— Eu sei que você ouviu o que falei, Trevor, — ela olha feio para mim. — Você trata as mulheres como lixo.

— Eu já te tratei como...?

— Sim! — Ela me corta, andando perto, e colocando o dedo na minha cara. — Você me ignorou quando tentei explicar o que quis dizer quando disse a palavra *nunca* para você. Então você foi um idiota e não falava comigo. Oh espere, isso não é verdade. — Sua cabeça vai para trás, e cerra os punhos. Pergunto-me se é errado estar totalmente excitado agora. — Você falou comigo, certo? Se um cara tentou falar comigo, você rosnava para mim... e para ele.

— De onde vem tudo isso?

— O que acontecerá quando você tiver o suficiente de mim? O que acontecerá então? Você dirá às pessoas que sou uma cadela como você fala de Jen?

— Foda-me! — Eu silvo.

— Exatamente!

É isso aí. Foi demais. Eu a agarrei pela cintura, puxando-a para mim. Então a levanto e a levo para o quarto. Lolly late uma vez antes de se sentar quando atiro um olhar mortal na direção dela. Ando para o quarto com uma Liz lutando e sibilando, a atiro na cama e seguro um de seus tornozelos de modo que ela não pode fugir.

— Deixe-me ir. — Ela se mexe, tentando engatinhar sobre a cama, então subo na cama cobrindo-a com o meu corpo, pressionando-a contra o colchão. Ela respira pesadamente, seus olhos fechados e apertados com frustração.

— Agora que você disse o que precisava dizer é a minha vez de falar.

— Eu não tenho escolha, tenho? Não posso levantar; você é um valentão, — diz ela em um acesso de raiva.

Mordo minha língua para não rir. — Você está pronta para ouvir? — Sussurro perto da orelha dela, sentindo-a tremer e ficar completamente imóvel. Tenho certeza que ela pode sentir meu pau pressionado suas costas.

— Que seja, — ela murmura, me fazendo sorrir.

— Esta é a última vez que vamos trazer à tona o que aconteceu naquela noite. — Eu me pressiono contra ela e ela assente. — Nunca te disse que quando parei naquela noite, fiz isso porque estava com medo dos meus próprios sentimentos para com você. Pensei que se eu me dissesse que você era inocente, eu pararia de desejar você. — Pressiono-me mais contra suas costas. — Isso não funcionou. Cada vez que um cara tentava falar com você eu queria arrebentá-lo, ou arrastá-lo para longe. — Respiro e entrelaço meus dedos com os dela. — Agora, quanto a Jen, posso dizer por experiência que ela é uma *vadia.* — Assisto Liz recuar, então a viro e seguro seu rosto em minhas mãos. — Não falo sobre todas as mulheres com que estive, mas conheço Jen. Eu sei que ela usa a influência de seu pai para fugir de um monte de merda. — Pressiono minha testa na dela. — Quanto a você, eu nunca poderia dizer isso sobre você; mesmo se estivesse chateado, sei o tipo de pessoa que você é. Sei que se preocupa com as pessoas, mesmo com

aquelas que você não deveria se importar. — Ela se inclina para cima, pressionando sua boca na minha. — Nós temos tudo no lugar certo agora? — Pergunto; minhas mãos passando ao longo de seu corpo.

— Sim, — ela sussurra, então mordo seu lábio.

CAPÍTULO 06



Eu não sei por que estava tão brava com ele por dizer que Jen é uma vadia, mas odeio essa palavra. Acho que estou realmente irritada pelo telefonema do meu irmão. Desta vez, ele não me ligou; ele ligou para minha mãe para dizer que ele não voltaria para casa antes de voar para a Jamaica, mas que nos encontraria lá. Minha mãe agora pensa que ele trabalha disfarçado com a polícia. Como ele a convenceu de que fazia esse tipo de trabalho, eu não tenho ideia; mas o olhar de orgulho no rosto de minha mãe ao entrar na loja para me dizer que ela falara com Tim foi doloroso.

— O que está acontecendo nessa sua cabeça? — Olho nos olhos de Trevor e percebo que ele me observa de perto.

— Meu irmão ligou para minha mãe.

— Isso é bom, certo? — Balanço minha cabeça, mordendo meu lábio. O que quer que esteja acontecendo com Tim, agora eu sei que não é bom. É ruim, muito, muito ruim.

— Ele disse à minha mãe que começou a trabalhar disfarçado para a polícia.

— Ele o quê? — Trevor rosna, — você precisa dizer a sua mãe o que está acontecendo. Eu entendo porque não queria antes, mas isso está ficando fora de controle.

— O casamento é este fim de semana. Não posso dizer agora. Falarei com ela quando voltarmos de lá. — Ele balança a cabeça. — Não quero que ela se estresse com isto antes do casamento.

— Se o seu irmão aparecer na Jamaica, vou bater para caralho nele. Ele não só roubou o seu dinheiro, mas agora está brincando com sua mãe.

— Eu sei, — sussurro, não querendo lidar com isso, mas sabendo que preciso encarar. — Falarei com ela sobre o que está acontecendo quando a mamãe voltar de sua lua de mel.

— Eu não gosto disso.

— Bem, que pena; não é sua escolha. Não tem nada a ver com você.

— Nada a ver comigo? — Seus olhos se estreitam e desvio o olhar. — Você é minha; isso significa que tem tudo a ver comigo.

Dou de ombros. Sei que é inútil discutir com ele. No universo de Trevor, ele está certo, eu estou errada, e não há como convencê-lo do contrário. — Olhe para mim, Liz. — Sua voz é calma, assim meus olhos vão automaticamente para os dele. — Se algo acontecer com você por causa de seu irmão, eu vou matá-lo. Sem brincadeira. Vou cortá-lo em pedaços com minhas próprias mãos. — Posso sentir meus olhos se arregalarem; isso não é o que esperava que ele dissesse. — Como eu disse antes, não gosto dessa merda. E se algo acontecer com você porque você se recusa a dizer a sua mãe, eu chutarei a sua bunda.

Meus olhos se estreitam. — Se você sequer pensar em me espancar, eu arrebentarei você, Trevor.

Sua sobrancelha se ergue. — Você acha que pode me levar?

— Não. — Dou de ombros. — Mas darei o meu melhor.

Seu sorriso é tão devastador que tira o meu fôlego. — Quando estiver dando o seu melhor, estaremos usando nossas roupas ou não?

Reviro meus olhos. — Fique longe de mim, seu pervertido. — Começo a lutar para me levantar, mas sinto a boca de Trevor no meu pescoço, e sua mão viajar pelo meu corpo. Seu polegar pincelando contra o meu seio e, em seguida vai para baixo, para a barra da minha camisa, e sobe por dentro dela. Sinto a aspereza de sua palma contra a suavidade da minha cintura. *Oh meu Deus, sim!* Meu cérebro grita. Eu amo seu toque. Senta-se, puxando a minha camisa para cima e tirando-a; seus olhos vão para o meu sutiã de renda preta e, em seguida, voltam para o meu olhar.

— Eu senti sua falta, — diz ele em voz baixa, e então me beija. Minha boca se abre automaticamente sob a dele; ele tem gosto de céu, e desejo consumi-lo. Ele puxa sua boca da minha, lambendo e mordendo o meu pescoço até o meu peito. Seus dedos traçam a borda do meu sutiã; ele puxa a taça para baixo, lambe e, em seguida, sopra o meu mamilo, fazendo-me gemer e arquear contra ele. Meu corpo começa a tremer assim que sua boca se agarra ao meu mamilo e ele suga com força, fazendo eu me arquear para fora da cama; minhas mãos indo para a cabeça dele, o segurando com força. Quando a mão viaja para baixo da minha cintura, posso senti-lo desabotoar minha calça jeans. Em seguida, os dedos estão deslizando através de minha umidade, entrando enquanto eu gemo alto, movendo meus quadris em círculos.

— Sim, — sussurro, quando ele bate no meu ponto G. Ele para e puxa sua boca; meus olhos se abrem. Ele olha para mim. Eu quero

chorar. Ele continua fazendo isso, sempre parando quando estou prestes a gozar.

— Eu estou com fome, — diz ele, puxando a mão da minha calça. Começo a me sentar, confusa e perguntando se eu era a única envolvida no que aconteceu.

— Você está com fome? — Repito o que ele disse, pensando no quanto isso era estranho. Pensei que iríamos transar. Eu podia não ter uma tonelada de experiência, mas conheço os sinais, e todos eles estão piscando néon vermelho com setas apontando para a minha vagina... e ele está com fome?

— Com muita fome, — diz ele, levantando-se. Começo a olhar ao redor buscando minha camisa, porque, aparentemente, nós pegaríamos algo para comer! Bem, ele pegará algo para comer; eu tenho que encontrar uma maneira de matá-lo sem ir para a cadeia. Minha cabeça gira quando sinto sua mão no cós da minha calça jeans. Ele tira-a de mim. Estou assustada e, em seguida, sou puxada não muito gentilmente para a beira da cama. Não há tempo para me preparar antes dele me atacar, sua boca se trancando em meu clitóris. Os meus pés vão para os seus ombros; meus quadris levantam, e os meus dedos agarram o topo de sua cabeça.

— Sim, — eu gemo, elevando e movendo os quadris.

— Você tem um gosto tão bom, baby. — Suas mãos na minha bunda, levantando-me mais perto de sua boca. Eu começo a respirar pesadamente, sentindo como se me preparasse para cair de um penhasco. — Goze para mim, — ele sussurra enquanto me lambe, circulando meu clitóris. Estou tão perto; só preciso de algo mais.

— Mais, — choramingo, não sendo capaz de formar uma frase completa.

— O que você quer? — Pergunta ele contra mim, sua voz áspera. Posso sentir a barba do queixo arranhando a minha pele.

— Você. Eu preciso de você! — Grito. Ele solta a minha bunda, espalha ainda mais as minhas pernas, então dois dedos entram em mim, puxando para cima contra o meu ponto G com tanta rapidez que me arqueio para fora da cama com a força do orgasmo que explode através de mim. Eu voo vendo estrelas; meu corpo está em chamas, cada sentimento e cada nervo expostos. Quando finalmente volto para mim mesma, Trevor está em cima de mim, suas roupas se foram.

— Você é tão linda, — ele sussurra, tomando minha boca em um beijo profundo. Ele me puxa para frente, removendo meu sutiã. Posso sentir seu corpo contra o meu, seus músculos rígidos cobertos por pele lisa, seu peso pressionado no colchão, seu tamanho em torno de mim, me fazendo sentir frágil e segura. Ele puxa sua boca da minha e olha para mim. Posso ver o mesmo desejo que corre por mim em seus próprios olhos. — É a minha vez, — diz ele contra os meus lábios. Antes que possa perguntar o que quer dizer, ele estoca dentro em mim. Minhas pernas circulam seus quadris; minhas unhas cavam seus bíceps. Minha cabeça se inclina para trás, meu corpo arqueando.

— Jesus, — ele resmunga, acalmando seus movimentos, sua testa deitada contra o meu peito. — Tão perfeita. — Ele desliza para fora, depois volta mais lento.

— Finalmente, — respiro. Eu quis isso por tanto tempo, e tê-lo finalmente é como ter todos os feriados em um só. Ele começa a acelerar, com a mão percorrendo minha lateral e todo o caminho até o meu joelho e ele empurra; posso senti-lo ainda mais profundo. Ele é tão grosso e longo que a cada estocada ele me enche, eu mordo meu

lábio contra a leve picada. Posso sentir-me apertar em torno dele; estou chegando perto.

— Eu sabia que adoraria para caralho sua boceta, baby, — ele diz, sentando-se em seus tornozelos, me puxando para cima com ele, então estamos face-a-face. — Enrole suas pernas em volta de mim. — Eu faço o que ele diz. Suas mãos deslizam para cima nas minhas coxas, pela minha bunda, cintura e costelas; uma fica lá, enquanto a outra se emaranha no meu cabelo. — Mova-se comigo. — Ele empurra meu queixo com a boca, assim eu paro de morder meus lábios. Nós começamos a balançar juntos muito lentamente, seus olhos nunca deixando os meus. — Você é minha, Liz? — Ele sussurra e aceno com a cabeça. — Preciso ouvir você dizer que é minha. — Engulo; por alguma razão isto parece como algo mais, mais sério do que a pergunta *você será minha namorada*. — Diga, Liz. Diga-me que você é minha.

— Eu sou sua, — sussurro, sentindo que dei a ele um pedaço gigante de mim e sabendo que é algo que não posso ter de volta.

— Isso é verdade, baby. Você é minha; nunca se esqueça, — diz ele asperamente, antes de começar a levantar seus quadris mais e mais rápidos. Mordo seu ombro para me impedir de gritar. Quando me aperto em torno dele, afasta meu rosto de seu pescoço e bate sua boca contra a minha. Sua outra mão vai para o meu peito, beliscando meu mamilo. Ouço-o rosnar meu nome, me seguindo com seu próprio orgasmo. Nós dois respiramos pesadamente, meu rosto escondido sob seu queixo, seus braços em volta de mim. Não posso evitar a risada que sai de mim.

— Por que você está rindo? — Posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Só pensando que você provou que um monte de pessoas estão erradas.

— O quê? — Pergunta ele, inclinando-se de modo que estou esparramada em cima dele. Ele tira meu cabelo do meu rosto, traçando minhas sobrancelhas. Eu olho em seus olhos; eles são tão fogosos que mal posso respirar. — O quê? — Ele pergunta, mais calmo desta vez.

Balanço minha cabeça, falando o que penso. — Você conhece o velho ditado? Caras que dirigem caminhonetes grandes têm... — ele nos rola e por isso estou debaixo dele, ele range os dentes e desliza para fora de mim.

— Não termine esse pensamento. — Ele balança a cabeça, rindo.

— O quê? Você não tem esse problema. — Eu rio quando ele começa a me fazer cócegas. — Ok! Ok! Eu não falarei sobre isso! — Eu grito.

Ele para sua tortura, seu cotovelo indo para a cama ao lado da minha cabeça. — Você está pronta para sair da cidade?

— Sim. Além disso, estou animada. Nunca vi minha mãe tão feliz.

— George é um cara legal, — ele concorda.

— Sim, ele é, — concordo. Minha mãe conheceu George há dois anos, na internet. George estava divorciado há quatro anos; ele esperou até seu filho mais novo estar na faculdade antes de começar a buscar um relacionamento. Ele foi a alguns encontros às cegas e nada funcionou. Um dia, ele estava em casa assistindo TV e um comercial sobre um site de namoro on-line veio. Ele disse *que se dane*, e se inscreveu. Isso foi na época em que eu cadastrei a minha mãe pelas suas costas. Eu queria que ela fosse feliz. Odiava vê-la tão sozinha e ela merecia encontrar alguém. Pouco depois de tê-la cadastrado, George enviou uma mensagem para ela. Foi quando eu disse a ela sobre o site e o que havia feito. De primeira ela não queria responder, mas a convenci de que, se ela não gostasse do que ele dissesse pelo e-mail,

ela nunca precisaria falar com ele novamente. Então deu uma chance e, depois de alguns e-mails e telefonemas, eles se encontraram. Ele vive a cerca de uma hora de nós, no Alabama, e desde o primeiro encontro eles são inseparáveis.

— Eu falarei com George sobre o que está acontecendo.

— Não, você não vai!

— Ele precisa saber em caso de algo acontecer.

Estreito meus olhos, — O que possivelmente meu irmão poderia fazer?

— Você já se perguntou o que ele pode ter feito antes de roubar o seu dinheiro? E ainda te ligou precisando de mais? Ele está ligando para sua mãe, dizendo que trabalha disfarçado; você não vê o quão sério essa porra é?

— Sim, eu vejo o quão sério isto é! — Eu grito, me levantando da cama, e olhando para Trevor, onde ele está deitado. — Ele é meu irmão; o mesmo que cuidou de mim depois que meu pai morreu. — Posso sentir meu peito arfando para cima e para baixo. — Então me desculpe se não quero chamar a polícia ou dizer à minha mãe. Estou tentando ajudá-lo da única maneira que ele pediu; ele disse que precisava de mais tempo, então isso é o que estou dando para ele. — Salto da cama. E, percebendo que estou despida, ando até a cômoda e pego uma camisa. Ando pesadamente até o banheiro, bato a porta e ligo o chuveiro.

— Não saia quando estamos conversando. — Ouço-o dizer quando ele abre a porta.

— *Você* falava, Sr. Sei de tudo, — digo, puxando a cortina do chuveiro para fechá-la. Pego meu shampoo, apertando metade da garrafa na minha mão por causa da raiva, o que me irrita ainda

mais; meu shampoo é caro, e você só deve usar um pouco. Ouço a cortina abrir, mas ignoro e continuo lavando o meu cabelo.

— Você está me irritando, baby.

— Você está me irritando, baby, — Imito. Não posso evitar; ele me deixa tão louca que volto a ter de cinco anos de idade. Ouço-o rir, e quero dar um soco nele.

— Eu já disse a você o quão bonita você fica quando está chateada? — Abro um olho para olhar para ele. Com certeza ele tem um grande sorriso no rosto. Ele dá um passo em minha direção, suas mãos indo para o meu cabelo. — Sei que ama seu irmão, baby, mas você precisa saber que se algo acontecer porque você fica tentando proteger a todos, você acabará se sentindo uma merda, porque poderia ter dito alguma coisa.

Eu sei que ele está certo, mas estou machucada. Meu irmão e eu ficamos próximos depois que meu pai morreu e minha mãe se isolou. Ele era tudo que eu tive durante muito tempo. Fecho meus olhos, minha testa vai para o peito de Trevor. Ele dá um passo para trás, então estou sob o chuveiro e começa a lavar meu cabelo. Em seguida, ele se inclina sobre mim, agarra meu condicionador, aperta a garrafa, e, em seguida, suas mãos estão massageando meu cabelo.

— Eu sei que você está certo, — sussurro, a culpa me come viva. — Continuo rezando para que Tim volte para casa e faça a coisa certa, mas no fundo eu não acho que isso vai acontecer. Mas não quero desistir dele também.

— Você não está desistindo de seu irmão. Está dando a ele uma chance, e preparando as pessoas que podem acabar machucadas.

— Como eu quero te beijar e bater em você ao mesmo tempo? — Pergunto, balançando a cabeça.

— Você é pervertida assim, — diz ele, inclinando a cabeça. Antes que eu possa dizer algo inteligente, sua boca toca minha, suas mãos viajam pelos meus lados para minha bunda, e ele levanta-me, minhas pernas circulando seus quadris. — Eu não usei camisinha mais cedo, — diz ele contra os meus lábios. Congelo, puxando minha boca longe da sua. — Estou limpo. — Ele se vira, me pressionando contra o azulejo.

Eu engulo; por que não pensei nisso? Balanço minha cabeça. — Estou no controle da natalidade, — digo; mais como um lembrete para mim mesma. Em seguida, ele empurra-se dentro de mim. — November ficou grávida quando estava no controle da natalidade, — digo em voz alta para mim novamente, então gemo quando ele se retira, apenas para pressionar-se dentro de mim mais forte do que antes. Minha cabeça cai contra o azulejo. Ele não diz nada, apenas continua a estocar dentro de mim, sua boca chupando e lambendo meu pescoço, clavícula e seio. Quando os dentes raspam contra meu mamilo, sinto-me começar a gozar ao seu redor; minhas unhas afundam em seus ombros, as pernas apertando, puxando-o mais profundo.

— Jesus, você tem a mais apertada e mais suave boceta do caralho. — Suas mãos apertam a minha bunda mais forte, levantando e me puxando sobre ele em estocadas rápidas. — Isto é como deve ser o céu, — ele resmunga, o ritmo cada vez mais errático. Posso senti-lo bater contra meu colo do útero, a ligeira dor me traz mais perto de outro orgasmo. Quando o sinto começar a se expandir, gozo de novo, inclinando-me e mordendo com força seu ombro. Nós dois respiramos pesado quando minha boca se afasta de sua pele.

— Sinto muito. — Toco onde minhas marcas de dentes estão impressas em sua pele.

— Não sinta. Eu amo poder fazer você perder o controle. É assim que quero você. É assim que você me faz sentir e é justo que eu faça você sentir o mesmo.

— Você está sempre no controle.

— Não com você. — Sua mandíbula aperta e seus olhos parecem raivosos.

— É tão ruim assim? — Pergunto, olhando para sua expressão.

— Nem sempre, — ele olha para a parede de azulejos atrás de mim. — A menos que você considere uma coisa ruim trancar alguém de modo que ninguém possa tocá-la.

— Eu acho que eles chamam de sequestro. — Sorrio e ele balança a cabeça, seus olhos vindo de encontro aos meus.

— Você é a única coisa que consegue me assustar. Seu poder sobre mim me assusta.

— Você me assusta, também. — Coloco minha cabeça no ombro dele. Ele me levanta e o sinto deslizar para fora; ele beija meu cabelo e então solta minhas pernas e deslizo pelo seu corpo, quando meus pés tocam o chão do chuveiro preciso de um minuto para ficar estável. As mãos de Trevor seguram meu rosto enquanto ele beija minha testa, nariz e lábios.

— Você sempre estará segura comigo. — Não tenho certeza se ele está certo, mas sei que chegará um momento em que ele vai querer mais do que o que eu posso oferecer. Não seria justo da minha parte impedi-lo de ter uma família, mesmo que me matasse saber que não sou aquela que dará isso a ele. — Você está de folga amanhã?

Balanço minha cabeça. Não consigo falar com o caroço que se formou em minha garganta. Enquanto ele toma o seu tempo me lavando, ele é bem gentil entre as pernas. Assim que ele termina eu

saio do chuveiro, certificando-me de não olhar para ele enquanto pego uma toalha. Coloco no meu rosto e respiro profundamente algumas vezes.

— Você trabalha amanhã? — Pergunto, enquanto seco minha cabeça sabendo que estou sob controle.

— Sim, eu devo estar em casa cedo. Quando você vai?

— Bem, mamãe foi hoje e amanhã é meu último dia até o dia que voltarmos para casa. Bambi cuidará da loja enquanto estivermos fora e November ajudará também.

— Tem certeza que deve confiar Bambi? — Pergunta ele, quando nós saímos do banheiro e vamos em direção ao quarto.

Eu ri e seus olhos apertam. — Oh pare. Só porque ela é imune aos encantos dos homens Mayson, não significa que ela seja uma pessoa má.

— Você confia em pessoas com muita facilidade.

— November estará lá com ela durante parte do dia. Preciso ter pessoas em quem posso confiar com o meu negócio, ou acabarei nunca tendo uma pausa.

— Eu vou ver se minha mãe pode passar uns dois dias lá.

— Trevor – uh – qual é o seu nome do meio? Como não sei isso? — Mordo meu lábio e tento lembrar se eu já o ouvi em algum lugar antes.

— Desculpe, essa informação é confidencial, — ele sorri, caminhando para a cômoda; meus olhos o seguem enquanto os músculos das coxas e das costas se contraem e se expandem, mostrando a tatuagem tribal que vai de seu pulso, sob a clavícula, até seu peito, sobre suas costelas, ao longo de seu lado, para baixo do seu quadril, e terminando em sua coxa. Amo essa tatuagem. Quero lambê-

la e segui-la com a minha língua; cada passo dá água na boca. Quando ele olha por cima do ombro para mim, olho para longe, tirando rapidamente a minha toalha apertada do meu corpo. Até aquele segundo, nunca me senti autoconsciente sobre a minha aparência. Olhando para ele agora, que não tem nenhuma grama de gordura no corpo, penso que deveria começar a fazer algumas flexões, ou talvez alguns agachamentos.

— Se você continuar tendo esses pensamentos sujos, baby, vou arrancar sua toalha e te foder contra a parede.

— Eu não estava tendo pensamentos sujos. Nem todos eles eram sujos de qualquer maneira. — Murmuro sob a minha respiração. Ando até a minha bolsa debaixo da cama, puxo-a, pego a calcinha, e as deslizo sob a minha toalha. Então encontro uma blusa e visto pela minha cabeça, removo a toalha de debaixo dela. Eu me abaixo para encontrar um short. Começo a levantar meu pé para colocá-lo, quando é arrancado da minha mão. — Ei! Eu vou usá-lo! — Grito, olhando para Trevor, que tem o meu short enrolado em seu punho.

— Tão sexy quanto é o show — diz ele, balançando a cabeça, — Você está na minha casa. Meu dedo fodeu você, comi sua boceta, e estive dentro de você sem uma camisinha. Você não esconderá seu corpo de mim.

— Você é um idiota, — digo, sentindo meu rosto ficando vermelho brilhante.

— Só porque você não está conseguindo as coisas do seu jeito, — ele encolhe os ombros, jogando meu short na cama antes de sair do quarto. Estou estendendo para pegá-lo na cama quando minha bunda recebe um tapa e então sou jogada por cima do ombro nu e levada para a cozinha, onde ele me coloca sobre o balcão. Meu cérebro ainda está

tentando compreender o que aconteceu; não posso nem formar um pensamento completo.

— Você quer um sanduíche? — Ele pergunta casualmente, caminhando até a geladeira. Começa a puxar presunto e queijo; e os coloca perto de mim antes de ir pegar o pão. — Você quer um sanduíche? — Ele pergunta novamente.

Olho para ele, me preparando para gritar feito uma louca e dizer que ele não é o chefe e não pode me dizer o que fazer, o que vestir, ou me arrastar por aí sempre que estiver afim. Quando estou prestes a virar o inferno de cabeça para baixo, ouço a porta do cão ser aberta. Olho, esperando ver Lolly, mas em vez disso, vejo um pequeno nariz rosa aparecer, em seguida, uma pequena e preta cabeça redonda. Pisco algumas vezes, tentando ver se de alguma forma estou imaginando isso, então um corpo longo e preto, com uma listra branca começa a entrar o resto do caminho.

— Trevor, — sussurro, tentando chamar sua atenção. Sua cabeça está na geladeira, então ele não me ouve. — Trevor, — sussurro um pouco mais alto desta vez quando começo a ficar em cima do balcão. O gambá agora está perto do prato de cachorro de Lolly, onde começa a comer a comida. — Oh meu Deus! — Eu grito, cobrindo minha boca.

Trevor se vira; ele olha para mim e sorri. — Você vai me atacar?

Freneticamente começo a balançar a cabeça negativamente. Ele caminha até mim, e rosna, — Jesus, esta é a posição perfeita para eu comer com gosto essa sua boceta doce. — Ele desliza as mãos para a parte de trás das minhas panturrilhas. Seu rosto vai entre as minhas pernas, eu posso senti-lo tomar uma respiração profunda.

— Trevor, — sussurro de novo, tentando empurrar o rosto com uma das mãos.

— O quê? — Ele inclina a cabeça para trás; as sobrancelhas se unem quando ele olha para mim. Minha boca ainda está coberta. Aponto por cima do ombro, e ele vira a cabeça e olha para baixo.

— Que porra é essa? — Diz ele, pulando e tropeçando para trás, batendo no balcão e, em seguida, pondo suas mãos em cima do mesmo até saltar para ficar em pé em cima do balcão comigo. — Isso é um gambá, — diz ele, dando um passo para trás na borda do balcão.

— É mesmo, Sherlock! — Rio, ainda cobrindo minha boca. Não posso evitar; o olhar em seu rosto é hilário. Seus olhos estreitam e mordo meu lábio para não começar a rir. Não quero assustar o gambá. — Você precisa se livrar dele, — digo, olhando para o gambá, que está feliz comendo a comida de cachorro.

— O que eu deveria fazer?

— Eu não faço ideia. Você é o único que tem um pênis e que gosta de bancar o chefe para todos ao redor o tempo todo; tenho certeza que você pode descobrir isso.

— Você ainda está chateada por não estar com o short?

— Oh meu Deus, Trevor! — Sibilo, — Há um gambá. — Balanço meu braço para mostrar o gambá, no caso dele ter esquecido. — Você quer falar sobre isso agora?

— Baby, — ele ri, — acalme-se. — Ele puxa meu rosto em direção ao dele pela parte de trás do meu pescoço e me beija. Quando afasta sua boca da minha, nós dois respiramos pesadamente. — Amo seus os lábios, — diz ele, mordendo meu lábio inferior, dando um puxão nele.

— O gambá. — Lembro a nós dois. Inclinando-se, ele se afasta, olhando para o chão. O gambá olha para nós, de pé no balcão. — Onde

está Lolly? — Pergunto. O gambá não se moveu de seu lugar no chão, de onde ele nos encara.

— Não sei. Esperemos que ela não entre agora.

— O que vamos fazer? — Sussurro. O gambá começa a andar ao redor da cozinha, em seguida, caminha lentamente para a porta do cão, onde faz uma pausa, olha para nós novamente, e começa a levantar sua cauda. Eu enterro meu rosto no peito de Trevor.

— Ele se foi, — diz Trevor, depois de um segundo pula do balcão, caminhando em direção à porta do cão. Só que então a porta do cão começa a abrir e Trevor voa de volta para mim, pulando em cima do balcão quando Lolly passa pela porta. — Puta merda, — ele suspira de alívio, saltando do balcão novamente, correndo para a porta e deslizando a trava no lugar. — Parece que teremos que começar a trancar isto quando estiver escuro.

— Não acredito que isso aconteceu. — Pulo do balcão e vou até Lolly, que está arranhando a porta do cão, tentando encontrar uma maneira de sair.

— Eu me pergunto se essa é a primeira vez que tivemos um hóspede não convidado, — diz Trevor, indo até a pia para lavar as mãos.

— Não quero nem saber; você pode imaginar se levantar no meio da noite para pegar um copo de água e ser pulverizado por um gambá no processo?

— De jeito nenhum. Acho que é o preço que paga por viver no campo.

— Por que você comprou este lugar? — Eu amo esta casa, mas precisa de reforma.

— A terra; queria algo fora da cidade, onde poderia ter uma festa ou andar na minha bicicleta suja, sem ter que me preocupar com os

vizinhos. — Ele anda pela cozinha, agarrando meus quadris, levantando-me sobre o balcão novamente.

— Você realmente precisa parar de me carregar por aí, — o encaro.

— Por quê? — Ele olha para mim como se tivesse pedido para ele parar de tomar banho por um mês. Eu respiro profundamente.

— Não gosto disso.

— Sim, você gosta. — Ele anda pela cozinha, pegando o pão.

— Na verdade, odeio quando você faz isso. — Na verdade eu não odeio, mas acho chato demais quando estou tentando fazer alguma coisa e ele me carrega ou me move sem me dar a chance de fazer o que quero.

— Você não odeia. Quer saber como sei que você não odeia? — Ele olha para mim, levantando uma sobrancelha.

— Isso deve estar bom, — murmuro, olhando para ele fazendo seu sanduíche. Estou meio tentada a impedi-lo de terminar. Ele nem sequer se certifica se a maionese e mostarda estão distribuídas uniformemente sobre o pão; ele apenas joga lá. Olho para cima quando ele começa a rir. — O quê?

— Assim. Isso está te matando; consigo ver em seu rosto que você quer pular desse balcão, tirar isso das minhas mãos e fazê-lo você mesma.

— E? — Cruzo meus braços sobre o peito.

— Você não consegue o que quer, e assim você ataca.

— Isso não é verdade.

— Sim, baby. É.

— Que seja, — digo, quando ele vem e fica entre minhas pernas, me puxando para mais perto da borda do balcão.

— Você precisa aprender que nem tudo tem de ser feito quando ou como você quer que seja feito. Não há problema em abrir mão de parte do controle, o qual você tenta agarrar com tanta força. Comigo, eu não estou pedindo, estou dizendo a você como é. Isso não significa que não respeito ou não me preocupo com a forma como se sente; isso apenas significa que você confia em mim o suficiente para se certificar de que tem o que precisa.

— Me sinto um pouco perdida. Pensei que falávamos de você me carregar.

— Nós falávamos, e falamos. Eu disse que você não odeia quando eu digo para você o que fazer ou a coloco onde a quero. E a razão de saber que você não odeia é porque você escuta ou fica onde te coloco o tempo todo. — Puta merda. Ele tem razão. O que diabos há de errado comigo? — Agora, você quer que eu faça um sanduíche para você?

— Não, obrigada. — Não quero encorajar seu comportamento dominante. Quero ir a algum lugar e ter um acesso de raiva.

— Ok. — Ele beija minha testa, e volta para o que estava fazendo enquanto eu assistia. Pelo resto da noite, penso no que ele disse e na minha necessidade de controle. Não sei se ele sabe disso, mas com ele eu não tenho nenhum. Quando vou para a cama ele me puxa para debaixo dele como sempre faz, beija minha têmpora e vai dormir. Percebo que não conversamos mais depois da nossa conversa na cozinha. Como se ele quisesse que eu pensasse em tudo o que disse. Solto um suspiro, determinada a parar de pensar em tudo; ele não pode ser o chefe do meu subconsciente. Então durmo, pensando que estou confortável, quente e segura, assim, talvez ceder o controle para ele não seja tão ruim.

CAPÍTULO 07

Trevor

Olho para as portas duplas do nosso quarto no resort e posso ver o mar azul-turquesa além dele. Há uma leve brisa vinda de fora da água, trazendo com ela o som e o cheiro do mar. Rolo para o meu lado; Liz está deitada de bruços, mãos sob seu travesseiro, um lençol descansa sobre seus quadris. Minha mão coça para tocá-la. Passo minhas mãos pelo meu rosto, pensando em ontem, e me perguntando se hoje será melhor ou pior.

Quando chegamos ontem à noite, a mãe de Liz, Rita, esperava por nós no lobby. Ela parecia preocupada. Achei que estivesse nervosa sobre o casamento. Então Tim chegou ao lobby. Ao vê-lo senti o desejo de bater pra caralho nele; se não tivesse prometido a Liz que estaria no meu melhor comportamento quando Tim estivesse por perto, eu teria esfregado a cara dele na cara cerâmica. Em vez disso, mordi o interior da minha bochecha, tentando segurar o impulso de atacar. Tim caminhou para o nosso grupo. Ele evitou contato visual comigo; seus olhos focados em sua irmã. Quando ele a alcançou a pegou e a abraçou. Eu podia ouvi-lo dizer algo para ela, mas não conseguia distinguir as palavras, até que ela disse a ele para ser agradável. Tim virou para mim após soltar Liz; e foi quando eu notei a garota com

ele. Ela era pequena, com cabelo preto curto e grandes olhos castanhos. Ela parecia uma fada. A parte que me chamou a atenção foi seu estômago; ela deveria estar em torno de cinco meses de gravidez. Tim colocou seu braço ao redor dela, puxando-a para perto.

— Trevor. — Ele estendeu a mão e fiz o mesmo. Nosso aperto não foi amigável. Nós dois afirmávamos que poderíamos derrubar um ao outro. Tim não era um cara pequeno; ele jogou futebol no colégio e ainda parecia estar em forma. Ele soltou a mão primeiro, fazendo-me sentir como se tivesse ganhado esse desafio.

— Liz, Trevor, eu quero que vocês conheçam Kara, — disse Tim, olhando para Liz, que olhava para a barriga saliente da menina.

— Kara, — disse Liz. Dei um passo mais perto dela; ela parecia prestes a desmaiar.

— Disse a Tim que eu não deveria vir, mas ele disse que não podia suportar a ideia de me deixar em casa sozinha, — disse Kara, sorrindo para Liz. A Liz que eu conhecia, que se protegia de todos ao seu redor, voltou para o lugar. Ela tomou a mão de Kara entre as suas e as agitou levemente. Foi quando Liz notou o anel na mão de Kara.

— O anel de casamento da minha mãe, — disse Liz, olhando para o anel no dedo dela, correndo o polegar sobre o entalhe de ouro.

— Tim me pediu para casar com ele quando chegou em casa de sua última visita. Certo, querido? — Ela perguntou, olhando para ele. Eu poderia dizer pelo jeito que ela olhava para ele que ela realmente o amava.

— Parabéns, — disse Liz, olhando para Tim.

— Obrigado. Eu queria dizer a vocês há muito tempo, mas com o casamento eu não sabia como falar. — Tim tinha remorso suficiente para parecer culpado quando Liz olhou para ele. Como ele conseguiu

falar sobre um vício, roubar o dinheiro dela, e não dizer a sua família sobre sua noiva? Olhei para a mãe de Liz e notei que ela estava nervosa.

Eu podia ver Liz respirar fundo e sabia que precisava tirá-la desta situação o mais rapidamente possível.

— Prazer em conhecê-la, Kara — eu disse, puxando Liz para mais perto de mim. O braço de Liz veio ao redor de minhas costas, suas unhas cavando em minhas costelas.

— O prazer é todo meu. Nos vemos amanhã no café da manhã. — Não consegui afastá-la de seu irmão rápido o suficiente. Despedimo-nos de Rita, Kara e Tim. Peguei as malas e dei um passo em frente a uma Liz atordoada. — Vamos querida, — disse calmamente e, em seguida, nos dirigimos para os elevadores.

— Vamos ver você de manhã, querida, — disse Rita, dando a Liz um abraço rápido. Olhei por cima do meu ombro, e abrandei quando notei que ela ainda estava atrás de mim. Quando fizemos contato visual, eu podia ver tanta dor brilhar através de seus olhos que tive que parar para segurá-la e levá-la para longe de tudo isso.

— Está com fome? — Perguntei, deixando cair uma das malas no chão do elevador para que eu pudesse tocá-la.

— Não, — ela disse, esfregando o rosto em minha mão.

Segurei seu queixo, puxei-a para frente e a beijei suavemente. O que eu queria fazer era dizer a ela que a amava, mas, mais uma vez, eu não fiz. Eu não podia. — Você quer dar um passeio à beira-mar comigo?

— Eu só quero ir dormir, — disse ela. Puxei-a para meu peito, beijando o topo de sua cabeça. Quando o elevador parou a deixei sair antes de mim, peguei as malas e segui pelo corredor para o nosso quarto. Quando ela parou, abriu a porta e ficou ali, eu pensei que algo estava errado, até que ela olhou para mim, sorrindo. Segui-a para o

quarto. O banheiro era perto da porta, com uma banheira de hidromassagem, um chuveiro e pia dupla. O resto do quarto tinha uma cama king size com altas colunas e um dossel branco. Havia mesas laterais, uma cômoda com uma televisão de tela plana e uma cadeira do lado das portas abertas que levavam a uma varanda. Lá fora havia um grande sofá e uma pequena mesa. No minuto em que eu vi a varanda sabia que encontraria uma maneira de foder Liz ali, enquanto olhava para o oceano. — Isso é tão bonito. — Deixei cair as malas no chão, saindo para a varanda atrás dela.

— É, — eu concordei, puxando suas costas para mim. Inclinando-me sobre ela, meu rosto foi em direção ao seu pescoço, sentindo o cheiro do seu cabelo misturado com o oceano. — Você quer falar sobre o que aconteceu no lobby?

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, apenas olhando para o mar. Achava que ela não diria nada, até que falou. — Ele deu a ela o anel de casamento da minha mãe, aquele que o meu pai deu para ela.

— Eu sei.

— Por que ele roubou o dinheiro e inventou todas essas mentiras?

— Eu não sei, mas amanhã você pode perguntar a ele.

— Você não pode simplesmente ir cortar a cabeça dele e trazê-la para mim?

— Hilário, — puxei-a para mais perto. — Estou pensando que, cerca de dez segundos depois que eu aparecer aqui com a cabeça dele, você começará a se sentir culpada. — Beijo o topo de sua cabeça, e olho para a água.

— Você está certo. Droga de consciência. — Ela respirou fundo. — Obrigada por estar aqui comigo. — Suas palavras eram tão silenciosas

que quase as perdi, e mais uma vez, as palavras *eu te amo* estavam na ponta da minha língua.

— Não há outro lugar que eu gostaria de estar.

— Acho que vou chamar o serviço de quarto e pedir algo grande e com chocolate.

— Certo. Eu vou falar com George. — Antes que ela pudesse começar a protestar eu a lembrei, — Você prometeu, por isso nem sequer pense em começar uma briga.

— Eu nunca prometi.

— Você não me disse que era minha?

— Trevor, você sabe que nunca concordei que você conversasse com George.

— Você me disse que era minha. Então, sim, você está de acordo com o fato de que vou falar com George.

— Você é tão chato. — Ela passa do meu lado e volta para o quarto.

Eu a paro, e puxo-a para mim, agarro a parte de trás de sua cabeça, e torço minha mão em seu cabelo, segurando-a no lugar onde minha boca estava logo acima dela.

— Quando eu voltar, te darei o orgasmo que você tanto quer, — eu disse a ela, minha boca caindo sobre a dela. Ela lutou por um segundo antes de derreter-se no beijo.

Ela tinha gosto dos Tic Tac de morangos que estivera comendo. Eu adorava esse gosto; fez-me beijá-la com mais vigor e mais vontade. Tive que me afastar dela antes de acabar puxando seu vestido para cima e jogando-a contra a parede. Seus olhos se abriram lentamente.

— Já volto. — Beijei sua testa. Eu precisava ir embora antes que a atacasse novamente. Olhei por cima do meu ombro quando cheguei

à porta, ela ainda estava no mesmo lugar em que a deixei, me fazendo sorrir. Ela encolheu os ombros quando fechei a porta atrás de mim.

Quando chego ao quarto de George e Rita, Rita atende, dizendo-me que George estava lá embaixo, no fumódromo, com seu irmão, então eu fui até lá. Quando o encontrei, o deixei a par sobre Tim e das coisas que ele dissera a Liz. Enquanto conversávamos, ele me contou sobre Tim, e sua chegada ontem com Kara.

Ele disse que Rita sabia que ele pediria Kara em casamento, mas não queria contar a Liz até que elas se conhecessem pessoalmente. George estava chateado com o dinheiro e disse que falaria com Tim sobre isso depois do casamento. Ele não queria aborrecer Rita ou Liz mais que o necessário. Concordei com ele, e voltei para o quarto, onde encontrei Liz sentada na varanda, comendo o que restava de um pedaço de bolo de chocolate.

— Ei. — Andei até ela, recebendo um beijo de chocolate.

— Então, se sente melhor agora que falou com George? — Ela perguntou conforme me sento.

— Sim.

— Você cheira a fumaça.

— George estava no fumódromo do térreo. Que tal aquele banho? — Perguntei, pegando-a e levando-a para o banheiro.

— Você está acordado? — Pergunta Liz, me tirando dos meus pensamentos. Levanto meus olhos para o rosto dela ainda sonolento. Seu cabelo está uma bagunça, e sua pele está limpa de maquiagem; este é o meu visual favorito dela. Após sair do banho na noite passada, e colocar ela na cama, passei um bom tempo apreciando-a.

— Sim, eu estou faz pouco tempo. — Corro minhas mãos pelo meu rosto.

— Não consegue dormir? — Ela se aproxima usando seus cotovelos, o lençol deslizando para baixo em seus quadris, seus longos cabelos cobrindo um dos seios, deixando o outro exposto.

— O quê? — Engulo. Sinto-me um idiota; tudo o que posso pensar quando estou perto dela é sexo e não ajuda ela não ter nada além de um lençol.

— Não consegue dormir? — Pergunta novamente, desta vez com um sorriso, levantando a bunda um pouco fora da cama.

— Você está realmente pedindo por isso, não é?

— Não tenho ideia do que você está falando, Sr. Mayson. — Ela sorri, lambendo os lábios, olhando para baixo do meu corpo, para o lençol que agora forma uma tenda.

— Estou tentando me comportar, — digo a ela, e minha mão aperta.

— Hmm, você se comporte então, — diz ela, puxando o lençol sobre a cabeça. Vejo-a se aproximar mais de mim e então sinto sua boca envolver meu pau. Quase gozei na hora.

— Merda. — Minhas mãos vão para minha cabeça. Não quero que pare, então não a toco. Posso dizer que ela está ajoelhada sob o lençol e sinto seu gemido contra mim. Puxo o lençol para ver sua boca e uma mão em volta de mim, a outra mão entre as pernas dela. — Jesus. — Puxo sua bunda para mim, para que possa ver enquanto brinca consigo mesma. — Me chupar está te excitando, baby? — Ela geme; seus dedos movendo-se um pouco mais rápido. Eu a viro mais para que tenha a visão perfeita de sua boceta molhada. — Você me deixará te limpar com a minha boca depois que você se fizer gozar? — Posso sentir seu gemido

quando ela me toma até eu bater na parte de trás de sua garganta. Minha espinha começa a formigar. — Eu vou gozar, — digo, dando a ela a oportunidade de recuar antes de uma mão ir para o cabelo dela, e a outra para sua boceta. Gozo em sua boca enquanto coloco dois dedos dentro dela. Posso senti-la começar a gozar ao redor de meus dedos. A levanto até estar sentada no meu rosto, suas mãos indo para a parede atrás da minha cabeça. Espero até que ela olha para mim antes de dar uma lambida longa com a minha língua.

— Oh meu Deus, — diz ela, sua cabeça caindo para trás.

— Brinque com seus peitos, enquanto como você. — Ela faz o que eu digo; suas mãos indo para os seios, e apertando seus mamilos. Sem perceber, ela começa a moer no meu rosto. Agarro sua bunda com minhas mãos, puxando-a com mais força contra mim. Quando sei que ela está prestes a gozar, a levanto e, em seguida, a encho com meu pau. Ela grita, e seus músculos se contraem em torno de mim. — Você é tão gostosa, — gemo, puxando-a para baixo quando me levanto para estocar nela. — Dê-me sua boca. — Eu digo. Ela faz, inclinada para frente e a sinto começar a convulsionar. E, dessa forma, grito o nome dela, gozando dentro dela enquanto sua boceta me aperta.

Ela se deita contra o meu peito; nós dois respiramos pesadamente, meu pau ainda dentro dela. Eu adoro isso. Amo estar dentro dela, sentindo-a em volta de mim de todas as formas. Passo minhas mãos por suas costas, puxando seu cabelo para o lado. — Você está bem?

— Uhumm. — Sorrio quando sinto sua bochecha se movimentar contra meu peito.

— O que você quer fazer hoje?

— Mamãe e eu temos um compromisso no spa nesta noite; mas antes disso eu só quero deitar ao sol e ler.

— Podemos fazer isso. Que tal nós tomarmos banho primeiro?

— Você me quebrou. Então, se você quer que eu me mova terá que fazer todo o trabalho sozinho.

— Posso fazer isso. — Eu rio, sentando. Puxo suas pernas em volta da minha cintura e a levo até o banheiro.

~~*

— Claro que não, — murmuro, saindo da água e indo em direção a Liz. Ela esteve deitada desde que chegamos à praia, o biquíni branco deixa sua pele já dourada mais escura. Ela é sempre gostosa, mas Liz em um biquíni sob o sol do Caribe, sua pele cintilante do óleo de bronzear que usou, seu longo cabelo trançado de um lado do seu peito... é a perfeição. Não é isso que me tem apertando dos dentes; é o surfista que puxou sua cadeira ao lado da dela, tentando chamar sua atenção. Sorte dela que não percebeu. Como de costume, quando ela tem o seu Kindle em sua mão, o mundo pode desmoronar em torno dela e ela não perceberia nada. Estou a seis metros de distância quando o surfista se inclina, falando baixinho com ela. Ela olha para ele e sorri. Meu sangue começa a ferver, fazendo-me aumentar meu ritmo. Diminuo a distância entre nós assim que o surfista diz algo que a faz rir. Tudo o que posso pensar é, *esse sorriso é meu; essa risada é minha*. Quando chego a ela e estou na frente da sua espreguiçadeira o cara olha para cima, e Liz morde o lábio.

— Você precisa de algo? — O surfista pergunta. Nem sequer olho para ele.

— Vamos. — Pego a mão dela, a levantando.

— Trevor. — Posso ouvir o aviso em seu tom. Eu a ignoro, pego a bolsa dela, a mão dela e ando para longe da praia e do surfista. Não sei o que há de errado comigo. Sinto, mais do que o comum, ciúmes loucos, do tipo possessivo, e simplesmente estou fodidamente louco. Não gosto de me sentir assim; na verdade, odeio isso. Se ela me deixasse tatuar meu nome em sua testa eu consideraria isso. Parte de mim sabe que uma das razões pelas quais estou tão nervoso é porque preciso dizer a ela que a amo. As palavras estão me consumindo, me comendo vivo. Preciso que ela saiba como me sinto, para que eu possa dar o próximo passo e pedir para ela ser minha esposa. Sei que as pessoas dirão que estamos indo rápido demais, e que não nos conhecemos, mas não me importo. Eu a amo. Eu a quero. Quero que ela seja minha para sempre. Foda-se o que todo mundo diz; contanto que ela me tenha, todos eles podem se foder.

— Ei, mais devagar, — diz ela, e faço isso imediatamente. Andamos em silêncio até o quarto, e quando nós chegamos lá eu jogo a bolsa na cadeira e começo a andar para frente e para trás, passando minhas mãos sobre meu rosto e minha cabeça. — Você está me assustando, — diz ela calmamente. Olho para ela e antes que eu possa pensar a empurro para a cama. Quando ela está deitada prendo seus braços acima de sua cabeça. — Trevor, pare. Você está me assustando. — Sua voz oscila, fazendo-me quebrar.

— Eu te amo.

Finalmente as palavras saem e sinto que posso respirar. — Eu te amo pra caralho e isso me deixa fodidamente louco. — Coloco minha testa contra a dela. — Preciso que você diga que quer se casar comigo. E

não me diga que é muito cedo; não dou a mínima para o que alguém diz. Acontecerá de uma maneira ou de outra, por isso só concorde.

— O quê? — Ela questiona e posso ouvir o choque e descrença em sua voz.

— Diga você me ama, — rosno. — Ficarei fodidamente louco; diga que me ama.

— Eu te amo. — Vejo quando lágrimas começam a deslizar até seu cabelo.

Vendo as lágrimas percebo que agi como um babaca. Odeio vê-la chorar. — Deus, baby. Sinto muito. Sou um idiota. Eu só precisava que você soubesse que eu te amo, e que quero que você seja minha esposa. — Ótimo, agora soo como um maricas. Levanto, a seguro e saio para a varanda, onde me sento no sofá com ela no meu colo.

— Esse tem que ser o pior pedido de casamento da história dos pedidos, — diz ela, com o rosto escondido em meu pescoço.

— É original.

— Sim, — concorda, mas não soa irritada. Mas estou chateado comigo mesmo. Na minha cabeça não era assim que eu imaginava o pedido de casamento, e ela merece muito mais do que um fodido pedido de casamento por ciúme. Nem sequer tenho um anel para deslizar em seu dedo.

— Retiro o que disse.

— O quê? — Ela pergunta, levantando a cabeça e olhando para mim.

— Retiro o que disse. Apenas esqueça tudo que aconteceu.

— Eu..., — ela começa a falar, mas a corto quando vejo lágrimas em seus olhos novamente.

— Merda. Não, não essa parte. Lembre-se, definitivamente, da parte em que eu disse que te amo; isso não mudou.

— Oh. — O rosto dela se franze em confusão.

— Um dia a pedirei para casar comigo, e farei da maneira certa. Até então, saiba que te amo. — Corro meus dedos por sua bochecha, observando o sorriso dela e sentindo o peso que havia no meu peito finalmente sair.

Eu me inclino e começo a beijá-la. Ela tem cheiro de coco, mar e sol. Ela inclina a cabeça para o lado, dando-me um melhor acesso a seu pescoço. Em seguida, ela sai, correndo para o quarto.

— Merda! Estou atrasada, — diz, puxando um vestido de sua bolsa, e deslizando-o por sua cabeça.

— Atrasada para quê?

— Eu deveria encontrar Mamãe no spa vinte minutos atrás. — Pega seu laço de cabelo, solta sua trança e então puxa todo o cabelo para cima em algum tipo de coque bagunçado no topo de sua cabeça. — Voltarei em duas horas, — diz, pegando sua bolsa da cadeira. Antes que possa correr do quarto eu a agarro, beijando-a profundamente.

— Eu te amo, — sussurro contra seus lábios. Ela sorri, inclinando-se para trás contra os meus braço e olha para mim.

— Eu também te amo. — Antes que eu perceba, ela saiu, fechando a porta atrás dela.

— Merda. — Esfrego meu rosto, pensando que preciso ligar para November e ver o que ela acha que eu deveria fazer quanto ao pedido. Caio na cama, puxo o meu celular e disco o número dela.

— Você está me ligando da Jamaica? O que há de errado? — November atende no primeiro toque. Eu rio do tom maternal em sua voz e então ouço minha sobrinha July começar a chorar no fundo.

— Trata-se de um momento ruim? — Ouço Asher no fundo dizendo que ele cuidará de July enquanto ela está no telefone.

— Não, seu irmão a pegou. A culpa é dele de qualquer maneira; ele nunca a solta, de modo que, agora, se alguém não a segura ela começa a chorar.

— Acho que ambos são culpados por isso.

— Não, é tudo culpa dele. — Posso realmente sentir o amor que ela tem pelo meu irmão apenas na sua voz, tão louco quanto isso soe. — Então, o que há de errado? Por que você está me ligando da ensolarada Jamaica?

— Acho que eu fodi tudo.

— Trevor! — Ela bufa, soando como uma mãe.

— Não fodi desse jeito.

— Como, então?

— Disse a Liz que a amo. — Não digo a ela que a prendi para dizer isso e que, em seguida, forcei-a a dizer de volta e ainda disse que ela se casaria comigo.

— E? Ela ama você; qual é o grande problema?

— Como você sabe disso? — Sento, esperando ela me dizer como sabe. Nunca quis que Liz me dissesse que me ama até que estivesse pronta. Não queria forçá-la, mas isso é exatamente o que fiz, a segurei e a obriguei a me dizer.

— Ela me disse, — diz November em um tom de duh, o mesmo que ela usa com todos nós, rapazes, quando acha que estamos sendo estúpido.

— Por que ela diria a você e não para mim? — Agora estou chateado porque ela se sentia da mesma forma que eu e nunca disse nada, enquanto eu estive enlouquecendo nessas últimas semanas.

— Ela queria ter certeza de que ambos estavam no mesmo ponto antes de dizer.

— Jesus, por que as mulheres fazem isso? Por que vocês acham que sabem o que estamos pensando?

— Você é um cara, pensa sobre sexo e esportes. Não é difícil descobrir. — Ela ri até que eu ouço um estalo alto. — Asher, — diz e então ouço o telefone ficar silencioso e um gemido alto. Desligo antes de ouvir algo mais. Ouvir meu irmão fazendo sexo com alguém que considero uma irmã nunca vai acontecer. Deito-me na cama, fechando os olhos.

Acordo com o som de alguém batendo na porta. Olho para o relógio; eu dormi por cerca de duas horas.

— Já vou, — grito. Nem sequer olho para ver quem é, só abro a porta ainda meio adormecido. Sou pego de surpresa quando me empurram contra a parede pelo meu pescoço.

— Que porra você faz com a minha irmã? — Pergunta Tim, seu braço na minha garganta. Uso o meu braço livre para dar impulso, trocando nossas posições. Ele não esperava o movimento, a julgar pela maneira como seu corpo bate na porta.

— Ouça-me, seu pedaço de merda, — eu rosno; minha mão ao redor da sua garganta. — Eu a amo, e isso é mais do que posso dizer para você, aquele que teve a coragem de roubar o dinheiro dela, obrigando-a a ter um segundo emprego que simplesmente era trabalhar em uma porra clube de strip. — Estou tão chateado que posso sentir meu sangue correndo pelas minhas veias.

— Você não tem ideia do que está falando, — ele tosse quando afrouxo a mão de seu pescoço.

— Não sei do que estou falando? Eu sou aquele com quem ela chora, — volto a apertar a minha mão em torno do pescoço dele. — Não me diga que não sei do que estou falando.

— Eu não tive escolha. Preciso do dinheiro. Descobri que Kara estava grávida e tinha que pagar algumas dívidas.

— Então você roubou de sua família?

— Você não tem uma criança a caminho; você não entende. — Me afasto dele, entrando no quarto.

— Você está certo. Não tenho uma criança a caminho. Mas tenho uma menina e uma família, de jeito nenhum colocaria qualquer um deles no meio da minha merda.

— Oh, o grande Trevor Mayson é de repente melhor do que todo mundo.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Oh, mas todos não sabem sobre você?

— Você realmente veio me encontrar para falar essa merda? — Pergunto, cruzando os braços sobre o peito. Meu sangue está fervendo. Se não fosse por minha promessa para Liz, sua bunda estaria pendurada sobre o balcão.

— Quero saber o que você faz com a minha irmã.

— Você não pode perguntar isso; você não pode interpretar o papel de irmão mais velho.

— Amo a minha mãe e minha irmã. Você pode não acreditar em mim, mas eu amo.

— Prove. Volte para a cidade e ganhe o dinheiro que você deve a ela.

— Eu tenho Kara. Eu...

Dou um passo em direção a ele, interrompendo-o. — Essa é a sua escolha; mas digo agora, se você me pressionar, farei com que Liz te denuncie.

— Não posso voltar para a cidade no momento. Estou trabalhando disfarçado.

Balanço minha cabeça em desgosto. — Essa mentira pode funcionar com sua mãe, mas não funciona comigo.

— Foda-se, — grita; seu rosto ficando vermelho.

— Por quanto tempo você manterá essa mentira?

— Não é mentira. As pessoas para quem eu devia dinheiro confiam em mim. Os policiais não tinham ninguém lá dentro, e quando descobriram sobre a minha dívida se ofereceram para pagá-la em troca de eu ficar disfarçado.

— Se eles pagaram a sua dívida, por que você pegou o dinheiro da sua irmã?

— O dinheiro que eu peguei dela pagou a dívida; o dinheiro que os policiais me deram pagaram meus juros. — Eu o vi começar a andar, suas mãos correndo pelo seu cabelo loiro desgrenhado. — Eu saía com Kara por um tempo quando ela me disse que estava grávida. — Ele para, seus olhos encontrando os meus. — Isso foi na época que perdi minha última aposta. Eu sabia que precisava me livrar das pessoas a quem devia; de jeito nenhum eu teria um filho e teria que ficar olhando por cima do meu ombro.

— Então você pegou o dinheiro, começou a trabalhar para a polícia, pediu Kara em casamento, e seguiu alegremente seu caminho. Tudo isso enquanto sua irmã ficava no quarto dos fundos da loja, depois de perder seu apartamento, trabalhar para Mike para que

não perdesse seu sonho, e você vivendo um sonho sem nem mesmo perguntar sobre o dano que deixou para trás?

— Se você está com ela, então por que diabos ela trabalhava em uma porra de clube de strip? — Ele grita.

— Eu trabalhar para Mike não tinha nada a ver com Trevor, — diz Liz, entrando no quarto. Ela coloca a bolsa em cima da cama, vindo para o meu lado. Seu braço rodeia minha cintura.

— Como...

Minha menina não deve estar no clima para ouvir. — Você precisa ir embora, Tim.

— O quê? — Tim pergunta, olhando para mim. Pessoa errada. Sempre fico do lado de Liz; mesmo se eu gostasse dele ainda ficaria do lado dela.

— Você precisa ir embora, — ela afirma, de forma mais firme desta vez.

— Nós precisamos conversar.

— A única coisa que quero ouvir de você agora é quando você voltará para casa para saldar a sua dívida.

— Não posso fazer isso agora.

— Bem, então não temos nada para falar.

— Mana, não faça isso, — ele suplica, com o rosto ficando em pânico.

— Você nunca levou os meus sentimentos em consideração quando fez aquilo comigo.

— Quero que você tenha um relacionamento com seu sobrinho; você não pode simplesmente se livrar de mim.

Olho para Liz quando suas unhas afundam no meu lado. — Isso não é justo, — ela sussurra.

— Você precisa ir, — digo a Tim, dando um passo à frente de Liz.

— Nós não terminamos de conversar.

— Até que esteja pronto para dizer a sua irmã que pagará de volta o dinheiro que você deve, não acho que haja nada para falar.

— Amanhã é o casamento.

— Vê o olhar no rosto de sua irmã? — Aponto para Liz. — Não gosto da minha mulher com esse olhar, então você precisa sair. Amanhã, se ela quiser, vai encontrá-lo; caso não queira, você precisa se afastar, porra, — digo, empurrando-o para a porta.

— Quem você pensa que é? — Ele pergunta, me fazendo sorrir.

— Eu sou o homem dela; e, como seu homem, posso fazer qualquer merda que eu quiser com qualquer um que seja uma ameaça para ela.

— Eu sou o irmão dela, — diz ele atordoadamente quando bato a porta na cara dele. Quando me viro, estou surpreso ao ver Liz sorrindo. Achei que ela ficaria puta por eu acabar de dar um pontapé no seu irmão.

— Obrigada, — diz ela, atirando-se em meus braços.

— Pelo que?

— Por se livrar dele. — Ela enfia o rosto no meu peito e aperta seu pequeno corpo contra o meu.

— Eu sempre vou te proteger.

— Eu sei, — diz suavemente, fazendo-me apertar-lhe um pouco mais.

— Você teve um bom tempo com sua mãe?

— Sim, — ela ri. Afasto seu rosto do meu peito para que possa vê-la.

— O que é tão engraçado?

— Nada, — diz, o rosto ficando vermelho.

— O que você fez?

— Nada, — ela diz novamente, dando um passo para trás.

— Seu rosto está vermelho brilhante, — digo a ela, observando-a. O cabelo dela é o mesmo de quando saiu, sua pele parece suave e cheira a lavanda. — Você recebeu uma massagem?

— Sim, — responde, olhando para o chão.

— O que mais vocês fizeram?

— Manicures e pedicures, — ela murmura, ainda não fazendo contato visual. Em seguida, uma lâmpada se acende e estou muito interessado em saber se o meu palpite é correto. Ando na direção dela, minhas mãos indo para seu vestido, e o puxo sobre sua cabeça.

— O que você está fazendo, — ela grita, tentando fugir; mas a tenho presa.

— Quero ver por mim mesmo o que você fez, — digo a ela, empurrando-a para trás até que ela não tem escolha a não ser sentar na beirada da cama. Caindo de joelhos, puxo seu pé para cima em direção ao meu peito. — Eu gosto dessa cor; como se chama? — Pergunto, inspecionando a cor rosa claro de sua unha.

— Rosa paixão, — diz ela, tentando puxar o pé da minha mão.

— Rosa paixão, — repito. Beijo o topo de seu pé, antes de colocá-lo no meu ombro. Passo meu rosto para baixo, em sua panturrilha e, em seguida, até a coxa. — Sua pele é tão macia.

— Eu... eu fiz uma esfoliação corporal. — Sua voz está entrecortada; olho para cima e vejo que seus olhos estão sombreados e escuros, e suas bochechas estão coradas.

Pego o outro pé, colocando-a no meu outro ombro. Minhas mãos afastam seus joelhos e passo um dedo no centro da calcinha. Seus

quadris se erguem um pouco. Eu me inclino para frente, abrindo minha boca sobre o algodão fino que a cobre e mordo levemente, fazendo-a gemer.

— Você cheira bem. — Pressiono minha língua dentro, fazendo-a gemer mais alto. — Diga que você quer que eu te coma. — Olho para cima; sua cabeça está para trás, os olhos fechados. Meu pau implora para puxá-la para baixo e entrar nela, mas quero o seu gosto na minha língua. — Diga, *Trevor, por favor, coma minha buceta*. — Seus olhos abrem e ela olha para a minha boca. Então mordo de novo, fazendo-a se contorcer.

— Trevor, por favor.

Corro meu dedo ao longo da borda da calcinha e mergulho ligeiramente, sentindo sua pele suave, sabendo que estava certo. — Diga. Diga, *Trevor, por favor, coma minha buceta*, — Rosno.

— Trevor, por favor, coma...

Nem sequer a deixo terminar. Deslizo a calcinha para o lado e a ataco, lambendo, mordendo e devorando-a. — Tão doce, — murmuro contra ela. Seus quadris levantam, e seus dedos escavam em meu couro cabeludo.

— Mais, — ela choraminga, circulando seus quadris.

— Minha menina gananciosa, — murmuro contra ela, deslizando dois dedos profundamente dentro do seu aperto.

— Trevor! — Ela grita, sua boceta convulsionando ao redor dos meus dedos. Seus pés tentam me afastar, mas a seguro com mais força, passando os braços em torno de suas coxas e a mantendo no lugar.

— Pare! — Ela grita.

— Não. Dê-me outro. — Eu a lambo, circulando seu clitóris, em seguida, sugo profundamente. Seus quadris pulam, tentando se

libertar. A puxo com mais força contra a minha boca, minha língua se movendo mais rápido até que ela goza, gritando. Rastejo sobre a cama e puxo seu corpo contra o meu. — Não há nada mais bonito do que ver seu corpo sendo tomado pelo que estou fazendo com você, — digo, deslizando entre suas pernas. Suas mãos vão até a frente da minha camisa, deslizando até o cós da minha bermuda. Sento-me em meus joelhos, puxando a minha camisa sobre a minha cabeça. Ela senta-se, desabotoando meus shorts, e puxando-os para baixo, sua boca contra meu abdômen.

— Amo como você é tão forte e suave ao mesmo tempo, — diz ela, as mãos percorrendo cada polegada de pele que possa tocar.

— Tenho outra coisa para você que é dura e suave, — digo a ela, fazendo-a cair contra a cama rindo. — Você não quer? — Pergunto, sorrindo. Amo poder rir com ela durante o sexo. Pego meu pau, deslizando a ponta através de sua boceta. Engulo um gemido quando sinto sua umidade contra mim. Ela descobre o rosto e me inclino para beijá-la, mordisco seus lábios, a sua língua tocando a minha. Suas unhas cavam em meus lados, me puxando para frente até que deslizo dentro dela. — Jesus, — digo contra sua boca, empurrando mais fundo.

— Sim, — ela sussurra quando sinto tocar no colo do útero. Não quero machucá-la, mas juro que ela ama essa merda.

— A quem pertence esta pequena boceta apertada? — Eu giro os quadris, ganhando velocidade.

— Você! Oh, Deus! Não pare, — ela choraminga.

— Calma, baby. — Lambo seu pescoço. — Amo o seu gosto. — Eu a sinto se apertar em torno de mim com as minhas palavras. Curvo a cabeça para frente, tomando seu mamilo em minha boca e puxando com meus lábios. — Diga que você ama quando estou dentro de você.

— Eu *amo* quando você está dentro de mim, — ela geme. Suas pernas envolvendo-me, seus quadris encontrando os meus quando levanto um de seus pés e o coloco no meu ombro, espalhando-a, observando-me desaparecer dentro dela. — Oh! Isso; não pare. — Ela levanta os quadris, usando o meu ombro como alavanca. Logo antes de senti-la gozar, seus olhos se conectam com os meus; o lábio inferior preso entre os dentes. Mais alguns golpes e a sigo, gemendo o nome dela contra seus lábios. Eu nos giro para ela cair em cima de mim, passando minhas mãos pela pele suave de suas costas. Depois de alguns minutos saciados, ela sussurra, — Sinto muito sobre o meu irmão.

— Não sinta. Sinto muito que você tenha que lidar com ele.

— Espero que ele esteja bem. Kara parece doce; ela estava no spa com a gente e eu realmente gosto dela. Espero que ele não a leve para o meio de alguma coisa.

— Eu também, baby.

— Você acha que ele dizia a verdade? — A verdade é que acredito nele. Não sei por que ele tomou as decisões estúpidas que fez, mas acredito que ele realmente trabalha disfarçado para os policiais agora. — Sim, eu acredito nele. Não sei o que aconteceu para levá-lo a este ponto, mas acredito no que ele diz sobre trabalhar para a polícia.

— Eu também, — ela sussurra. Olho para lá fora, para a água, ouço sua respiração e finalmente caio no sono, ainda no meu pedaço do céu.

~~*

— Estou tão feliz que você veio com Liz, — diz Rita, apoiando as mãos nos meus ombros. Eu olho em toda a pista de dança para ver Liz dançando com George.

— Não há outro lugar que eu gostaria de estar, — digo a ela com sinceridade. Minha menina está linda hoje. Seu cabelo está todo para cima, com pequenos pedaços trançados por toda parte e amarrado em algum tipo de nó no lado de sua cabeça. Seu vestido é sem alças e abraça seus seios e cintura. A cor é um verde escuro, realçando a cor de seus olhos.

— Ela te ama, — diz Rita, observando Liz e George dançar.

— Eu sei. — Sorrio. Eu sei que é arrogante, mas quem, porra, se importa? Rita começa a rir, seu rosto vai ao meu peito, assim como sua filha faz quando ri.

— Posso ver que ela facilitou o seu trabalho. — Ela olha para mim, sorrindo.

— Eu a amo muito, mais do que pensava ser possível, — digo a mãe dela.

— Estou feliz que ela tenha você. — Lágrimas começam a encher seus olhos. — Quando John morreu, foi difícil. Eles eram tão próximos; ela era a filhinha do papai desde o dia em que descobrimos que teríamos uma menina. Seu pai deitava com o rosto no meu estômago contando suas histórias. Quando a trouxemos para casa do hospital ela não ficava feliz a menos que ele a segurasse. Mesmo quando ela ficou mais velha, se ele ia para algum lugar, ela queria ir com ele. Sei que errei com ela e Tim, mas eu estava tão perdida em minha própria dor que tive dificuldade em ver que havia outras pessoas sentindo tanta falta dele quanto eu. Não percebi o quanto errei até o dia da formatura dela, — diz ela, olhando para Liz, que ainda dançava

com George, sorrindo para ele. — Eu estive deprimida durante toda a manhã, pensando em John perdendo mais uma coisa que ele teria gostado de fazer parte. Então, naquela manhã, eu decidi que faria algo que nunca fiz e fui ao túmulo dele. Quando cheguei ao cemitério, Liz estava lá em capelo e vestido, deitada na grama em cima do túmulo. Eu sabia que ela devia passar muito tempo lá. Foi quando percebi que precisava puxar a cabeça para fora da minha bunda e lutar por minha filha, que estava tão perdida sem o seu pai quanto eu estava sem meu marido. Sei que nunca vou superar completamente a perda dele, mas a cada dia torna-se um pouco mais fácil e meu coração se enche com um pouco mais de luz. George é maravilhoso, e sou abençoada por ter tido dois homens que me amavam tão completamente, mesmo com todos os meus defeitos, — diz ela, quando George começa a caminhar em nossa direção com Liz.

— Hey, baby, — eu digo, levantando a minha mão em direção a Liz.

— Oi. — O sorriso dela é tímido. Ela se inclina para beijar a bochecha e sussurra algo para George em seu ouvido; ele sorri e bate em minhas costas, pega sua nova esposa do meu lado e leva-a para a pista de dança.

— Você teve uma boa dança? — Eu a puxo em meus braços, colocando sua cabeça debaixo do meu queixo.

— Sim, foi muito doce, — diz Liz, quando nos balançamos lentamente com a música.

— Bom, — digo; meus lábios no topo de sua cabeça. Olho em volta quando sinto alguém nos observando. É quando vejo Tim do outro lado da pista de dança com Kara.

— Que tal você dançar com seu irmão? — Pergunto.

— Por quê?

— Posso ver que ele sente sua falta. E eu sei que você sente falta dele.

— Eu não sei. — Ela morde o lábio, olhando para onde seu irmão está dançando.

— Estou aqui se precisar de mim; basta esfregar seu ouvido e vou salvá-la.

— Ok, — ela ri, olhando para mim.

— Ok. — Beijo sua testa, levando-a até Tim. Quando nós chegamos a onde ele está dançando com Kara, ele para e sussurra algo no ouvido dela. Ela sorri para Liz e em seguida caminha em direção aos banheiros.

— Podemos dançar? — Liz pergunta para Tim. Ele acena com a cabeça, pegando sua mão e levando-a para a pista de dança. Vejo quando ele diz alguma coisa para ela. Ela olha para mim, sorrindo, depois para Tim, que olha para mim, dando uma elevação do queixo. Eu estou ao lado observando Liz. Kara vem ficar ao meu lado.

— Tim me falou de algumas coisas que estão acontecendo. Obrigada por ajudá-lo com isso. — Ela balança a cabeça em direção à pista de dança. — Eu sei que ele estragou tudo, e ele também sabe disso. Nós conversamos e ele quer se reaproximar da mãe e irmã. Não tenho família, por isso seria bom ter pessoas por perto quando o bebê chegar.

— Liz gostaria disso.

— Ele falará com os detetives com quem está trabalhando e verá se eles podem fazer uma apreensão com a informação que ele tem até agora. — Eu penso em November e July, sabendo que Asher se mataria se algo tivesse acontecido a elas por causa de algo que fez.

Eu me viro para ela, observando-a de perto. — Se você quiser vir para a cidade e ficar com a gente até que as coisas se resolvam com ele, acho que poderia ser bom para você e para o bebê, — digo a ela, olhando para a barriga redonda.

Sua mão esfrega a barriga, olhando para baixo. Quando seus olhos encontram os meus novamente, eu posso ver lágrimas neles. — Eu poderia aceitar a oferta. Não quero estar longe dele, mas as pessoas com quem ele está lidando me assustam. Eles sabem onde vivemos e que estou grávida. Tim continua me dizendo que as coisas ficarão bem, mas não consigo me livrar da sensação de que algo ruim vai acontecer.

— Eu vou pedir para Liz falar com ele e ver se ela pode ajudar a fazê-lo mudar de ideia. — Digo com confiança. Ela sorri, olhando pela da sala.

— Sabe, quando ela disse a ele que vocês dois estavam juntos ele se apavorou. Ele discursou durante uma hora sobre você e sua história com as mulheres. — Ela olha para mim e sorri. — Posso ver que você realmente a ama; acho que ele também vê isso agora.

— Mais do que tudo, — confirmo, observando Liz caminhar em direção a mim segurando a mão de Tim. Assim que ela chega a meu lado, George pega Rita, anunciando que ele e sua noiva estão se recolhendo para a noite. Eles deixam a sala com vaias e gritos atrás deles. Sorrio para Liz, cuja face ficou vermelho brilhante.

— Vamos todos tomar uma bebida e conversar, — digo, olhando para o nosso grupo. O resto da noite é gasta conversando e rindo. No dia seguinte, quando voltarmos para casa, sei que preciso encontrar uma maneira de colocar um anel no dedo de Liz, e fazê-la minha permanentemente.

CAPÍTULO 08



Já se passaram dois meses desde que voltamos da Jamaica. Dois meses de céu. Na semana depois que chegamos em casa me mudei oficialmente para morar com Trevor. Eu adoraria dizer que ele não foi o seu mandão normal quando me pediu para morar com ele, mas, infelizmente, ele foi ele mesmo. Fiquei em casa durante todo o dia com Lolly. Limpei e lavei roupa, e, quando Trevor chegou em casa com suas roupas de trabalho cobertas de lama, as botas deixando impressões enlameadas por todo o meu chão recém-esfregado, eu fiquei chateada. Então disse que ele deveria ter tirado o material antes de trazer lama para dentro da casa. Ele me disse que eu não tinha o direito de reclamar sobre isso porque eu não morava com ele. Então disse que se era assim que ele se sentia, então eu nunca iria viver com ele e que eu deveria voltar a viver com Mike. Quando eu disse isso, ele jogou a cerveja que acabara de abrir do outro lado da sala, e ela estourou contra a parede. Ele gritou que não sabia por que eu não desfazia minha bolsa e guardava toda a minha merda, mesmo quando eu agia como se vivêssemos juntos.

Foi quando peguei minha bolsa de cima da mesa e saí para passar a noite na casa de Mike. Bem, eu *tentei* ficar na casa de Mike. Era em torno de três horas da manhã, quando fui pega e carregada até a caminhonete de Trevor. Ele não disse nada, exceto, — Não consigo dormir. — Quando voltamos para casa, ele me colocou sob seu grande corpo, beijou meu cabelo e adormeceu. Na parte da manhã, quando acordamos, ele pediu desculpas por agir como um idiota, e disse que odiava ver minha bolsa escondida debaixo da cama; isso o fazia sentir como se eu pudesse facilmente sair sem muito esforço. Em seguida, ele começou a deslizar dentro de mim, sua boca sobre a minha, enquanto me perguntava se eu me mudaria.

Agora, diga-me, se Trevor Mayson estivesse dentro de você, pedindo para viver com ele, o que você faria? Exatamente. Você, sem dúvida, se mudaria sem pensar duas vezes, especialmente porque ele está empurrando dentro de você, dizendo o quanto você significa para ele e que ele te ama.

Desde que eu me mudei nós começamos a reformar a cozinha. A primeira coisa que fizemos foi derrubar a parede entre a cozinha e a sala de estar. O próximo passo foi arrancar todos os armários velhos. Em seguida, fomos para o Alabama passar a noite para que pudéssemos ir para Ikea e escolher uma cozinha totalmente nova. Escolhemos armários brancos com uma grande pia, utensílios de aço inoxidável, e seu amigo que trabalha com bancadas de concreto pintou o concreto que parecia incrivelmente brilhante com respingo multicoloridos que escolhemos. Tenho me sentido como se estivesse vivendo um sonho, acordar com o homem que eu amo todos os dias. A única coisa que me aborrece é que ele não trouxe à tona o pedido de casamento novamente desde a Jamaica. Sei que ele me disse para

esquecer, mas não posso; fico me perguntando por que ele me disse para esquecer, ou por que não disse nada sobre isso. Eu quero ser Elizabeth Star Mayson mais do que qualquer coisa. Conversei com November sobre isso, e ela disse que eu não deveria me estressar e que ela tem certeza de que ele me ama, mas que ele quer ter certeza de que é a hora certa para me pedir para ser sua esposa. Não sei o que pensar neste momento. No outro dia o peguei contando minhas pílulas anticoncepcionais quando eu entrei na cozinha. Quando eu disse a ele que as tomava e que não se preocupasse com isso ele ficou com um olhar engraçado em sua cara, me puxou para ele, e beijou-me.

— Você está quase pronta? — Diz Trevor, vindo atrás de mim, me arrastando de meus pensamentos. Ele usava uma blusa preta de manga comprida com seus jeans escuros e botas de trabalho. Vamos nos encontrar com todos no bar para jogar alguns jogos de bilhar. Até mesmo November e Asher nos encontrarão lá. Os pais de Asher, Susan e James, cuidarão de July de noite para que todos nós possamos sair.

— Sim, só me dê, tipo, quinze minutos. Preciso colocar minha roupa. — Seus braços me envolvem, sua boca roçando meu pescoço.

— Amanhã levarei você a um lugar, — diz ele contra a pele do meu pescoço. Inclino minha cabeça, dando-lhe mais espaço, meus olhos se fechando contra a sensação que sua boca cria.

— Onde? — Respiro fundo, tentando impedir o gemido de subir minha garganta.

— Você verá quando chegarmos lá. — Ele sorri, seus olhos se encontram com os meus no espelho. Ele parece tão feliz que me pergunto o que está fazendo. — Agora vamos, antes que eu tire esses shorts minúsculos que você usa e deslize dentro da sua boceta, fazendo você me ver no espelho enquanto te fodo. — Mordo meu lábio, pensando

que não me importaria se ele quisesse fazer isso. Na verdade, estaria perfeitamente feliz com essa opção. Ele começa a rir, seus dedos apertando meus quadris. — Mais tarde vou transar com você aqui. Estarei duro durante toda a noite pensando sobre as coisas que farei com você enquanto você assiste. — Ele me vira, pegando minha mão e colocando-a sobre a sua ereção muito dura e grande que empurra os limites de seu zíper. Minha respiração prende. Posso sentir o pulso rápido no meu clitóris. — Mais tarde, — diz contra a minha boca, antes de eu sentir sua língua contra a minha. O beijo é tão quente que não quero ir a lugar nenhum; o quero agora. Ele tira meus braços de seu pescoço, beija minha testa e sai do banheiro. — Vamos, baby. Temos que ir; comece a se mexer, — ele grita de algum lugar da casa.

— Segure seus cavalos; estou indo! — Grito de volta enquanto ando para o quarto para puxar minha calça jeans e um casaco de lã. Todo o tempo pensando sobre onde ele poderia me levar amanhã.

~~*

— Oh, olha quem é, — diz Jen, com Britney e Cindy de pé em cada lado. Eu as ignoro e caminho até a pia para lavar as mãos. — Olha, eu serei amiga e...

— Oh, ótimo. — Reviro meus olhos, cortando-a antes que ela possa dizer qualquer outra coisa. Olho para as três pelo espelho, meus olhos pousando em Jen. — Eu tive um pressentimento de que nós não poderíamos simplesmente pular esta parte. — Olho para cima do meu ombro e para todas as três meninas que estão lá. — Eu sabia que isso aconteceria em algum momento esta noite; só não sabia quando, —

digo. Desde que chegamos ao bar, Jen tem tentado obter a atenção de Trevor. Ela tirou o casaco, deixando-a em uma blusa curta branca e com um sutiã de renda vermelha muito aparente. Caminhou pela mesa algumas vezes, e em seguida, tentou flertar com Cash. Isto não funcionou, eu acho. Cash tem saindo com uma garota que conheceu quando ele e Trevor foram para o Alabama. Ele passa a maior parte do seu tempo livre lá com ela. Em seguida, ela tentou falar com Nico, que prontamente disse que não queria transar com ela e que ela deveria seguir em frente. Agora, isto. Eu sabia que estava chegando, só não sabia quando.

— O que você está falando? — Jen pergunta, parecendo confusa.

— Você sabe, a parte que está em todos os filmes e todos os livros já escritos; aquela em que você me diz que Trevor não se importa comigo e que só me usa para o sexo... blá, blá, blá. — Estreito meus olhos para ela.

— É verdade; ele não se importa com você. — Ela vira seu longo cabelo vermelho sobre seu ombro. — Só estou tentando salvar-lhe da dor de cabeça. — Ela faz beicinho no lábio inferior.

— Awww, tão doce. Mas eu acho que ficarei por aqui por um tempo. Quero dizer, Senhor, as coisas que o homem pode fazer na cama são de enlouquecer. Há este truque que ele faz, quando vai...

— Sua puta! Fique longe dele, — Jen grita, dando um passo em minha direção.

— Você deve dizer a *Trevor* para ficar longe de *mim,* — sorrio. Sei que ela já tentara fazer isso antes e foi dispensada na frente de todos os seus amigos. Odeio quando as mulheres agem desesperadas quando se trata de homens que não as querem. Infelizmente, Jen é bonita e

provavelmente poderia ter qualquer homem que quisesse se não fosse louca, como Trevor apontou de forma tão eloquente.

— Estou dizendo...

— Você está bem, baby? — Trevor pergunta, enfiando a cabeça no banheiro. Nico empurra a porta, abrindo-a totalmente e dando um passo para dentro.

— Porra sim! Festa no banheiro! — Nico grita, me fazendo rir. Olho para Jen, que está tentando me matar com seus olhos. Trevor se inclina, agarrando minha mão e me puxando para o corredor, onde me pressiona contra a parede, prendendo-me com o seu peso.

— Você está bem? — Pergunta ele, inclinando-se para que sua boca esteja junto ao meu ouvido. Não consigo me concentrar quando seu corpo está pressionado com tanta força contra o meu.

— Eu estou bem, — digo, olhando por cima do ombro para Jen, que sai do banheiro. Seus olhos encontram os meus, e sei que ela não terminou com qualquer plano malvado que esteja tramando. — Você está certo; ela é uma cadela, — digo a Trevor, fazendo-o rir.

— Se ela foder com você de novo, diga-me. Eu sabia que ela tramava algo quando a vi, junto da sua legião, caminhando para o banheiro depois que você saiu da mesa.

— Ela disse que queria me dar alguns conselhos amigáveis e que eu deveria ficar longe de você, — digo com naturalidade.

— Isso foi legal da parte dela. — Trevor sorri.

— Eu sei. Mas eu disse a ela que não poderia terminar com você ainda porque você é bom na cama. Então eu ia contar a ela sobre a coisa que você faz com a língua quando está lá embaixo em mim, mas você apareceu.

— Desculpe por arruinar seu momento brilhante, — ele ri.

— Você deve estar arrependido. — Empurro o peito. — Eu ia chutar verbalmente a bunda dela.

— Pobre bebê. — Ele ri mais forte, beijando o meu pescoço.

— Quando chegarmos em casa eu vou acariciar o seu ego para compensar a interrupção.

— Tenho certeza que você vai, — eu sorrio.

Ele agarra meu rosto, segurando-o entre as mãos. — Eu te amo. Nunca duvide que você é a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Não me faça chorar no meio do bar, Trevor Earl Mayson.

Ele olha para cima, com os olhos esbugalhados.

— Sua mãe me disse, — dou de ombros.

— Se você algum dia disser a alguém o meu nome do meio, eu vou bater em você.

— Oh! Tão assustador, *Earl,* — eu ri, me esquivando debaixo do braço e fugindo dele. Antes que eu pudesse chegar muito longe, ele me levanta sobre o ombro. Suas mãos caem na minha bunda com um tapa alto, fazendo-me rir ainda mais. — Você me coloca no chão agora, Ea...

Antes que eu pudesse dizer as palavras, ele me endireita e sua boca cobre a minha.

Ele puxa a boca da minha, me deixando sem ar. — Agora se comporte.

Sorrio para ele, e quando olho em volta do bar, noto que Jen e sua tripulação assistiam o nosso pequeno espetáculo. Sorrio para elas e jogo o meu cabelo sobre meu ombro. O que eu realmente quero fazer é gritar, *ha ha ele é meu,* e esticar a minha língua.

— Tudo bem, — digo, voltando para a mesa, notando que November está bebendo suco de cranberry.

— Ei, você está bem? — Pergunto a ela, olhando para o copo diante dela.

— Oh sim. Estou bem. Só não sinto como se devesse beber.

— Você não sente vontade de beber? — Pergunto; surpresa. Ela sempre bebe cerveja quando saímos, exceto quando ela está...

— Nós estamos grávidos. — Asher diz com orgulho, estufando o peito.

— Oh meu Deus! Parabéns! — Abraço November, e em seguida levanto para abraçar Asher. — Quando foi que você descobriu?

— Esta manhã. — Asher coloca o braço ao redor dela, beijando seu nariz.

— Quando vocês descobrem o sexo do bebê?

— Não por algumas semanas, — diz November, esfregando sua barriga.

— É um menino, — diz Asher, sua mão se movendo até a cintura dela. Trevor começa a rir, junto com Cash e Nico. — Fiz questão de fazê-lo no lado direito, — diz Asher impassível, olhando para seus irmãos. Começo a rir tanto que lágrimas deslizam pelo meu rosto.

— Nós sabemos, querido, — diz November, batendo o peito de Asher.

— Bem, seja lá o que for, parabéns. Isso é incrível, — diz Trevor, abraçando November e, em seguida, batendo nas costas do seu irmão. Quando Trevor olha para mim ele sorri, fazendo um nó se formar no estômago. O olhar em seus olhos diz muito mais do que quero ouvir. Tento me livrar do sentimento.

— Isso é tão emocionante, — eu grito, batendo palmas. — Vamos tomar um drink. Quero dizer, você não pode beber porque você está,

você sabe, mas eu – hum – eu voltarei, — engasgo, precisando ficar longe de Trevor e o olhar em seu rosto.

— Você está bem? — Nico pergunta, inclinando-se sobre o bar ao meu lado.

— Sim, — eu digo, sinalizando para o bartender. Quando ela finalmente chega até mim, eu peço uma dose de tequila.

— Tequila? — Nico pergunta; suas sobrancelhas franzindo.

— Sim. — Tomo a dose, sem sal ou limão, em seguida toco o copo, sinalizando uma recarga. Começo a levantá-lo até a minha boca, quando é tirado de minha mão por cima do meu ombro, e é dado a Nico. — Isso é meu. — Faço beicinho quando Nico toma minha dose.

— Nós vamos para casa, — diz Trevor, envolvendo um braço em volta da minha cintura.

— Não, estou me divertindo com todos.

— Você estava e depois fugiu; agora, vamos para casa.

— Pode *não* ser um idiota?

— Temos planos para amanhã de manhã, por isso precisamos ir de qualquer maneira.

— Posso pedir para Nico me deixar em casa, se você vai embora, — sugiro.

— Não, você não pode pedir para Nico levá-la para casa, — diz Nico, rindo.

— Tudo bem. — Volto para a mesa, pegando minha bolsa. — Acho que nós já vamos, — digo a November, que olha para o meu rosto e em seguida para Trevor e começa a rir.

— Isso é bom. Precisamos ir também, — diz November, saindo de sua banqueta. — Mas vamos vê-los neste fim de semana para a festa,

certo? — Pergunta, olhando para mim e não tenho ideia do que ela está falando.

— Que festa? — Pergunto; então olho ao redor quando noto que todo mundo ficou quieto.

— Oh, não é uma festa; é um – hum – churrasco, — diz Asher, interrompendo-a.

— Nós estaremos lá, — diz Trevor, olhando para todo mundo antes de puxar-me pela porta atrás dele.

— Eu não sabia que iríamos para um churrasco neste fim de semana, — digo a ele enquanto me levantava no caminhão e colocava o cinto em mim.

— Esqueci-me de dizer, — diz, beijando minha testa.

— Oh, — digo, colocando minha cabeça em seu ombro e relaxando contra seu lado uma vez que ele liga a caminhonete. A tequila me deixa sentindo toda morna e distorcida. Estou tão leve.

— Por que cada vez que alguém fala sobre crianças, você entra em pânico?

Sento-me; sabia que esse dia chegaria. — Eu te disse antes, não quero ter filhos.

— Eu quero filhos, Liz e sei que você quer também. Vejo o desejo em seu rosto quando segura July, ou mesmo quando você conheceu Kara e notou que ela estava grávida.

Eu os quero; no fundo não há nada que eu queira mais do que ser mãe. Mas não posso ser; não posso ter filhos, e, então, deixá-los para trás. — Eu te disse antes, Trevor, que se isso for insuportável para você, então você deve sair antes dos sentimentos estarem envolvidos.

— Diga-me que você nunca quer ter filhos.

— Eu... — não posso dizer; as palavras simplesmente não sairão.

— Vamos fazer lindos bebês e você será uma mãe incrível, — diz ele beijando o topo da minha cabeça. Meu estômago está em nós, as palmas das mãos suando. Quero tanto dizer que não quero ter filhos, mas não posso. Quando penso em ter um menino, com grandes olhos castanhos e longos cílios escuros, que se pareça com Trevor, não posso dizer a ele que não quero isso. Coloco minha cabeça no seu ombro, limpando minha mente de tudo, exceto do álcool correndo em meu sistema. Quando finalmente chegamos em casa vou direto para o banheiro, coloco o pijama e vou para a cama. Quando estou quase dormindo, Trevor vai para a cama e me coloca debaixo dele como sempre faz. Eu o sinto beijar o topo da minha cabeça, e o escuto dizer que me ama, bem antes de eu adormecer.

~~*

— Diga-me novamente porque tenho que usar uma venda nos olhos? — Pergunto a Trevor, que me leva a algum lugar. Levantei esta manhã sozinha em casa. No início pensei que ele estava chateado sobre a noite passada, mas depois entrei na cozinha e havia café esperando por mim, junto com uma nota dizendo que ele foi correr. Eu estava na minha segunda xícara de café quando ele entrou na casa, a sua blusa branca colada ao seu corpo com o suor. Ele a tirava quando entrou na cozinha, sem perceber que eu estava lá e sem saber que dava um show.

Observei-o limpando a cabeça, rosto e em seguida seu peito, sem olhar para cima. Seu moletom folgado estava pendurado tão baixo em seus quadris que se você puxasse para baixo um pouco, teria a experiência completa de Trevor Mayson. Quando levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus, ele sorriu. Andando em minha

direção ele beija minha testa e vai para a lavanderia, onde posso ouvi-lo batendo nas coisas, provavelmente destruindo alguma inocente peça de roupa. No outro dia, ele me ligou e me perguntou se podia lavar toalhas com outras roupas. Eu disse que sim, pensando que ele saberia que ainda teria que separar as escuras das claras. Oh, eu estava errada. Ele lavou uma toalha vermelha com a roupa branca, transformando todos as blusas brancas que ele usa para trabalhar num belo rosa claro.

— Bom dia, — disse ele, voltando para a cozinha.

— Bom dia, — respondi, olhando para o seu abdômen enquanto se movia ao redor, pegando as coisas dos armários. Eu não tinha ideia de que tipo de trabalho o deixa desse jeito, mas sério, eu adorava olhar para ele.

— Pare de me olhar assim, sua pequena pervertida, — diz ele, rindo e fazendo meu rosto corar.

— Pare de andar metade nu, — murmurei para minha xícara de café, ainda olhando sobre a borda em seu corpo.

— Nah, — disse ele, balançando a cabeça. — Gosto desse olhar. — Ele beijou minha cabeça. — Precisamos sair em cerca de uma hora; esteja pronta para ir, — ele me disse, encostado no balcão para comer uma tigela de cereais.

Olhei para ele, mas concordei com um *tudo bem*. Peguei uma banana do balcão. Descasquei e deslizei em minha boca, olhando para ele, observando seus olhos escurecerem e então dei uma mordida grande, e me certifiquei de que meus dentes faziam um som alto ao morder.

— Ai! — Ele riu, cobrindo-se com a mão. Sorri para ele sobre meu ombro, saindo da cozinha.

— Sim, você precisa da venda, — ele me diz, me trazendo de volta ao presente. Ele me segura mais perto. Sei que estamos do lado de fora; posso cheirar flores e sentir o sol batendo em mim. — Vou te soltar agora, — diz ele, me abaixando até o chão. Eu agarro seus ombros, e quando os meus pés tocam o chão, meu estômago enche de borboletas, e meu pulso acelera. — Esta é a nossa primeira parada, — ele me diz, tirando minha venda. Olho em volta vendo que estamos no cemitério onde meu pai está enterrado. Meu estômago cai quando olho para a sepultura do meu pai.

— Por que estamos aqui? — Pergunto, olhando para Trevor, que agora parece nervoso.

— Eu queria conhecê-lo. Você não fala comigo sobre ele muitas vezes e eu sei que ele era importante para você.

Concordo com a cabeça. — Ele era meu melhor amigo, — digo, olhando para lápide do meu pai. — Não importa o que acontecia, eu sabia que poderia falar com ele sobre qualquer coisa e que ele me ouvia. Ou se eu tivesse um problema, ele me ajudaria a encontrar uma solução.

— Parece que ele era um homem bom, — diz, envolvendo os braços em mim.

— Ele era o melhor; ele teria gostado de você, — respondo, e as lágrimas começam a cair dos meus olhos.

— Eu teria gostado dele também. — Ele segura meu rosto em suas mãos, beijando cada pálpebra. — Ele é uma das razões para você ser tão bonita por dentro, juntamente com o exterior. Ele é uma das razões pelas quais eu não pude evitar me apaixonar por você.

Eu choro, minha cabeça se encostando em seu peito; ele me segura por um longo tempo, com a brisa soprando e o sol batendo em

nós. Quando finalmente me acalmo ele me pede para ir esperar na caminhonete e diz que estaria comigo em poucos minutos. Eu me ajoelho no chão em frente à lápide do meu pai e envio uma mensagem silenciosa dizendo que estou feliz, que o amo e sinto falta dele. Então me levanto, beijo Trevor, e volto para a caminhonete para esperar por ele.

Eu o vejo do banco do passageiro enquanto ele também se ajoelha em frente à lápide do meu pai. Posso ver seus lábios se movendo, mas não posso distinguir as palavras. Mas depois, ele estende a mão, dá um tapinha no topo da lápide, levanta-se e caminha para o lado do motorista da caminhonete.

Quando está de volta na caminhonete ele retira a venda de seu bolso e coloca de volta nos meus olhos. — Só mais uma parada, — diz ele. Sinto o carro dar ré e dirigimos por um bom tempo. Quando ele estaciona e me arrasta para fora do seu lado, carregando-me novamente, mas desta vez, apenas a uma curta distância. Quando para de andar, ele me põe no chão, me coloca de seu lado e me ajuda a sentar; posso dizer que estou sentada em um balanço. Quando ele remove a venda está ajoelhado na minha frente. Olho em volta para ver onde estamos.

— Por que estamos aqui? — Inclino minha cabeça para trás, olhando para a árvore em que eu estava sentada. O balanço é o que usei o tempo todo quando era jovem. Os antigos laços da corda acima dos ramos do velho salgueiro gigante; os ramos exteriores da árvore criam a sua própria fuga para quem balançava.

— Eu falei com sua mãe e ela me disse que os dois passavam um tempo aqui quando namoravam. Ela também me disse que este é o

lugar onde seu pai pediu para ela se casar com ele. — Seus olhos são calorosos quando ele fala de meus pais.

— É; este era o local favorito do meu pai, — digo a ele, lembrando-me de vir aqui quando era pequena. — Eu costumava fazer o meu pai me empurrar neste balanço por horas. Às vezes ele trazia um piquenique; uma vez ele até mesmo fez uma festa de chá aqui comigo e se arrumou. — Eu rio junto com Trevor.

Quando ele olha para o meu rosto eu vejo tanto amor nos olhos dele que minhas mãos começam a suar e prendo a respiração. — Sua mãe me disse que este era um lugar especial para você, um lugar cheio de amor e felicidade. É por isso que eu queria trazê-la aqui.

— Oh, — digo, observando Trevor inclinar-se e tirar algo de seu bolso, antes de retornar à sua posição ajoelhada.

— Você é minha melhor amiga. Eu posso rir com você e brigar com você, mas sempre sei que estarei com você. Você é a pessoa com quem quero começar uma família, envelhecer, ter memórias, sonhar, chorar e viver esta vida. Quer se casar comigo? — Ele segura o anel entre dois dedos. Eu cubro minha boca, olhando para o belo anel com uma pedra de corte esmeralda, meus olhos vão para os dele. — Esta é a parte onde você diz, *Eu não posso imaginar minha vida sem você*... e diz sim. — Ele realmente parece nervoso.

— Sim, — me esforço para dizer com minha boca ainda coberta. Ele levanta a mão que cobre minha boca, traz para a sua boca e beija meus dedos, antes de deslizar o anel.

— Perfeito, — ele diz, beijando meu dedo antes de me puxar para o chão junto a ele.

— Isso tem que ser o melhor pedido de casamento da história dos pedidos, — digo a ele, rindo.

— Percebi que eu fodi o primeiro pedido; eu precisava compensar.

— O primeiro pedido foi você, — digo, retirando meu rosto do seu pescoço para que eu pudesse olhar para ele. — Você é muito mandão e exigente; essa é uma das razões que eu te amo.

— Você está presa comigo para a vida.

— Eu sei; talvez eu esteja louca, mas isso me deixa muito feliz. — Eu rio quando ele começa a me fazer cócegas.

— Vamos para casa garota louca.

— Vamos para casa comemorar, — esclareço.

— Oh, nós definitivamente vamos comemorar. — Ele me pega, me joga por cima do ombro e nós voltamos até a caminhonete.

No caminho para casa eu pergunto o que ele disse quando esteve sozinho por aqueles poucos minutos na sepultura do meu pai. Ele me diz que estava pedindo a permissão do meu pai para me pedir para casar com ele. Não achei que pudesse me apaixonar mais por Trevor, mas, aparentemente, eu estava muito errada. Meu coração se enche de amor pelo meu noivo – wow... meu *noivo* – e quando chegamos em casa, nós comemoramos a noite toda.

CAPÍTULO 09

Trevor

Na noite após o *churrasco* – que na verdade foi uma festa surpresa de noivado – estou acendendo a lâmpada de cabeceira quando ouço o telefone tocar.

— Sim? — Respondo, quando vejo o número de Cash no visor.

— Encontre-me no celeiro em vinte minutos, — diz ele, antes de desligar. Olho para o telefone na minha mão, me perguntando o que diabos está acontecendo. Desde que éramos crianças, se um de nós tem um problema, nós nos encontramos no antigo celeiro na propriedade de meus pais. Olho para Liz, que dorme profundamente ao meu lado. Seu rosto está abrigado na dobra do meu braço, sua respiração nivelada, e sua mão com seu anel de noivado deitada no meu abdômen.

— Querida, — eu sussurro, correndo os dedos por sua bochecha suave.

— Sai daqui, — ela murmura, batendo em minha mão. Eu rio, correndo a mão pelo seu rosto novamente, fazendo-a me golpear, antes de rolar para longe. — Querida, — digo novamente, desta vez perto da orelha dela, fazendo-a gemer e esconder a cabeça debaixo do

travesseiro. — Eu preciso sair; volto rápido — digo. Sua cabeça sai de debaixo do travesseiro, e ela olha para o relógio e depois para mim.

— São três da manhã. — Sua voz é suave, seus olhos sonolentos e preocupados.

— Cash ligou, e ele precisa de mim.

— Ele está bem? — Ela se senta, sua camisa branca não escondendo nada. — Devo ir com você? — Ela pergunta, puxando o cabelo do rosto, olhando ao redor da sala, adoravelmente confusa.

— Não. Volte a dormir.

— Tem certeza? — Ela pergunta, enquanto a faço deitar novamente.

— Tenho certeza, — digo, beijando-a antes de vestir um par de jeans e uma camiseta. Volto para o meu lado da cama, onde Liz se aninhou em cobertores e beijo sua testa, dizendo a ela que eu a amo.

— Lolly, — digo em direção a sala. Lolly vem pelo corredor abanando o rabo, pensando que é hora do café. — Venha deitar. — Aponto para o chão, perto da porta, sabendo que, se eu for, ela ficará e cuidará da minha menina. Eu entro na sala, pego minhas botas e calçando-as, pego minhas chaves da bacia que Liz colocara perto da porta, tranco a casa atrás de mim, e vou para a minha caminhonete.

— O que está acontecendo? — Pergunto assim que entro no grande velho celeiro. O interior está dividido em dois níveis. A parte superior é um celeiro velho, e no fundo é um espaço vazio, exceto por uma velha mesa de cartas, com algumas cadeiras em torno dela.

— Espere até Asher chegar aqui, então eu explicarei, — Cash diz, andando para lá e para cá, passando as mãos pela parte de trás do seu pescoço.

— Você sabe o que está acontecendo? — Pergunto a Nico, que está sentado em uma das cadeiras assistindo Cash andar.

— Nenhuma pista. — Ele dá de ombros, e sento na cadeira ao lado dele, observando Cash, ficando mais preocupado a cada segundo. Quando Asher entra, Nico e eu levantamos.

— O que está acontecendo? — Asher pergunta, olhando para Cash. E, pela primeira vez na minha vida, eu vejo o meu irmão mais novo, que está sempre feliz, desmoronar. A cabeça de Cash cai para frente, quando todos nós nos reunimos em torno dele. Coloco minha mão sobre o ombro de Cash, e quando ele levanta a cabeça, corre as mãos pelo seu rosto.

— Eu fodi com tudo, — Cash diz, com a voz quebrada.

— Seja o que for, vamos descobrir; diga-nos o que está acontecendo.

— Jules está grávida. Como diabos eu vou consertar isso? — Ele pergunta, seus olhos suplicantes.

— Jesus, — murmuro, passando minhas mãos pelo meu rosto, antes de olhar para os meus três irmãos.

— Pensei que você estava com Lilly? — Nico pergunta. Tenho certeza que era o que todos nós pensávamos. Cash só fala sobre Lilly desde que a conheceu no Alabama; se ele tem o fim de semana livre, ele passa com ela perto de sua escola. Ele estava até mesmo pensando em pedir que ela transferisse a escola para que pudesse estar mais perto.

— Eu terminei com ela, — diz ele, olhando para longe.

— Cara, você tem certeza que ela está mesmo grávida? Ou mesmo se estiver, você tem certeza que o filho é seu? — Nico pergunta para todos nós novamente.

— Fui ao médico com ela hoje, e ele confirmou que ela engravidou na época em que eu dormi com ela.

— Que porra é essa? — Nico olha para mim, e sei exatamente o que ele está pensando.

— Você usou proteção? — Pergunto.

— Sim! Não sou estúpido. — Ele geme. — Ficávamos há um tempo, mas nós dois concordamos que seria só isso.

— Você usava a camisinha ou ela?

— Que porra importa quem usava?

— Porra, eu te disse que Jules estava dizendo às pessoas na fogueira que ela queria ficar grávida. Você se lembra daquela conversa, idiota?

— Dormi com ela antes de você me dizer essa merda! — Ele ruge, jogando a mesa do outro lado da sala. — Não dormi com ninguém desde que eu conheci Lilly.

— Merda, — sussurro.

— Calma, — diz Asher, dando um passo em direção a ele. — Você sabe que não importa o que aconteça, nós estaremos aqui para você, qualquer coisa que precisar.

— Acabei de terminar com a minha garota. — Cash olha para mim, arrasado. — Não quero que ela tenha que passar por isso comigo, então eu liguei para ela e terminei com ela por telefone. Nem sequer tive a coragem de romper com ela em pessoa.

— Você não tem que fazer isso, — diz Asher.

— Jules está grávida do meu filho. Depois que eu vi o meu filho e ouvi seu batimento cardíaco hoje, eu sabia o que eu precisava fazer. Não posso ser tão egoísta a ponto de pensar que Lilly iria querer ficar comigo, sabendo que terei um filho com outra mulher. — Não

gostei que ele estivesse passando por isso, mas entendi por que ele se sentiria em conflito sobre ficar com a Lilly nesta situação.

— Olha, eu entendo o que você está passando, — diz Asher, esfregando a parte de trás de sua cabeça. — Você é um bom homem, Cash. E de todos nós, você é o mais transparente; sempre foi. Precisamos ter certeza de que este filho é seu.

— Eu sei que ele é meu; sinto isso em meu coração.

— Ok, então o que você precisa de nós? — Nico perguntou.

— Eu contarei para a mamãe e o papai amanhã. Preciso de vocês lá. Jules foi morar com a tia, e eu a terei morando comigo a fim de que se ela precisar de alguma coisa, eu estou por perto.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Asher me olha para back-up.

— Você me perguntou o que eu preciso, e preciso do seu apoio. Preciso saber que vocês me darão cobertura.

— Nós vamos — dizemos em uníssono. — Não importa o que aconteça, nós vamos — digo a ele. Asher e Nico acenam em concordância.

— Que tal eu pegar um engradado que tenho na minha caminhonete, e todos nós tomarmos uma cerveja. Papai acordará em uma hora para ir até a estação; podemos ir lá de manhã, — diz Nico.

— Parece bom para mim, — concordo, olhando para Asher.

— Funciona para mim. Eu alimentei July, antes de sair de casa; minhas meninas ficarão dormindo por um tempo.

— Eu preciso de umas cervejas, — diz Cash, sentando-se em uma das cadeiras, os cotovelos sobre os joelhos, e sua cabeça baixa. Assisto Asher e Nico saírem antes de eu caminhar para onde o Cash está.

— Ficará tudo bem, — digo a ele, sentando em uma cadeira ao lado dele.

— Lilly é a certa, — ele sussurra tão baixo que eu mal ouço. Suas mãos cobrem o rosto, e depois vem descansar sobre sua boca quando nossos olhos se conectam.

— Foda-se, — digo, inclinando a cabeça para trás. Não posso imaginar ter que desistir de Liz.

— Sim, — ele concorda, antes de olhar para a porta e observar Asher entrar com Nico logo atrás.

Passa das dez da manhã quando entro em minha casa. A casa está tranquila, então eu vou para o quarto e posso ouvir o chuveiro no banheiro principal. Abro a porta do banheiro e Liz grita quando entro no local cheio de vapor, puxando a minha camisa sobre a minha cabeça.

— Trevor? — Pergunta ela, enxugando um pouco do vapor da porta do chuveiro, e segurando o peito.

— Sou eu, querida, — confirmo, tirando minhas botas e jeans.

— Eu já estou saindo; você quer que eu deixe a água para você? — Liz pergunta, quando olho para ela através das portas de vidro coberta de vapor do chuveiro.

— Você sai desse chuveiro, querida, e a deixarei suja. Então eu sugiro que você apenas fique aí. — Depois da noite e da manhã que eu tive, sentindo a dor de Cash por perder a garota pela qual ele estava apaixonado, eu preciso de Liz mais do que preciso da minha próxima respiração. Preciso saber que ela está aqui comigo, e que ela é minha.

Ela não disse nada, apenas me observa tirar a roupa. Quando abro a porta do chuveiro, ela dá um passo para trás, abrindo espaço para mim. Eu a puxo em meus braços e descanso minha cabeça em

cima da dela. Seus braços me envolvem mais apertado, enquanto seu corpo relaxa no meu.

— Você está bem? — Pergunta, inclinando a cabeça para olhar para mim.

— Sim. — Seus olhos percorrem meu rosto.

— Cash está bem?

Deixo escapar uma respiração profunda antes de responder, — Ele estará.

— Você quer falar sobre isso? — Ela pergunta, mas não quero falar agora.

— Não, eu quero você de joelhos. — Ela parece assustada, mas depois ela lambe os lábios, ficando de joelhos diante de mim. Estou surpreso por este movimento de sua parte; ela deve saber que preciso disso, desesperado para saber que ela é minha em todos os sentidos. Minhas mãos vão para o cabelo dela, segurando-o longe de seu rosto. Passando as mãos até minhas coxas, ela enrola sua pequena mão em volta do meu pau. Sua língua sai, lambendo a cabeça enquanto sua mão desliza para cima e para baixo. — Sem provocação; abra, — digo a ela, e ela põe tudo na boca, olhando para mim; seus olhos escuros com a luxúria, seus lábios cheios em torno de minha circunferência. Seu ritmo é perfeito; meu pau toca o fundo da garganta cada vez que ela põe tudo. — Você tem uma pequena boca quente, baby, — digo a ela, jogando a cabeça para trás e desfrutando da sensação de sua boca em volta de mim.

Seu ritmo acelera, e sua boca e mão se movem mais rápido. Quando olho para ela, sua outra mão desapareceu entre as pernas. — Ter meu pau em sua boca te excita? — Ela geme enquanto corro minha mão pelo seu rosto. — Pare de se tocar. — Ela hesita e

geme, antes de colocar a mão na minha coxa. Seguro seu rosto, observando-me desaparecer entre os lábios mais algumas vezes antes de começar a sentir aquele formigamento na minha espinha. — Pare. — Levanto-a pelos braços, levantando-a e a girando. Então coloco suas mãos na parede do chuveiro. Meus dedos deslizam sobre seu clitóris. — Você está encharcada; você gosta de me chupar, não é, baby?

— Sim, — ela geme, empurrando e tentando obter mais contato. Eu me inclino, afundando meus dentes em seu ombro, ao mesmo tempo em que bato nela. Um braço gira em torno de sua cintura, a mão livre vai entre as pernas, e brinco com seu clitóris.

— Merda, Trevor! — Ela grita, estendendo a mão por trás dela para agarrar o músculo da minha bunda e me puxar mais profundo dentro dela. Ela inclina a cabeça para o lado, sua boca buscando a minha, e nossas línguas tocam. Eu me perco nela.

— Você nunca me deixará. — Eu bato nela, pontuando as minhas palavras. — Você nunca se livrará de mim. Diga que você quer ter o meu filho.

— Sim! — Ela grita, convulsionando ao meu redor. Sua vagina me puxa, trazendo no meu próprio orgasmo. Coloco minha testa contra suas costas, tentando recuperar o fôlego. Eu sei que é escroto pedir para ela ter o meu bebê quando sei que ela estar prestes a ter um orgasmo; mas porra, eu preciso dela amarrada a mim. — Oh meu Deus! O que foi isso? — Ela ri.

— Um momento que estará queimado em meu cérebro para o resto da minha vida. — Levanto a cabeça dela. Sua testa descansando contra seu braço na parede de azulejo. Deslizo para fora dela lentamente; odeio perder o calor dela. Dirijo-me em torno dela,

beijando-a antes de enterrar meu rosto em seu pescoço, absorvendo seu cheiro.

— Você está bem? — Ela pergunta baixinho, abraçando-me um pouco mais forte.

— Sim, vamos nos lavar. Eu vou te dizer o que está acontecendo enquanto você toma um café.

— Tudo bem, mas me dê um segundo; minhas pernas ainda estão meio vacilantes.

Sorrio, estreitando os olhos. — Venha aqui. Vou lavá-la. — Eu gasto um pouco de tempo lavando-a, e, em seguida, comendo-a, antes de desligar a água e sair do chuveiro. Estendo uma toalha para ela se envolver antes de puxar uma para me secar. Uma vez que ela está vestida e na cozinha, eu digo sobre Cash e Jules. Quanto mais eu falo, mais chateada ela fica.

— Então a menina da fogueira não estava brincando. Ela realmente queria ficar grávida de um de vocês?

Dou de ombros. — Não sei o que diabos aconteceu. Tudo o que sei é que o Cash dormiu com ela.

— E ele sabe que é dele?

— Ele não pode ter certeza sem um teste de paternidade, mas ele acredita que o momento coincide com o tempo em que ela está grávida.

— Isso é louco. Então, o que, ele terminou com Lilly e viverá com Jules?

— Isso é o que ele diz. Amanhã nós deveríamos ajudá-la a se mudar para casa dele.

— Oh meu Deus. — Ela cobre a boca. — Ela tem exatamente o que ela quis, e pobre de Cash, está preso.

— É escolha dele, baby. — Digo a ela suavemente. — Ele não quer que o bebê cresça sem ele.

— Ele ainda pode ver a criança, Trevor! — Ela praticamente grita.

— Você tem que entender, nós crescemos em uma casa com ambos os nossos pais. Ele quer isso para o filho dele. — Eu não digo a ela que Cash me chamou de lado e me contou que Jules disse a ele que se ele não fizesse o que ela queria ela faria um aborto.

— Filho?

— Sim, eles terão um menino.

— Eu me sinto tão mal por ele.

— Eu também; mas quem sabe? Ele e Jules poderiam acabar felizes, — digo a ela, desejando estar certo.

Ela balança a cabeça, olhando para fora da janela. — Sim, eu acho que você está certo.

— Asher falará para November, e eu queria te contar...

— Você não precisa dizer. Sei que Cash é um bom rapaz; e independentemente de como me sinto sobre Jules, vou ser boa com ela.

— Obrigado. — Me aproximo mais, beijando sua testa. — O seu irmão ainda trará Kara amanhã? — Pergunto.

Depois que voltamos da Jamaica, Tim ligou dizendo que os policiais com quem ele trabalhava concordaram que a melhor coisa a fazer é Kara ficar em outro lugar enquanto eles dão os toques finais no caso contra as pessoas que Tim espionava. Tim falou com Mike e explicou a situação, e que, quando tudo estiver concluído, ele viria trabalhar para mim e meus irmãos para ganhar o dinheiro para pagar o que Mike dera a Liz. Tim contou que Mike também lhe disse que eles poderiam ficar no apartamento no andar térreo, onde November e Liz costumavam viver, até que fossem capazes de viver por conta própria.

Todo mundo saiu ganhando. Tim devolveria o dinheiro a Mike. Eu tenho um novo funcionário. Liz tinha alguém para ajudá-la na loja, e Kara teria pessoas ao redor para ajudá-la, antes e depois do bebê nascer.

— Sim, Tim disse que ele só pode ficar a noite, e depois tem que voltar.

— Bem, amanhã, enquanto eu estiver ajudando na mudança da Jules, você pode ir lá e ajudar a Kara a se estabelecer; então amanhã à noite, todos nós podemos sair para jantar. O que acha disso?

— Ótimo, — ela sorri, e então olha para o meu rosto. — Você parece exausto. Por que não tenta dormir um pouco?

— Por que você não tira um cochilo comigo?

— Você e eu sabemos que se eu ficar na cama com você, você tentará e terá o seu caminho mau comigo e não conseguirá dormir.

— Hmmm... ou você poderia tentar me colocar para dormir.

— Como, te sufocando com um travesseiro? — Pergunta ela com uma careta brincalhona.

— Pensei ter te derretido com os três orgasmos que lhe dei.

Suas bochechas coram, deixando-a adorável. — Como pode a minha garota ser tão suja[9], então, agir de modo tímido quando digo a palavra orgasmo?

— Não sou suja, — diz ela, ofendida.

— Oh, baby, você é tão suja que eu acho que precisamos tomar outro banho. — Digo as palavras perto de sua orelha; sinto-a tremer, suas mãos indo para os meus ombros, e suas unhas mordendo minha pele.

— Você é insaciável.

9 Ou safada, safadinha.

— Só para você.

— Você é realmente bom com essa tua boca, Sr. Mayson.

— Eu sei, — digo a ela presunçosamente, colocando-a sobre o balcão.

— Ugh... não quero dizer assim; quero dizer com palavras.

— Claro que sim. — Abro suas pernas, puxando a bunda para a borda. A camisa e calcinha que ela está usando me dão fácil acesso.

— Tenho coisas para fazer hoje, — diz ela. Ao mesmo tempo, ela inclina a cabeça para o lado, dando a minha boca mais acesso ao seu pescoço.

— Eu serei rápido, — digo a ela, sabendo que não a deixarei a lugar nenhum. E não deixo. Passamos o resto do dia na cama, na cozinha e no chuveiro; e em cada lugar, eu estou dentro de Liz.

~~*

— Então, é isso, — digo, colocando a última caixa no chão da sala de estar.

— Yep, — Cash diz, olhando para Jules que está na cozinha.

— Você tem certeza disso? — Pergunto, observando a mandíbula de Cash tremer quando ele vê Jules trocar as coisas dele pelas dela.

— Não, — ele diz, entrando na cozinha e abrindo a geladeira para pegar uma cerveja. Jules diz algo, fazendo sua mandíbula se apertar; em seguida, ele acena com a cabeça, voltando para a sala de estar. — Olha, obrigado pela sua ajuda hoje, mas acho que vocês deveriam ir, — diz Cash, olhando para Nico, Asher e eu. — Jules está cansada, e eu estou exausto.

— Sim, claro, me envie uma mensagem, — diz Nico, batendo nas costas de Cash antes de sair. Asher o abraça, dizendo algo que não posso ouvir, antes de se virar e sair.

— Se precisar de alguma coisa, ligue, — digo a ele, dando um tapinha no ombro. Ele levanta o queixo, me levando para a porta.

— Vejo você na obra amanhã, — diz ele, quando a porta se fecha atrás de mim. Não posso evitar, mas sinto que eu apenas deixei meu irmão em seu próprio inferno pessoal.

Quando me dirijo a minha caminhonete, Nico e Asher estão em pé perto da porta da caçamba. — O que está acontecendo? — Olho entre eles.

— Ela está tomando conta meio que rapidamente, — diz Nico.

— Notei isso, você? — Asher pergunta, esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Não sei quanto a vocês, mas eu espero em Deus que isso não seja algum fodido jogo e que esse garoto seja dele.

— Todos nós sabemos que Cash veste seu coração em sua manga; ele sempre fez, — diz Nico, balançando a cabeça.

— Isso é o que me preocupa, — Asher resmunga baixinho.

— Você fez a mesma coisa, — o lembro. Querendo mudar de assunto, mas ninguém, além de mim, sabe o que Jules disse a ele e não é assunto meu para espalhar essa merda. Cash já está estressado com isso, sem todo mundo saber o que ela dizia para ele. Balanço minha cabeça em meus próprios pensamentos.

— Eu fiz, e essa merda acabou por ser uma mentira. Não quero ver Cash passar por isso, — diz Asher. Eu sei que ele sabe como Cash se sente. Sua ex alegou estar grávida para que ele se casasse com ela, então, descobriu-se que ela nunca esteve grávida; ela criou toda a história para que ele se comprometesse com ela.

— Não importa como nos sentimos sobre isso, ele precisa do nosso apoio, — eu digo, antes de olhar a hora no meu telefone. — Eu preciso ir. O irmão de Liz está na cidade para deixar sua noiva.

— Então, quando ele estará aqui permanentemente? — Nico pergunta.

— Não tenho certeza, — dou de ombros, puxando minhas chaves do meu bolso.

— Amanhã, eu não estarei na obra. Tenho um trabalho com Kenton, — diz Nico, olhando entre Asher e eu. — Eu sei que vocês não querem ouvir, mas precisamos chegar a um valor para que vocês possam comprar a minha parte.

— Você tem certeza que é o que você quer? — Asher pergunta.

— Eu disse a vocês antes, a construção é tudo o que eu já conheci; mas rastrear pessoas é algo em que eu sou bom. Adoro fazer isso.

— Não é seguro. — Digo, balançando a cabeça.

— Nem trabalhar em um canteiro de obras; qualquer coisa pode acontecer quando construímos uma casa.

— Verdade. — Asher balança a cabeça, empurrando as mãos nos bolsos da calça jeans. — Se é o que você quer fazer, descubra quanto vale a sua parte no negócio. Todos nós analisaremos os números junto e descobriremos como fazer isso acontecer.

— Eu deixarei vocês saberem, — Nico diz, caminhando em direção ao seu carro. Eu o vejo ir, preocupado com meus dois irmãos mais novos, por diferentes razões. Meu telefone emite um sinal sonoro com uma mensagem. Olho para baixo para ler.

LIZ: *Estou morrendo de fome. Venha me alimentar.*

Eu: *Estarei aí em breve.*

Digito rapidamente a resposta, nem mesmo percebendo que sorria.

— Que sorriso é esse? — Olho para Asher e olho feio.

— Isso é o sorriso de, eu sou pau mandado, — Nico grita pela janela do carro, antes de sair da garagem.

Asher ri, e mostro o dedo a Nico. — Tenho que ir, — digo, abrindo a porta da caminhonete.

— Vejo você amanhã, — diz Asher, subindo em seu Jeep. Aceno com meus dedos, antes de ligar a minha caminhonete e ir para casa.

~~*

— Então, como hoje foi? — Pergunto a Liz, que está esparramada em cima de mim. Quando chegamos em casa do jantar com Tim e Kara, eu não podia deixá-la nua e colocá-la na cama rápido o suficiente. Assim que terminou, ela saiu de cima de mim, foi para o banheiro para se limpar, em seguida, voltou para a cama com um pano, me limpando, antes de rastejar em cima de mim. Este é o lugar onde nós estivemos nas duas últimas horas. Quando eu saí da casa de Cash, fui direto para a casa de Mike, e peguei Liz, enquanto Tim e Kara seguiram atrás em seu carro para o único lugar mexicano na cidade. Acabamos por ficar lá por algumas horas, falando sobre tudo, desde a conversa de Tim com o detetive e a gravidez de Kara, ao nosso noivado.

— Foi bom. Será bom ter Kara perto. Estou animada para conhecê-la melhor, e ter o meu sobrinho perto quando ele nascer; além disso, será bom ter alguém para ajudar na loja, desde que a mamãe está pensando em passar mais tempo no Alabama, com George.

— Sim, e tê-la perto vai lhe dar algum tempo para começar a planejar o nosso casamento.

— Você quer um grande casamento? — Pergunta ela, colocando o queixo no topo de suas mãos.

— Não me importo se é grande ou pequeno, contanto que quando acabe, você tenha meu sobrenome. — Ela sorri, levanta um dedo e observa ele viajar sobre meus lábios.

— Ainda não posso acreditar que vamos nos casar, — ela diz baixinho, ainda olhando para o dedo em minha boca.

— Por que?

— Tudo só está acontecendo tão rápido, — ela dá de ombros, seus olhos encontrando os meus.

— Não é rápido o suficiente, se você me perguntar, — resmungo.

Ela ri, rolando de mim para suas costas, cobrindo o rosto com as mãos. — Quem diria que Trevor Earl Mayson reclamaria sobre não ser amarrado rápido o suficiente?

— Amarrado? Gosto do som disso. — Eu rolo em cima dela, prendendo as mãos ao lado de sua cabeça.

— Você não está me amarrando, — diz ela, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Por que não? Você não confia em mim?

— Sim.

— Vamos ver o quanto você confia em mim. — Puxo suas mãos acima da cabeça, esticando-a debaixo de mim. — Mantenha as mãos para cima, aqui. — Sento-me, montando-a, passando minhas mãos sobre a pele lisa de seus braços. Paro meus dedos mais abaixo, pastando os lados de seus seios, ao longo de suas costelas. Então minhas mãos voltam a sua cintura, cobrindo os seios, prendendo seus

mamilos entre meu dedo médio e indicador. Eu puxo, seu corpo arqueando para fora da cama. — Não mova suas mãos. — Digo a ela, quando ela vai levantá-las.

— Pensei que você me amarraria? — Ela geme. Eu sorrio, mordendo o interior da minha bochecha para não rir.

— Trabalhamos na confiança. Eu confio em você para manter suas mãos acima de sua cabeça.

— Oh. — Ela deixa escapar um suspiro desapontado, me fazendo sorrir e seus olhos estreitam. Minha noiva não gosta de admitir, mas ela é definitivamente uma garota safada.

— Mantenha as mãos onde estão. — Eu me inclino para o lado da cama, agarrando a primeira coisa que eu acho, que passa a ser sua calcinha de renda.

— O que está fazendo com isso?

— Você verá, — digo, puxando-a um pouco mais na cama para aproximar as suas mãos na cabeceira da cama. Cruzo os pulsos uns sobre os outros, e, em seguida, uso as calcinhas rendadas. Eu as enrolo em torno de seus pulsos, e depois na ripa na cabeceira da cama. — Agora, onde eu estava? — Eu olho-a, antes de levantar as duas pernas com as mãos e sentar sua bunda contra as minhas coxas, envolvendo suas pernas em torno de meus quadris. — Agora, vamos começar de novo. — Corro minhas mãos de seu estômago para seus seios, espalmando ambos, antes de puxar seus mamilos. Eu vejo quando ela arqueia as costas, sua boceta esfregando contra meu pau, seus seios subindo e descendo rapidamente. Deixo seus mamilos, agarrando sua caixa torácica. Eu mantenho uma lá, movendo para o outro lado, passando por sua barriga, em seguida, usando o polegar para deslizar sobre seu clitóris, ela circula os quadris, esfregando contra meu pau

novamente. — Segure-se na cabeceira da cama, baby, — digo a ela antes de tirar seus pés da minha cintura, colocando-os na cama ao lado de meus quadris. Eu levanto-a levemente, flexionando meus quadris, e deslizo profundamente dentro dela. Seu corpo está completamente no ar, quase como se ela estivesse fazendo uma curva para trás, tornando mais fácil para eu bater nela com um ligeiro aumento de meus quadris.

— Oh, Deus! Vou desmaiar, — ela geme.

— Você não vai, — digo a ela, batendo-a mais forte, uma mão puxando seus mamilos, a outra viajando para brincar com seu clitóris.

— Eu vou... Eu vou desmaiar, — ela grita, quando seu corpo começa a convulsionar, sua boceta estrangulando meu pau.

— Foda-se! — Eu grito, segurando seus quadris. Mais um, dois e três empurrões e sento em meus tornozelos, envolvendo suas pernas em meus quadris, em seguida, inclino para frente, desato suas mãos, puxando-a para mim. Seu corpo está desossado; seu coração batendo cem milhas por hora e ambos os nossos corpos estão cobertos de suor.

— Isso foi... isso foi... wow, — ela sussurra, então começa a rir. — Você estava no circo? — Ela ri mais alto, me fazendo rir.

— O quê? — Pergunto; confuso.

— Bem, eu me senti como uma espécie de artista de circo na minha cabeça.

— Que tipo de circo você tem ido, pervertida? — Eu rio, fazendo-a rir mais forte. Sabendo que isso é o que me espera, me sinto como a porra de um rei. Ter uma mulher que não era apenas bonita, mas alguém com quem eu poderia falar sobre qualquer coisa e rir era inestimável.

CAPÍTULO 10



Olho para cima ao ver a porta da loja ser aberta. November entra carregando July. — Ei, como vai? — Pergunto, colocando a nossa nova remessa de bolsas.

— Bem! Acabei de voltar do meu pai. Ele teve que ter a sua dose de July, — diz November, passando atrás da caixa registradora para sentar-se no banco.

— Ele ainda diz que você pode mudar para casa? — Pergunto, rindo. Mike não gosta de abrir mão do seu tempo com a neta, então recentemente, ele disse a November que ela deveria mudar de casa para que ele pudesse ter acesso em tempo integral a ela.

— Não, ele parou de dizer isso depois que Asher ouviu e pensou que ele falava sério, — ela sorri. — Você deveria ter visto o olhar no rosto dele.

— De jeito nenhum, — balanço minha cabeça. — Asher feliz é um pouco assustador. Asher louco? Não, obrigada.

— Oh, ele não é tão ruim assim, — diz ela, beijando July em todo o bonito rosto gordinho.

— É o que diz a garota que está casada com ele, — eu ri. O sino acima da porta toca novamente. Desta vez, a amiga de Jen, Britney, entra, com a mamãe do bebê de Cash, Jules. November e eu compartilhamos um olhar; ambas fomos palestradas sobre ser agradável. Eu não conheço Jules, absolutamente, mas se ela sai com Jen ou amigos de Jen, eu não tenho certeza se quero conhecê-la. — Oi, posso ajudar vocês? — Pergunto, dando um passo para frente da loja.

— Você tem materiais de bebê? — Jules pergunta, esfregando seu estômago.

— Temos algumas coisas, mas não muitas. Elas estão naquela seção, — digo, apontando para o fundo da loja.

— Obrigada, — diz Britney. Jules sai, deixando Britney em pé na minha frente, enrolando o cabelo dela.

— Você precisa de alguma coisa?

— Você sabe que ela está grávida de Cash, então ela tem, como, um desconto ou algo assim? — Britney pergunta, me fazendo querer socá-la no seu seio.

— Não, desculpe, não temos quaisquer descontos aqui, — digo a ela, caminhando para onde November está sentada, tentando matar Britney com os olhos.

— Oh, bem, tudo bem então, — ela dá de ombros, afastando-se. Faço tudo ao meu alcance para não rolar os olhos para o quão grande de um cliché ela é, com seus peitos grandes pulando para fora de seu top, e seu ainda maior cabelo loiro branqueado que precisa desesperadamente de uma hidratação.

November balança a cabeça olhando para Jules, que segura um par de pequenas meias azuis. — Então, como está o planejamento do casamento? — Ela pergunta, e é a minha vez de balançar a cabeça.

— Entre a mãe de Trevor e a minha, eu não fiz nada. No outro dia, elas me disseram que minhas cores do casamento seriam lavanda, verde hortelã e prata; elas também me informaram que me casaria sob o salgueiro-chorão, onde Trevor fez o pedido. — November ri, fazendo July sorrir para ela. — Você acha isso engraçado? — Pergunto, fazendo cócegas nela. Ela se contorce, estendendo os braços para eu pegá-la. — Como você fica mais bonita a cada dia? — Pergunto a ela, beijando seu rosto. Sua roupa hoje é uma camisa rosa chock, uma saia multi-colorida com babados, calças justas, e meias brancas que parecem sapatilhas de balé. Ela murmura, empurrando o rosto no meu pescoço, esfregando para frente e para trás da maneira que os bebês fazem quando estão com sono.

— Está quase na hora do cochilo, — diz November, sorrindo e olhando para nós. É em momentos como este, quando seguro July, que eu posso esquecer por um segundo que o pensamento de ter um filho me deixa em pânico. — Então, como é trabalhar com Kara?

— Tem sido incrível tê-la por perto. Eu realmente gosto dela.

— Vocês devem ir lá em casa para visitar.

— Claro, deixe-me saber quando, — digo. Olho para baixo, notando que July ficou quieta; seus olhos estão fechados, e seu pequeno rosto gordinho está pressionado em meu ombro, fazendo sua pequena boca formar um pequeno beicinho. — Isso não demorou muito. — Eu sorrio, entregando-a cuidadosamente para November.

— Ela gosta da tia Liz, — ela diz, colocando July por cima do ombro e cobrindo-a com um cobertor fino. — Então, quais são seus planos para a noite?

— Eu não tenho certeza. Sei que Trevor está trabalhando; pensei em sair para jantar com Kara. Eu me sinto mal dela estar sozinha.

— Bem, Asher deverá estar em casa cedo. O que você diz de todas nós nos encontrarmos no lugar italiano na Rua Principal, lá pelas seis?

— Parece bom para mim.

— Certo. Bem, vejo você, então, — diz ela, levantando-se e pegando sua bolsa. Eu levá-la até a porta, segurando-a aberta para ela.

— Vejo você as seis, — digo, fechando a porta atrás dela.

— Não posso esperar para ver como será o bebê de Cash, — diz Jules, andando para frente da loja. Esqueci-me que ela e Britney ainda estavam aqui.

— Bem, se ele é um Mayson, eu tenho certeza que ele será bonito, — digo, nem mesmo pensando que minhas palavras pudessem ser mal interpretadas.

— Estou carregando o bebê de Cash, — Jules rosna, inclinando para frente.

— Não quis dizer isso assim. — Digo suavemente, me sentindo mal.

— Tanto faz. Vamos, Brit, — diz Jules, deixando cair os poucos itens que ela tinha em sua mão no chão, antes de sair pela porta.

— Merda. — Suspiro, pegando as coisas que ela derrubou, e caminhando até a frente da loja. Meu telefone toca alguns minutos depois. Quando eu olho para ele, é uma mensagem de Trevor.

Trevor: *Jules ligou para Cash reclamando sobre você dizendo que o garoto não era dele.*

Eu: *Não foi bem assim.*

Releio a mensagem, balançando a cabeça com a estupidez de toda a situação.

Trevor: *Por que você diria algo assim a ela?*

Eu: *Não vou justificar essa pergunta estúpida com uma resposta.*

Digito tão rápido que os dedos doem.

Jogando meu telefone no balcão, vou ao fundo da loja para fazer um balanço.

— Alguém aqui? — Ouço uma profunda voz masculina chamar da frente da loja.

— Estarei aí em um segundo, — eu grito, amassando a última caixa, antes de colocá-la na pilha com as demais. — Oi, posso ajudá-lo? — Eu olho para cima quando alcanço a parte principal da loja; o homem na minha frente me pega desprevenida de quão impressionante ele é. Eu não sei se um indivíduo assim até mesmo deve ser chamado de impressionante, mas ele é. Sua pele é cor de caramelo escuro; você pode dizer que sua herança provavelmente é havaiana. Seu longo cabelo preto é puxado para trás em um rabo de cavalo na base do pescoço, mostrando as características de seu rosto esculpido. Suas maçãs do rosto salientes, queixo quadrado, cílios escuros e olhos cor de âmbar tomariam o fôlego de qualquer mulher.

— Liz Hayes? — Sua voz profunda retumba; ele está vestido com um terno cinza escuro, com uma camisa de seda cor de vinho desabotoada no pescoço.

— Sim, — digo, engolindo em seco. Sua energia é tão assustadora que cavo minhas unhas nas palmas das minhas mãos para evitar correr.

— E sou Kai. — Ele estica sua mão. Olho para ele, observando quão gigante é, e rapidamente estico minha mão. A dele engole a minha.

Limpo minha garganta, pegando a minha mão de volta. — Prazer em conhecê-lo, Kai, — digo, sua boca contrai, então ele corrige sua feição.

— Estou à procura de seu irmão. Você sabe como eu consigo falar com ele? — Balanço minha cabeça. — Ou você é muito leal, ou muito estúpida. — Ele balança a cabeça. — Você entende que, quando a verdade vier à tona sobre o seu irmão, não haverá salvação para ele? É como se ele estivesse morto.

— A polícia...

— Não será capaz de fazer qualquer coisa por ele. — Ele interrompe severamente. Ele caminha ao redor da loja, com as mãos cruzadas atrás dele; sua postura é descontraída, mas sua energia ainda bate contra mim, fazendo-me sentir imóvel. Quando volta para mim, sua mão vai para o interior de seu paletó, fazendo-me estremecer. — Você assiste a muita televisão, Hayes. — Ele ri, me fazendo olhar feio. — Eu quero que você dê o meu número ao seu irmão. Tenho uma proposta para ele.

Pego o cartão dele, segurando-o firmemente em minha mão.

— Ok, — digo; depois ele caminha até a porta e abre-a. Antes de fechar, ele vira e seus olhos me encaram.

— Você precisa de outro empregado com você, na loja, se for para a parte de trás, Hayes, — diz, soando como Trevor e fazendo-me revirar os olhos. Quando sei que ele se foi, eu corro até a porta e a tranco.

Pego meu telefone para ligar para Tim, que atende no terceiro toque.

— Kara está ok?

— Kara está bem, mas um cara passou por minha loja querendo entrar em contato com você.

— Você está bem? — Ele pergunta, soando nervoso.

— Eu estou bem, Tim, eu só... Acho que você deveria ligar para ele.

— Liz...

Ele começa a dizer algo, mas o corto e, não sei por que, mas acho que Kai pode ter alguma forma de proteger Tim. — Seu nome era Kai e ele disse que quando a verdade vier à tona sobre o que você está fazendo nem mesmo a polícia será capaz de protegê-lo. Ele disse que tem uma proposta para você.

Ouço sua inspiração afiada — Qual é o número dele? — Eu dito os números para ele o escuto anotá-los. — Ligarei para ele, irmãzinha, apenas me prometa que você cuidará de Kara.

— Eu prometo, basta ter cuidado, Tim. Eu sei que realmente não sei o que está acontecendo, mas você tem pessoas aqui que te amam e que precisam que você esteja seguro.

— Não se preocupe comigo, apenas cuide de si mesma e de Kara, — diz ele, desligando e deixando-me encarando o telefone em minha mão, esperando que quem quer que Kai seja, que ele possa ajudar Tim. Assim que desligo a chamada com o Tim, ele emite um sinal sonoro de uma mensagem.

Trevor: *Não faça isso de novo.*

A mensagem me deixa sem palavras, e meu intestino se aperta com raiva. Parte de mim quer enviar uma mensagem com um grande F-U; em vez disso, desligo o meu telefone, faço um último passeio pela loja, vou para a casa de Mike e pego Kara para que possamos ir encontrar November para o jantar.

~~*

— Onde diabos está o seu telefone? — Ouço o rosnado atrás de mim. Olho em volta da mesa para o rosto pálido de Kara, o sorriso de

November e o sorriso de Asher. Kara e eu chegamos ao restaurante cedo e conseguimos uma mesa. November e Asher apareceram quinze minutos depois, com uma July dormindo. Todos nós pedimos o jantar e eu pedi vinho. Após o dia que tive, preciso de algo para ajudar a acalmar os nervos. Eu não queria dizer a Kara sobre o meu visitante; ela já estava estressada o suficiente sem lidar com qualquer outra coisa. Quando Asher chegou, ele olhou para mim do outro lado da mesa, como se estivesse desapontado comigo. Foi quando decidi falar e contar para eles o que aconteceu com Jules. Conto a eles *exatamente* o que eu disse e que não gostaria que as pessoas com quem me importo me vejam como uma vadia, quando minhas palavras foram levadas de forma errada e eu me desculpara por ser incompreendida.

Viro a cabeça e olho por cima do meu ombro para Trevor, que está em pé atrás de mim com os braços cruzados. Ele terá outro problema se acha que serei intimidada por ele.

— Oh, hey, querido. Como você está? — Pergunto, virando meu corpo de lado na minha cadeira.

— Como eu estou?

— Sim, você sabe, a saudação normal para quando você vê alguém que não viu por um período de tempo.

— Entendo. Bem, deixe-me dizer-lhe como estou, — diz ele, dando um passo em minha direção, com os dedos levantados na frente dele. — Primeiro, eu fiquei preso em Nashville com um pneu furado. Tentei ligar para minha noiva para que ela soubesse o que estava acontecendo, e não se preocupasse comigo. — Me sinto um pouco mal por ele ter ficado preso, mas não tanto depois das mensagens que ele me enviou, então dou de ombros acenando com minhas mãos para ele continuar seu discurso. — Em segundo lugar. — Rosna, inclinando para frente. —

Recebo um telefonema do irmão da minha noiva me contando sobre alguma nova merda que minha noiva nem sequer se preocupou em ligar para mim e contar-me sobre isso; e de novo, quando tentei ligar e me certificar de que ela estava bem, fui enviado para o correio de voz. — Ele dá mais um passo em minha direção, seu corpo a centímetros do meu; ele se inclina para baixo, entrando em meu espaço. — Por último, mas não menos importante, eu vou para casa e descubro que minha doce noiva não está lá, e não deixou nenhum bilhete, me deixando preocupado e me perguntando se ela está segura. Então, meu irmão liga para me perguntar se jantarei com ele e minha linda, frustrante e irritante noiva, — rosna, estreitando os olhos.

— Bem, se meu lindo e imbecil noivo tivesse agido como se me conhecesse, e não tivesse me acusado de fazer algo que não fiz e, depois, ter tido a coragem de me dizer para não fazê-lo novamente, talvez eu não tivesse desligado o meu telefone, — rosno de volta para ele.

Seu queixo aperta, seus olhos olhando ao redor da mesa antes de voltar para os meus. — Eu estava preocupado com você. — Ele diz suavemente, fazendo minha raiva diminuir.

— Eu... eu quero estar com tanta raiva agora, — digo, perguntando o que diabos há de errado comigo para eu não poder nem mesmo ficar chateada com ele por qualquer período de tempo.

— Você quer, mas não está. — Ele sorri, me fazendo querer empurrá-lo.

— Não abuse da sorte, Earl.

Ele me puxa do meu assento, envolvendo os braços em volta de mim, seu rosto vai ao meu pescoço, onde ele sussurra: — Você receberá umas palmadas por isso. — Mordo o lábio para não gemer; levanto

minha cabeça, seus olhos olhando meu rosto. — Eu te amo, mas não me faça ficar preocupado com você quando não é necessário. Mesmo se estiver chateada e só atender ao telefone para mandar eu me foder, isso é melhor do que não ouvir nada de você e querer saber se está bem.

— Tudo bem. — Reviro meus olhos, empurrando seu peito. Ainda não estava pronta para superar minha raiva.

— Você terminou de comer?

— Sim, acabamos de terminar.

— Você deixará Kara em casa?

— Sim, eu a trouxe até aqui.

— Tudo bem, eu vou encontrá-la na casa.

— Tudo bem, — resmungo, ele beija minha testa, depois inclina meu rosto para beijar meus lábios. Depois me solta e anda ao redor da mesa, batendo nas costas de Asher, beijando a bochecha de November, e dando um abraço em Kara.

— Vejo você em casa, baby, — diz ele, antes de sair pela porta do restaurante.

— Então, ele é um aprendiz rápido, — diz Asher, sorrindo. November o cotovela nas costelas, revirando os olhos e me fazendo rir.

— Devemos ir para casa, — diz November levantando. Olhando para Kara, ela pergunta, — Você quer que a gente te dê uma carona? Você está no meio do caminho.

— Claro, — ela dá de ombros, olhando para mim.

— Isso é bom. Te vejo amanhã na loja.

Todos nós saímos do restaurante, ao mesmo tempo, e vou na direção oposta deles. Quando estaciono na garagem, Trevor está

abrindo a porta da caminhonete. Eu o vejo descer com uma caixa de cerveja na mão. Ele a coloca na caçamba de sua caminhonete e caminha para o meu carro, onde abre a porta, se inclina e me desfivela.

— Você chegou aqui rápido, — diz ele, puxando-me para seus braços, batendo a porta do carro.

— Kara foi com Asher e November.

— Bom, — diz ele contra minha boca, antes de morder meu lábio inferior. Sua mão puxa meu cabelo para o lado, sua boca cai sobre a pele do meu pescoço. Adoro quando ele assume o meu controle. Eu gemo e seus dentes raspam contra mim, viajando até minha orelha e mordendo. Ele me pega, e depois para em sua caminhonete, pegando a cerveja. Tento tirar as roupas dele enquanto está andando. Consigo desabotoar a camisa xadrez, e depois me inclino, lambendo seu peito.

— Jesus, — diz ele, conforme me esfrego contra ele enquanto ele tenta destrancar a porta. Quando a porta se abre, há um baque forte e depois ambas as suas mãos estão na minha bunda. Sua boca se choca contra a minha; uma das minhas mãos vai para o seu cabelo, a outra para seu cinto. Sua boca deixa a minha, viajando pelo meu queixo e pescoço, em seguida, faz uma pausa no meu peito, onde ele morde meu mamilo através da minha camisa e sutiã, fazendo-me gemer. Minhas mãos o deixam, indo para minha camisa, puxando-a para cima e sobre a cabeça, em seguida, elas vão para frente do meu sutiã para abri-lo. Ele me prende contra a parede, segurando-me com seus quadris antes de agarrar ambos os meus seios, lambendo um mamilo depois o outro. Sua boca volta para a minha, suas mãos indo para minha bunda e coxas, os dedos cavando em minha pele coberta de jeans enquanto ele nos leva em direção ao quarto.

— Preciso de você, — digo, mordendo sua orelha e, em seguida, lambendo seu pescoço. Ele nos pressiona na parede, chocando sua boca na minha novamente. Nós dois respiramos pesadamente quando ele começa a desfazer minhas calças jeans.

— Você só está autorizada a usar vestidos a partir de agora, — ele resmunga, me fazendo sorrir antes de morder meu pescoço e depois abaixar a cabeça para lamber meu mamilo novamente, fazendo minha cabeça bater contra a parede. Finalmente tiro sua camisa e a deixo cair no chão quando mordo sua clavícula. Ele começa a se mover novamente, minhas unhas cavando em suas costas enquanto ele esfrega os dedos ao longo da costura da minha calça jeans. Posso sentir o acumulo de umidade entre as minhas coxas. — Eu preciso te provar. Pensei nisso o dia todo, — diz ele, fazendo meu corpo tremer e ficar ainda mais molhado.

— Por favor, — choramingo; só de pensar nele fazendo isso já me deixa louca. Eu mordo seu pescoço e moo contra ele. De repente, todo o movimento para. Penso que posso tê-lo mordido muito forte até que o sinto começar a tremer.

— Que porra é essa? — Ele grita, segurando-me mais apertado contra ele. Ergo minha cabeça olhando em seus olhos, vendo que ele está realmente tremendo de fúria, e olho por cima do ombro para ver Jen amarrada à nossa cama.

— Puta merda, — sussurro, olhando para Jen, que está espalhada na cama, vestindo apenas um par de pequenas calcinhas de renda.

— O que diabos você faz aqui? — Trevor rosna, nos levando para a cômoda, ainda me segurando com força, meu peito pressionado contra o seu. Ele pega uma camisa da gaveta e coloca, antes de se virar, colocando-me em pé, e vestindo uma em mim. — Você está bem? —

Suas mãos vêm para o meu rosto, puxando os meus olhos para os dele. Quando vejo o olhar preocupado em seu rosto, eu dou um passo para trás. Meu estômago afunda quando ele anda para mim desesperadamente, mas dou mais um passo para trás, depois outro, até chegar à porta do quarto, fazendo sinal para ele sair. Ele olha para a cama, então para mim; meu sangue, antes aquecido, começa a ferver. Eu ia matar essa cadela louca. Olho em sua direção para vê-la olhando para nós, sem dizer nada. Não quero olhar para ela novamente até Trevor estar fora do quarto. Ele caminha para mim, com a cabeça baixa. Tenta me tocar, mas balanço minha cabeça; meu corpo inteiro está zumbindo com raiva. Quando finalmente sai pela porta, eu fecho e tranco atrás dele. Eu me viro para ver Jen me observando; sua boca se move, mas ela não diz nada. Ando em direção a ela. Seus olhos me seguem cada vez mais amplo quanto mais me aproximo.

— Então você pensou que viria aqui, se amarraria, e quando Trevor chegasse em casa, ele a veria na cama e foderia seus miolos? — Eu pergunto, olhando para os nós de seus tornozelos, percebendo que alguém deve tê-la amarrado, porque suas mãos estão atadas da mesma forma, e tão apertado quanto.

— O que você faz aqui? — Ela sussurra, olhando para a porta. Acho que ela está em choque ou algo assim; esta menina nunca para de mover sua boca e agora ela não pode sequer juntar algumas palavras.

— Não aja como se não soubesse que eu moro aqui.

— Você não deveria estar aqui. — A raiva em sua voz faz minhas sobrancelhas subirem.

— Eu não deveria voltar para casa, para minha própria casa?

— Ele sequer quer você! — Ela grita, seu corpo se agitando sobre a cama.

— Você sabe que vamos nos casar, certo? — Cruzo meus braços sobre o peito, olhando para ela.

— Ele *vai* voltar para mim.

— Uau, você está completamente louca!

— Como você acha que fui amarrada? — Ela para de se mover e sorri; eu não posso evitar, mas rio de quão estúpida ela é. Então penso sobre isso; se eu tivesse deixado Kara em casa e chegado mais tarde, seu plano poderia ter funcionado. E esse pensamento me irrita ainda mais.

— Para alguém que tem tantas tendências assediadoras, você não sabe muito das coisas, — digo, olhando ao redor da sala, observando a sua bolsa no armário.

— Não sou uma pe-perseguidora, — ela esbraveja, olhando em volta, puxando o pulso e tentando se libertar.

— Realmente, você tem certeza? Porque eu tenho quase certeza de que este é o tipo de coisa que um perseguidor faz. — Abro a bolsa, encontro seu telefone, e vou para suas mensagens de texto. Encontrando exatamente o que estou procurando, eu pressiono chamada.

— O que você está fazendo com o meu telefone? — Ela grita. Eu pego o cobertor do final da cama e lanço sobre ela, com um autolembrete para queimar toda a roupa de cama quando ela sair.

— Oi, Sr. Carlson. Jen está aqui na casa de Trevor e vai precisar que você venha buscá-la. Ah, e se ela voltar novamente eu a acusarei de arrombamento.

— Sua puta! Que porra está errado com você? Você está louca? — Ela grita, batendo mais forte do que antes. Sabia que ela não gostaria disso; ela é uma filhinha de papai. Além disso, o pai dela paga por sua escola e por tudo o que ela precisa, por isso sua raiva afeta sua conta bancária.

— Eu direi isso uma última vez, Jen. Trevor é meu e se você insistir em fazer as coisas assim, eu insistirei em fazer da sua vida um inferno.

— Eu vou falar a todos da cidade para que parem de ir à sua loja, assim você será forçada a deixar o seu negócio! — Ela grita.

— Você pode fazer isso e eu tenho certeza que alguns de seus asseclas vão ouvir; mas isso não muda o fato de que Trevor é meu.

— Ele voltará. Todos eles voltam, ponto final, — diz, fazendo a minha raiva subir. Olho em volta, vendo a tesoura que usei esta manhã para cortar uma etiqueta de uma camisa em cima da cômoda.

— O que você acha de meninas com franja? — Pergunto, olhando-a.

— O quê?

— Você sabe, franja, — digo, fazendo um movimento de cortar com o meu dedo na minha testa.

— Ninguém usa franja, — diz ela, revirando os olhos.

— Você sempre foi um trendsetter[10], certo, Jen?

— Você está louca? Você quer falar sobre cabelo e roupas? Desate-me, porra! — Ela grita. Eu pego a tesoura em cima da mesa e caminho até a cama. Os olhos de Jen ampliam, olhando para mim e para a tesoura na minha mão. — Olha, eu sinto muito, ok? Por favor, não me mate, — Não posso evitar o sorriso maligno que desliza no lugar; seus

10 Pessoa que dita tendências de moda

olhos ficam enormes, e levanto a tesoura próxima a ela, falando muito calmamente.

— Você vai querer ficar muito parada, Jen. Não quer que eu lhe dê uma franja torta ou que corte você, certo? — Pergunto, reunindo um grande pedaço de cabelo da frente de sua cabeça.

— Não se atreva, — ela rosna, mas não se move.

— Fique quieta, — Repito em voz doce, antes de abrir a tesoura sobre o grande chumaço de cabelo, e começar a cortar; o ruído que a tesoura faz é música para os meus ouvidos. Quando termino, ela tem uma franja que é tão curta, que noventa por cento de sua testa aparece. — Uau, eu nunca percebi quão grande é a sua testa. Pena que você não gosta de franja; elas poderiam ajudar a cobrir essa merda, — digo a ela, balançando a cabeça. — Tenho certeza que seu pai estará aqui em breve; É melhor eu ir, — digo, deixando cair os cabelos na lixeira ao lado da cama, levando a tesoura comigo.

— Eu vou te matar.

Dou de ombros e saio do quarto fechando a porta atrás de mim. Trevor está de pé contra a parede, a cabeça para trás, olhando para o teto. Jen começa a gritar do outro lado da porta para desata-la, então eu grito de volta que seu pai pode fazer isso quando chegar aqui, fazendo com que ela comece a gritar no topo de seus pulmões. Tenho uma última ideia perversa.

Vou até minha bolsa, onde deixara cair ao lado da porta quando Trevor me levou para dentro. Pego meu telefone, volto para o quarto, tiro algumas fotos de Jen, e sorrio quando ela se debate em torno da cama com tanta força que acho que seus pulsos podem estourar. — Aí, — eu digo. — Você está sempre tirando selfies quando vejo você e seus asseclas em minha loja e no bar. Estas serão uma boa adição à coleção

que você tem, sem dúvida, no Facebook. Não se preocupe; vou marcar você.

— Oh meu Deus! Não se atreva, Liz! — Ela sussurra.

— Então, se eu fosse você, pensaria duas vezes sobre o que fazer depois que seu pai chegar, — eu insinuo. Isso a cala.

Quando saio do quarto, os olhos de Trevor vêm para os meus. — Sinto muito, baby, — ele sussurra, me puxando para ele. Meus braços vão ao redor de sua cintura; nós ficamos assim por um tempo, apenas segurando um ao outro, então eu olho em volta, percebendo que Lolly não está lá.

— Onde está Lolly? — Pergunto, correndo pelo corredor, chamando por ela. Ela não está em qualquer lugar da casa. Volto correndo para o nosso quarto, empurrando a porta, fazendo com que bata na parede. — Onde está o meu cão? — Eu grito, movendo-se em direção à cama, pronta para matar essa cadela. Ela deve ver o quão séria estou porque responde imediatamente.

— O... o galpão nos fundos. — Leva tudo em mim para não bater no rosto dela, ou sufocá-la com um travesseiro.

— Eu a peguei, baby, — Trevor grita da sala de estar. Eu corro e derrapo numa uma parada, vendo Lolly tropeçando.

— O que há de errado com ela? — Fico de joelhos; quando ela me vê, ela tropeça em minha direção, e, em seguida, cai na minha frente. Deitando meu ouvido contra o peito, eu escuto seu coração e me certifico de que ela respira bem.

— Puta, eu estou chamando a porra dos policiais! — Ouço Trevor gritar, e, em seguida, Jen se desculpa uma e outra vez.

Não posso acreditar que ela fez isso! Ela arrombou, drogou nosso cão, e, em seguida, a colocou no galpão para que seu amigo pudesse

amarrá-la em nossa cama. Trevor volta para a sala de estar com o telefone ao ouvido, seus olhos em mim. Ele parece que poderia matar alguém. — Pai, eu preciso que você venha à minha casa, e traga alguém com você. Jen arrobou a casa, drogou Lolly e está amarrada à minha cama. — Sua mão vai para o seu cabelo. Com o peito arfando toda vez que olha para mim, ele parece ficar mais irritado. — Foda-se, não! Ela fez essa merda sozinha, pensando que eu iria querer a porra da bunda dela, — ele ruge em seu telefone, fazendo Lolly pular. Ele tira o telefone de sua orelha, empurrando-o no bolso de trás. Eu levanto e caminho em direção a ele, o abraçando. Odeio que ele esteja se sentindo assim.

— Você está bem?

— Porra, não, — diz ele, segurando-me mais apertado.

— Bem, isso tem que ser o dia mais interessante que eu já tive, — digo, logo antes da campainha começa a tocar. — Provavelmente é o pai dela. — Eu me solto de Trevor, mas ele me impede de ir para a porta com uma mão na parte de trás da minha camisa.

— Eu atendo. Você fica com Lolly.

— Certo.

Ele se inclina, beijando minha testa, e vai para a porta da frente, enquanto volto para Lolly, que ainda está deitada junto a uma das cadeiras na sala de estar.

— Você ficará bem, menina. — É quando Trevor volta para a sala, o pai de Jen está bem atrás dele; seu rosto está vermelho brilhante e ele parece pronto para o assassinato.

— Sra. Hayes, lamento muito que isso tenha acontecido. Por favor, aceite minhas desculpas mais profundas e saiba que algo assim nunca acontecerá de novo.

— Com todo o respeito, John, eu prestarei queixa contra Jen pelo que ela fez. Ela não só entrou em minha casa, mas drogou meu cão e, depois, fez alguém amarrá-la na cama, que é minha e de minha noiva, — diz Trevor, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Eu entendo, — o pai de Jen diz, antes de girar com o som de alguém entrando na casa.

— John.

— James. — Os dois homens se cumprimentam.

— Onde ela está? Eu gostaria de falar com ela, — diz o pai de Jen. É fácil ver que ele mantendo totalmente sua fúria sob controle.

— Ela está no final do corredor, a última porta à direita. Ela tem apenas um cobertor cobrindo-a, senhor, — digo a ele. Ele parece surpreso, e depois balança a cabeça, andando pelo corredor até sua filha.

— Está tudo bem, filho? — James pergunta, olhando para Trevor, cuja mandíbula está tão apertada que estou surpresa que não quebra.

— Sim, mas eu ainda quero prestar queixa.

— Tudo bem, por que você e eu não vamos lá fora e conversamos por alguns minutos, assim você pode me dizer o que aconteceu exatamente.

— Certo. Apenas me dê um minuto com Liz e vou encontrá-lo lá fora.

James balança a cabeça antes de chegar perto de mim e se acocorar. — Ei, querida. Você está bem? — Ele pergunta baixinho, e eu aceno, pensando que sou uma grande e gorda mentirosa. — Claro que você está. — Ele sorri, me puxando para frente para beijar minha testa, depois se levanta e sai.

— Você está bem, baby? — Trevor pergunta, de cócoras da mesma forma que seu pai esteve.

— Sim, eu estou apenas pronta para que o dia termine, — digo, colocando minha cabeça contra o lado de Lolly. A mão de Trevor corre ao longo de minha bochecha e de volta pelo meu cabelo.

— Todo mundo sairá logo.

— Tudo bem, — eu sussurro, tentando não pensar no que teria acontecido se eu tivesse entrado enquanto Trevor estava aqui sozinho com Jen. Gostaria de dizer que estou tão segura em nosso relacionamento que não teria assumido o pior; mas a verdade é que eu, como um monte de mulheres, saltaria para conclusões precipitadas, nunca pensando que se tratava de algum tipo de armação repugnante.

— Estarei lá fora conversando com o meu pai. — Ele se inclina, beijando minha bochecha.

Dez minutos mais tarde, Trevor e seu pai voltam para dentro. Lolly finalmente para em pé, mas ainda tropeçando em coisas quando tenta andar.

— Eles ainda estão no quarto? — James pergunta, olhando para o corredor.

— Sim. — Justo então, Jen vem pelo corredor, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto e sua nova franja mostrando a grande testa que ela tenta cobrir com a mão. Mordo meu lábio para não rir do quão feia ela está. Trevor, que está em pé ao lado de seu pai, olha para cima quando a ouve; seus olhos se arregalam e, em seguida, vêm a mim. O olhar em seu rosto me faz puxar Lolly para perto e empurrar meu rosto em sua pele para abafar o som do meu riso.

— Xerife, — diz o pai de Jen. Levanto minha cabeça um pouco para que eu possa ver sua interação.

— Sr. Carlson, por que não vamos conversar lá fora? — James diz, estendendo a mão para Jen e seu pai precedê-lo. Jen não olhou para cima; seu pai coloca a mão contra a parte inferior das costas dela, levando-a para fora da casa. Quando ouço o som da porta se fechando, eu posso sentir Trevor me encarando. Não olho para cima; Apenas sento lá e continuo acariciando Lolly.

— Não sabia que você queria ser uma cabeleireira.

— Eu não quero. — Finalmente olho para cima para ver Trevor me observando de perto. — Hum... eu posso ter ficado um bocadinho zangada.

— Bem, lembre-me de quando eu te chatear nunca deixar objetos afiados ao redor.

— Não me irrite. — Dou de ombros. Ele dá um passo em minha direção, onde estou sentada no chão, agachando-se para que sua boca esteja junto ao meu ouvido.

— Você ama meu pau, baby. Talvez até mais do que eu. E não pense que eu esqueci da proeza de hoje.

— Já te disse; eu nunca disse nada para Jules, — Rosno; irritada.

— Eu sei que você não fez, e que eu estava errado por tirar conclusões precipitadas. Mas você ainda desligou o telefone, fazendo com que eu não pudesse entrar em contato com você; e depois não me contou sobre o visitante que teve na loja.

— Oh.

— Oh. — Ele sorri. — Que punição você acha que deveria ter?

— Você não me castigará. — Meus olhos se estreitam; seus olhos caem para minha boca. Ele se inclina, me dando um beijo rápido.

— Vamos ver, — ele dá de ombros, levantando novamente.

— Falo sério, Trevor; você não me castigará, — digo, começando a entrar em pânico.

— Quando você for castigada, você não pensará nisso como uma punição.

— O que diabos isso significa?

— Vocês estão bem? — James pergunta, entrando. Meu rosto fica vermelho, imaginando o quanto ele pode ter ouvido.

— Nós estamos bem, pai. Apenas fazendo planos, — diz Trevor, olhando para baixo e piscando para mim. Minha boca cai aberta. Nunca o vi piscar, e ele tem uma boa piscada, ao contrário da minha. Uma vez, quando tentei piscar para alguém, acharam que eu tinha algo no meu olho e me ofereceram Visine[11]. Se isso não for um triturador de ego, eu não sei o que é.

— Sr. Carlson e Jen acabaram de sair, — James diz, entrando na cozinha e tirando um bloco de notas. Trevor estende a mão, me ajudando a levantar do chão. Ele me puxa contra ele.

— Eu te amo, baby.

— Sempre? — Pergunto, de pé na ponta dos pés.

— Sempre. — Beijando meus lábios, minha testa e depois me vira, me levando em direção à cozinha.

— Então, você precisa assinar algumas coisas e decidir se quer se candidatar a uma ordem de restrição.

— Você acha que será necessário? — Eu pergunto, mordendo o meu lábio inferior.

— Nunca pensei que você precisaria prestar queixa contra Jen Carlson; portanto, a pergunta que precisa fazer é: você pode confiar que Jen irá deixá-la em paz?

---

11 Lubrificante ocular

— Eu não sei, — digo em voz baixa. Esta é apenas mais uma coisa que eu não queria ter de lidar agora. Trevor esfrega círculos ao longo das minhas costas, seu toque ajuda a me acalmar. — O que você acha? — Eu pergunto, olhando por cima do meu ombro para Trevor.

— Eu quero você segura. Sei que um pedaço de papel não vai pará-la se ela tentar fazer algo estúpido; mas se fizermos isso, ela pode recuar.

— Ela não me atacou. Ela estava aqui tentando pegar você de volta; ela só fez isso de uma forma realmente estúpida. Como ela entrou? — Pergunto.

— Ela alega ter uma chave. — James diz, olhando para Trevor.

— Você deu uma chave para ela? — Pergunto, olhando para Trevor também.

— Porra nenhuma. — Ele rosna; sua mandíbula tremendo. — E não sei como ela entrou. Tudo o que sei é que ela invadiu nossa casa e drogou nosso cão. Eu diria que as duas coisas apontam para ela ser instável, não é?

— Sim. — Suspiro, pronta para o dia de hoje acabar.

— Então está resolvido; faremos uma ordem de restrição, e se não precisarmos dela, bom.

— Acho que seria a coisa certa a fazer, — diz James, olhando entre Trevor e eu. — Então, Susan diz que o casamento está previsto para daqui a duas semanas.

— O quê? — Estou chocada. Não tenho nenhuma ideia do que ele está falando.

— Mamãe me ligou hoje, baby. Bem, na verdade, foi uma chamada de conferência entre as nossas mães. Elas tentaram te ligar e não tiveram sorte, então elas me ligaram. O pastor que casou sua mãe e

seu pai só estará disponível naquele fim de semana; depois disso, ele volta para Nicarágua, onde está ajudando a construir um centro comunitário e não estará disponível por mais alguns meses. Então eu disse para irem em frente e reservá-lo.

— Você disse a elas para ir em frente? Você sabe que eu nem sequer comprei o meu vestido, certo? Nossas mães passaram completamente por cima de mim.

— Você pode encontrar um vestido. Não me importo se você aparecer de jeans; não esperarei mais tempo para você ser minha esposa.

— Por que precisamos apressar isso? Nós já moramos juntos.

— Nós estamos vivendo em pecado.

— Nós estamos vivendo em pecado? — Repito, balançando a cabeça. Então olho para James, e quando vejo seu sorriso gigante quero gritar.

— É melhor você encontrar o seu vestido, baby, porque mesmo que eu tenha que levá-la até o altar sobre o meu ombro, daqui a duas semanas você será Elizabeth Star Mayson.

— Isso é loucura, você é louco, e nossas mães são loucas, — divago. — Não tenho ideia do que vou fazer.

— Acalme-se, dará certo. — Olho para Trevor, que agora parece preocupado. Bom. Ele deve estar preocupado. — Elas disseram que tudo estava sendo cuidado; tudo que você tem que fazer é aparecer.

— Você sabe que as garotas começam a planejar seus casamentos a partir do momento em que são jovens e ganham a sua primeira boneca Barbie? Elas sonham sobre como será, as cores a serem escolhidas, o estilo do vestido... — eu paro, balançando a cabeça.

— Você fez isso? — Ele pergunta, incrédulo, olhando para mim com admiração.

— Não. — Balanço a cabeça para ele. — Mas se eu tivesse, não importa, porque elas tomaram conta de tudo. Eu pensei: *Pelo menos eu consigo escolher meu vestido*, mas parece que elas tomaram conta disso também. — Eu vejo quando Trevor e seu pai começam a rir. — Que diabos é tão engraçado? — Grito, enquanto os caras riem. Lolly entra na cozinha; ela já não tropeça. Dou um suspiro de alívio por ela estar bem.

— Nada baby. Se você quer escolher seu vestido, você escolhe seu vestido.

— Elas já escolheram, — eu amuo, fazendo Trevor balançar a cabeça e olhar para o pai.

— Eu direi a elas que você escolherá seu próprio vestido.

— Tudo bem, — eu bufo e cruzo os braços sobre o peito como uma criança malcriada de cinco anos de idade.

— Mas você precisa encontrá-lo em duas semanas. Não sei quanto tempo leva para escolher um vestido, mas é melhor você começar a procurar.

— Tudo bem, — digo, e Trevor sorri para o seu pai.

— Você precisa de qualquer outra coisa, papai? — Ele pergunta e olha para mim, de repente eu não quero James saia.

— Não, filho. Eu vou...

— Não! Você não precisa de mim para, tipo, contar o que aconteceu? — Eu o interrompo.

— Trevor já me disse, querida.

— Mas ele disse o que *ele* viu. E sobre o que *eu* vi?

— Como a franja de Jen? — James pergunta, sorrindo.

— Ugh... eu... hum... bem, você sabe. Oh, olha a hora! Está ficando tarde. Você deve ir, — digo, de pé rapidamente. Posso ouvir Trevor rir, então acotovelo suas costelas enquanto sorria para James.

— Sim, preciso deixar esses papéis na estação antes de ir para casa. — Ele me puxa para um abraço. — Te amo, querida, — diz ele, trazendo lágrimas aos meus olhos.

— Eu também te amo, — digo, limpando os olhos e dando um passo para trás até Trevor, que envolve seus braços em volta de mim. Ele repousa o queixo no topo da minha cabeça.

— Você precisará ir até a delegacia amanhã para preencher os papéis para a ordem de restrição.

— Nós estaremos lá, — diz Trevor, nos fazendo andar para frente, seguindo seu pai para a porta. — Até mais tarde, pai, — diz ele, fechando a porta atrás de si.

— Você está bem?

— Sim.

— Você está cansada?

— Não, não realmente.

— Bom. Então é hora da sua punição.

— Não! — Eu grito, tentando me libertar.

— Oh yeah, — diz ele, me girando ao redor e me pressionando contra a parede. Sua boca se choca contra a minha, sua mão indo para o meu peito, e seus dedos beliscam em meus mamilos através do material de sua blusa que estou vestindo. Ele toma minhas mãos, puxando-as por cima da minha cabeça. — Mantenha-as aí.

— Mas eu...

— Não. Mova e eu paro. — Ele morde meu lábio, puxando-o com seus dentes; as mãos na parte inferior da blusa a levantam lentamente

até a minha cintura, e, em seguida, estão sobre os meus seios, e, finalmente, sobre a minha cabeça e braços. Quando estou sem camisa, os dedos começam a trabalhar sobre o botão da minha calça jeans. Uma vez abertos ele a puxa sobre meus quadris, mas não puxa até tirá-las, mantendo minhas coxas unidas por meu jeans. — Lembre-se, não mova suas mãos, — diz ele em meu ouvido, sua respiração provocando arrepios em minha pele.

O corpo dele me deixa, suas mãos indo para os botões de sua camisa. Quando a abre ele a joga no chão. Seu polegar viaja sobre meu lábio inferior, embaixo do meu queixo, sua mão se abre sobre meu pescoço, sua outra mão segue o mesmo caminho até os meus seios estarem em suas mãos. — Você é linda, baby; mas seus seios são fodidamente incríveis. — Ele se inclina, lambendo um mamilo e depois o outro. Meu estômago está em nós. Posso sentir-me apertar, meu clitóris latejante, implorando por atenção. Adoro quando ele está assim; é mais quente do que qualquer livro que eu já li.

Sua boca volta para a minha, seu corpo apertando-me com força contra a parede, com as mãos no meu rosto controlando cada movimento meu. Uma mão viaja ao longo do meu pescoço, descendo para o meu peito, costelas, e meu quadril, brincando com a borda da minha calcinha, dedos traçam a borda rendada abaixo do meu umbigo.

— Por favor, me toque, — imploro, querendo sentir os dedos dele em mim.

— Eu vou, — diz, mas não move sua mão da borda da minha calcinha. Sua outra enrola na parte de trás do meu cabelo, puxando minha cabeça e aprofundando o beijo. Sinto os dedos lentamente abaixarem, até que um corre levemente sobre o meu clitóris, fazendo meus quadris saltarem para frente em sua direção. Seu dedo continua

a passar sobre o meu clitóris, enquanto sua boca fica sobre a minha, lambendo e mordendo. Quando ele pressiona dois dedos dentro de mim, eu gemo em sua boca, meus quadris pulando, tentando fazê-lo entrar. Ele se afasta, deslizando lentamente sobre o meu clitóris novamente.

— Pare de me provocar. — Eu estava tão perto.

— Quer gozar?

— Sim, — Eu assobio quando seus dedos se movem mais rápido. Posso sentir a dura ereção pressionada no meu lado; minhas mãos sobre minha cabeça coçam para tocá-lo. Finalmente, eu gozo; o gemido que escapa a minha boca sai em sons selvagens. Posso sentir-me tentando puxar os dedos mais profundamente. Quando ele tira a mão, eu cedo contra a parede, sentindo meu corpo flácido. Os tremores de meu orgasmo ainda batendo através do meu sangue, eu nem percebo quando ele tira completamente minhas calças até que minha perna está sendo jogada por cima do seu ombro e sua boca está trancada em mim. Eu olho para ele; o rosto enterrado entre as minhas pernas, somente a visão já causa um segundo orgasmo. — Oh Deus! — Minha cabeça cai contra a parede; minhas mãos vão para sua cabeça, minhas mãos correndo sobre seu cabelo. Dois dedos entram em mim rapidamente, e grito seu nome, balançando minha cabeça para trás e para frente, tentando afastá-lo. — É demais! Por favor, é muito. — Eu tento mover, mas ele me segura mais forte, seus dedos se movendo mais rápido dentro de mim.

Quando ele suga o meu clitóris juro que vou desmaiar. Ele deixa cair a minha perna, e pressiona seu corpo firmemente contra o meu, me segurando. Posso ouvir seu zíper e então sou levantada; minhas pernas circulam seus quadris, e ele me puxa para baixo, mais

pressionada contra ele. — Foda-se, — ele rosna, levantando e abaixando-me em cima dele. Puxo sua boca para a minha, mordendo primeiro seu lábio superior e então seu lábio inferior, antes de minha língua procurar a dele.

Seus quadris começam a empurrar mais rápido. — Você é tão perfeita. — Meu rosto fica em seu pescoço, meu corpo envolve completamente o dele. Não há uma parte de nós que não esteja se tocando. Eu chupo seu pescoço, e quando sinto um orgasmo começar a construir de novo, ele pressiona mais fundo; sua mão vem entre nossos corpos encharcados de suor, o polegar pressionando meu clitóris. — Você precisa gozar comigo.

— Eu sei, — respiro, levantando a cabeça e observando seu rosto. Seus olhos estão escuros, a pele brilhando de suor. Nós olhamos um para o outro, seu polegar movendo-se em círculos mais rápidos. Posso sentir-me começar a apertar em torno dele. Ele desacelera, deixando-me sentir cada polegada dele deslizar para dentro e para fora de mim; a cabeça de seu pênis arrastando contra meu ponto G, fazendo com que meu orgasmo chegue sem aviso. Sua mão volta para minha bunda quando começa a balançar forte e rápido, me levantando e abaixando em cima dele. Posso senti-lo expandir dentro de mim, com as mãos apertando-me tanto que sei que terei suas impressões digitais na minha pele quando isto acabar. Seus movimentos começam a se tornar erráticos antes dele se derramar dentro de mim, gritando meu nome. Seu rosto vai para o meu pescoço; nossa respiração é ofegante e os nossos corpos estão cobertos de suor. A frieza da parede atrás de mim dá uma sensação incrível contra a minha pele superaquecida. Ele nos vira e desliza pela parede, sentando no chão.

— Não sei como tenho tanta sorte, — diz ele em meu pescoço, causando arrepios,

— Eu que sou a sortuda. — Digo a ele honestamente. Nunca pensei que encontraria alguém que me amasse tão completamente, que me fizesse sentir bonita, segura e importante.

— Não. — Ele levanta a cabeça e afasta a minha de seu pescoço, suas mãos segurando meu rosto suavemente. — Eu sou sortudo. Nunca achei que eu fosse querer alguém que tivesse o tipo de poder sobre mim que você tem. Sei que o meu futuro será incrível, porque você estará do meu lado; e com você, tudo é melhor, — diz ele, inclinando-se e juntando a boca na minha. Quando ele se afasta, sinto as lágrimas caindo pelo meu rosto.

— Idem, — digo em um soluço, empurrando o meu rosto em seu pescoço.

— Jesus. Eu te amo pra caralho; você pensaria que cresceu uma vagina em mim.

— Eu te amo mais.

— Impossível, — ele sussurra, beijando minha cabeça. — Vamos levantar e tomar um banho.

— Você terá que me levar.

— Minhas calças estão nos meus tornozelos. Se eu tentar levar você agora nós dois acabaremos no chão.

— Ok. Deixe-me ver se minhas pernas funcionam — Eu me desembaraço totalmente de seus quadris.

— Odeio isso.

— O quê? — Pergunto; minhas sobrancelhas se unindo. Pego sua camisa de flanela e a coloco, envolvendo-a em torno de mim como um manto.

— Seu calor, eu odeio perdê-lo. — Ele se levanta, puxando suas calças jeans para cima; e envolvo meus braços em torno dele, empurrando meu rosto em seu peito, respirando-o. — Banho, — diz ele, me pegando em seus braços e me levando para o banheiro. Naquela noite, após trocarmos os lençóis da cama, Trevor em sua posição usual, seu corpo em cima do meu – agradeço a meu pai por me enviar um homem como Trevor. Eu não sei por que, mas sei que ele tem algo a ver com Trevor ter sido colocado em minha vida.

CAPÍTULO 11

Trevor

— Pensei que nós conversamos sobre isso? — Olhei para Liz, e depois para baixo, para o porta-comprimidos redondo que me provoca no balcão. Eu disse a ela que quero começar a trabalhar em engravidá-la. Preciso saber que ela está ligada a mim de uma forma que é inquebrável. Sim, ela tem o meu anel em seu dedo e em uma semana ela terá o meu sobrenome. Mas isso não será suficiente. Isso pode me fazer um idiota controlador, mas preciso disso. Eu tenho que saber que temos algo nos unindo por toda a eternidade.

— Não, *você* falou sobre isso. Você disse que queria e eu disse que não quero a mesma coisa.

— Baby, eu sei que você quer a mesma coisa que eu.

— No universo de Trevor tenho certeza que você acha isso. — Ela se levanta, levando seu prato para a pia.

— Você ama July. — Minha raiva começa a vir à tona, e sei que preciso parar antes de eu dizer algo que não posso ter de volta.

— Eu amo, — ela sussurra. Posso ver as lágrimas se formando em seus olhos.

— Fale comigo; me diga, o que diabos passa pela sua cabeça? — Eu grito. Seus olhos encontram os meus, e há tanta dor olhando para mim que eu recuo.

— Não posso fazer isso, — ela sussurra, logo antes de correr para fora da casa. Levo um segundo para perceber que o som que ouço é seu carro cuspindo cascalho na entrada da garagem. — Foda-se! — Eu rujo, pegando seu porta-comprimidos e esmagando-o em meu punho, antes de jogá-los pela sala, pego minhas chaves e saio para encontrar minha noiva.

Dirigi por toda a cidade e liguei para todos que poderiam saber onde Liz está, mas ninguém ouviu uma palavra dela. Logicamente sei que ela está bem, mas me sinto doente de preocupação e sei que não serei capaz de respirar bem até que possa vê-la e tocá-la. Algo no meu cérebro me faz dirigir para o cemitério até onde seu pai está enterrado. Quando vejo seu carro estacionado do lado de fora do portão, todas as coisas que eu não entendia, coisas que ela mantinha engarrafado, deslizam no lugar. Desligando o motor, pulo da caminhonete e passo pelos gigantes portões de ferro. Olho para a esquerda, vendo um borrão azul brilhante na distância. Quando chego mais perto, vejo Liz ajoelhada, com a cabeça no chão em frente ao túmulo de seu pai. Assistir seu pequeno corpo tremendo com soluços faz meu intestino apertar, e meu estômago afunda. Ver a mulher que eu amo nesse tipo de dor me mata. Quando chego perto dela a puxo em meus braços, respirando-a.

— Não posso fazer isso. Eu te amo, mas não posso ter o seu bebê, — ela chora; sua voz cheia de tanta dor que parece que minha pele está sendo rasgada.

— Baby, o que aconteceu com sua mãe e seu pai não acontecerá comigo e com você. — Eu a sinto tentar se afastar de mim e a seguro mais perto, tentando absorver um pouco da sua dor. — Seu pai gostaria que você fosse tão feliz quanto possível, — sussurro em seu cabelo, passando minhas mãos para cima e para baixo em suas costas, tentando confortá-la.

— Tenho me-medo de deixar uma criança para trás como fui deixada para trás. Eu n-n-não quero que isso aconteça, — ela gagueja, seu corpo balançando contra o meu com a força de suas lágrimas.

— Respire, baby. — Tento falar calmamente, acariciando suas costas. — Você sabe que não podemos prever o futuro, mas você e eu não compartilhando o amor que temos um pelo outro com uma vida que nós criamos juntos seria devastador para mim. Eu te amo muito mais do que jamais pensei que fosse possível amar outra pessoa. Você me fez uma pessoa melhor, me ensinou que o amor – verdadeiro amor – é incondicional, não tem amarras e é dado sem esperar nada em troca. — Eu afasto seu rosto do meu corpo para que possa ver seus olhos. — Quero compartilhar tudo com você. Todo o bem e o mal que a vida tem para oferecer e quero você ao meu lado para tudo isso.

— O que acontece se um ou ambos de nós morrermos? O que acontece então?

— Você não pode viver sua vida pensando *e se*. Há muitas variáveis. — Eu digo a ela honestamente. — Você acha que se seu pai soubesse que a deixaria enquanto ainda era jovem, enquanto vocês ainda eram jovens, acha que ele não iria querer o tempo que teve com você, Tim e sua mãe? Ou você não acha que, mesmo com o tempo sendo curto, ele apreciava a cada segundo que tinha com vocês, sabendo que tinha a sua família e pessoas que o amavam.

— Ele me deixou! — Ela chora mais.

— Ele realmente se foi, mas nunca deixou você. Ele está sempre com você.

— Sinto falta dele.

— Eu sei que você sente, baby, — luto contra o caroço na minha garganta. — Eu sei que você sente.

— Não quero que ninguém me perca. — Suas palavras são tão calmas que quase não as ouço.

— Se alguma coisa acontecesse com você, eu não saberia como viver. Sinto sua falta todos os dias. Todos que entram em contato com você têm a sorte de conhecer alguém como você. Saber o tipo de mulher que você é me permite perceber que quando você se tornar a mãe de nossos filhos, eles terão sorte, porque você ama tão completamente tudo o que você tem.

— Não sei se posso fazer isso.

— Diga-me, — digo, tirando seu rosto do meu pescoço, olhando em seus olhos. Por mais que fosse me matar não ter um filho com ela, se fosse o que ela realmente queria, eu faria isso por ela. — Você não quer um bebê? — Seu rosto cai; lágrimas começam a cair com mais força.

— Quando penso sobre nunca ter um bebê, isso me faz sentir doente, — ela sussurra. — Mas quando penso em ter um bebê, eu me sinto em pânico. — Aceno a cabeça em compreensão.

— Você já falou com alguém sobre a perda de seu pai? — Ela balança a cabeça. — Você iria, se eu fosse com você?

— Você acha que eu sou louca?

— Não, querida. Eu acho que você não teve a oportunidade de lidar com a perda de seu pai. Talvez conversar com alguém irá ajudá-la a encerrar algo.

— Não estou pronta para ter um bebê, Trevor. Eu te amo e sei que é algo que você quer, mas eu só... não estou pronta. Não sei se eu estarei pronta. — Por mais que suas palavras façam meu coração doer, sei que ela está certa. Até que ela esteja completamente pronta, não seria justo forçar algo sobre ela que poderia dar-lhe ansiedade; especialmente quando é suposto ser algo que é comemorado.

— Quando, ou se, você estiver pronta, vamos falar sobre isso.

— Não quero impedi-lo de ter uma família.

— Você é a minha família, e se você for tudo o que eu tiver para o resto dos meus dias, eu ficarei bem com isso. — Ela começa a chorar novamente, desta vez mais do que antes. — Ficará tudo bem, baby. Um dia de cada vez, vamos trabalhar com isso.

— Não quero perder você.

— Não irei a lugar nenhum; Não sem você.

— Ok.

— Ok, — digo de volta. — Vamos para casa.

— Por favor. — Saio do cemitério com Liz debaixo do meu braço. Quando alcançamos o carro dela, olho para ela. Seus belos olhos estão inchados e vermelhos e ela parece exausta.

— Vou ligar para os meninos e pedi que busquem o seu carro e o levem para casa, assim você não precisa conduzir.

— Estou bem.

— Eu sei, mas você não vai dirigir. Entre na caminhonete; vou colocar seu carro no estacionamento.

— Tudo bem, — ela resmunga, me fazendo sorrir pela primeira vez hoje.

— Volto já. — Abro a porta da caminhonete, colocando-a lá dentro, puxo seu rosto para o meu e dou-lhe um beijo rápido antes de fechar a porta. Corro para o carro, deslizo no volante, levo-o para dentro do estacionamento, e escondo as chaves sob o assento. Ligo para Nico, perguntando se ele pode levar o carro de Liz para casa para mim. Ele concorda de imediato; desligo e corro para o outro lado do estacionamento até onde minha caminhonete está estacionada, em frente ao cemitério. Abro a porta, e entro.

— O que você acha de tirar uma soneca? — Pergunto, puxando-a pelo assento pela cintura da calça jeans.

— Eu poderia tirar um cochilo, mas preciso encontrar a costureira para minha última prova. — Assim que as palavras saem seu corpo enrijece. Posso ver as engrenagens girando em sua cabeça.

— Se você pensar por um minuto na merda que nós não vamos nos casar na próxima semana, você está malditamente louca, — eu rosno, um pouco mais de raiva passando pelas minhas palavras do que eu queria, mas foda-se; nós vamos nos casar.

— Você tem certeza?

— Foda-se, sim. — A vejo mastigando o lábio inferior, seus olhos encontrando os meus. — Eu te disse antes, que de uma forma ou de outra vamos nos casar. Mesmo se eu tiver que arrastá-la até o altar, caramba, você terá meu sobrenome em uma semana.

— Então, eu preciso ir para minha última prova.

— A que horas? — Ela olha para o painel e em seguida, para mim.

— Seis.

— Tudo bem, nós temos algumas horas. Podemos ir para casa e relaxar até então. — Ligo a caminhonete, virando para a estrada principal. Uma vez na estrada, a puxo debaixo do braço; a cabeça contra o meu peito e o silêncio da cabine me permite concentrar nela, até mesmo em sua respiração, o som tão suave que o meu corpo relaxa e simplesmente desfruto da sensação dela perto de mim. Todo o caminho de casa, eu penso pela primeira vez no quão facilmente isso poderia ser perdido, e quão perdido eu seria sem ela.

~~*

Já se passaram cinco dias desde que Liz desmoronou sobre ter um bebê. Cinco dias de planejamento do casamento, muitas risadas e toneladas de família. Amanhã eu me caso com a mulher com quem passarei o resto da minha vida. Esta última semana foi boa para Liz – para ambos, realmente. Pela primeira vez Liz falou com sua mãe sobre a morte de seu pai. A mãe dela surpreendeu Liz, dizendo que, pouco depois que ela e Liz começaram a reconstruir seu relacionamento, ela começou a ver um conselheiro para ajudá-la a superar a dor que sentia. Eu fiquei chateado quando Liz me disse isso, chateado porque ela nunca pensou em fazer seus filhos falarem com alguém sobre seus próprios sentimentos e o que eles passavam. Eu queria gritar sobre a situação, mas, logicamente, sabia que não faria qualquer bem a ninguém ter-me raivoso sobre algo que aconteceu anos atrás.

Depois que Liz falou com sua mãe, ela concordou que era hora de falar com alguém sobre como se sentia e o medo com o qual vive todos os dias, pensando que algo ruim acontecerá com ela ou com alguém que ama. Eu nunca soube o quanto ela escondia até o dia de sua

primeira sessão, dois dias depois de seu colapso no cemitério. Ela me ligou, perguntando se eu poderia vir buscá-la no prédio de seu médico. Eu podia ouvir as lágrimas em sua voz quando atendi; ela parecia tão perdida. Quando chegamos em casa, ela abriu o jogo sobre a conversa que teve com seu médico. Disse que ele explicou que ela tinha uma forma de ansiedade, e um caso leve de PTSD[12], provocada pela perda do pai e da falta de aceitação de sua mãe após a morte dele. O médico explicou que, com as sessões e medicação, ela seria capaz de aprender a processar o que sentia de uma maneira positiva, em vez de tentar enterrar do jeito que ela sempre fez. Eu sei que será um monte de trabalho para ela, mas também sei que minha mulher é forte e pode lidar com qualquer coisa; e sempre que houver um momento em que ela pense que não será capaz de passar por isso, eu vou buscá-la e carregá-la.

— Baby, seriamente, se apresse. Já estamos atrasados! — Grito pelo corredor em direção ao quarto.

— Acalme seus malditos cavalos, Trevor! — Ela grita de volta, me fazendo sorrir.

— Você realmente nos fará chegar atrasados em nosso próprio jantar de ensaio?

— Se você parasse de me incomodar eu já estaria pronta, — ela grita de volta, me fazendo rir.

Vou até a geladeira, retiro uma cerveja, abro-a e olho para Lolly, que me observa, esperando um biscoito de brinde que ela sabe que eu vou dar. Eu me inclino sobre o balcão, levanto a tampa de biscoitos caninos, ouvindo a cauda de Lolly quando ela bate no chão.

---

12 Posttraumatic stress disorder – estresse pós-traumático. Condição mental desencadeada após testemunhar ou vivenciar um evento aterrorizante.

— Você deve, pelo menos, dar-lhe um comando quando der um biscoito para ela, então ela saberá por que está recebendo um, — diz Liz. Minha cabeça levanta, e meu pau imediatamente endurece. Minha boca cai aberta e meu estômago se aperta com a visão dela. O vestido azul marinho é todo de renda e completamente justo; o pescoço é de corte quadrado logo acima seu decote, sob sua clavícula. Seus longos cabelos loiros fluem sobre os ombros e seios. As mangas são longas, até seus pulsos, e a bainha atinge o meio da coxa, chamando a atenção para suas pernas longas.

— Você está usando alguma coisa sob isso? — Eu pergunto, olhando-a. Meus olhos caem sobre seus sapatos; são altos, com tiras em torno de seus tornozelos, e um salto que quero sentir nas minhas costas mais tarde esta noite.

— Sim, ele é feito para parecer que não tem nada embaixo.

— Eu não sei se deveria deixá-la sair de casa como você está agora.

— O quê?

— Todo homem que vir você vai imaginá-la nua sob ele.

— Você é o único que consegue me ver nua, — ela sorri.

— Venha aqui.

— Eu estou bem aqui, — diz ela, tirando algo de uma bolsa e colocando em outra, nem mesmo olhando para mim.

— Eu quero você aqui, — digo a ela, inclinando-me sobre o balcão e agarrando a mão dela, arrastando-a para mim.

— O que você está fazendo?

— Vendo o que você tem sob essa coisa, — digo, olhando-a e vendo que a renda tem algum tipo de malha sob ela que é exatamente do mesmo tom da sua pele.

— Você está feliz agora? — Ela ri.

— Ainda não; mais uma coisa. — Puxo a parte inferior de seu vestido até as coxas e sobre sua bunda.

— O que você está fazendo?

— Quero ver o que receberei mais tarde esta noite. — Olho para o seu vestido de renda que está sob seu umbigo e mostrando as bochechas de sua bunda.

— Você terá a sua mão, amigo. — Ela dá um tapinha no meu peito. — Eu passarei a noite na casa minha mãe, lembra? — Porra, eu me esqueci disso.

— Quem fez essa regra estúpida?

— Não sei, — ela dá de ombros, abaixando o vestido sobre seus quadris.

— Você não me deixará sozinho esta noite até que eu prove você; então você precisa descobrir como fazer isso acontecer, ou sua mãe ficará chateada quando eu aparecer na casa dela, dizendo que preciso comer a buceta de sua filha antes de ir para a cama ou não conseguirei dormir. — Eu vejo seu rosto virar rosa brilhante quando ela olha pra mim.

— Você não ousaria.

— Oh, será que não? — Sorrio. Eu não faria isso, exatamente, mas apareceria na casa da mãe dela para pegar o meu lanche noturno.

— Trevor.

— Descubra como, baby.

— Tenho certeza de que você ficará bem por uma noite, — diz ela, o rosa em suas bochechas ficando mais escuro, viajando ao longo de seu pescoço.

— É meu. Não há nenhuma razão para que eu fique sem. — Nós dois nos encaramos; seus olhos escurecem, sua respiração prende e sei que ela quer. — Você tem tudo o que precisa? — Pergunto; minha voz soando um pouco mais áspera do que o normal. Vejo ela olhando em volta e em seguida, pressiona os joelhos juntos. O movimento é pequeno, mas tão revelador.

— Sim, mas você pegará a minha bolsa de mão para mim? Ainda está na cama.

— Sem problema. Por que você não espera no carro? Estarei lá em um minuto. Pra falar a verdade... — digo, balançando-a em meus braços, fazendo-a gritar. — Eu levarei você primeiro. Não quero você andando em brita nesses sapatos. — Ela corre o dedo ao longo do meu lábio inferior como sempre faz, antes de relaxar contra mim enquanto a levo para o carro. Quando finalmente chegamos ao jantar de ensaio, passamos por um momento maravilhoso, cercados por todas as pessoas que significam muito para nós. Falamos e compartilhamos histórias; ambas as nossas mães montam uma apresentação de slide de cada um de nós crescendo, e, embora eu possa ver a tristeza nos olhos de Liz nas fotos que foram tiradas após o falecimento de seu pai, posso dizer que ela nunca deixou isso impedi-la. E prometi a mim mesmo que eu tentaria fazê-la sorrir todo dia. E não importava o que acontecesse, ela saberia o quanto é amada.

Após o jantar, levo Liz comigo para a minha caminhonete sob o pretexto de pegar o que ela precisa. Na verdade, estou pegando algo *que eu* preciso. Sento-a no banco do passageiro da caminhonete, com as pernas penduradas para fora da porta. Levanto a parte inferior de seu vestido sobre os quadris e como sua boceta, enquanto ela morde sua mão para que as pessoas não a ouçam gritando meu nome no

estacionamento. Logo que termino com ela, sua mãe aparece, dizendo que é hora de ir. Liz pula da minha caminhonete, prometendo me ver no casamento. Eu a pressiono contra o lado da minha caminhonete, beijando-a o suficiente para me segurar para a noite.

Quando chego em casa e, finalmente, deito percebo que, se Deus for bom para mim, eu nunca terei que sentir seu lado da cama vazio novamente.

~~*

— Posso ter a atenção de vocês? — Todos nós olhamos para cima quando meu pai começa a falar.

Após me levantar esta manhã, todos os meus irmãos apareceram. Eu não tinha ideia do que Liz estaria fazendo, mas me sentei para jogar Call of Duty, rindo e brincando com meus irmãos até chegar a hora de colocar nossos ternos. Nós fomos para a propriedade dos avós de Liz, que agora era propriedade de um casal de meia-idade que não tem filhos. Eles estavam mais do que felizes em nos deixar pegar emprestado um pedaço de sua propriedade para o dia que tanto significava para Liz e sua mãe.

Quando chegamos ao local – uma parte da área que uma vez abrigou um celeiro, mas que foi queimado há anos – e agora foi transformado em um estacionamento gigante. Levando até o local do velho salgueiro-chorão, era um caminho feito de pequenos postes de madeira com fita envolvida em torno deles para ajudar a mostrar o caminho aos nossos convidados. Havia três tendas brancas gigantes armadas ao lado; que seria onde teríamos a nossa recepção, mais tarde, à noite. Na árvore sob a qual nos casaríamos, alguém reuniu os ramos

do salgueiro-chorão e amarrou fitas lavanda e verde-menta ao seu redor, criando um espaço na árvore para que pudéssemos ficar dentro e para que as pessoas ainda pudessem nos ver. O velho balanço foi pintado de branco, a corda envolta em tule. As cadeiras para os convidados foram colocadas fora da árvore, todas brancas com laços lavanda ou hortelã amarrados em torno de cada uma.

Mesmo sendo um cara, eu tinha que dar crédito as nossas mães; elas foram muito além para fazer toda a área parecer um local mágico, e eu sabia que, quando Liz visse o que foi feito para nós ela estaria mais do que grata, assim como eu era. Quando o tempo de Liz aparecer finalmente chegou, eu tomei meu lugar sob a árvore, com Cash de pé ao meu lado como meu padrinho. O pastor que casara os pais de Liz estava do meu outro lado. Eu não sabia o que esperar quando visse Liz em nosso dia do casamento, andando em minha direção. Mas eu nunca esperava ser inundado por quão bonita ela estava em seu vestido branco sem alças. O topo parecia um espartilho, e fluía levemente, parecendo algo que uma Southern belle[13] usaria.

Minhas emoções estavam loucas. Orgulho, luxúria, proteção, possessividade e tanto amor que pensei que fosse explodir enquanto isso corria por mim. Quando ela caminhou em minha direção, eu sabia que estava exatamente onde deveria estar. Quando finalmente ficou na minha frente, eu não pude evitar, a não ser colocar meus dedos em seu cabelo, que estava metade preso para cima e metade solto e a puxei para um beijo. Sussurrei para ela o quão bonita estava e o quão afortunado eu era por ser o único por quem ela andou pelo

---



13

corredor. Não parei de sussurrar para ela ou beijá-la até que ouvi o pastor atrás de nós limpar a garganta e dizer humildemente que nós deveríamos esperar até depois dos nossos votos para o beijo. Afastei-me um pouco, mas mantive meu corpo perto dela.

Não tenho ideia se alguém ouviu os nossos votos. Eu estava tão extasiado com ela e com o momento que nada mais importava. Quando deslizei a outra parte do seu anel em seu dedo, completando o conjunto que ficaria em seu dedo para o resto de nossas vidas, eu me senti inteiro pela primeira vez na história. E sabia que ela deve ter sentido algo semelhante quando deslizou meu anel no meu dedo. Suas mãos tremiam, e suas palavras baixas; ela olhou para o anel no meu dedo por um longo tempo, antes de olhar para mim com lágrimas correndo pelo seu rosto, as quais eu limpei com meus polegares. No momento em que o pastor anunciou-nos marido e mulher, e que eu poderia beijar a noiva, segurei seu rosto em minhas mãos e derramei a minha alma naquele beijo, dizendo sem palavras o quão feliz eu estava.

A voz do meu pai me puxa de meu devaneio.

— Quando Trevor veio até mim e sua mãe e nos disse que ele ia pedir Liz em casamento, eu não poderia ter estado mais orgulhoso na sua escolha para esposa. — Olho para Liz e beijo sua testa. — É uma grande honra para nós, como pais, ver os meninos que criamos virarem homens, presenciar a escolha do tipo de mulheres que os nossos filhos escolheram, e saber que a nossa família vai crescer e se tornar maior e melhor com cada nova adição. Filho, eu sei que você entende que presente foi dado a você. Que você sempre alimente, proteja e ajude a crescer e florescer. E que o seu amor e compromisso o leve em uma viagem longa e alegre ao longo dos próximos anos. Parabéns.

Liz e eu erguemos nossas taças para o meu pai. Eu vejo quando Liz murmura aos meus pais que os ama. Quando meu pai se senta, sua mãe começa bater no copo com um garfo, chamando a atenção para si mesma. Ela olha para Liz e para mim com lágrimas brilhando em seus olhos.

— Isso é difícil para mim, — diz ela calmamente. Olhando ao seu lado, vejo George colocar a mão contra a parte inferior das suas costas e a vejo tomar um fôlego, seu toque dando-lhe força. — Liz perdeu o pai há muitos anos, mas sei que se ele estivesse aqui iria querer discursar. Liz sempre foi sua filhinha e ela o tinha em torno de seu dedo mindinho, — ela ri. — Ele costumava brincar sobre como seria a vida quando ela começasse a namorar, o típico pai querendo o homem perfeito para sua menina. — Ela fechou os olhos, e quando os abriu de novo, lágrimas caíram. — Eu realmente acredito que ele enviou Trevor para o meu lindo bebê, um homem que olha para ela como se ela fosse a sua razão de respirar, alguém que a completa. Eu... Eu tenho sorte de chamá-lo de meu filho, e grata que minha filha tenha um homem que sei que sempre protegerá e cuidará dela. — Ela levanta a taça, e todos nós seguimos seu exemplo. — Para a noiva e o noivo, meu novo filho e minha filha. Que vocês possam sempre encontrar uma maneira de superar os desafios juntos. Que possam encontrar novas maneiras de se apaixonar a cada dia mais uma vez. E que o seu amor um pelo outro continue a crescer. Felicidades. — Ela se senta rapidamente, empurrando seu rosto em seu guardanapo, George envolve os braços em volta dela. Inclino-me beijando Liz; lábios, nariz e testa.

— Posso ter a noiva e o noivo caminhando para a pista de dança para sua primeira dança como marido e mulher? — O DJ pergunta. Adele, *Make You Feel My Love,* começa a tocar quando pego

a mão de Liz, ajudando-a a levantar, e caminhando para a pista de dança.

— Eu amo você, Sra. Mayson, — sussurro em seu ouvido enquanto nós balançamos com a música.

— Eu amo você, Sr. Mayson, — diz ela, olhando para mim, com os olhos brilhando de felicidade.

— Não posso esperar para te tirar desse vestido, — digo, passando minhas mãos em seus quadris.

— Eu acho que você já disse isso, — ela ri.

— É tudo o que posso pensar. É tudo em que tenho pensado desde que você estava andando pelo corredor para mim.

— Você está muito sexy em seu smoking. Não posso acreditar que você usou um.

— Já conheceu as nossas mães, baby? — Pergunto, olhando para ela sério. — Se eu não colocasse essa coisa, elas teriam me vestido.

— Você está certo; estou surpresa que não fizeram barulho quando escolhi o meu próprio vestido.

— Eu teria lutado para você. — Eu a envolvo mais perto, uma mão na parte inferior das costas, a outra no lado do rosto dela, segurando-a perto do meu corpo à medida que continuamos a balançar ao som da música. Quando a música termina, o meu pai leva Liz para longe de mim, enquanto pego a mão da mãe de Liz para uma dança.

— Obrigada, — ela sorri suavemente, olhando para mim.

— Pelo que?

— Amar a minha filha.

— É fácil, — digo a ela, curvando para beijar sua bochecha. Quando a música termina, Liz e eu voltamos para a mesa que contém o bolo. Todos se reúnem ao redor da mesa enquanto cada um de nós

pega um pequeno pedaço. Dou um pedaço com todo cuidado, me certificando de que tudo entre em sua boca e nada suje seu rosto. Quando me curvo para ela me dar o meu pedaço, ela toca meu nariz com ele, me pegando desprevenido; minha boca cai aberta e então ela empurra o pedaço dentro, rindo histericamente quando se vira para correr. Mas Cash, Asher e Nico bloqueiam seu caminho. Todo mundo ao nosso redor começa a rir e Liz se vira para me encarar. Nem sequer me movi para limpar a crosta de glacê do meu nariz.

— Desculpe, — ela ri. — Hum, você tem alguma coisa aqui. — Ela aponta para o nariz. Concordo com a cabeça em compreensão. — Você quer que eu limpe? — Pergunta ela docemente.

— Venha aqui, baby, — digo, certificando-me que a minha voz tenha o tom suave, mas firme, que a deixa louca.

Ela balança a cabeça negativamente.

— Venha aqui. — Ela dá um passo em minha direção, mordendo o lábio. Quando chega perto o suficiente para que a pegue, eu pulo, envolvendo meu braço em volta da sua cintura. Ela se inclina sobre meu braço, e eu limpo o glacê no topo do meu nariz em seu pescoço, e depois prossigo para lamber e limpá-la. Eu a ouço rir o tempo todo. — Você tem um gosto muito melhor do que o bolo, baby, — eu digo a ela, beijando seus lábios e ouvindo todos aplaudirem.

~~*

— Não posso acreditar que todo este lugar é nosso por toda a semana, — diz Liz, quando olhamos para fora, para a floresta e para o lago logo abaixo. Após a recepção, fomos para a caminhonete e todos acenaram e jogaram confetes quando fomos embora. Nós já tínhamos

feito as malas para nossa semana de lua de mel, nossas malas na parte de trás da minha caminhonete, mas não precisaríamos de um monte de roupas já que eu planejava tirar proveito da privacidade da cabana de Gatlinburg da nossa família.

— Você quer ir para a banheira de hidromassagem?

— Sim, mas primeiro preciso de ajuda para sair deste vestido.

— Estou mais do que feliz em ajudá-la a sair deste vestido, — digo a ela, pegando-a e entrando no quarto. Uma vez lá, a vejo puxando uma pequena corda amarrada na cintura de seu vestido, fazendo com que toda a metade inferior caia no chão a seus pés. — Puta merda. — Não consigo tirar meus olhos. Ela ainda tem a parte superior de seu vestido, a que se parece com um espartilho. Tudo o que ela está vestindo é branco. Na minha mente, isso contrasta com o quão incrivelmente sexy ela parece em seu espartilho, calcinha de seda branca e meias de seda branca com uma borda grossa de renda ligada a cinta-liga em torno de seus quadris. Um pequeno pedaço de pele aparece entre a sua calcinha e a cinta-liga, fazendo-me salivar.

— Você pode desatar o das costas? — Ela se vira, fazendo-me gemer. As bochechas de seu traseiro perfeitamente redondo espreitam para fora de sua calcinha de seda.

— Você está tentando me matar? — Eu sufoco.

— O que? — Sua cabeça se inclina para o lado..

— Você seriamente tem que saber o quão sexy você está agora. — Ela tem um pequeno sorriso louco em seu rosto antes de arquear as costas ligeiramente.

— Você pode, por favor, me soltar? — Ando em direção a ela, correndo os dedos ao longo da borda da calcinha e na bunda dela antes de pegar uma das fitas, dando-lhe um puxão suave, e desfazendo o

laço. Quando finalmente a solto do espartilho, ela o tira e em seguida, o coloca na cama, antes de se virar para me encarar, com as mãos segurando os seios. Todo o visual é tão sexy; na verdade, eu não sei por onde começar. Puxo-a para frente, envolvo minha mão em torno de seu cabelo, dobrando a cabeça para trás, aumentando meu acesso a boca dela quando ela engasga. Eu lambo, mordo e chupo seus lábios, sua língua correndo com a minha. Minha boca viaja atrás da sua orelha, pelo pescoço e para os seus seios, puxando seu mamilo e chupando com força e depois fazendo o mesmo com o outro. Seu corpo arqueia. Solto seu cabelo, caio de joelhos, puxando-a pelos quadris para que sua boceta esteja bem na frente do meu rosto e a mordo através da calcinha, antes de rasgá-las e transar com ela com a minha boca. Ela mói em cima de mim, usando minha cabeça como uma alavanca.

— Tão molhada para caralho, baby. Você gosta quando eu fodo sua buceta com minha boca. Você gosta de me ter comendo você. — Eu olho para ela, o rosto corado, os lábios cor de rosa, e olhos escuros e com fome. Pego as duas bochechas da bunda dela, puxando-a com mais força contra mim. — Diga-me, — eu rosno.

— Sim, eu amo. — Porra, eu ia gozar em minhas calças só de vê-la gozar. Eu a puxo com mais força contra mim, sugando seu clitóris em minha boca. Ela goza em um grito, e quando sei que ela está de volta comigo, me levanto, beijando-a profundamente, e começo a me despir com ela me olhando o tempo todo. Enquanto tiro minhas calças, ela solta sua cinta-liga de suas meias e está prestes a rolar elas para baixo de suas coxas, quando a paro.

— Deixe-me fazer isso. — Vou até lá, meus dedos viajando até seus quadris e sob a cinta-liga antes de puxar a calcinha para baixo,

deixando tudo no lugar. Eu a ajudo na cama, rastejando entre suas pernas, levanto uma e depois a outra, e descanso seus tornozelos sobre os meus ombros. Lentamente removo suas meias, tomando o meu tempo para beijar cada polegada de pele que exponho ao longo do caminho. — Você é tão bonita. — Sinto seu calor molhado contra a cabeça do meu pau e não posso evitar, mas deslizo dentro dela em um impulso longo, sentindo sua umidade em torno de mim. Sua vagina aperta, ela arqueia a cabeça para trás, expondo seu pescoço, e quando seus olhos voltam para os meu, eu deslizo para fora, depois de volta da mesma maneira. Cada impulso é lento e preciso, certificando-me de bater nesse ponto em que eu sei que vai fazê-la gritar. — Você é tão apertada e molhada, baby. Eu amo o jeito que você se aperta ao meu redor. — Seus braços e pernas me envolvem, me segurando.

Posso sentir que estou começando a perdê-la quando sinto sua boceta praticamente implorando para convulsionar em torno de mim, cada impulso nos puxando cada vez mais perto. — Goze comigo. Merda, goze comigo. — Coloco minha mão entre as pernas dela, beliscando seu clitóris e fazendo-a gozar comigo. Eu rolo para que ela esteja em cima de mim, nós dois respirando ofegantes. — Nós acabamos de consumar nosso casamento, — digo em um sopro de ar. Ela começa a rir, a cabeça levantando.

— Nós fizemos; agora é oficial. Você está preso comigo, Sr. Mayson.

— Finalmente, porra. — Puxo a cabeça dela para baixo, beijando sua testa. — Que tal a hidromassagem agora?

— Claro, deixe-me deitar aqui por alguns minutos.

— Você pode relaxar na banheira de hidromassagem. — Bato na bunda dela, levanto-a e a carrego até a banheira de hidromassagem. E

é assim que passamos a nossa lua de mel. Dormindo tarde, café na cama, descansando na cabana, lendo, assistindo filmes, andando de caiaque no lago, e fazendo amor nas noites e dias.

CAPÍTULO 12



— Liz. — Posso ouvir meu nome sendo chamado, e conheço a voz, mas não sei por que Kara chamaria meu nome quando estou em minha lua de mel com Trevor.

— Hmm? — Respondo do meu estado grogue.

— Liz. — Tento levantar a minha cabeça, mas fico tonta com a dor aguda que atravessa a minha cabeça. Então eu me lembro de que hoje é meu primeiro dia de volta ao trabalho. Eu estava lá com Kara quando dois rapazes entraram na loja e obrigou-nos a ir para a van deles. Quando tentei impedi-los de pegar Kara, algo bateu na parte de trás da minha cabeça.

— Kara? — Pergunto, tentando abrir os olhos; mas eles parecem muito pesados, meu corpo parece cansado. Tento lutar contra a sensação de que algo me puxa para trás, sabendo que preciso ter certeza de que Kara está bem.

— Liz, você precisa acordar. — Ela me sacode e finalmente sou capaz de abrir os olhos o suficiente para vê-la de pé em cima de mim. — Graças a Deus, — diz ela, caindo de joelhos ao meu lado.

— Você está bem? — Olho-a, notando sua roupa intacta, e sem hematomas ou arranhões.

— Tudo bem... tudo bem. — Ela segura o rosto com as mãos. — Depois que você desmaiou, eu não tentei lutar contra eles. — Ela levanta o rosto, olhando para mim. — Eu sinto muito. Eles procuram por Tim. Eu não sabia o que fazer. Eu não queria, mas eu disse a eles onde ele está, — ela sussurra, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Está tudo bem, acalme-se. — Levanto minha mão, segurando a dela. Depois de alguns minutos, sou finalmente capaz de sentar-me. Quando olho em volta, vejo que a única luz que temos é proveniente de uma pequena lanterna operada a bateria. Quando olho ao redor, sei exatamente onde estamos; bem, não exatamente, porque há milhares de abrigos de furacão em todo o Tennessee e este parece estar abandonado a um longo tempo. As velhas paredes de blocos de cimento estão se desintegrando; as prateleiras feitas para manter suprimentos estão podres, o cheiro de mofo é tão forte que meu estômago revira. — Quanto tempo estive desmaiada?

— Não sei. Um tempo. Quando eles finalmente pararam, um dos caras te tirou da van, enquanto o outro me perguntava sobre Tim. — Ela começa a chorar novamente, desta vez, segurando sua muito grande barriga.

— Kara, você precisa se acalmar. Eu sei que está chateada, mas se você entrar em trabalho agora, toda esta situação vai de mal a pior.

— Como posso ter calma? Eu simplesmente entreguei o meu noivo para os homens que querem matá-lo. — Ela chora mais.

— Kara, eu sei que você está com medo por Tim; mas agora, você precisa pensar em você e no bebê. — Esfrego seu braço, tentando acalmá-la. — Tim está trabalhando com Trevor e seus irmãos. Ele está

em uma situação melhor do que nós agora. — Eu a lembro onde Tim está neste momento, com esperança de que ajude a acalmá-la o suficiente para me ajudar a nos tirar deste inferno. Depois de alguns minutos, seu choro para e ela descobre seu rosto. — Precisamos tentar dar o fora daqui. — Eu digo a ela, tentando ficar de pé. Minhas pernas balançam, e tropeço de lado contra a parede.

— Você está sangrando.

— O quê? — Eu pergunto; encostada na parede. A parte de trás da minha cabeça pulsa a cada batida do meu coração. Eu levanto minha mão para a parte de trás da minha cabeça; e é quando eu sinto a grande ferida e a umidade do meu sangue contra meus dedos. Quando trago a minha mão perto da minha cara, ela está coberta de sangue. — Merda, — respiro fundo, fechando os olhos.

— Eu vou vomitar. — Kara vai para o canto, vomitando e fazendo o meu já enjoado estômago dar uma guinada. Luto contra o sentimento. Nós duas não precisamos estar doentes ao mesmo tempo; uma de nós precisa se controlar.

— Eles dizem que ferimentos na cabeça sangram muito mais do que qualquer outra ferida, — digo. Não tenho certeza se digo isso para mim ou para ela. Ela levanta a cabeça, limpando a boca na parte de trás de sua mão, olhando para mim. — Nós vamos sair daqui, Kara; eu prometo.

— Tudo bem, — diz ela. Posso ver como está com medo quando não olha para mim. Usando a parede para me equilibrar, ando até o conjunto de escadas que levam a grandes portas duplas. Uma vez lá, eu empurro contra as portas usando minhas mãos e joelhos. Elas não mexem uma polegada, o que não me surpreende. Eu desço as escadas, sentando nos últimos degraus e tentando chegar a um plano.

— E se a gente tentar juntas? — Kara pergunta. Eu levanto a cabeça, olhando-a de pé na minha frente; seu rosto está pálido, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Nós podemos tentar. — Vou para o lado, dando-lhe espaço para subir pelas escadas comigo, e uma vez no topo, nós duas empurramos contra as portas, contamos e empurrando sem sucesso.

— Não está funcionando, — diz Kara, me fazendo rir; o estresse do momento e suas palavras me derrubam.

— Vamos sair daqui, — digo, rezando para que esteja certa.

— Eles tiraram fotos nossas.

— O quê? — Pergunto, olhando para ela.

— Quando eles finalmente me trouxeram até aqui, — ela olha para mim, — eles tiraram fotos nossas.

— Por quê?

— Acho que eles vão usá-las para chegar ao Tim.

— Precisamos encontrar um jeito de sair daqui, — digo a ela, e desta vez a minha preocupação se infiltra em meu tom.

— A porta não vai ceder.

— Se não podemos sair, então precisamos encontrar uma maneira de nos proteger contra eles quando voltarem.

— Não há nada aqui.

— Podemos quebrar as velhas prateleiras e usar as peças como uma arma.

— Eles têm armas.

— Eu sei, mas de qualquer maneira tentamos lutar, ou quer esperar para que eles nos matem, ou seja lá o que queiram fazer com a gente. — Kara me dá um aceno de cabeça e começa a esfregar sua grande barriga. — Você está bem?

— Sim, apenas algumas contrações de Braxton Hicks[14]. Ficarei bem. — Eu observo de perto, rezando para que o meu sobrinho não decida vir ao mundo no momento. — Estou bem; eu prometo. — Diz Kara, me observando.

— Se começar a sentir que está tendo contrações reais você precisa me dizer, — digo a ela, indo até a prateleira e usando o meu peso para tentar desmontá-las. Elas não se movem, então a chuto algumas vezes, mas ainda assim, nada. — Não está funcionando, — digo o óbvio, observando a cintilação da luz começar a escurecer. — Merda. — Corro para a luz e desligo, na esperança de que termos bateria suficiente quando realmente precisarmos. — Nunca sequer pensei em desligar a lâmpada.

— Nunca pensei nisso também.

— Você não começou a fumar e teria um isqueiro aí, não é? — Pergunto Kara, fazendo-a rir.

— Não, desculpa.

— Imaginei. — Nós nos sentamos lá no escuro, meu cérebro passando por centenas de cenários. Não posso acreditar que ontem passei o dia na estrada, voltando para casa da nossa lua de mel. Depois de sair da cabana, nós fomos até November e Asher e pegamos Lolly; ela estava tão feliz ao ver-nos e sentimos falta da nossa menina. Após a pegarmos, fomos para casa e desfizemos as malas, pedimos uma pizza, e nos queixamos de estar em casa e ter de voltar para o mundo real. Eu

[14] Falso trabalho de parto, falsas contrações ou contrações de Braxton Hicks. As contrações de Braxton Hicks são falsas contrações de parto, que podem começar a ocorrer por volta da 20ª semana da gravidez. Apesar de serem indolores, as contrações de Braxton Hicks podem ser desconfortáveis.

odiei assistir Trevor se preparando para trabalhar esta manhã. Queria tanto abraçá-lo e nos esconder do mundo por mais alguns dias. Agora, gostaria de ter passado mais alguns minutos olhando para ele, beijando-o, e dizendo o quanto eu o amo. Quando ele perceber que Kara e eu estamos ausentes, ele virará o inferno de cabeça para baixo. Estou encostada na parede quando ouço o que soa como um carro. Eu levanto quando percebo que o som se aproxima.

— É um carro? — Kara pergunta, ligando a lâmpada. Posso ver o terror em seus olhos.

— Kara, eu quero que você vá para o canto, dobre-se em uma bola, e desligue a lâmpada.

— O que você fará?

— Não faço ideia. Apenas, por favor, me escute. Fique no canto e dobre-se em uma bola. — Assim que vejo que ela está afastada, apago a luz e sigo a parede até a escada. Escutando com cuidado, posso ouvir o veículo parar e, em seguida, o som da corrente contra metal, depois o ranger da porta acima abrindo. Vejo o feixe de luz de uma lanterna que brilha em direção ás escadas. Meu coração começa a bater com tanta força que o ouço em meus ouvidos. Eu prendo a respiração, esperando a pessoa nas escadas me notar. Eu sei que é inútil tentar e lutar; existem dois deles e apenas eu. Eles já provaram que não se importam em bater em mulheres. Quando a luz brilha passando pela sala, ele faz uma pausa em Kara por um segundo, antes de voar na minha direção e brilhar nos meus olhos.

— Liz? — Conheço essa voz. Não sei de onde, mas conheço essa voz.

— O que você quer? — Pergunto, protegendo os olhos da luz brilhante.

— Estou aqui para ajudar.

— Kai? — Pergunto, percebendo quem ele é. — Você se importa de abaixar a lanterna? — A luz reduz imediatamente, deixando-me abaixar minhas mãos que protegiam meus olhos. — O que você faz aqui? Quero dizer, como nos encontrou? — Olho por cima do meu ombro para Kara, que agora está sentada no canto.

— Tim me ajudou, então estou devolvendo o favor. Você está sangrando.

— Diminuiu, — digo, tocando a parte de trás da minha cabeça. — Como nos encontrou?

— Venho observando por um tempo as coisas. — Ele dá um passo em direção a Kara, e entro automaticamente na frente dele.

— Eu só vou ajudá-la a levantar.

— Não, eu prefiro que você não faça.

— Você não quer minha ajuda?

— Eu nunca disse isso. Só preciso ter certeza de que você é um bom rapaz.

— Sra. Hayes...

— Mayson.

— O quê?

— Sra. Mayson... Eu me casei.

— Jesus, você é louca. — Ele balança a cabeça, rindo. — Como eu estava dizendo, Sra. Mayson, eu definitivamente não sou um dos caras bons, mas estou aqui para ajudá-la.

— Por quê?

— Seu irmão me deu o que eu queria em troca da minha ajuda.

— De novo não.

— Não, Sra. Mayson, você está segura. Agora, se você estiver pronta, eu gostaria de ajudar a tirar Kara do chão. Isso não pode ser bom para ela ou para o bebê.

— Como você conhece Kara?

— Eu tenho que conhecer a todos, mas, neste caso, Tim me contou. Agora, se você, por favor, se mover. — Eu engulo; meu intestino me diz que ele é honesto, mas sua energia é tão assustadora que não sei o que fazer.

— Liz! — Kara chora. Eu me viro para encontrá-la em suas mãos e joelhos.

— Oh Deus, o que há de errado? — Corro até ela e me ajoelho.

— Acho que estas não são Braxton Hicks; acho que estou em trabalho de parto. — Sua respiração é irregular; ela grita de novo, segurando a barriga.

— Você acha que a sua bolsa rompeu? — Pergunto, esfregando suas costas.

— Eu não penso assim. — Olho para Kai, que se ajoelhou ao nosso lado.

— Vou levantá-la e tirá-la daqui. — Kai a pega suavemente, e assim que estamos fora, eu respiro fundo, enchendo os pulmões com ar fresco. Olho em volta e vejo um grande SUV preto, e um cara que parece um lutador de sumô em pé ao lado da porta aberta do motorista.

— Alguma novidade? — Kai pergunta ao rapaz, que balança a cabeça.

— Onde está Tim? — Eu pergunto, seguindo Kara para o banco de trás, com o rosto suado e pálido.

— Não se preocupe com isso agora.

— Ele vai querer estar aqui para Kara. — Digo baixinho, olhando o cara sumô esmagar-se atrás do volante.

— Precisamos chegar ao hospital.

— Eu pensei que você...

— Lembre-se do que eu disse, Sra. Mayson; eu não sou um bom rapaz. — Sua voz é tão baixa e rouca que envia um frio na espinha.

— Liz, — Kara sussurra.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Acho que a minha bolsa acabou de romper.

— Você tem certeza?

— Isso ou eu fiz xixi em mim mesma.

— Ok. — Olho em volta, tentando ver o quão longe estamos do hospital, mas não há nada ao redor, apenas florestas e campos. — Você sabe quão longe estamos da cidade? — Eu pergunto a quem estiver ouvindo.

— Cerca de uma hora.

— Oh Deus, — Kara geme, caindo sobre o assento. — Acho que você deve começar a cronometrar minhas contrações.

— Por quê?

— Elas estão perto – muito perto, — diz ela, respirando profundamente.

— O que isso significa?

— ISSO SIGNIFICA QUE EU TEREI UM BEBÊ! — Ela grita, seu rosto se contorcendo. Eu não ficaria surpresa se girasse 180 graus como algo tipo o O Exorcista.

— Ok, respire. — Faço essa coisa louca de respiração que vi em alguns filmes. Kara parece pronta para matar alguém, mas não tenho nenhuma ideia de como ajudá-la.

— Que horas são? — Kara rosna. Eu olho para o painel.

— Sete e dois, — digo a ela, agarrando a mão dela.

— Sinto que preciso empurrar.

— Não empurre, — digo, em pânico. Empurrar significa que o bebê está chegando.

— Eu tenho.

— Se precisa empurrar, então empurre, — diz Kai do banco da frente. Eu acho que é muito generoso dele, desde que está no banco da frente, enquanto estou aqui atrás com ela. Eu sei que preciso me posicionar, mas não tenho ideia do que fazer; e o pensamento de um bebê estalando para fora me deixa louca.

— Oh, Deus! Aí vem outra! — Kara grita, colocando a cabeça contra a porta de trás, com um pé no banco, e o outro no chão. — Preciso tirar minhas calças.

— O quê? — Eu me belisco para garantir que isso não é um sonho muito estranho.

— Preciso tirar minhas calças. Sinto que o bebê está chegando, então eu preciso tirar minhas calças, — ela repete mais e mais, e a cada vez a sua voz se eleva um pouco.

— Ok, eu vou ajudá-la. — Engulo todos os meus medos pessoais e a ajudo a tirar as calças. Kai está no banco da frente ao telefone. Não tenho nenhuma ideia de com quem ele está falando, mas espero que seja uma ambulância. Sr. Sumô está acelerando, mas sua expressão facial não mudou desde que saiu do abrigo de tornado.

— Liz, estou realmente com medo.

— Hey, ficará tudo bem. — Corro minha mão sobre a testa, tentando confortá-la.

— Não estar tudo bem, ok. Eu vou ter um bebê no banco traseiro de um carro. Acho que pode ser a definição de não está tudo bem.

— Basta concentrar-se na respiração.

— Aí vem outra. — Ela empurra o pé no meu estômago; minha respiração me deixa com a pressão. Seu outro pé ainda está no chão. Tenho a visão perfeita de sua vagina, e não quero, mas olho para baixo. E é quando vejo uma coisa redonda saindo.

— Puta merda, — sussurro, olhando para Kara, cujo rosto é vermelho brilhante. — Eu posso ver a cabeça.

— O que? — Um dos caras do banco da frente pergunta.

— Eu vejo a cabeça! — Repito.

Kara cai de volta contra a porta. Eu esfrego o joelho; as luzes interiores acendem, então coloco suas calças em frente das pernas para que ninguém mais possa ver o que estou vendo.

— Acho que não falta muito, — digo, tentando ser encorajadora. Kara parece pronta para me matar. Seu pé volta para meu estômago, desta vez um pouco mais forte do que antes, fazendo-me gemer de dor. Em seguida, ela grita tão alto que eu acho que meus tímpanos estouraram. Olho para baixo apenas a tempo de ver um pequeno cara. Eu olho em volta procurando algo para envolver o bebê. Não há nada, então eu tiro a minha camisa e a seguro aberta, pronta para pegá-lo. Tudo acontece tão rapidamente depois que ela empurra que eu nem tenho certeza de que me lembro como o bebê entrou em meus braços, só que ele está lá, e chorando. Kara está inclinada contra a porta respirando pesadamente. O cordão ainda está ligado, e sei que preciso encontrar uma maneira de amarrá-lo e cortá-lo. É quando ouço o som mais bonito que eu já ouvi em toda a minha vida. Olho pelo para-brisa e posso ver as luzes da ambulância vindo até nós.

— Graças a Deus, — Suspiro, quando saímos da estrada. A ambulância está no outro lado. Quando abro a minha porta e tiro Kara e meu sobrinho, eu sinto a primeira verdadeira sensação de alívio depois que este dia começou.

Trevor

— Onde diabos ela está? — Coloco minha cabeça entre os joelhos, tentando respirar. Nada funciona. Não posso puxar uma respiração completa. Não sei o que farei se algo acontecer com ela. Eu olho para cima para ver o meu pai vindo pelo corredor em direção a mim com seu telefone no ouvido. Levanto, andando em direção a ele. — Você já ouviu falar alguma coisa?

— Liz e Kara estão a caminho. Uma ambulância interceptou uma SUV preta fora da velha Spring Place Road. Uma mulher deu à luz antes que a ambulância fosse capaz de chegar a eles; a outra sofreu um ferimento na cabeça, e precisará de pontos e, possivelmente, uma transfusão quando chegarem. — Eu esfrego minhas mãos sobre o meu rosto algumas vezes. Saber que Liz está a caminho daqui me dá uma sensação de alívio; saber que ela está ferida me faz andar para lá e para cá na frente das portas da sala de emergência. Eu preciso abraçá-la e ver por mim mesmo que ela está bem. Assim que vejo as luzes piscando, corro passando pelas portas. A ambulância nem sequer chega a frear completamente antes que eu esteja abrindo a porta. Liz está sentada no banco; Kara está amarrada na maca, segurando um pequeno pacote

em seus braços. Os dois paramédicos olham para mim em estado de choque quando subo na parte de trás, puxando Liz em meus braços. Ela está fria e pálida, mas acordada.

— Oi. — Ela começa a chorar assim que ela fala. Enfio seu rosto no meu pescoço e pulo da ambulância.

— Ei, nós precisamos... — eu me viro, desafiando-o a terminar, ou a tentar levá-la de mim. Será um longo tempo antes que eu a deixe fora da minha vista novamente.

Respiro profundamente, a primeira respiração que tenho desde que descobri que Liz estava desaparecida.

— Só vou levá-la ao médico, — eu digo a ele, sabendo que ele está apenas tentando fazer o trabalho dele. Assim que atravesso a porta sala de emergência, a enfermeira está lá, conduzindo-nos a um quarto onde ela verifica Liz, explicando que sua pressão arterial está um pouco baixa, devido à perda de sangue; mas tudo o resto parece estar bem. Ela me dá outro cobertor para ajudar Liz a se aquecer, e diz que o médico não deve demorar muito. Eu a envolvo e sento na cadeira ao lado da cama. Seu cabelo, peito e mãos estão cobertos de sangue seco. Não sei o quanto disso é dela; eu sei que meu pai disse que Kara teve o bebê antes que a ambulância chegasse. — Eles te machucaram em qualquer outro lugar, baby? — Eu não quero perguntar, mas noto que ela não está vestindo uma camisa. Eu quero vomitar. Ela balança a cabeça, mas não responde. Não quero que ela pense que eu ficaria chateado com ela. — Você pode me dizer se eles te tocaram. — Coloco minha testa contra a sua mão.

— Eles não me tocaram.

— Onde está sua camisa? — Sussurro, sentindo a bile subindo na parte de trás da minha garganta.

— Eu tive que usá-la para embrulhar o bebê, — ela diz, correndo os dedos pelo meu cabelo. — A única vez que me tocaram foi quando um deles bateu na minha cabeça com a arma porque eu tentava fazê-los deixar Kara ir embora.

— Sr. e Sra. Mayson?

— Sim. — Levanto, querendo acabar logo com isso. Eu quero levar minha garota para casa.

— Como Kara e o bebê estão? — Liz pergunta.

— Ambos estão muito bem. Depois que receber os pontos, você pode vê-los se quiser.

— Sim, por favor.

— Bem. Preciso que você se sente no lado da cama, de frente para seu marido. — Eu a ajudo a se sentar na borda e fico entre as suas pernas, minhas mãos sob o queixo, e tenho o conforto na sensação de sua pele sob minhas mãos e seu corpo perto do meu. — Vou anestesiar a área. Então terei que raspar a área em torno da ferida e limpá-la antes de começar a suturar. — Liz acena com a cabeça, mas seus olhos se enchem de lágrimas. Odeio vê-la com dor, sabendo que não posso fazer nada sobre isso.

— Eu estou bem aqui. — Sussurro baixinho em seu ouvido, esfregando a parte inferior de sua mandíbula. Tento manter seu foco em mim quando o médico anda com um par de tesouras, o som enchendo a sala pequena. A enfermeira entra, seguida por meu pai e outro oficial, que começam a fazer perguntas sobre o que aconteceu com Liz. Quanto mais ela fala, mais o meu sangue começa a aquecer, entre o que aconteceu com Tim no local de trabalho, e Kara e Liz sendo sequestradas, eu estava pronto para machucar alguém.

— Como Kai sabia como encontrar vocês? — Papai pergunta a ela.

— Ele disse que esteve observando por um tempo, — Liz responde.

— Ele disse por quê?

— Não. — Ela balança a cabeça, e posso dizer que ela está mentindo. — Meu irmão está bem?

O outro policial responde, — Ele está bem. Os caras que sequestraram vocês hoje foram até seu irmão, mostrando uma foto de você e Kara. Quando seu irmão viu a foto, atacou um dos rapazes, dominando-o. O próximo homem puxou uma arma e atirou em seu irmão à queima-roupa. Ele está acordado e, com sua esposa e filho.

— O quê? — Ela suspira.

— É apenas uma ferida, Sra. Mayson. — Seu corpo relaxa de alívio quando ela ouve que ele está bem. — O que aconteceu com os caras que nos levou?

— Ambos estão sob custódia. Parece que eles tentavam fazer o seu irmão ir com eles de boa vontade — diz o pai.

— Por quê?

— Eles queriam que ele contasse ao DA[15] que as evidências que seu irmão reunira contra Max Tavero foram todas plantadas.

Quando o médico termina o último dos pontos, eu digo, — Se você não precisa de mais nada, eu vou levá-la para ver o irmão e depois para casa. — Olho para meu pai, que acena com a cabeça. Ele abraça Liz e promete que mamãe e ele passarão lá amanhã. A enfermeira volta com uma blusa para Liz usar. Eu a levo até o banheiro e a ajudo a se limpar. Quando chegamos ao quarto de Kara, Tim está de pé do lado de fora da porta, falando com alguém que eu não reconheço. A mão de Liz flexiona na minha; seus passos vacilam, me colocando em guarda.

— Esse é Kai, — Liz sussurra.

---

15 District Attorneys – Promotor Público

— Vá para o quarto de Kara e feche a porta.

— Trevor, ele nos salvou.

— Eu sei, baby, mas não arriscarei que algo mais aconteça com você, então faça o que eu digo. — Quando nós chegamos à porta, eu a bloqueio quando ela vai para o quarto e fecha a porta atrás dela. Quando sei que ela está segura, eu vou para o assassinato. Não passarei por essa merda novamente. Empurro Kai na parede, meu antebraço em sua garganta. — O que diabos está acontecendo? — Estou cansado de brincadeiras. Não tenho nenhuma ideia do que ele quer de Tim, mas eu deixarei bem claro que ele nunca conseguirá a informação ameaçando Liz.

— Deixarei você ir embora mesmo tocando em mim desta vez, porque entendo que você está chateado com o que aconteceu com sua esposa. Mas, no futuro, se pensar me tocar novamente eu acabarei com você.

— Você acha que eu me importo? Eu quero saber que não precisarei lidar com essa merda novamente.

— Eu cuidei disso, Trevor, — diz Tim, puxando meu braço. Recuo, dando de ombros para sair de seu toque.

— Você cuidou disso, Tim? — Eu o empurro contra a parede. Não dou a mínima que ele tenha sido baleado. — Minha esposa foi sequestrada, juntamente com sua noiva, então grávida, Tim. Ela fez o parto de seu filho no fundo de um SUV, enquanto sangrava de um ferimento na cabeça. Você me disse que essa merda não iria segui-lo até cidade. Você disse que a polícia estava lidando com tudo; então me diga, o que diabos aconteceu?

— Eles usariam Liz e Kara contra mim. Eles queriam que eu voltasse com eles para que eu concordasse em conversar com o

DA. Eles não sabiam que Kai já tinha me contatado e me informado sobre que estava acontecendo. Ele não sabia que as meninas seriam sequestradas, apenas que me convenceriam com o quer que eles tivessem para que eu fizesse o que queriam.

— Como eu acabava de dizer ao Sr. Hayes, nada assim acontecerá novamente, de modo que ele não precisa se preocupar.

— Como você sabe disso? — Tudo o que quero é saber que Liz nunca terá de passar novamente por algo como esta noite.

— Você nunca morde a mão que te alimenta. Agora, eu tenho certeza que você gostaria de voltar para suas famílias. Tim, obrigado de novo; e parabéns a você e Kara. — E com isso, ele se virou e saiu.

— Tim, eu preciso saber que Liz nunca estará em perigo novamente. — Corro minhas mãos pelo meu rosto. Estava com Tim no hospital quando descobri que Liz foi sequestrada. Eu não queria me sentir tão impotente como me senti naquele momento novamente.

— Ela não estará. — Ele abriu a porta do quarto. Kara estava sentada na cama; Liz estava na cadeira de balanço, segurando seu sobrinho.

— Como ele está? — Tim pergunta, andando até Liz. Ele passa a mão pelo cabelo dela, antes de beijar sua testa.

— Ele está dormindo, — ela diz, entregando-o para Tim, que lhe toma com cuidado de seus braços. Ele caminha até a cama onde Kara está.

— Vamos para casa, — Liz diz suavemente, agarrando minha mão.

— Sim, vamos. — Eu a puxo para mim, solto a mão dela e a beijo. Assim que nossas línguas tocam, eu estou perdido no sentimento e gosto dela. Nunca poderia viver sem isso; sempre lutarei por

isso. Puxo minha boca da dela, beijando seu lábio inferior, então lábio superior. — Vamos para casa, — repito. Eu beijo sua testa, enrolo minha mão em torno dela, e nos levo para casa, deixando o dia para trás.

EPÍLOGO



Um ano depois.

— Baby, acorde.

— Trevor, por favor, eu estou tentando dormir. Vá embora.

— Baby, você precisa se levantar e ir ao banheiro.

— Não preciso ir ao banheiro! — Eu grito, empurrando minha cabeça debaixo do travesseiro quando sinto o sono escapando de mim.

— Baby, eu preciso de sua primeira urina.

— O quê? — Eu grito, sentando e olhando para Trevor, que está vestindo uma camisa branca, moletom e um enorme sorriso.

— Preciso de sua primeira urina. Bem, isso é o que diz aqui. — Ele segura um pedaço gigante de papel na minha frente, balançando-o para frente e para trás. Eu estou seguindo-o com o olhar, tentando ver sobre o que diabos ele está divagando. — Veja, aqui diz. — Ele aponta para uma pequena seção no pedaço gigante de papel. — Você deve usar a sua primeira urina da manhã.

— Primeira urina, para quê? — Pergunto confusa.

— Isto! — Ele para o teste de gravidez na frente do meu rosto, fazendo minha respiração prender.

— Por que você tem isso?

— Você está atrasada.

— Estou atrasada? — Repito, não tirando os olhos do teste.

— Sim, tivemos relações sexuais praticamente todos os dias durante os últimos dois meses. Quando eu fiz algumas pesquisas sobre por que você poderia estar atrasada achei que poderia ser estresse, então quis te dar tempo para ver se o seu período vinha. Não veio, então você precisa fazer xixi sobre isso. — Ele estende o teste novamente.

— Oh meu Deus, — sussurro, sentindo uma mistura de nervos e emoção. — Baby, você sabe que está meio louco, certo? Nunca ouvi falar de um homem mantendo o controle do período de sua esposa e fazendo uma pesquisa sobre isso. — Eu sorrio e acaricio meus dedos ao longo de sua mandíbula forte.

Ele dá de ombros. — Então? — Diz ele, subindo em cima de mim, prendendo-me a cama. — Você precisa sair da cama, esposa, e fazer xixi na vara.

— Ok, — eu sorrio. Seus olhos brilham quando ele me ajuda a sair da cama.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta quando vou fechar a porta para o banheiro.

— Eu volto já.

— Ficarei com você. — Seu rosto é tão sério que começo a rir.

— Tudo que eu farei é urinar nisso. Depois abrirei a porta e você pode entrar e esperar comigo enquanto isso processa.

— Tudo bem, — ele resmunga enquanto fecho a porta com um sorriso gigante no meu rosto. Nem sequer pensei que estaria fazendo isso tão rapidamente, mas com muita terapia e apoio de todos ao meu redor, eu parei de tomar o anticoncepcional cerca de três meses

atrás. O dia em que entreguei a Trevor meu porta-comprimidos foi um dia feliz para nós dois. Olho para o teste na minha mão, e leio sobre o que fazer no teste. Quando termino, eu abro a porta para Trevor, que não se moveu do lado de fora. Ele entra, envolvendo os braços em volta da minha cintura. Enquanto esperamos os resultados dizendo se nossas vidas mudarão completamente ou não, ouço um toque e olho para Trevor, que pega o telefone, e desliga o temporizador. — Isso disse três minutos. — Ele dá de ombros.



Coloco o meu telefone de volta no bolso do meu moletom, e viro Liz para me enfrentar. — Não importa o que esse teste diga, nós estamos juntos nisso, — ela balança a cabeça, e puxo seu lábio inferior. Dou-lhe um beijo antes de pegar o teste do balcão atrás dela. Eu o seguro entre nós, e nós dois olhamos para o teste ao mesmo tempo. A palavra grávida está claramente indicada pelo pequeno visor do teste. Sua mão vai para o estômago.

— Nós estamos grávidos, — digo; atordoado. Quer dizer, eu tinha certeza, mas nunca se sabe. Ela começa a rir, fazendo-me olhar para cima. — O quê?

— Você disse *nós estamos grávidos*.

— Nós *estamos* grávidos, — digo a ela seriamente. — Posso não ficar doente ou sentir a dor do parto, mas estarei com você todo o caminho, cuidando de você e certificando de que você e nosso filho

tenham tudo que vocês poderiam possivelmente precisar. — Ela planta o rosto no meu peito, os braços envolvendo minha cintura. — Como você se sente sobre isso? — Sussurro. Há alguns meses, quando ela me entregou seu porta-comprimidos com os anticoncepcionais, dizendo-me que estava pronta para que nós começássemos a tentar engravidar, eu estava preocupado de que ela estava apressando porque achava que era algo que eu queria. Mais tarde naquela noite, quando a segurava, expressei minhas preocupações com ela. Ela explicou que, com o aconselhamento e após sobreviver o que ela e Kara passaram, ela percebeu quão curta a vida realmente é, e que você não pode deixar seus medos te ditarem. Então eu saí da cama, joguei as pílulas no lixo, e fui fazer amor com minha esposa.

— Nós teremos um bebê.

— Iremos. — Beijo sua testa. — Eu te amo, amor.

— Eu te amo mais, — ela sussurra, me fazendo sorrir.

— Vamos levar você e meu filho para comer algo. Depois precisamos ligar e marcar uma consulta médica.

— Ah não. Você começará a surtar como Asher?

— Se você quer dizer ficar preocupado com você e meu filho, então sim.

— Por favor, não compre um livro de bebê.

— Eu não vou.

— Oh, bem, — ela suspira, sacudindo a cabeça.

— Acho que o tenho memorizado, já que Asher ou Cash deixaram-no solto ao redor.

Ela sorri, em seguida, seu sorriso se esvai.

— Como Cash vai levar isso? — Ela pergunta, olhando para os dedos que estão brincando com a barra da minha camisa.

— Ele ficará feliz por nós. — Todos os meus irmãos ficarão.

— Estou feliz por estar se divorciando. — Liz sussurra.

— Eu também, baby.

— Eu a odeio.

— Eu sei que você odeia. Não gosto muito dela, mas agora que ele tem a custódia de Jax deve ficar melhor para ele.

— Eu sei. Trevor, ela foi tão má para ele. As coisas que ela fez e disse... — ela balança a cabeça, as lágrimas começam a encher seus belos olhos.

— Calma, baby. Está tudo bem. — Eu a puxo contra mim de novo, segurando-a perto. — Vamos parar de falar sobre Cash e Jules. — Estou feliz para caramba que Cash finalmente percebeu que não podia continuar a viver uma mentira com Jules. Odeio o que ele passou, mas estou feliz que acabou. A cadela ainda tentou alegar que o meu sobrinho não era de Cash em um momento, então Cash fez um teste de paternidade e confirmou o que já sabia. Agora eles estão se divorciando e Cash ficará com a custódia total, não que Jules realmente quisesse a custódia, para começar, ela só queria transar com Cash. Levo Liz para fora do banheiro e para a cozinha. Ela começa a fazer café. Eu fico lá, tentando descobrir como dizer a ela que ela não pode mais beber café.

— O que você quer para o café da manhã? — Pergunta ela, olhando por cima do ombro. Ela parece bonita usando nada além de uma das minhas camisas e um par de grandes meias que se acumulam em torno de seus tornozelos. Seu cabelo é uma bagunça, e a forma como o sol brilha através da janela a faz brilhar; ou talvez ela seja brilhante. Eu mal posso esperar até que sua cintura cresça, mostrando sua gravidez. Nunca pensei que pudesse amá-la mais do que eu já

fazia. Agora, sabendo que ela carrega meu filho, tem elevado cada sentimento que já tinha por ela.

— O que você quiser, baby, — digo a ela, quando a vejo levantar as sobrancelhas.

— Que tal rabanada?

— Isso soa bem, — digo, observando-a encher o pote de café com água, preocupado com o que eu tenho que fazer a seguir.

— Baby, você não precisa fazer café. Não vou beber café esta manhã.

— Está tudo bem, — ela dá de ombros. — Eu vou beber café.

— Você não pode. — Eu tremo, *eu* – porra Trevor Mayson – tremo ao dar a minha esposa a notícia, com medo de sua reação.

— O que quer dizer com, *você não pode*?

— Bem, você não deve beber café durante a gravidez.

— Está brincando, né?

— Não, você pode beber descafeinado, no entanto. Mas, neste momento, não temos descafeinado.

— Oh, tudo bem. — Ela desliga a água, indo até a geladeira, deixando-me atordoado.

— Você está bem?

— Tudo bem, apenas com fome. Você pode pegar meu celular para que eu possa ligar para o médico e marcar uma consulta?

— Absolutamente. — Sorrio, pensando que Asher é cheio de merda. Liz não parece se importar sobre não ter café.

Três meses mais tarde.



— Por favor, se acalme? Você está me deixando nervosa.

— Não posso me sentar. Vamos descobrir qual o sexo do bebê. E se nós tivermos uma menina?

— Trevor, você sabe que é uma chance de cinquenta/cinquenta.

— Eu sei, mas não sei se eu poderia lidar com ter uma menina. Olhe para Asher. Ele só tem meninas e November está grávida de outra.

— Tudo dará certo.

— Eu não me sinto tão bem, — ele resmunga, sentando-se ao meu lado. Quero rir, mas sei que ele está realmente com medo disso. Quero dizer, quando Asher e November descobriram que teriam ainda outra menina, Asher se apavorou. November disse que o médico teve de dar algo a ele para ajudar a acalmá-lo.

— Sr. e Sra. Mayson, se vocês puderem vir comigo, — diz a enfermeira idosa, levando-nos a um quarto no fim do corredor. — Você precisa se trocar para isso. — Ela me dá uma túnica de papel, e me instrui que após vesti-la devo sentar-me na cama. Quando a porta se fecha eu tiro a roupa. Trevor está com a testa franzida o tempo todo.

— E agora? — Pergunto, exasperada.

— Seu médico é um homem.

— Sim, você sabe disso. Você o encontrou antes.

— Você nunca teve de ficar completamente nua antes.

— Ele tem de verificar-me neste momento.

— Não gosto disso.

— Não gosto também, e sou eu quem terá alguém olhando para mim lá em baixo. Então você pode, por favor, apenas relaxar? Você está tornando isso mais difícil para mim.

— Desculpe, baby. Eu realmente não gosto de pessoas a vendo.

— Você sabe que quando eu entrar em trabalho de parte haverá um monte de gente na sala.

— Baby, — ele geme, inclinando a cabeça para trás. — Você não está deixando as coisas mais fáceis. — Eu estou rindo quando o meu médico entra.

— Como você se sente hoje, Liz?

— Estou indo muito bem. — Eu inclino a minha cabeça para o lado, olho para Trevor, e sorrio.

— Bom ouvir isso. Hoje, nós faremos uma ecografia para nos certificarmos de que tudo está como deveria; também podemos descobrir o sexo do bebê, se você estiver interessada.

— Sim, nós gostaríamos de saber o sexo.

— Bom. Bem, deixe-me apenas configurar tudo e vamos começar. — Aceno a cabeça e seguro a mão de Trevor. Uma vez que o Dr. Spark tem tudo em ordem, ele me deita na cama e coloca meus pés nos estribos. — Preciso que você relaxe para mim, — diz ele. Faço o meu melhor e sinto uma leve pressão abaixo. Então ele se levanta, colocando as amostras que ele tomou em cima do balcão e me permite estender as minhas pernas, enquanto começa a espalhar uma grande quantidade de gel na minha barriga redonda. Ele passa o pequeno dispositivo sobre o meu estômago, e depois de alguns segundos, o

swoosh rápido de batimentos cardíacos do nosso bebê enche a sala. Trevor segura minha mão um pouco mais apertado, inclinando-se mais perto de mim para que tenha uma visão mais clara do monitor.

— Como está? — Trevor pergunta, sem tirar os olhos do monitor.

— Bem, deixe-me tomar algumas medidas, — diz Dr. Spark, clicando na tela. — Pelas medições e com o sangue que eu tirei outro dia, tudo está bem. — Ele clica mais um pouco com o mouse e pressiona ao redor da minha barriga, antes de voltar a olhar para a tela. — Bom. Bem, vamos ver se o pequeno menino ou menina vai cooperar. — Ele continua a passar o dispositivo em toda a minha barriga, então, finalmente, ele para. — Bem, parece-me que ela será teimosa, — diz ele. Leva-me um segundo para perceber o que ele disse. Olho para Trevor, que está olhando para o médico.

— Nós teremos uma menina?

— Você terá uma menina, — o médico confirma, sorrindo.

— Puta merda. — Trevor olha atentamente para o monitor. — Você tem certeza? — Pergunta ao médico.

— Bem, eu realmente não deveria dizer isso, mas sim, eu tenho certeza. — Dr. Spark ri, olhando entre nós dois. — Deixe-me limpá-la. Tudo parece ótimo. Quando você terminar de se vestir, basta marcar sua próxima consulta na recepção, — diz ele, deixando a sala. Sento-me, tirando a túnica e jogando no lixo. Pego os meus moletons da cadeira, coloco-os e, em seguida, sento-me e começo a colocar meus sapatos. Foi quando notei que Trevor estava quieto o tempo todo.

— Você está bem? — Ando em direção a ele. Quando ele é capaz de chegar até mim, ele envolve seus braços em minha cintura, beijando minha barriga. Corro meus dedos sobre sua cabeça.

— Pensei que eu teria medo se ele dissesse que teríamos uma menina, mas estou realmente muito feliz com isso.

— Eu queria um menino, — digo a ele.

— Você queria?

— Eu queria. Eu queria um menino que parecesse com você.

— Você nunca disse nada.

— Bem, eu sabia que ficaria feliz com o que tivéssemos.

— Minha filha está aqui. — Ele levanta minha blusa, com as mãos abrangendo minha cintura.

— Ela está.

— Isso é louco pra caralho. — Ele sorri para mim, antes de beijar minha barriga. — Vamos levar minhas meninas para casa.

— Podemos parar para sorvete?

— Tudo o que você quiser.

— Qualquer coisa?

— Absolutamente qualquer coisa.

4 meses mais tarde



— Respire, baby. Respire. — Puxo Liz para mim, me envolvendo em torno dela. — Você pode fazer isso, baby. Apenas Respire.

— Eu não posso... eu não posso mais fazer isso! — Ela grita. Odeio isso. Estamos nas últimas trinta e três horas. Agora, ela está dilatada em apenas nove centímetros, e meu bebê está esgotado. Ela não dormiu desde que a bolsa rompeu.

— Você consegue fazer isso.

— Eu não acho que possa. — Ela cai de volta para mim quando a contração passa.

— Tudo bem, querida. Vou te verificar e ver onde você está, então saberei se é hora de chamar o médico, — diz a enfermeira mais velha, levantando o lençol no final da cama. Depois de um segundo, seus olhos encontram os meus, então Liz. — Acredito que é hora.

— Obrigada, — diz Liz, com o rosto suado entrando em meu pescoço. — Estou tão cansada.

— Assim que isso acabar, você pode dormir. Prometo.

— Ok. — Ela diz suavemente. O médico entra e senta no final da cama.

— Você está pronta para isso, Liz? — Dr. Spark pergunta. Saio da cama e vou para trás dela, pegando uma de suas mãos. Assim que nós todos estamos em posição, começamos todo o processo de empurrar. Rita e minha mãe estão no lado oposto da cama. A mãe de Liz e eu seguramos, cada um, uma das pernas de Liz, mantendo-as empurradas em seu peito. O médico a instrui sobre quando empurrar. Liz se inclina para frente, com o rosto vermelho e suado, parecendo mais bonita que eu já vi. Eu me inclino, sussurrando em seu ouvido encorajamentos, e dizendo a ela o quanto a amo. Quando ouço um grito muito alto e olho para baixo e vejo a minha filha, ela está coberta de sangue e água. As lágrimas vêm aos meus olhos,

observando-a dar sua primeira respiração. Alguém a envolve em um cobertor antes de colocá-la no peito de Liz.

— Você foi tão incrível, baby. — Olho para baixo, para ambas as minhas meninas... minha vida.

— Ela é tão pequena, tão perfeita, — sussurra Liz, olhando para seus pequenos dedos. Corro minha mão ao longo dela, e me prende, sua pequena mão segurando o meu dedo com firmeza.

— Eu amo você, garotinha, — digo, me inclinando e beijando a manta que cobre sua cabeça, antes de me virar para beijar a minha esposa. — Então, nós ficamos com Hanna? — Pergunto, correndo meu dedo por sua pequena bochecha suave.

— Sim, eu acho que Hanna se encaixa perfeitamente. Você não acha?

— Hanna Star Mayson. — Sorrio, beijando as duas novamente.

— Tudo bem, mamãe e papai. Precisamos levá-la para limpar, — diz a enfermeira, e me sinto dividido entre ficar com Liz e ir com Hanna.

— Você pode ficar com ela? — Liz me pergunta, segurando Hanna um pouco mais contra o peito, não querendo deixá-la ir. Estou olhando entre as minhas duas meninas quando sua mãe se adianta.

— Eu ficarei com Liz, querido. Você vai com a sua filha.

— Obrigado. — Eu me inclino, beijando Liz novamente, antes de colocar seu rosto em minhas mãos. — Obrigado, baby; você foi bem. — Lágrimas começam a deslizar pelo seu rosto. Um contraste tão drástico do sorriso que o ilumina.

— Nós fomos bem, — diz ela, beijando a cabeça de Hanna antes de entregá-la para a enfermeira. Sigo Hanna para o outro lado da sala, e vejo quando eles a desembrulham do cobertor, fazendo-a chorar imediatamente. Meu queixo aperta com o som, sabendo que eu tenho

que deixá-los cuidarem dela e não há nada que possa fazer a respeito dela chorando. Olho para o lado e vejo minha mãe sorrindo para mim; ela balbucia as palavras eu te amo e fecho meus olhos. Tenho tudo que eu sempre quis.

Já se passaram dois dias desde que Hanna nasceu. Dois dos dias mais incríveis da minha vida. Liz está indo muito bem, e independentemente de seus medos anteriores sobre ter um filho, ela é a mãe mais incrível, atenciosa e amorosa com a nossa filha. Olho para Liz, que está dormindo. Hanna está deitada contra o meu peito, dormindo também. Ambas as minhas meninas tiveram um longo dia, sendo liberada do hospital, voltando para a família que queria ver Hanna e verificar Liz, então a briga entre Jules e Cash, que precisou acontecer na minha sala no dia em que cheguei em casa. Perturbou não só Liz e Hanna, mas o filho de Cash e Jules, Jax, e as três meninas de November e Asher, July, May e June. Eu juro que meu irmão está tentando preencher um calendário. Não tenho nenhuma ideia do que Cash fará, mas uma coisa eu sei com certeza, Jules é uma cadela; e se o meu irmão permanecer com ela eu vou terei que limitar o tempo que passamos com eles.

— Você está acordado? — Liz pergunta, inclinando-se sobre o cotovelo.

— Sim, ela acabou de dormir, por isso, viemos deitar com você. Como você se sente?

— Dolorida e um pouco cansada, mas bem. Que horas são? — Viro a cabeça e olho para o relógio.

— Passa das quatro horas.

— Está quase na hora dela comer novamente, — diz ela, me fazendo sorrir. Amo vê-la alimentar nossa filha.

— Relaxa, baby. Quando acordar, ela pode comer. Neste momento, ela está dormindo. O médico não disse que quando ela dorme, você deveria dormir?

— Eu sei. Você está certo. Mas eu amo segurá-la. — Ela ri, deitando-se novamente. — Deus, ela ficará tão mimada quanto July se não formos cuidadosos.

— Baby, eu preciso que você durma. Se ela precisar de você, vou te acordar.

— Tudo bem. — Ela vem para perto de mim, colocando o rosto no meu lado, onde coloco o meu braço ao redor dela, abraçando-a. — Durma, — sussurro no topo de sua cabeça. Depois de alguns minutos, sua respiração se equilibra, e sei que ela finalmente dormiu. Com ambas as minhas meninas perto, faço uma pequena oração de agradecimento por tudo isso.

Um ano depois



— Trevor, se você não parar, você vai acordar Hanna. — Mordo o lábio para não gritar.

— Não, você vai acordar Hanna. — Ele sorri, seus dedos deslizando dentro de mim. — Fique quieta, baby.

— Como posso ficar quieta quando você faz isso? — Respiro, a segundos de distância de gozar. — Oh meu Deus! Bem ali, simmmm... — gemo, minha cabeça cai contra o colchão. Posso sentir-me convulsionar, meu orgasmo assumir. Minhas costas se arqueiam, minhas coxas tremem, e minha visão fica borrada. Quando ele não me solta, eu tento me afastar de seu toque.

— Não fuja de mim. — Ele me puxa sob ele, empurrando para dentro de mim em um movimento suave.

— Deus! — Junto minhas mãos em suas costas, os saltos nos meus pés indo para a parte de trás das coxas.

— Pa-pa... Pa-pa... — ouço através do monitor do bebê. Mordo meu lábio e a testa de Trevor cai contra minha clavícula. Gemendo, ele levanta o rosto. — Pa-pa... — Hanna canta de novo, me fazendo rir e ele olhar para mim.

— O quê? Você se gabou por uma semana sobre ela aprendendo a dizer pa-pa antes de ma-ma, — digo, encolhendo os ombros.

— Você acha que isso é engraçado? — Ele revira os quadris, fazendo minha respiração parar.

— Não, — digo, balançando meus quadris contra o seu.

— Você vai gozar. — Ele me pressiona com mais força contra o colchão. — Assim que ela estiver dormindo esta tarde, esteja pronta, baby.

— PA... PA PA PA... — Hanna começa a cantar, desta vez mais alto. Trevor salta da cama, sua bunda firme em plena exibição. Debruça-se, agarra seu moletom, e puxa-os, entrando no banheiro. Quando sai, ele caminha até a cama, puxando-me para a borda. Seu beijo é tão forte que meus lábios se machucam quando ele finalmente remove a boca. Vejo ele saindo do quarto, os músculos de

suas costas flexionando a cada passo. Caio contra o colchão e o ouço falando com Hanna. Ele é um pai incrível. Cento-e-dez por cento. Não há nada melhor do que observá-lo com ela, e estou tão feliz que tenho essa ajuda. Eu precisava dar isso a ele.

— Estamos prontos para o café, mamãe, — diz Trevor, de pé na porta do quarto. Hanna sentada em seu quadril, com a mão em sua boca, a cabeça deitada no ombro de seu pai, me observando.

— Hey, doce bebê. — Assisto a cabeça dela subir, e ela estende os braços em minha direção para eu pegá-la. Eu me inclino para frente, agarrando a camisa de Trevor do final da cama e vestindo-a, antes de balançar minhas pernas para o lado, e estender os braços para pegar minha doce menina. Quando finalmente a tenho, ela se afaga em mim. Não há nada melhor do que momentos como esse, quando ela quer abraçar e ser amorosa. Agora que ela começou a aprender coisas e caminhar, esses tempos estão se tornando cada vez menores, a menos que ela esteja sonolenta ou quando não se sente bem.

— Parece que farei o café da manhã de minhas meninas. — Ele se inclina, beijando Hanna e minha testa, antes de sair do quarto.

— Vamos monitorar papai. Você sabe o que acontece quando ele é deixado sozinho na cozinha fazendo nada além de um shake de proteína. — Hanna ri, balbuciando pa-pa. — Você acha isso engraçado? — Eu a levanto, soprando em sua barriga macia, fazendo-a rir mais à medida que caminhamos pelo corredor. Assim que chego à cozinha, vejo que Trevor já começou a fazer uma bagunça. Há leite, ovos e uma caixa de mistura de panqueca no balcão. — Por que não a pega e eu faço o café da manhã.

— Você tem certeza, baby? Não me importo de cozinhar.

— Sim, ela quer você de qualquer maneira. — Entrego Hanna, beijando-a por todo o rosto, fazendo-a reclamar. Amo meu homem, e aprecio quando ele cozinha, mas ele é seriamente um bagunceiro. É mais fácil se eu cozinhar e limpar. Faço o café enquanto Trevor puxa o andador de Hanna, colocando-a dentro para que ela possa andar em torno da cozinha e da sala de estar. Ele coloca algumas Cheerios em sua bandeja; ela não os come, mas alimenta Lolly com eles sempre que está na distância de um braço. Toda vez que ela dá a Lolly um Cheerio, ela ri, puxando sua mão rapidamente, não tenho certeza se ela gosta da sensação da língua de Lolly.

— Você quer alguma ajuda, baby? — Trevor pergunta, andando atrás de mim, envolvendo seus braços em minha cintura.

— Não, obrigada. Está quase pronto, — digo, virando a última panqueca. Sua boca vai para o meu pescoço; sua barba da manhã arranha minha pele. — Você não pode fazer isso agora, — digo em voz baixa. Suas mãos flexionam em meus quadris, puxando a minha bunda.

— Você cheira tão bem, baby. Eu só quero comer você. — Mordo meu lábio com força, tentando não gemer. — Assim que Hanna dormir, eu vou comer você, então foder a sua apertada e molhada boceta até você me pedir para parar.

— Trevor…

— Não, você me deve, — ele rosna mordendo minha orelha, pressionando seus quadris contra mim, antes de se afastar e ir até Hanna enquanto eu termino de fazer café da manhã.

— Ela está dormindo. — Eu salto ao ouvir o som da voz de Trevor. Eu recolhia a roupa limpa quando ele entrou.

— Ela está bem?

— Sim, tire o short.

— Trevor…

— Não estou de brincadeira, baby. Tire o short. — Posso sentir-me cada vez mais molhada toda vez que ele fala. Saio de meus shorts jeans, e antes mesmo dele bater no chão já estou em cima da máquina de lavar. Trevor aperta em algo atrás de mim. Eu ouço a máquina de lavar ligar, então está tremendo debaixo de mim. Ele abre minhas pernas, empurrando seu rosto entre as minhas coxas, me atacando, lambendo, mordendo, e chupando. Sua boca, e as vibrações da máquina de lavar me trazem mais perto de um orgasmo. — Monte a minha língua, baby. Faça-se gozar.

— Trevor! — Gemo alto, minha buceta convulsionando, como milhares de milhões de cores piscando atrás de minhas pálpebras, todo o meu corpo zumbido. Ele se levanta e me puxa para frente, sua boca encontrando a minha. Posso provar a mim mesma nele enquanto ele come a minha boca da mesma forma que ele fez com minha buceta. Seus dedos deslizando dentro de mim me trazem mais perto de outro orgasmo. Tiro minha boca da sua, a minha cabeça cai para trás. Então, meus braços são levantados. Minha camisa se foi, e sua boca está trancada em meu peito através do meu sutiã, antes de puxar a taça do meu sutiã para baixo, e me tirar da máquina de lavar. Ele me vira, meu peito indo para o topo frio da máquina de lavar; suas coxas espalhando minhas pernas, e ele empurra para dentro de mim.

— Foda-se sim… Estive querendo isso o dia todo.

— Mais forte. — Minhas mãos vão para a sua bunda, puxando-o para mim.

— Você quer forte, baby? — Ele começa a bater em mim com tanta força que a máquina de lavar balança com a força, e tenho que ficar na

ponta dos pés. — Eu amo sua boceta; sempre tão apertada e quente, baby. — Seus dentes mordem minha orelha e então meu pescoço. — Toque-se. Quero sentir você gozando ao redor do meu pau, enquanto estou fodendo sua pequena boceta apertada. — Eu choramingo. Amo a boca dele; as coisas que ele diz são tão boas quanto o que ele faz com ela. — Sinto isso. Você vai gozar, não é?

— Simmm. — Eu arqueio minhas costas enquanto ele começa a bater ainda mais forte. Meus pés não tocam o chão. Ele morde meu pescoço, puxando-se para fora quase todo o caminho, em seguida, bate tão forte em mim que a máquina de lavar bate na parede, antes de seus golpes diminuírem e ele gemer em meu pescoço e me afastar um pouco da máquina de lavar. Estamos ambos cobertos de suor e respirando pesadamente. Coloco minha testa contra a máquina de lavar, apreciando a frieza na minha pele superaquecida.

— Eu precisava disso, — diz ele contra o meu pescoço, me fazendo rir.

— Não adianta agir como se não tivesse feito nada ontem à noite.

— Isso foi ontem à noite.

— Você está louco, — digo, olhando por cima do meu ombro.

— Amo você, baby. — Meu coração derrete. Não posso acreditar que minha felicidade só aumenta com o tempo. Sou verdadeiramente abençoada pelo relacionamento que temos.

— Eu te amo mais, — sussurro, inclinando a cabeça para trás contra ele.

— Impossível.